



Centro Interpretativo do Monte Padrão

da Proto-História à Idade Moderna

Câmara Municipal de Santo Tirso

Centro Interpretativo do Monte Padrão

da Proto-História à Idade Moderna

Álvaro Brito Moreira





Índice

APRESENTAÇÃO	7
SANTO TIRSO. GÊNESE E DESENVOLVIMENTO	11
ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIO	15
CASTRO DO PADRÃO. REFERÊNCIAS JURÍDICO-ADMINISTRATIVAS	18
CENTRO INTERPRETATIVO DO MONTE PADRÃO	21
IDENTIFICAÇÃO	26
LOCALIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO	28
CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL	31
CRONOLOGIA	33
BRONZE MÉDIO	37
FASE I ... 1250 a.C. (BM)	
BRONZE FINAL (1ª/2ª FASE)	39
FASE II 1250 a.C. 1000 a.C. / 900 a.C. (BF/1ª Fase)	
FASE III 1000 a.C. / 900 a.C. 700 a.C. (BF/2ª Fase)	
ESTUDO DE MATERIAIS – FASE I / II / III	41
IDADE DO FERRO	54
FASE IV 700 a.C. 500 a.C. / 450 a.C. (Iª IF)	
FASE V 500 a.C. / 450 a.C. (Iª IF) 200 a.C. (IIª IF/1ª Fase)	
FASE VI 200 a.C. Tibério / Cláudio (IIª IF/2ª Fase)	
ESTUDO DE MATERIAIS – FASE IV / V / VI	60
ROMANIZAÇÃO	83
FASE VII Tibério/Cláudio 1.ª metade do séc. II	
FASE VIIA 1.ª metade séc. II meados do séc. III	
ESTUDO DE MATERIAIS – FASE VII / VIIA	88
IDADE MÉDIA	132
FASE VIII 900 Finais do séc. XII	
FASE IX Finais do sec. XII 1515	
ESTUDO DE MATERIAIS – FASE VIII / IX	138
IDADE MODERNA	178
FASE X 1515 1623/1651...	
FASE XI 1738 ...	
ESTUDO DE MATERIAIS – FASE X / XI	184
BIBLIOGRAFIA	191

Apresentação

O Monte Padrão tem vindo a ser alvo de um investimento municipal contínuo e crescente desde a década de 1980, com o desenvolvimento de diversos projetos de investigação que contaram com inúmeras escavações do sítio arqueológico, e com a consecutiva aquisição de terrenos na sua envolvente, o que permitiu a salvaguarda dos vestígios, da memória e do seu valor simbólico, relacionado também com a ligação histórica deste espaço com a família de S. Rosendo.

A construção do Centro Interpretativo do Monte Padrão integrou-se numa estratégia municipal de criação de equipamentos potenciadores da valorização do património do concelho de Santo Tirso e que, neste caso específico, teve como objetivo o apoio à realização e divulgação dos trabalhos de investigação e dos ativos patrimoniais Castro do Padrão. Além disso, este equipamento municipal tem sido ponto de apoio para o desenvolvimento de projetos de natureza ambiental, como é o caso do Projeto das 100.000 árvores, em parceria com o Centro Regional de Excelência em Educação para o Desenvolvimento Sustentável da Área Metropolitana do Porto e a criação embrionária do Parque Metropolitano de Monte Córdova, que permitirá a valorização de outros pontos de interesse como as Quedas da Fervença, o Parque de Lazer de Nossa Senhora de Valinhas, o Monte da Nossa Senhora da Assunção, o Rego dos Frades e a Serra Hidráulica de Pereiras.

Embora a estação arqueológica do Monte Padrão tenha uma longa diacronia de ocupação, o castro, simbolicamente representado pela sua muralha, o balneário e as típicas habitações de planta circular, é uma das importantes referências do mundo castrejo do Noroeste Peninsular, razão pela qual o mesmo se encontra incluído na Rede de Castros do Noroeste, em conjunto com mais nove monumentos geridos por diferentes municípios e a Direção Regional de Cultura do Norte.

A edição deste catálogo é o culminar de um projeto museológico, que promove a interpretação e contextualização da cultura material proveniente da estação arqueológica do Monte Padrão que acompanha os painéis interpretativos da estação arqueológica cuja cronologia se desenvolve desde a Idade do Bronze à Idade Moderna.

O futuro do Centro Interpretativo passará pelo incremento da investigação da área arqueológica, e pela consolidação do seu papel junto dos munícipes, através da realização de conferências, exposições, ações educativas e de sensibilização do público em geral, com particular enfoque na comunidade escolar.

Alberto Costa
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO





Santo Tirso.

Génese e desenvolvimento

Localizado na região do Douro Litoral e parcialmente no Baixo Minho, o território do concelho de Santo Tirso ocupa um lugar de transição entre a zona costeira¹, que corresponde à planície litoral, e o interior mais acidentado e montanhoso, que conhece na Serra de Monte Córdova o seu primeiro registo orográfico significativo. Esta localização privilegiada influenciou determinantemente a ocupação humana ao longo dos tempos, quer devido às condições naturais existentes, quer pela dinâmica social derivada dos frequentes contactos comerciais e interculturais documentados desde épocas remotas. A intensa ocupação humana e as atividades artesanais e agrícolas conferiram à região uma personalidade particular, cujo *facies* rural, apesar das profundas alterações decorrentes do processo de industrialização desenvolvido a partir de meados do séc. XIX e do forte incremento urbanístico ocorrido desde a década de 1980, a sua paisagem ainda parcialmente preserva.

A análise dos inúmeros vestígios das comunidades humanas implantadas desde longa data na região, permite identificar as suas origens em contextos pré-históricos, possibilitando o resultado do seu estudo esclarecer a formação e desenvolvimento dos seus principais polos de povoamento numa referência macro-espacial mais ampla, cuja contextualização, em primeira análise, se inscreve na área meridional do Norte de Portugal e, em termos mais abrangentes, no Noroeste Peninsular.

A interpretação da distribuição dos monumentos e a análise da cultura material associada, desenha um quadro de sequências culturais registadas a partir das primeiras manifestações de formas primárias de atividade agrícola, documentadas em horizontes da cultura megalítica, passando pela valorização do papel de particular importância e de reconhecida abrangência regional da atividade mineira patente durante a Idade do Bronze e a Idade do Ferro², nas quais se verifica um elevado índice de densidade populacional e de sinais de estruturação social em direta relação com o meio físico, designadamente com os recursos naturais, evoluindo para formas de organização territorial e de níveis de urbanização que

1 O conceito de *zona costeira* surgiu no âmbito global a partir da *Recomendação 92* do “Plano de Ação pelo Meio Ambiente”, na Conferência de Estocolmo, em 1972, momento que marcou a história protecionista ecológica mundial.

2 Para conhecimento da ampla gama de recursos minerais disponíveis na área do atual território concelhio veja-se MOREIRA 2014, 30-32.

apenas a romanização, com a força dos seus agentes de aculturação, alterou através da imposição de novos paradigmas económicos, políticos, sociais e culturais, com forte impacto na ordenação e ocupação do território, que resultou na infraestruturação e urbanização da região, assim como na transferência da população para áreas de melhor aptidão agrícola, onde se vieram a desenvolver os principais núcleos de povoamento durante a Idade Média, segundo um modelo agrário de notável persistência.

A cidade de Santo Tirso encontra as suas raízes mais profundas no fenómeno de reorganização do território ocorrido no período de dominação romana (MOREIRA 2005, 9-25; 2005c, 8). Os vestígios detetados na envolvente da Quinta da Devesa, no centro da cidade, enquadram-se num amplo conjunto de testemunhos que atestam a intensa ocupação da área ribeirinha dos rios Ave e Vizela, cuja natureza e densidade revela não só um significativo índice demográfico, em continuidade com a cultura castreja, mas, fundamentalmente, uma assinalável diversidade de tipos de assentamentos refletindo um modelo de ocupação e exploração do território vinculado à disponibilidade de recursos naturais, designadamente a aptidão agrícola da terra, a exploração do subsolo, assim como à proximidade das vias de comunicação, afirmando uma nova estratégia de desenvolvimento e organização territorial.

Posteriormente, no âmbito do complexo cenário geopolítico anterior à nacionalidade, identificam-se na área vários mosteiros, cuja origem radica numa conjuntura socioeconómica, política e militar particular, documentando um processo de longa duração de estruturação e organização do espaço, alicerçado em núcleos de povoamento dispersos na paisagem, desenvolvidos na sequência da consolidação do processo de romanização que estará subjacente à formação da cultura galaico-romana. A sua localização, por norma, estabelece uma relação de subsidiariedade com os povoados, a rede viária, a disponibilidade de recursos diferenciados e, naturalmente, com as estruturas defensivas existentes. Neste contexto, até meados do séc. XI, persistiu ainda um significativo número de pequenos mosteiros familiares dispersos pelo território, certamente mais próximos dos meios populares do que as grandes abadias protegidas pelos condes e magnates, como se verificou na região com a fundação do mosteiro tirsense, vinculado à poderosa família dos Maías.

Nas últimas décadas do séc. XI, concretamente a partir de 1080, com a chegada dos cluniacenses, difusores da liturgia romana, da Reforma Gregoriana e da *Regra de S. Bento*, tem início um processo de transformação do panorama monástico, no qual os pequenos cenóbios adotaram as novas ordens, como foi o caso do mosteiro de Santo Tirso que assumiu a Regra Beneditina em 1090, registando a partir desse momento um assinalável desenvolvimento, ao contrário de muitos outros que, marginalizados do processo, foram, paulatinamente, extinguindo-se. Os fundamentos em que assentava a Regra de S. Bento - *ora et labora* – conduziram as comunidades a empenharem-se na solenização do culto, no incremento de um maior número de manifestações litúrgicas, na melhoria do nível de vida, numa maior atividade económica e na criação de edifícios mais amplos e melhor cuidados a nível artístico.

É neste contexto histórico-geográfico que se inscreve a fundação do mosteiro de Santo Tirso, cumprindo o preceituado básico das regras monásticas, no qual o cenóbio devia implantar-se num local dotado de terras agrícolas de boa qualidade, beneficiar de abundância de água e estar próximo de bosques, de forma a garantir a autossuficiência e a vida recatada da comunidade. Implantado sobre um pequeno outeiro na margem esquerda do rio Ave, ladeado a leste pela Ribeira do Matadouro, com acesso a extensos terrenos de natureza aluvial de elevada aptidão agrícola, de áreas de floresta na envolvente, assim

como de um certo isolamento, o local onde se concretizou a sua implantação reunia as condições necessárias para o seu desenvolvimento. Desde a sua construção primitiva a área edificada marcava a zona de separação entre o *ager* - terrenos agrícolas localizados na várzea fluvial -, e o *saltus* - zona superior de bosque que abastecia a matéria-prima para a acomodação de animais, madeira para construção e lenha para aquecimento, conformando uma realidade potencial que congregava todos os recursos necessários para que evoluísse como um potentado económico na região, alicerçado num território bem estruturado ao nível da rede viária e uma localização estratégica na região, equidistante dos principais centros de decisão – Porto, Braga e Guimarães.

O seu desenvolvimento económico consolidou-se a partir da doação do couto, em 1097, passando a constituir um território isento de direitos e com forte autonomia jurídico-administrativa, cujo património fundiário foi progressivamente ampliado através de inúmeras doações e da implementação de uma política continuada de aquisição de terrenos que conheceu um forte incremento a partir da reforma da Ordem Beneditina, em 1566-67³, nomeadamente de propriedades confinantes com a cerca do mosteiro ou localizados nas suas imediações, como, por exemplo, a Quinta de Varziela, a Quinta do Penedo, a Quinta de Pereiras e a Quinta da Batalha.

Decorrente da sua existência milenar, o complexo edificado atual, como é frequente em monumentos similares, resultou de múltiplas intervenções e etapas construtivas, informadas por distintas sensibilidades estéticas, colocando em evidência que a paisagem construída decorreu de um processo contínuo que, apesar de ter conhecido períodos de aparente estabilidade, revelou um dinamismo permanente, documentando a solidez da comunidade que a moldou.

As soluções arquitetónicas patentes refletem na plenitude a adequação aos preceitos postulados pelos ideais cluniacenses, a vida em comunidade, a clausura e o recolhimento absoluto, apesar de a organização padronizada dos espaços, por referência ao modelo ideal, só se ter fixado com a construção de todo o complexo, reconhecendo-se uma exuberante expressão monumental, quer no programa construtivo quer nos conteúdos artísticos, no qual, os diferentes edifícios, a cerca, os jardins e a paisagem agrícola se articulam numa verdadeira “obra de arte total” que conforma o referencial da regra beneditina. Neste sentido, o mosteiro de Santo Tirso, incorpora o conceito de “perfeição utópica”, no qual a síntese espiritual da Ordem Beneditina se encontra plasmada no programa de todo o complexo, revelando características que podem, em certa medida, ser entendidas como uma materialização da própria Regra.

A revolução liberal originou profundas transformações em Santo Tirso. A reestruturação das instituições, decorrente da reforma administrativa desencadeada por Mouzinho da Silveira, conduziu à criação do concelho, através dos Decretos nº 65 e 66, de 28 de junho de 1833, que vieram consubstanciar o anterior Decreto, nº 22, de 16 de maio de 1832, que tinha extinguido as antigas magistraturas locais e dividido o país em Províncias, Comarcas e Concelhos. Nesta reorganização administrativa Santo Tirso surge, pela primeira vez, como concelho, ao qual pertencem inicialmente as freguesias de Santa Cristina do Couto, S. Miguel do Couto e

3 Alguns mosteiros só entraram mais tarde na jurisdição da congregação e a efetiva tomada de posse, pelo facto de os abades comendatários ainda serem vivos ou retardarem o acordo, só se concretizou mais tarde. A tomada de posse do mosteiro de Santo Tirso de Riba D'Ave efetivou-se em 30 de outubro de 1569. Era detentor do mosteiro, como comendatário, o Cardeal Farnese, de Roma. O mosteiro tinha 13 monges, entre os quais Fr. Baltasar de Braga, que veio a ser o Abade Geral da segunda ronda de posses, sendo prior Fr. Gonçalo de Santa Maria. A segunda tomada de posse foi feita quando ainda era comendatário o Cardeal Farnese, que renunciou com direito a uma pensão de 700 mil réis anuais, que acabaria por ser remida em 1617.



Santo Tirso. A 30 de maio de 1834 concretizou-se a extinção das ordens religiosas. Porém, o abandono do mosteiro de Santo Tirso tinha sido antecipado em cerca de dois meses, adiantando-se à chegada das tropas liberais ao convento, ocorrida em 26 de março.

Da expropriação resultou a divisão do mosteiro e a alienação das suas propriedades. Uma parte foi vendida em hasta pública a particulares, outra reservada para a Administração – Tribunal e Câmara Municipal –, e o edificado adjacente à igreja, parte do 1.º claustro, foi destinada a residência paroquial. A venda das quintas contíguas à cerca e as transformações jurídico-políticas, administrativas e económicas decorrentes da nova conjuntura foram, a ritmos diferenciados, progressiva e definitivamente transformando a cidade e o seu território. Ao longo da primeira metade do séc. XIX, nomeadamente a partir da década de 1830, incrementa-se o ritmo do processo de industrialização, cujo efeito estará na génese da transformação da cidade e do seu território.

Arqueologia e território

As primeiras manifestações relacionadas com a arqueologia e a museologia documentadas no concelho tiveram lugar em 1915, momento em que foi exposta, pela primeira vez, no claustro do mosteiro, uma vasta coleção de objetos arqueológicos recolhidos pelo Padre Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa. A pretensão de criação de um Museu Municipal que albergasse o espólio já salvaguardado e, simultaneamente, constituísse o suporte do trabalho de “investigação” que vinha a ser desenvolvido por um conjunto de personalidades da elite cultural tirsense, teve origem no início da segunda década do séc. XX, assumindo, a partir desse momento, uma significativa dimensão pública, exaustivamente registada nos jornais locais (SANTARÉM 1980, 1,6; MOREIRA 2007, 10-14).

De uma forma simplista, poder-se-ia dividir a história do desenvolvimento da atividade arqueológica concelhia em quatro grandes períodos cronológicos que, em certa medida, refletem as fases evolutivas das instituições que criaram as bases da investigação científica nacional e o suporte legislativo da defesa e estudo do património cultural português.

O primeiro enquadra a transição do séc. XIX para o séc. XX. Em traços gerais, coincide com o fim do movimento romântico que então animou a Europa, claramente influenciado por um conjunto de descobertas arqueológicas de grande relevância histórica e científica. Também em Portugal esse sentimento se fez sentir, estimulando um grupo de investigadores que integraram a corrente de pesquisa científica internacional, a quem se poderá, com propriedade, atribuir a criação dos alicerces das novas disciplinas científicas no domínio das Ciências Sociais e Humanas, onde a Etnografia e a Arqueologia encontraram um lugar de destaque. Neste período, as questões científicas abordaram, fundamentalmente, aspetos relacionados com as origens e a identidade cultural, motivadas pelas incertezas de carácter espiritual e filosófico, em paralelo com a busca de uma identidade nacional que se manifestava em diferentes domínios da sociedade, em grande medida fomentada por uma certa elite burguesa intelectualizada. Neste período, a arqueologia tirsense reflete o ambiente cultural profundamente dinâmico e ativo desenvolvido no Norte de Portugal. Alguns dos mais insígnis investigadores dos finais do séc. XIX e da primeira metade do séc. XX, como, por exemplo, José Leite de Vasconcelos e Martins Sarmiento, personalidades que marcaram esta ciência de forma indelével, visitaram o concelho e investigaram diferentes realidades arqueológicas, designadamente os vestígios epigráficos existentes no mosteiro, as referências de ocupação e restos funerários da Quinta da Devesa, em Santo Tirso, e as escavações realizadas pelo Abade Pedrosa no Monte dos Saltos, Sequeirô. (MOREIRA 2007, 10; 2014, 116-120).

O segundo momento ocorre a partir do final da década de vinte e desenvolve-se até meados da década de setenta do século passado, período em que se fundaram as instituições que ainda hoje enquadram e regulamentam a atividade arqueológica e museológica nacional. Poder-se-á caracterizar como tendo sido uma fase de intensa investigação a nível nacional e, em particular no norte do país, com destaque para as décadas de cinquenta e sessenta, período em que se registaram importantes trabalhos em estações arqueológicas emblemáticas como as citânias de Sanfins e Briteiros, e tiveram lugar inúmeros achados fortuitos, muitos deles salvaguardados nos museus regionais, nomeadamente no Museu de Etnografia e História do Porto, no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga e no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães.

Entre nós, merece particular destaque o trabalho desenvolvido por Carlos Manuel Faya Santarém⁴, seguramente um dos mais ilustres historiadores do concelho de Santo Tirso, tendo a sua atividade de investigação abrangido várias áreas de conhecimento. Apesar de profícuo investigador da história local, foi na área da Arqueologia e Epigrafia que a sua obra mais se destacou. O seu nome encontra-se relacionado com as escavações realizadas na década de cinquenta no Castro do Padrão, assim como com a recolha de materiais para o museu municipal, cuja coleção tinha já sido iniciada, anos antes, pelo Abade Pedrosa.

Iniciado a partir de meados da década de setenta, o terceiro momento desenvolveu-se até ao final da década de oitenta e enquadrou uma fase de intensa atividade arqueológica e museológica patente um pouco por todo o país, vigorosamente incrementada pelos serviços da administração central e universidades, que contou com forte apoio dos municípios, então em clara fase de afirmação identitária e valorização dos seus valores patrimoniais. Em Santo Tirso, a partir de 1984, a ligação à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho intensifica-se com a realização dos primeiros trabalhos de limpeza, consolidação e restauro das ruínas do Castro do Padrão. A iniciativa de salvaguarda e investigação aprofundar-se-ia com a assinatura de um protocolo de colaboração entre as duas instituições que resultou, entre outras ações, em trabalhos de prospeção com vista à realização da “Carta Arqueológica”, assim como na concretização de cinco pequenas intervenções de escavação no Castro do Padrão (1985-1989).

O quarto momento, em curso desde a década de noventa do século passado, enquadra um período de estabilização da atividade arqueológica que contou com os municípios como principais protagonistas que procuravam consolidar a identidade geográfica dos seus territórios através da valorização dos ativos patrimoniais mais significativos. O Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Santo Tirso foi criado em 25 de outubro de 1990 com o objetivo de efetuar a gestão do património arqueológico e arquitetónico, atualizar a *Carta Arqueológica* e promover projetos de investigação científica e de valorização dos bens patrimoniais concelhios. No âmbito das suas competências, ao longo de mais de trinta anos, sob a responsabilidade científica do signatário, desenvolveu intervenções arqueológicas no Castro de Alvarelos, Trofa, no Castro do Padrão, Monte Córdova e na Área Arqueológica de Monte dos Saltos, Sequeirô⁵, assim como levou a efeito trabalhos de prospeção arqueológica com vista à publicação da *Carta Arqueológica*⁶ cujos resultados integraram o Plano Diretor Municipal, aprovado em 18 de janeiro de 2011. Atualmente, o *Projecto de Estudo, Valorização e Dinamização do Castro do Monte Padrão* constitui a sua principal área de intervenção no domínio da investigação arqueológica, musealização e divulgação do património arqueológico tirsense.

4 Carlos Manuel Faya Santarém nasceu em 6 de junho 1921, em Santo Tirso, e faleceu em 7 de fevereiro de 1989. Ilustre investigador da história local deixou publicada uma vasta obra, em muitos campos pioneira, que hoje constitui uma referência incontornável para a abordagem da história do concelho. Para uma visão mais abrangente das edições municipais dedicadas ao estudo e divulgação da história de Santo Tirso veja-se, MOREIRA 2013b, 155-189.

5 O primeiro projeto de investigação submetido à apreciação do então IPPC tinha por título *Projecto de Estudo e Salvaguarda da Estação Arqueológica de Monte Padrão e Castro de Alvarelos* tendo sido aprovado em 2 de junho de 1992. Com a criação do Instituto Português de Arqueologia e as alterações regulamentares daí decorrentes, foi elaborado novo projeto então com o título *Projecto de Estudo e Salvaguarda da Estação Arqueológica de Monte Padrão e Área Arqueológica de Alvarelos*, cuja aprovação ocorreu em 15 de junho de 1998. Uma vez terminado o projeto, a atividade passou a ser enquadrada num novo projeto de investigação – *Projecto de Estudo e Salvaguarda da Estação Arqueológica de Monte Padrão e Área Arqueológica de Monte dos Saltos* – submetido à apreciação do Instituto Português de Arqueologia e ao Instituto Português do Património Arquitetónico em 23 de maio de 2002, tendo merecido a aprovação deste último órgão em 24.07.02 e homologado pelo Instituto Português de Arqueologia em 22.10.2004.

6 *Carta Arqueológica do concelho de Santo Tirso. Das origens do povoamento à alta Idade Média*, Santo Tirso (MOREIRA 2014).

Este último período é também marcado pela criação da revista *Santo Tirso Arqueológico*, e pela publicação de inúmeros estudos de investigação (MOREIRA 1991, 7-24; 1991A, 28-34; 1991B, 69-76; 1991C, 15-33; 1992A, 34-47; 1995; 1997, 83-87; 1997A, 14-82; 1997B, 141-142; 1998; 2000, 323-328; 2004, 7-54; 2004A, 55-68; 2005, 9-25; 2005A, 255-276; 2005B; 2005C, 8; 2006; 2007; 2008, 129-145; 2009, 9-93; 2009A, 160-175; 2010; 2010A, 215-317; 2011; 2013, 101-127; 2013C, 7-35; 2013D, 9-130; 2014, 63-83; 2016, 144-155; MOREIRA; FRANCISCO; BORGES 2007, 264-276; MOREIRA; CORREIA 2011, 546-551; MOREIRA; SILVA 2010, 125-198; SILVA; MOREIRA 2010, 89-124).⁷

A constituição do Gabinete Municipal de Arqueologia, cuja ação se desenvolve em estreita articulação com o Museu Municipal Abade Pedrosa, permitiu a implementação de projetos monográficos de estudo, salvaguarda e valorização de vários imóveis de grande relevância patrimonial e científica. É neste contexto orgânico-funcional que se desenvolve o estudo monográfico do Castro do Padrão que esteve na génese da criação do Centro Interpretativo.

⁷ Acrescem à bibliografia referências não publicadas relativas às vinte intervenções arqueológicas realizadas entre 1990 e 2014 – 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1999, 1999B, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2013a/2014.

Castro do Padrão

REFERÊNCIAS JURÍDICO-ADMINISTRATIVAS

- 1910 Decreto de 16 de junho publicado no Diário de Governo, n.º 136, de 23 de junho - Classificação como Monumento Nacional – *Castro de Monte Córdova*.
- 1951 Decreto n.º 38491, art.º 3 / Diário de Governo, n.º 230, de 6 de novembro – Retificação da designação do imóvel - *Castro do Padrão* (cfr. parecer elaborado por Mário Cardoso, em janeiro de 1951, enquanto Diretor da Sociedade Martins Sarmento e Vogal da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional de Educação).
- 1994 Plano Diretor Municipal de Santo Tirso - DR n.º 221/1994, Série I-B de 1994.09.23.
- 2005 Integração do Castro do Padrão na “Rede de Castros do Noroeste Peninsular” - ata n.º 8, item 8, 13 abril de 2005, fl. 44.
- 2011 A Portaria 372 publicada no DR IIª Serie, n.º 35 de 18 de fevereiro – *Criação da Zona Especial de Proteção*.
- 2011 Plano Diretor Municipal (1ª Revisão) – DR, 2ª Série – Aviso 1858/2011.

PARCERIAS NA ÁREA DA INVESTIGAÇÃO E CONSERVAÇÃO

- 1985 Protocolo estabelecido entre a Câmara Municipal de Santo Tirso e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho com o propósito de desenvolver trabalhos arqueológicos no Monte Padrão (ata de reunião ordinária de 11 de abril).
- 1993 Protocolo com a Escola Profissional de Arqueologia - Ata n.º 13, item 25, fl. 36, 3 de junho de 1993.
- 1997 Protocolo com a Escola Superior de Conservação e Restauro de Bens Culturais da Galiza, Pontevedra – Ata n.º 18, item 20, fl. 36, 27 de agosto de 1997.
- 1999 Protocolo com a Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago de Compostela – ata n.º 10, item 12, 6 de maio 1999, fl. 34.

REFERÊNCIAS PATRIMONIAIS

- 1988 Aquisição de terreno na acrópole do povoado (31 450 m²) – ata n.º 28, item 27, 23 maio de 1988, fl. 22-23| ata n.º 42, item 17, 1 agosto de 1988, fl. 92.
- 2000 Aquisição de parcela de terreno na encosta sudeste do Castro do Padrão (4 000 m²) – ata n.º 6, item 8, 23 de março de 2000, fl. 41-42.
- 2005 Aquisição de parcela de terreno no lugar de Pereiras para a construção do Centro Interpretativo (2 313 m²) – Ata n.º 2, item 7, 19 de janeiro 2005, fl. 32-33.
- 2005 Aquisição de parcela de terreno no lugar de Pereiras para a construção do Centro Interpretativo (2 050 m²) – Ata n.º 2, item 7, 19 de janeiro 2005, fl. 33.
- 2005 Cedência gratuita de parcela de terreno com obrigações – (259, 90 m²) – Ata n.º 2, item 7, 19 de janeiro 2005, fl. 33-34.
- 2005 Aquisição das árvores existentes nos terrenos destinados à construção do Centro Interpretativo do Monte Padrão – Ata n.º 11, item 8, 25 de maio 2005, fl. 35.
- 2008 Inauguração do Centro Interpretativo do Monte Padrão (20.04.2008).

- 2011 Aquisição de terreno na plataforma sul do Castro do Padrão onde se localiza o balneário castrejo (58 000 m²) – Despacho de 11 de abril de 2011 / Ata n.º 7, item 20, fl. 16-17, 6 de abril de 2011.

FINANCIAMENTOS COMUNITÁRIOS

- 1997-1998 ProNorte _ Programa Operacional do Norte, Sub Programa C _ *Aumento e Dinamização do Núcleo Arqueológico do Museu Municipal Abade Pedrosa de Santo Tirso*
- 2002-2004 Plano Operacional da Cultura/ PORN Medida 3.9 – *Projecto de estudo, valorização e dinamização da área arqueológica de Monte Padrão.*

REFERÊNCIAS DE INVESTIGAÇÃO

- 1950-56 Escavações arqueológicas realizadas pela Câmara Municipal de Santo Tirso (Carlos Faya Santarém).
- 1984-85 Trabalhos de limpeza, consolidação e restauro das estruturas promovidos pela CMST, com a coordenação de técnicos do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte (coordenação de Jesus Pires Martinho).
- 1985-89 Escavações arqueológicas realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Manuela dos Reis Martins / Francisco Sande Lemos / Luís Fontes).
- 1990-2014 Escavações arqueológicas realizadas pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Santo Tirso (Álvaro de Brito Moreira).

COLABORAÇÕES EXTERNAS

- Escola Profissional de Arqueologia, Marco de Canaveses
- Escola Superior de Conservação e Restauro de Bens Culturais da Galiza, Pontevedra
- Faculdade de Humanidades de Ourense, Universidade de Vigo
- Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago de Compostela
- Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Universidade de Oxford

Centro Interpretativo do Monte Padrão

O Monte Padrão constitui uma das principais referências culturais do concelho de Santo Tirso. A sua presença de forte destaque na paisagem, aliada à carga histórica e simbólica decorrente da intrínseca ligação a uma das mais ilustres personagens da sociedade medieval do Noroeste Peninsular – S. Rosendo –, permitiu que se afirmasse na região como um signo identitário de especial interesse patrimonial, histórico e arqueológico. Este vínculo, de grande relevância da cristandade medieval, fez com que o monumento ao longo do devir histórico transcendesse a sua natureza patrimonial para se projetar como uma referência no processo de “reconquista” e da formação da nacionalidade.

Atualmente, a estação arqueológica ocupa um lugar de relevo no panorama da Arqueologia do Norte de Portugal, cujo interesse científico tem vindo a ser evidenciado pelos resultados das intervenções arqueológicas realizadas nas três últimas décadas.

O *Projecto de Estudo, Musealização e Dinamização do Monte Padrão*, implementado e suportado financeiramente pela autarquia ao longo dos últimos trinta anos, tem vindo a permitir garantir a efetiva salvaguarda do imóvel, assim como o cumprimento dos objetivos científicos e patrimoniais do projeto, designadamente através de uma política continuada de aquisição de terrenos da área nuclear da estação, condição essencial para a realização de escavações arqueológicas e a salvaguarda e valorização das ruínas.

O **Centro Interpretativo** (FIGURA 1), cujo projeto é da autoria do Arq.to Nuno Pinto, foi inaugurado em 20 de abril de 2008. Constitui a pedra angular da intervenção do monumento, tanto no plano de mediação cultural, como no plano científico, garantindo a disponibilização dos imprescindíveis meios de investigação. Construído pela Câmara Municipal de Santo Tirso com co-financiamento do *Plano Operacional de Cultura – Medida 3.9.*, a sua concretização, entre outros propósitos, cumpre os seguintes objetivos essenciais:

- Promover a reabilitação e valorização de um importante conjunto patrimonial de carácter arqueológico e arquitetónico.
- Valorizar e incrementar o estudo de um conjunto arqueológico com alta relevância científica, de características únicas, que tornam o espaço adequado à interpretação da ocupação do território no decorrer de um largo período de tempo.



1.
CIMP – Fotografia aérea (© Francisco Piqueiro / Foto Engenho)



2.
Fachada principal e área expositiva
(© MMAP/CIMP Álvaro Moreira)

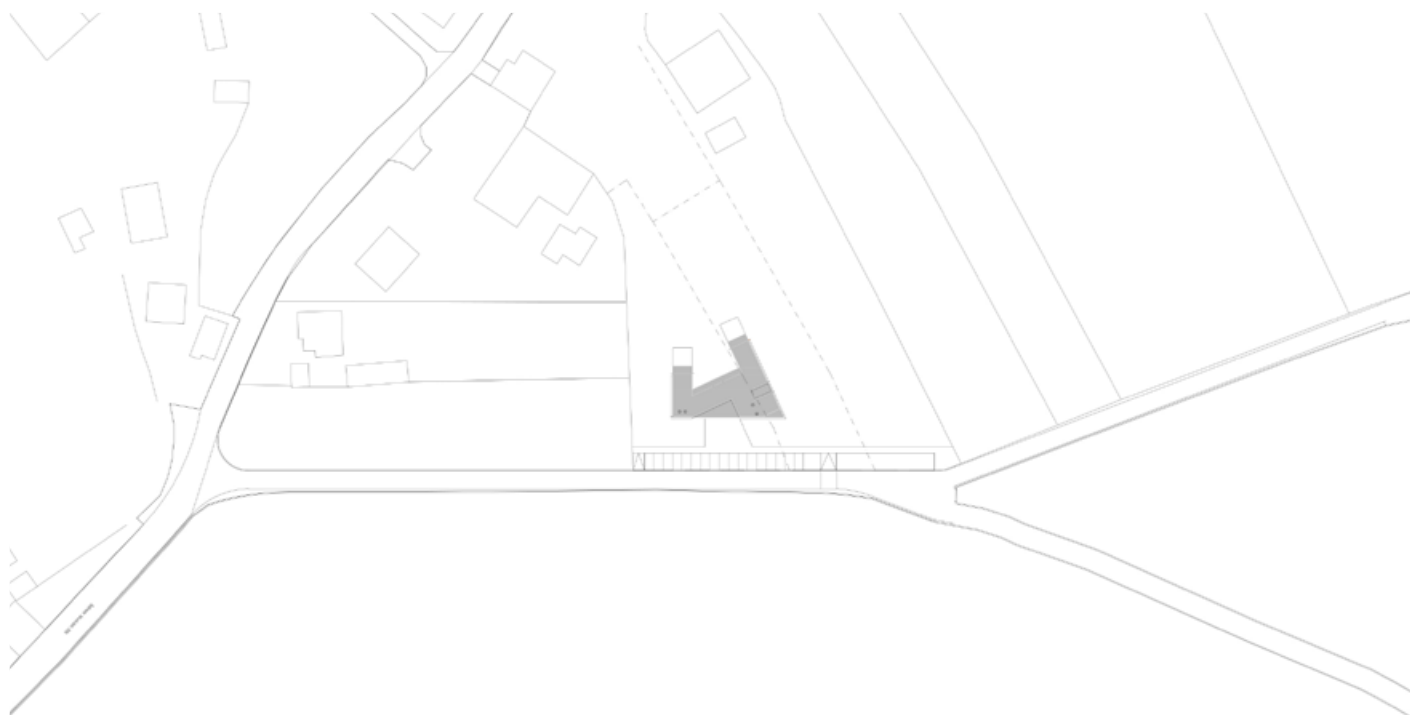


- Sublinhar a importância da complementaridade entre o património arqueológico e o património ambiental.
- Desenvolver um espaço com aptidões de natureza museológica, pedagógica e de apoio ao trabalho de investigação.
- Potencializar os recursos disponibilizados para a promoção turística da região.

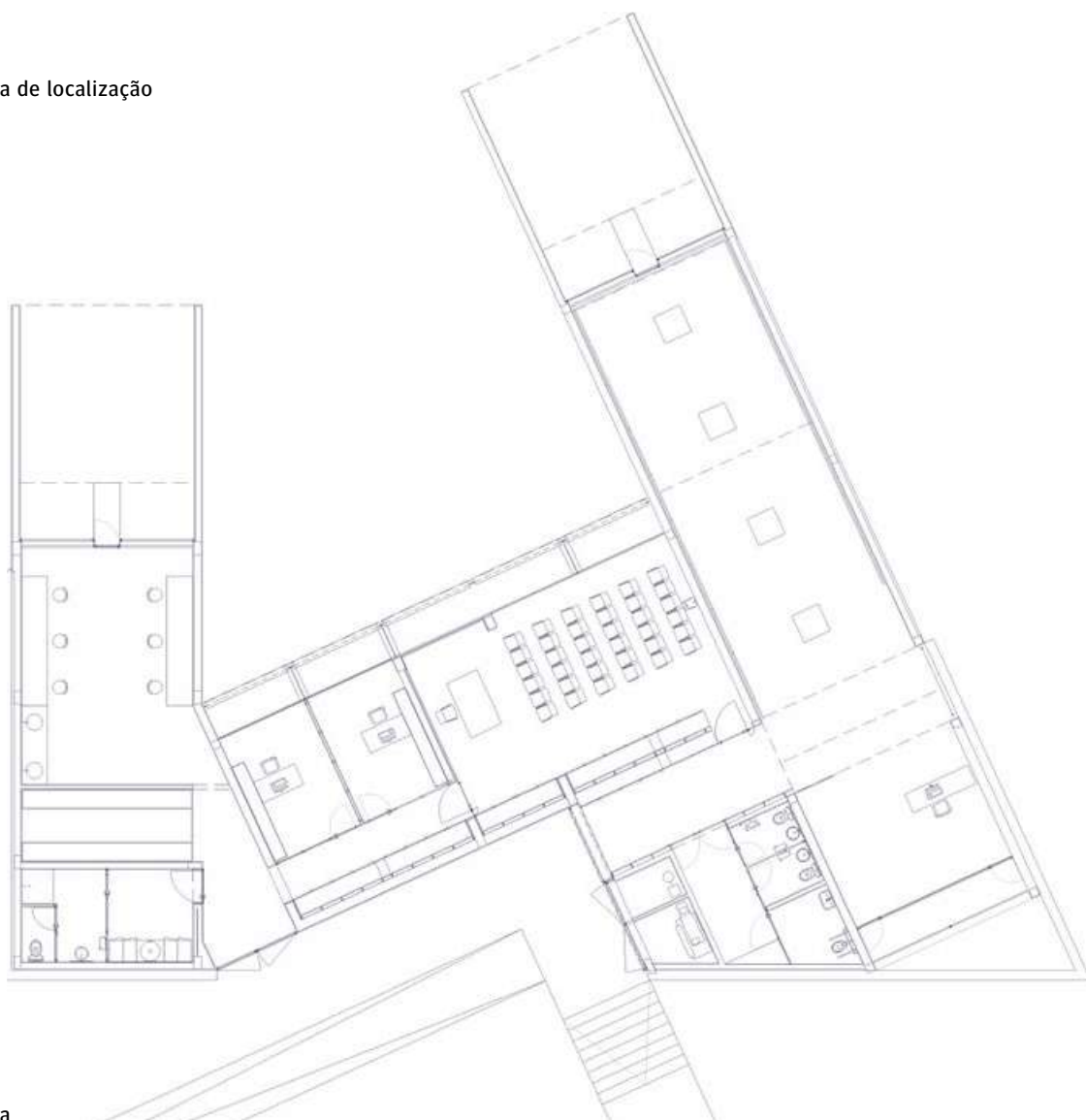
A sua construção permitiu a estruturação de um programa com aptidões para o apoio sustentável às atividades relacionadas com o Castro do Padrão, seja o desenvolvimento disciplinar da Arqueologia, no âmbito da gestão do espaço de que as ruínas são o núcleo fundamental, seja a divulgação dessa memória arqueológica junto da comunidade; intervenção que foi complementada, em etapas distintas mas igualmente preponderantes, pela requalificação do último tramo do percurso de acesso ao castro que é a extensão final de diversos percursos lúdicos, constituintes de uma rota de fruição paisagística de toda a envolvente e que culmina junto da capela do Monte do Padrão.

Considerando o conteúdo programático do edifício de natureza pedagógica e interpretativa, o seu setor nuclear forma o binómio espacial composto pela sala de serviços educativos - apoiada pelos recentes veículos multimédia - e, em interatividade, pelo espaço destinado à exposição permanente (FIGURA 2). Os restantes módulos funcionais são, a saber, o apoio administrativo definido pela receção e documentação informal (áreas de átrio e receção), sala de restauro, gabinetes de trabalho, área de recolha de materiais e equipamentos, e ainda os serviços sanitários e de vestuário, a que se agrega a área das infraestruturas técnicas do edifício. Uma sala polivalente introduzida no programa, modulada criteriosamente e com uma área útil equilibrada, permite que o edifício, se tal se vier a justificar no futuro, possa crescer a partir de dentro sem que se torne necessário aditar novas volumetrias, podendo a alteração ser feita sem prejuízo da qualidade espacial e formal do mesmo e com custos mínimos, aumentando-se, assim, a sua longevidade.

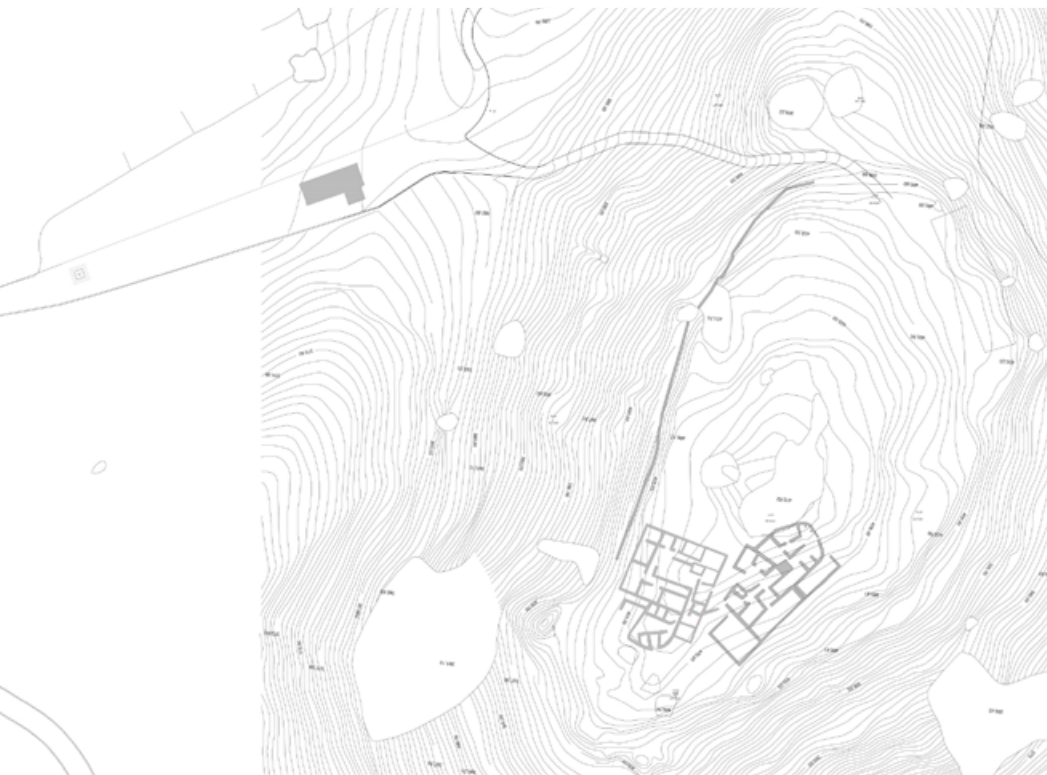




3.
CIMP – Planta de localização

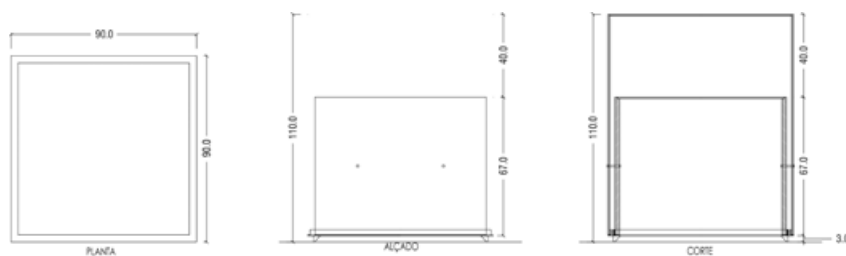


4.
CIMP – Planta



Conceptualmente, a proposta edificada resultou das características morfológicas do terreno e da sensibilidade à acuidade paisagística da envolvente, sobretudo das suas especificidades naturais e construídas, tendo também presente, embora de modo indireto, os códigos e conteúdos de assentamento do castro (FIGURA 3).

Assim, e porque o edifício constitui uma plataforma interpretativa dos signos mais representativos do lugar, foi dada especial atenção à sua volumetria e à linguagem arquitetónica que o caracteriza, recorrendo a padrões de composição nítidos, mesmo elementares, mas que, de modo significativo, lhe conferem uma autonomia formal que é necessária para a definição de uma intervenção contemporânea de qualidade (FIGURAS 4 E 5).



5. Expositores

Identificação

O Monte Padrão foi, desde finais do séc. XVI até à segunda metade do séc. XVIII, recorrentemente referenciado por cronistas, corógrafos, hagiógrafos e viajantes⁸. Entre os autores de maior relevo destacam-se André Resende, D. Rodrigo da Cunha, Gaspar Estaço, Carvalho da Costa e Frei Leão de S. Tomás⁹. Em resposta ao Inquérito Paroquial de 1758, o reitor de Monte Córdova, P.º Veríssimo de Araújo, através do seu minucioso e original relato contribuiu também para a afirmação da importância científica do imóvel ao referenciar a sua ligação ao mais ilustre tirsense, S. Rosendo. Do vínculo ao Mosteiro de Celanova são igualmente conhecidas referências documentais significativas, como, por exemplo, o relato de Ambrósio de Morales, datado de 1572, e as obras nucleares de Frei Benito de la Cueva¹⁰ “*Historia de los monasterios e priorados anejos a Celanova*” e “*Celanova Ilustrada*”, datadas da primeira metade do séc. XVII.

A partir do séc. XX tem início a história do imóvel enquanto monumento arqueológico. Em 1910, com a sua classificação como Monumento Nacional, define-se, com clareza, a sua importância científica e patrimonial¹¹. Todavia, seria apenas a partir do início da década de 1950 que se desenvolveriam os primeiros trabalhos de escavação dirigidos por Carlos Faya Santarém (FIGURAS 6 e 7). As intervenções posteriores, decorrentes de uma parceria estabelecida com a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, tiveram lugar na década de oitenta e noventa e já utilizaram metodologias científicas. Entre outras, destaca-se a escavação dirigida por Manuela dos Reis Martins, realizada em 1985, que identificou, pela primeira vez, a ocupação relativa ao Bronze Final (MARTINS 1985, 217-230).

Com a intervenção do Gabinete Municipal de Arqueologia teve início uma nova etapa da história do monumento, nomeadamente através do desenvolvimento de um projeto monográfico de investigação, a par da implementação de um conjunto de ações com vista à efetiva salvaguarda, valorização e musealização do imóvel, promovidas e financiadas pela edilidade. Neste domínio ganhou particular relevo a política de aquisição de terrenos onde se conservam as ruínas, assim como da área envolvente do imóvel.

8 A referência toponímica “Monte do Padrão” está relacionada com a demarcação do couto do mosteiro de Santo Tirso. O limite descrito no diploma de 1097 (carta de couto outorgada pelo Conde D. Henrique a Soeiro Mendes da Maia) refere que este seguia entre *Leoveriz* e *Sanctam Crucem* (Santa Cruz) e ia ao termo que separava *Mons Corduve* (Monte Córdova) e *Sanguinedo* (rio Sanguinhedo) – ou seja, passava pelo Monte do Padrão, topónimo que revela que aí se implantou um dos marcos do Couto. Na segunda versão do diploma de 1097 diz-se que ia a *Sanctum Salvatorem* (ou seja, a S. Salvador de Monte Córdova), paróquia que nessa altura estava localizada no Monte do Padrão. Noutra perspetiva interpretativa, o topónimo relacionar-se-ia com a edificação da capela localizada no sopé do castro, documentando-se apenas a partir da sua construção datada de 1738 – *Senhor do Padram do Mosteiro Velho* –, sendo que as anteriores referências dos vestígios existentes na acrópole do povoado, referem, de forma mais ou menos vaga, a sua localização em Monte Córdova. A origem do topónimo encontra-se registada numa das muitas lendas recolhidas em Monte Córdova, por Carlos Faya Santarém (SANTARÉM 1951, 53 - 54).

(...) Quando duma incursão Moura, a Condessa Dona Ilduara ou Aldara, mãe de S. Rosendo, veio da sua Vila de Salas ao alto do Monte para esconder dos mouros o Cristo de Pedra que hoje se venera na Capela do Monte e que, naquele tempo no alto duma coluna, servia de Padrão. Ninguém mais, através dos séculos, teve notícia deste Cristo, até que, um dia, alguém o encontrou, no monte, quando andava a roçar mato. Espalhada a notícia, logo o povo de Monte Córdova, em sinal de regozijo e veneração, mandou construir a Capela de sua invocação, que ainda hoje existe, fundou uma confraria e passou a fazer-lhe todos os anos uma festa. A partir desta altura o Monte passou a chamar-se do Senhor do Padrão. (...). O referido padrão consiste numa pequena imagem de Cristo crucificado que integra atualmente a representação do calvário no altar da capela do Senhor do Padrão (Figura 29).

9 Frei Leão de S. Tomás – 1574/1651. Monge beneditino do antigo mosteiro de Santo Tirso. A sua principal obra “*Benedictina Lusitana*” reflecte a sua grande capacidade de investigação e formação humanística.

10 Frei Benito de la Cueva – _ / 1649. Monge beneditino do mosteiro de Celanova, Ourense, no período compreendido entre 1613 e 1649.

11 Joaquim Augusto Fonseca Pedrosa – 1848 /1920. Arqueólogo. Realizou inúmeras escavações e constituiu a coleção arqueológica que esteve na base da criação do Museu Municipal de Santo Tirso, do qual é atualmente patrono. Colaborou em vários trabalhos com Leite de Vasconcelos, Martins Sarmento, Martins Capela e Possidónio da Silva.



6.

Monte Padrão, 1951 (AFM, Manuel Eduardo Sousa)



7.

Monte Padrão, 1951 (AFM, Manuel Eduardo Sousa)

Localização e implantação

O Monte Padrão localiza-se na freguesia de Monte Córdova, concelho de Santo Tirso, poucos quilómetros a sudeste da sede do concelho. O imóvel foi classificado como Monumento Nacional em 1910, com a designação de Castro de Monte Córdova, tendo sido retificada a sua denominação para Castro do Padrão, em 1951. Beneficia, desde 2011¹², de uma *Zona Especial de Protecção* que abrange uma área de cerca de 92 ha (FIGURA 8).

O povoado ocupa um esporão rochoso da Serra de Monte Córdova que corresponde a um dos relevos mais significativos da sua vertente oeste (413 m). Encontra-se implantado na área limite de duas bacias hidrográficas, integrando a face norte a rede de drenagem do rio Ave¹³ e a face sul a do rio Leça¹⁴. Por sua vez, a vertente oeste posiciona-se sobre o vale do rio Sanguinhedo¹⁵ e a ribeira do Matadouro¹⁶, ambos afluentes do rio Ave. A sua implantação proporciona uma posição de grande destaque na paisagem permitindo um amplo domínio visual sobre a região envolvente, assim como contacto visual com vários povoados castrejos, como, por exemplo, o Castro de Alvarelhos, Trofa¹⁷, a Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira¹⁸, a Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim¹⁹, a Cividade de

12 Classificação do *Castro de Monte Córdova* – Decreto de 16 de junho de 1910 / Diário de Governo, n.º 136, de 23 de junho de 1910. Retificação da denominação para *Castro do Padrão* – Decreto n.º 38491 / Diário de Governo, n.º 230, de 6 de novembro de 1951 – Dec. Lei n.º 38.491, art. 3. A Portaria 372 de 2011 publicada no DR IIª Série nº 35 de 18 de fevereiro de 2011, estabelece a Zona Especial de Protecção – (...) *É fixada a zona especial de protecção (ZEP) do Castro do Monte Padrão, sito na freguesia de Monte Córdova, concelho de Santo Tirso, distrito do Porto, classificado como monumento nacional por decreto de 16 de Junho, publicado no Diário de Governo, n.º 136, de 23 de Junho de 1910, com a alteração de denominação concretizada pelo Decreto n.º 38491, publicado no Diário do Governo, n.º 230, de 6 de Novembro de 1951, de acordo com a delimitação constante da planta anexa à presente portaria, da qual faz parte integrante (...).*

13 Rio Ave – Desenvolve-se ao longo de 94 km desde a nascente na Serra da Cabreira, em S. Estêvão de Castelões, Vieira do Minho, até à foz, em Vila do Conde. Forma uma bacia hidrográfica com cerca de 1.395 Km².

14 O rio Leça nasce no lugar de Redundo, em Monte Córdova, Santo Tirso e desagua entre Leça da Palmeira e Matosinhos, após percorrer 46,750 km. A sua bacia hidrográfica tem cerca de 190 km² (DIAS; RODRIGUES; PRAIA 1995, 42; MOREIRA 2010, 28-29).

15 O rio Sanguinhedo nasce no lugar de Fonte de Cima, em Lamelas, Santo Tirso, à cota de 280 m e desagua no rio Ave, no lugar de Argemil, Santo Tirso. Desenvolve-se ao longo de 8,5 km. A sua rede de drenagem tem cerca de 18 Km² (MOREIRA 2010, 52; 2014, 27).

16 A ribeira do Matadouro nasce em Monte Córdova, junto ao santuário da N.ª Senhora da Assunção, a 410 m de altitude. O seu curso tem sensivelmente 4,5 km e a rede de drenagem configura uma área de aproximadamente 6,4 Km² (MOREIRA 2014, 29).

17 *Castro de Alvarelhos* – Localiza-se na freguesia de Alvarelhos, concelho da Trofa. Ocupa uma extensa elevação que acompanha a topografia de um dos contrafortes da face este da Serra de S.¹⁸ Eufémia. Regista uma ocupação muito prolongada que se desenvolve, de forma descontínua, desde o Bronze Final a meados do séc. XVI (MOREIRA 2010).

Castro de Alvarelhos – Alvarelhos, Trofa

Fase I (Bronze Final) ____ 900/700 a. C. | 500 a. C. (início da fase II da cultura castreja)

Fase II 138/136 a.C. (campanha de *Decimus Iunius Brutus*) | 14/54 (reinados de Tibério/Cláudio)

Fase II b (reinados de Tibério/Cláudio) 14/54 | 69/74 (Vespasiano / atribuição do *Ius Latii* à Península)

Fase III 69/74 (atribuição do *Ius Latii* à Península) | 284/288 (criação da província da Galécia por Diocleciano)

Fase IV 284/288 (criação da província da Galécia) | 409/411 (fixação de Vândalos e Suevos na Galécia)

Fase V 409/411 (fixação de Vândalos e Suevos na Galécia) | 455/459 (guerra civil entre Suevos e Visigodos. Queda do reino Suevo)

Fase VI séc. IX/X (início da reconquista - *Incastellamento*) | séc. XII/XIII (abandono do castelo / igreja e cemitério paroquial)

Fase VII séc. XII/XIII (igreja e cemitério paroquial) | séc. XVI / início do séc. XVII (abandono da igreja e cemitério paroquial)

18 Citânia de Sanfins – Localiza-se na freguesia de Sanfins de Ferreira, concelho de Paços de Ferreira. O povoado ocupa uma colina com uma ampla plataforma superior. O seu extenso e complexo sistema defensivo define uma área de 15 ha. A sua fundação terá sido posterior a 138 a.C. e o seu abandono ocorreu no decurso da segunda metade do séc. I. Regista duas fases de ocupação; Fase I - 138/136 a.C. (campanha de *Decimus Iunius Brutus*) | 29 / 19 Guerras Cântabras; Fase II - 29/19 Guerras Cântabras | 69 (início da dinastia dos Flávios) (SILVA 1999).

19 Cividade de Terroso – Localiza-se na freguesia de Terroso, concelho da Póvoa de Varzim. Ocupa uma pequena elevação sobranceira ao rio Esteiro. Regista uma longa ocupação que se estende desde o Bronze Final até à época romana (GOMES; CARNEIRO 2005).



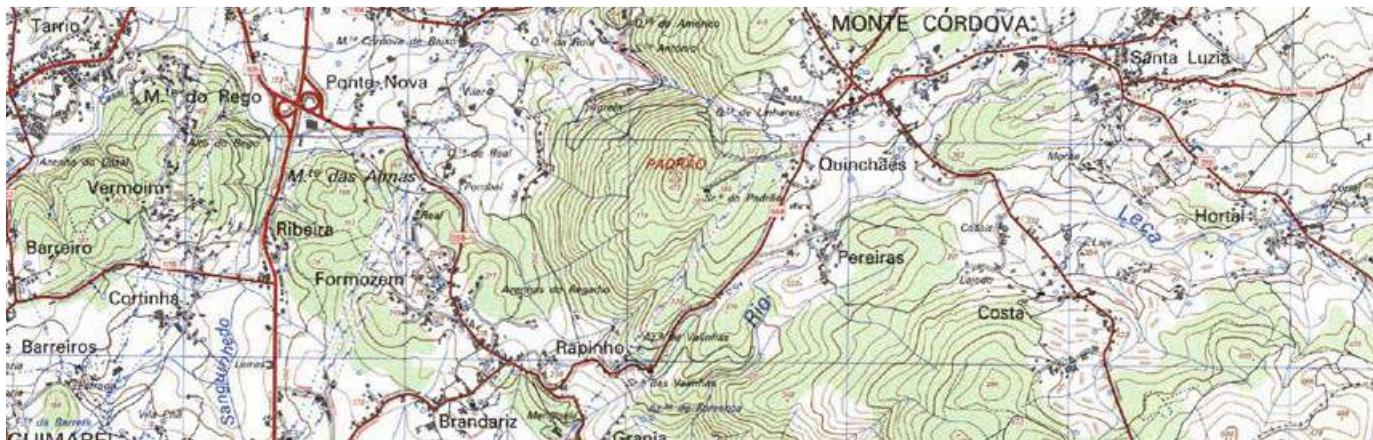
8.

Monte Padrão - Vista aérea (© Francisco Piqueiro / Foto Engenho).

Bagunte, Vila do Conde²⁰ e o Castro das Eiras, Vila Nova de Famalicão²¹ (FIGURA 10). Para oeste abrange uma extensa faixa da costa marítima, que se estende desde a cidade do Porto à Póvoa de Varzim, sendo o seu campo visual mais limitado para o interior. Topograficamente, estrutura-se a partir de uma plataforma superior de planta oval, relativamente plana, definida pela curva de nível dos 400 m, à qual corresponde a primeira muralha do povoado, assim como pela existência de uma plataforma implantada a uma cota inferior (374 m) orientada a sul, relativamente plana e extensa que visualmente domina os terrenos

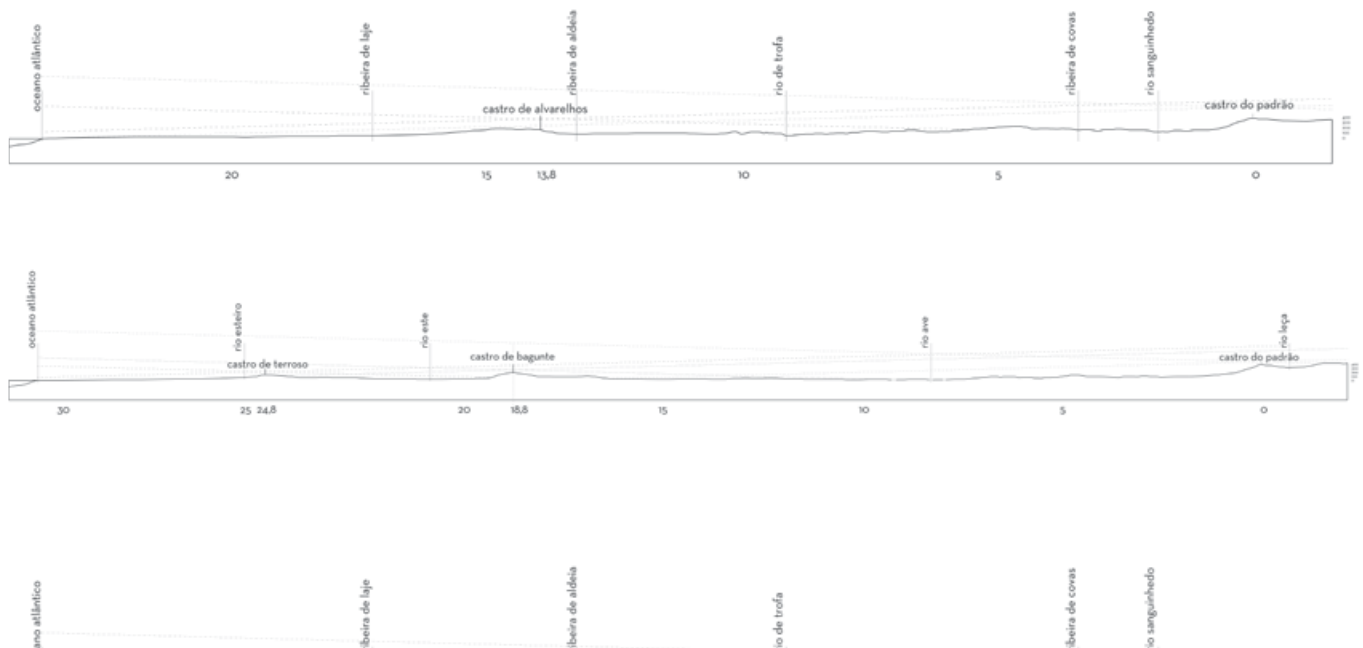
20 A Cidade de Bagunte localiza-se na União de freguesias de Bagunte, Ferreiró, Outeiro Maior e Parada, concelho de Vila do Conde. Ocupa uma elevação nas imediações do rio Ave. A sua estratigrafia regista um longo período de ocupação que se situa entre o período La Tène e o fim do Império – (...) *O grosso do material situa-se entre o século I a.C. e o II, mas a reorganização urbanística do castro, essa deve ter ocorrido já no período imperial, provavelmente na segunda metade do século I, possivelmente já debaixo da liderança da dinastia Flávia* (...). (ALMEIDA; ALMEIDA 2015, 61).

21 O Castro das Eiras localiza-se no concelho de Vila Nova de Famalicão e divide-se entre quatro freguesias: Joane, Pousada de Saragomagos, Telhado e Vermoim. A sua ocupação está datada entre o séc. I a.C. até e finais do séc. III d.C. Em 1990/91, a meia encosta, foi intervencionado um Balneário Castrejo (QUEIROGA; DINIS 2008-2009, 139-152).



9.
Carta Militar 1:25 000, fl. 98 – Santo Tirso, SCE, 1998

aluviais de Refojos e Lamelas. A acrópole, de planta oval, desenvolve-se no sentido norte/sul ao longo de 180 m e, no sentido leste/oeste, por cerca de 110 m, perfazendo uma área aproximada de 17.000 m². A orografia do promontório e da área envolvente proporcionam uma topografia favorável à existência de boas condições naturais de defesa. As faces norte, sul e oeste possuem vertentes com pendor acentuado, apresentando-se a encosta leste mais suave e curta, configurando uma zona de ligação ao interior do maciço montanhoso (FIGURA 9).

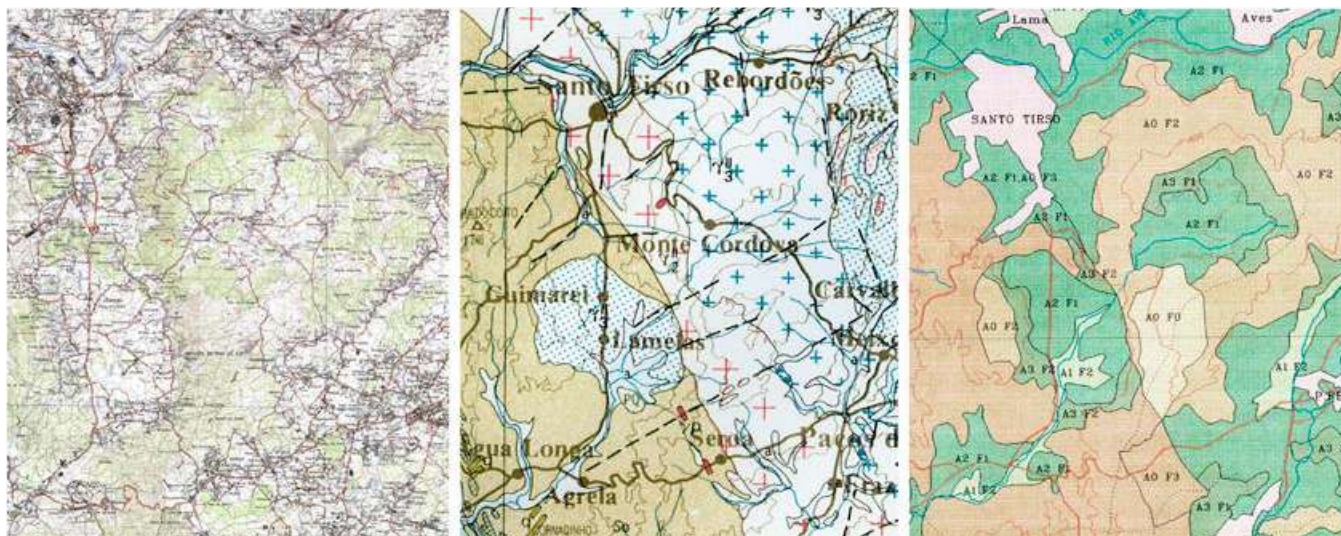


10.
Perfis com referência à visibilidade direta entre os principais castros da região.

Caracterização Ambiental

A área geográfica em que se insere o povoado corresponde à zona climática designada por Terra Temperada / Quente Atlântica que compreende o tramo superior do rio Leça e parte da vertente oeste do maciço de Monte Córdova, confrontando a norte, sul e oeste com a zona identificada por Terra Temperada / Quente Litoral²². Caracteriza-se por uma marcada influência atlântica que regista uma significativa amplitude térmica anual, ocupando altitudes compreendidas entre os 250 m e os 400 m. Os valores médios identificados são: 14º C de Temperatura média anual; 16º C de Temperatura média do mês mais quente; Precipitação média anual de 1200 mm <1600 mm / m³.

O substrato geológico da região corresponde à grande mancha de granito da face oriental do concelho de Santo Tirso, identificando-se a variedade porfiróide como a predominante²³ (FIGURA 11).



11.

Carta Militar 1: 25 000, fl. 97 - Santo Tirso, SCE, 1998

Carta Geológica de Portugal 1:100 000, fl.1., SGP, 1968

Carta de Aptidão Agrícola da Terra 1: 100 000, fl. 9, DRAEDM, 1995

O interesse milenar deste território (Monte Córdova) estabelece-se, desde logo, pela sua orografia e a marcante posição de domínio sobre a região, tanto para o interior - o planalto central - como para o exterior, o horizonte sem limites, de nascente ao mar poente, das montanhas do norte ao infundável sul²⁴. As vertentes e o planalto, desde tempos imemoriais, registaram a agricultura como meio primordial de apropriação do território, *facies* que ainda

22 A inserção no contexto regional da área de referência cultural de enquadramento do estudo do Monte Padrão, balizada a norte pelo rio Ave e a sul pelo rio Leça, pode ser subdividida em três unidades geomorfológicas principais: 1) a plataforma litoral e o “relevo marginal”; 2), o vale do rio Leça e as ‘depressões’ que evidencia ao longo do seu percurso; 3) os alinhamentos do “relevo intermedio”, aqui definidos pela Serra da Agrela-Monte Córdova.

23 Para uma abordagem mais aprofundada sobre a geologia do concelho de Santo Tirso, veja-se (ANDRADE 1952, 303-315).

24 A Serra da Agrela e Monte Córdova, enquadram-se no domínio da terceira unidade geomorfológica referenciada - os alinhamentos do relevo intermedio. É nesta área que se encontram as altitudes mais elevadas (532 m no vértice geodésico do Pilar) e os declives mais acentuados, configurando um relevo em semicírculo que envolve os sectores sul e oriental da secção montante da bacia do rio Leça (SOARES; ARAÚJO; GOMES 2010, 26).

hoje conservam, evidenciando uma agricultura de subsistência ou de multifúndio. Na área envolvente do castro existem terrenos de elevada aptidão agrícola ao longo das margens do rio Leça, em faixas estreitas e descontínuas, que confrontam com terrenos de aptidão agrícola moderada, que ocupam praticamente toda a área do planalto²⁵. Ao longo dos tempos a atividade humana na região, a ritmos diferenciados, tem intervindo profundamente na composição dos solos, na topografia e na cobertura florestal, através da prática da agricultura e da pastorícia (FIGURA 11). Entre os principais fatores de transformação destaca-se a construção de socalcos, operados em toda a região em zonas com declives superiores a 4-5 %, com vista ao aumento da espessura e ao nivelamento dos solos, de forma a possibilitar uma utilização intensiva da terra através da aplicação de métodos de rega tradicionais e a evitar a sua erosão. Este processo foi potencialmente incrementado a partir da introdução e expansão da cultura do milho, da batata e do feijão, nomeadamente desde o momento em que estes produtos passaram a constituir a base da alimentação da população.

25 O planalto de Monte Córdova desenvolve-se na face noroeste da serra com o mesmo nome, abrangendo parte do concelho de Santo Tirso e Paços de Ferreira. Apresenta uma planta circular definida pela curva de nível dos 400 m e é delimitado por um conjunto de acidentes orográficos de maior elevação – Pilar, Padrão, Mouro, Costouras e Citânia de Sanfins. As povoações que ocupam o planalto são: Monte Córdova, Cabanas, Santa Luzia, Hortal e Redondo. A área, marcada por uma forte depressão, regista uma intensa rede de drenagem que configura a nascente do rio Leça. Os terrenos revelam aptidão agrícola elevada e moderada.

Cronologia

O projeto de investigação do Monte Padrão (FIGURA 12) conjuga dois níveis de abordagem. O primeiro compreende o estudo diacrónico da ocupação do povoado, baseado em escavação arqueológica e análise crono-estratigráfica que comporta a interpretação da evolução estrutural e a caracterização da cultura material dos diferentes períodos de ocupação. O segundo desenvolve-se numa perspetiva mais alargada, valorizando a contextualização dos dados tendo como referência os elementos significativos da ocupação humana registada na área geográfica envolvente. A complexidade e a natureza dos dados observados constituem um forte testemunho de que esta zona geográfica se configurou como um eixo de comunicação e polo de atração, enquadrado pelos interesses de uma economia à escala europeia, com focos mais ativos irradiantes do Mediterrâneo, constituindo um espaço privilegiado de relações exógenas, que agiram como elemento dinamizador da cultura e servindo como eixo de intercomunicabilidade do litoral com o interior, numa dinâmica de proximidade, conferindo à região um elevado índice cultural.

12.
Castro do Padrão, Monte Córdova.



Neste sentido, aborda-se o estudo do substrato cultural indígena, nas suas múltiplas facetas, designadamente as de natureza económica, social, religiosa, demográfica e cultural, cuja complexidade revela, por um lado, uma significativa recetividade a influências exógenas e, por outro, uma identidade muito vincada na qual se evidenciam aspetos culturais particulares que se mantêm operativos ao longo de todo o período de dominação romana e que estarão subjacentes na sociedade galaico-romana, ora por permanência ora por fusão. Simultaneamente, é igualmente apreciável um conjunto de transformações estruturais de ordem político-administrativa, económica, social e cultural, implementadas a partir do domínio romano que modificaram, de modo profundo e irreversível, o paradigma sociocultural existente. Ao longo da Idade Média, a realidade arqueológica reflete as múltiplas vertentes da sociedade medievá, com particular destaque para os aspetos de caráter económico, social, militar, administrativo e religioso, permitindo abordar um longo período que se desenvolve desde o séc. X aos alvares da Idade Moderna.

O estudo da cultura material das diferentes etapas, em alguns casos, possibilitou confirmar tipologias, cronologias e proveniências, noutros, constatar que o panorama das produções cerâmicas é mais amplo e diversificado, revelando particularidades de caráter regional muito significativas. O enquadramento estratigráfico dos materiais e a sua ponderação quantitativa têm vindo a contribuir significativamente para a definição do quadro económico regional, assim como identificar os principais mercados abastecedores nas diferentes fases de ocupação.

Embora o conhecimento da evolução crono-estratigráfica progrida constantemente, acompanhando os resultados das mais recentes investigações, os dados atualmente disponíveis permitem apresentar, de forma consistente e fundamentada, uma periodização faseada dos principais momentos de ocupação da área arqueológica (TABELA 1) (MOREIRA 2020, 82-124).

Tabela 1.
Evolução cronológica da ocupação do Monte Padrão.

FASE I	... 1250 a.C. (BM)
FASE II	1250 a.C. 1000 a.C. / 900 a.C. (BF / 1ª Fase)
FASE III	1000 a.C. / 900 a.C. 700 a.C. (BF / 2ª Fase)
FASE IV	700 a.C. 500 a.C. / 450 a.C. (Iª IF)
FASE V	500 a.C. / 450 a.C. 200 a.C. (IIª IF / 1ª Fase)
FASE VI	200 a.C. Tibério/Cláudio (IIª IF / 2ª Fase)
FASE VII	Tibério/Cláudio 1ª metade do séc. II
FASE VIIA	1ª metade séc. II meados séc. III
FASE VIII	900 finais séc. XII
FASE IX	Finais do séc. XII 1515
FASE X	1515 1623/1651...
FASE XI	1738 ...

Idade do Bronze

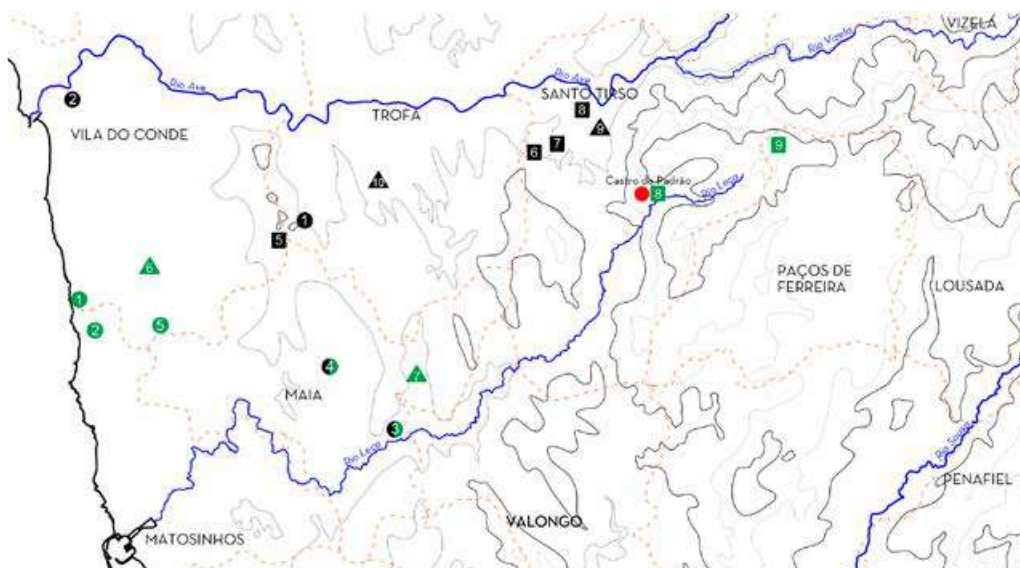
FASE I ... | 1250 a.C. (Bronze Médio)

À luz dos atuais conhecimentos, o povoado regista a sua primeira ocupação efetiva no decurso do Bronze Médio. Os materiais arqueológicos relativos a este período resultaram de uma intervenção na face nordeste da plataforma superior, na qual se intervencionou uma fossa detritica e estratos arqueológicos onde foram recolhidos cerca de mil e quinhentos fragmentos com – (...) ... *uma certa homogeneidade cultural* (...) –, que a autora da escavação, Manuela Martins, datou genericamente do Bronze Final. Contudo, a presença de um significativo número de fragmentos com decoração excisa tipo boquique (Cogotas I) e tipo “Cogeces”, cujos paralelos regionais sugerem uma datação balizada entre o final do Bronze Médio e o Bronze Final pleno, permite admitir a possibilidade de a primeira ocupação do castro poder datar eliminar deste período, facto que futuras intervenções com o recurso a métodos de datação absoluta poderão confirmar. Acompanha a ergologia cerâmica um significativo acervo de objetos líticos relacionados com as atividades domésticas, identificando-se, entre outros, mós de naveta, um diversificado reportório de instrumentos em pedra polida (machados, polidores, goivas e cinzéis), pesos e utensilagem diversa em sílex (lâminas de dorso preparado, raspadores, etc.).

Na área geográfica definida pelos rios Leça e Ave são conhecidos povoados com registos estratigráficos referentes às etapas do Bronze Inicial e Médio (FIGURA 13) na Praia de Angeiras Sul, Matosinhos (1) (SILVA; PIEDADE 2011), Lavra, Matosinhos (2) (BETTENCOURT; FONSECA 2009; BETTENCOURT 2010, 52-53), Bouça da Cova da Moura, Maia (3) (JÚNIOR 1940, 327-376; TWOHIG 1981, 49-55; RIBEIRO; ALVES; BETTENCOURT; MENEZES, 2010, 89-98; COMENDADOR REY; BETTENCOURT 2011, 19-31; RIBEIRO, 2008, 23-28); Santa Cruz, Maia (4) (...), e no recinto monumental da Forca, Maia (5) (MURALHA; CARDOSO 2008, 30-69; VALERA; REBUGE 2008, 11-12; BETTENCOURT 2010, 51-52), assim como referências tumulares significativas, como, por exemplo, na Mamoa da Ínsua, Vilar, Vila do Conde (6), e no núcleo megalítico do Leandro, Maia (7) (VALERA; ANTUNES 2008, 7-18; RIBEIRO; LOUREIRO; MENEZES, 2009; RIBEIRO; LOUREIRO; MENEZES 2010, 38; BETTENCOURT 2010, 50-51), a que acrescem inúmeras referências de manifestações artísticas rupestres – (...) *relacionadas com a emergência de novas cosmovisões, com o aumento do sentido de territorialização e com novas formas de promover e reforçar a identidade social e de assegurar novos mecanismos de poder* (...) (BETTENCOURT 2010, 50).

Como testemunho circunstancial do povoamento da área envolvente do Monte Padrão (8) durante o Bronze Inicial e Bronze Médio, eventualmente conotado com a sua ocupação, merece referência a ocorrência de um machado plano em bronze, identificado como procedente

de Monte Córdova (REY 1998, 89, n.º 102; MOREIRA 2014, 170), e a ponta de lança tipo Palmela recolhida em Sanfins, Paços de Ferreira (9) (FIGURA 13) (BETTENCOURT 2010, 79).



13.

Fase I/II-II – Vestígios identificados entre Leça e Ave. ● Povoados; ▲ Necrópoles; ■ Achados dispersos;
Verde – Fase I; Preto: Fase II-III.

FASE II 1250 a.C. / 1000 a.C. / 900 a.C. (Bronze Final / 1ª Fase)

FASE III 1000 a.C. / 900 a.C. / 700 a.C. (Bronze Final / 2ª Fase)

A intensa atividade arqueológica desenvolvida nas duas últimas décadas no âmbito da cultura Castreja no Norte de Portugal e na Galiza tem permitido definir, com algum rigor, o seu âmbito cronológico, assim como as suas diferentes etapas evolutivas associadas à cultura material correspondente.

Em termos genéricos, este período (Fase II / III) caracteriza-se pelo surgimento de uma nova estratégia de povoamento que utiliza promontórios com defesas naturais e pela manutenção dos povoados abertos da primeira fase, permitindo admitir o desenvolvimento de uma estrutura hierárquica no povoamento, na qual, características privilegiadas de implantação e de acesso a recursos específicos possam ter desempenhado funções específicas na economia e dinâmica social regional, designadamente no controlo da produção metalúrgica.

No Castro do Padrão o espólio cerâmico desta fase compreende um reportório tipológico relativamente diversificado, composto por pesos de tear, líticos e cerâmicos, taças carenadas de fundo umbilical, vasos troncocónicos, potes e taças decoração boquique, tipo “Cogotas I, Fase II”²⁶ e com decoração tipo “Baiões”²⁷. Os materiais líticos são também abundantes e relacionam-se com as atividades domésticas. Entre outros, identificam-se mós de nave-ta, machados polidos, pesos e lâminas de sílex. A sua abundância, aliada à escassez de materiais metálicos, permite admitir que o instrumental de uso quotidiano, necessário às atividades de subsistência, continuou basicamente a ser feito em pedra. A área efetiva de ocupação identificada até ao momento compreende apenas a face nordeste da plataforma superior, na qual, recentemente, foram recolhidos diversos materiais cerâmicos e líticos associados a áreas habitacionais.

Apesar de na atual área geográfica do concelho de Santo Tirso não serem conhecidos sítios com ocupação efetiva relativa a este período, este momento encontra-se amplamente documentado na região, contextualizando o povoado numa realidade complexa que, indiretamente, manifesta uma forte densidade de ocupação evidenciada por um elevado número de vestígios dispersos, eventualmente conotados com assentamentos ainda não identificados, que permitem uma visão mais abrangente do quadro de povoamento²⁸. No âmbito geográfico definido pelos rios Leça e Ave, regista-se ocupação no Castro de Alvarelhos, Trofa (1), no povoado do Corgo, Vila do Conde (2), na Bouça da Cova dos Mouros, Maia (3)²⁹, e no

26 Castro de *Las Cogotas*, Ávila - Encontra-se implantado num promontório sobranceiro ao rio Adaja, a 1156 m de altitude. A sua primeira ocupação é relativa ao Bronze Final, documentando-se na plataforma superior um conjunto de estruturas habitacionais com cronologia situada entre o sec. IV e II a.C.

27 Povoado da Bouça do Frade, Campelo, Baião - Encontra-se implantado na periferia da Serra da Aboboreira. Trata-se de um povoado aberto, provavelmente relacionado com a exploração agrícola dos vales circundantes. As cerâmicas revelam significativas influências exógenas, estilisticamente relacionadas com a Beira Alta e a Meseta Norte, no âmbito cultural do Bronze Final tipo “Baiões” e “Cogotas I” (JORGE 1988).

Necrópole do Tapado da Caldeira, Campelo, Baião - Encontra-se implantada num pequeno *plateau* situado a cerca de 200 m para sudoeste do povoado da Bouça do Frade, à altitude média de 770 m, na margem esquerda da Ribeira do Frogueirão (JORGE 1980, 36-44; 1980a, 29-50).

28 Necrópole do Corvilho, Santo Tirso - Foi detetada em 1915 na construção do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso. O espólio recuperado é composto por seis vasos troncocónicos e um bracelete de bronze. Todos os materiais integram hoje a exposição permanente do Museu Municipal Abade Pedrosa (MOREIRA 2007, 40; 2016, 33-35).

Necrópole de Bairros, Santiago de Bougado, Trofa - Descoberta fortuita, no decurso de trabalhos agrícolas, no lugar do *Cabeço da Cortinha*. O espólio conhecido é formado unicamente por dois aros em ouro “hair rings” com cronologia de Hallstat D Final (MOREIRA 2010, 132-133; 2014, 82-85).

29 Povoado da Bouça da Cova dos Mouros, Ardegães, Maia - Desenvolve-se por aproximadamente 3 ha. Está implantado numa

povoado de Santa Cruz, Maia (4). Este último compreende uma realidade arqueológica mais complexa que integra um núcleo de arte rupestre, do qual o painel mais conhecido é a “Pedra de Ardegães”. Entre outros achados vinculados a este momento cronológico, além do machado de duplo anel proveniente de Palmazão, Guilhabreu, Vila do Conde (5), relacionado com o Castro de Alvarelhos, regista-se o “depósito”³⁰ identificado no lugar da Abelheira, Trofa (6), composto por 30 machados de talão de dupla face e duplo anel (LIMA 1940A, 199-200, CARTA IV; SILVA 1986, GRÁFICO 4; MOREIRA 2007, 24, 29)³¹, o machado de talão de duplo anel proveniente do Chão da Presa, Santo Tirso (7) (MOREIRA 2007, 53, n.º 33), e o machado de alvado de duplo anel proveniente de Santo Tirso (8)³² (CARDOSO 1969, FIG. 5; MONTEAGUDO 1977, 245, TIPO 41 C; HARDAKER 1976; COFFYN 1983, 194; 1985, 221, 331, CARTA 42, EST. LV, n.º 4; SILVA 1986, GRÁFICO 4; MELO; ARAÚJO 2000, 53-56; MOREIRA 2013D, 47-48), enquadrado na tipologia de Monteagudo como Tipo 41 C Santo Tirso. Os contextos funerários encontram-se documentados pela necrópole do Corvilho, Santo Tirso (9) (MOREIRA 2014, 83-85; 2016, 166, 33-35, n.º 47-55), e pela necrópole de Bairoiros, Santiago de Bougado, Trofa (10) (MOREIRA 2010, 132-133; 2014, 82-85) (FIGURA 13).

vertente de meia encosta, com orientação a nascente, de declive suave, cuja hipsometria varia entre os 101 m e os 120 m (JÚNIOR 1940, 327-376; TWOHIG 1981, 49-55; BETTENCOURT 2008, 99-104; 2010, 60-61; RIBEIRO 2008, 23-28; RIBEIRO, ALVES, BETTENCOURT, MENEZES 2010, 89-98).

30 Entendidos como a materialização de ações de ocultação e amortização de artefactos metálicos, de grande valor social, em lugares presumivelmente sagrados ou de importante significação coletiva (BETTENCOURT 1999, 2009).

31 “Depósito” da Abelheira, S. Martinho de Bougado, Trofa - Composto por 30 exemplares de machados de talão de dupla face, duplo anel e cone de fundição, hoje em depósito no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães (LIMA 1940a, 199-200, carta IV; SILVA 1986, Gráfico 4; MOREIRA 2007, 29; 2016, 146; BETTENCOURT 2010, 63).

32 Chão da Presa, Santo Tirso – Local de proveniência de um machado de talão e dupla aselha, hoje em depósito no MMAP (MOREIRA 2007, 53, n.º 33; 2013, 51-52; 2014, 171-172; 2016, 38). Não se conhecem outras referências arqueológicas associadas.

ESTUDO DE MATERIAIS

FASE I / II / III

Apesar de o sílex constituir uma ocorrência restrita no Noroeste de Portugal, os abundantes artefactos recolhidos na região, tanto em ambientes habitacionais como funerários, permitem admitir que o comércio desta matéria-prima a partir de latitudes mais meridionais, onde existe em grande quantidade, deve ter-se mantido de forma regular, em particular na zona costeira onde a sua presença é significativamente maior do que no interior³³.

A presença de utensilagem em sílex em povoados ocupados no horizonte cronológico aqui abordado é relativamente numeroso, reforçando a ideia que nesta fase a metalurgia do bronze teria ainda uma diminuta expressão, nomeadamente na fabricação de ferramentas. Em contextos comparáveis ao Monte Padrão são conhecidos materiais morfologicamente semelhantes no Castro do Alvarelhos, Trofa (MOREIRA 2007, MMAP n.º 21, 23, 49-50; 2010, 19), na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (SILVA 1986, 113, EST. XVIII, 6-8), entre outros.

O acervo lítico em sílex recolhido no Monte Padrão, apesar de quantitativamente significativo, é relativamente pouco expressivo em relação às formas e tipologias identificadas compreendendo apenas lâminas e raspadores³⁴.

Lascas

Os vestígios de talhe *in situ* são escassos e estão unicamente documentados pela presença das lascas, n.º **1-2**, resultantes do tratamento de núcleos para obtenção de lâminas de duplo fio³⁵. Não revelam ter tido qualquer tipo de utilização.

Raspadores

Os raspadores, de acordo com a definição de François Borde, constituem um conjunto industrial de lâminas e lascas, caracterizado por possuírem numa ou em ambas as extremidades um retoque contínuo, frequentemente laminar, que define uma frente mais ou menos arredondada que se denomina por *frente de raspador* (BORDE 1961, 31; 1967, 34). O nosso exemplar, n.º **3**, foi elaborado a partir de uma lasca de sílex, apresentando uma secção plano-convexa que revela na face superior vestígios do córtex de revestimento. O retoque compreende apenas uma face lateral, apresentando-se neste plano alternante e descontínuo, não compreendendo a totalidade da aresta que configura um recorte elíptico.

O raspador, n.º **4**, também em sílex, de formato trapezoidal, ao contrário do anterior foi elaborado a partir de uma lasca relativamente espessa, de secção triangular, com aproveitamento da área de corte nas duas faces laterais. Apresenta um retoque parcial, descontínuo,

33 O sílex é uma rocha sedimentar silicatada, constituída de quartzo criptocristalino, muito dura e densa, com fratura concooidal. Apresenta-se geralmente compacta, de cor cinzenta, negra, bege e outras. Ocorre sob a forma de nódulos, recebendo a designação de *flint*, com uma superfície exterior que o rodeia, carbonatada, denominado por córtex, ou em forma de massas em formações de giz ou calcário, recebendo a designação de *chert*, diferindo do primeiro pela presença de inclusões de calcite. Pode apresentar impurezas como argilas, carbonato, silte, pirita e matéria orgânica.

34 Para além dos materiais que integram o presente catálogo encontram-se publicadas duas outras lâminas provenientes do Padrão que estão patentes na exposição permanente do Museu Municipal Abade Pedrosa, Santo Tirso (MOREIRA 2007, 49-50, n.º 21 e 21 (3); 2016, 26, n.º 17-18).

35 Encontra-se publicada uma terceira lasca em sílex de cor cinzenta escura com restos de córtex calcário de cor bege, também sem sinais de utilização (MOREIRA 2016, 26, n.º 15).

unifacial e invasor, formando um ângulo de corte oblíquo de sensivelmente 30°. Este tipo de utensílio, apesar de relativamente pouco representado, encontra-se ainda presente em quartzo opalino configurando uma lâmina de formato trapezoidal de duplo fio (MOREIRA 2016, 27, n.º 21).

Lâminas

A lâmina de talhe tipo *levallois*, n.º 5, foi obtida a partir de um núcleo preparado conservando vestígios dos contrabulbos de preparação, tendo sido extraída de um núcleo plano conservando na face dorsal o negativo das extrações de preparação do mesmo, próprias desta técnica. Conserva duplo fio.

Ponta de lança

O objeto n.º 6, interpretado com reservas como ponta de lança, apresenta um recorte triangular, alongado, com extremidade pontiaguda. O talão é reto com rebaixamento numa das faces de recorte semicircular. Arestas laterais de perfil arredondado, polidas, sem retoque nem vestígios de utilização. Objeto de função indefinida, eventualmente de natureza ritual ou votiva, dado que o suporte (xisto) não se coaduna com uma utilização funcional.

Polidores

Os utensílios em pedra polida que integram contextos do Bronze Médio/Final e as fases iniciais da Idade do Ferro são relativamente abundantes em contextos habitacionais, constituindo uma perenidade arcaizante das fases mais recuadas, onde o instrumental lítico manifestava ainda predominância como suporte dos utensílios destinados às atividades artesanais, em relação às diferentes ligas metálicas, por norma escassas e de reportório técnico-funcional restrito. Entre as matérias-primas mais utilizadas encontram-se anfibolitos, quartzitos e arenitos de grão fino e, em menor expressão, xistos. São vários os exemplares já publicados que documentam uma ampla diversidade morfológica que reflete a sua versatilidade funcional, sendo admissível a sua utilização na olaria, na metalurgia, no tratamento de peles e têxteis (MOREIRA 2016, 27-28, n.º 22-27). O exemplar ilustrado, n.º 7, integra o tipo mais comum, quer pelo seu recorte, quer pela dimensão e suporte, sendo admissível uma utilização indiferenciada.

Machados polidos

Os machados de pedra polida são instrumentos cuja morfologia apresenta soluções variadas, designadamente ao nível da forma, perfil, secção, configuração do gume e do talão. Genericamente, poder-se-ão caracterizar por apresentarem um desenvolvimento longitudinal de secção diferenciada, com extremos oponentes compostos pelo gume, geralmente de perfil retilíneo ou convexo, e pelo talão que se configura sob uma forma retangular ou apontada. A sua dimensão regista uma variação considerável, desde exemplares mais pequenos (a partir de 4 cm), geralmente designados por *machados votivos*, ainda que a sua funcionalidade se possa relacionar com atividades como a carpintaria e não apenas com fenómenos de carácter religioso, até aos exemplares de maior tamanho que podem ultrapassar os 25 cm de comprimento.

Para efeitos de classificação Gabriel Camps³⁶ define cinco campos a considerar – forma,

³⁶ A tipologia referida é amplamente seguida em trabalhos mais recentes como, por exemplo, na obra conjunta sobre “*Nociones de*

perfil, perfil do gume, gume e secção. Quanto à forma, as quatro variantes mais comuns são a triangular, a retangular, a trapezoidal e “*en boudin*”³⁷. O perfil pode apresentar um recorte trapezoidal, biconvexo ou *en boudin*. Quanto ao gume, registam-se três variantes – simétrico, assimétrico e de *azuela*. O gume apresenta-se nas seguintes variantes – retilíneo, curvo, corrente e grosso. As secções podem ser retangulares, plano-convexas, biconvexas, ovais e circulares (CAMPS 1979, 126).

O machado, no seu todo, incluiria também um cabo ao qual estaria fixo, através de inclusão num orifício de configuração troncocónica, que permitiria um forte ajuste, ou mesmo, como sugerem alguns autores (EIROA; GIL; PÉREZ; MAURANDI 1999, 91), através da utilização de cordas, implicando, neste caso, a existência de pequenas depressões nas faces laterais do machado para uma fixação mais eficaz.

A sua função específica consistiria no corte de madeira, nomeadamente no derrube de árvores, através de uma incisão vertical ou perpendicular, sem qualquer ação de fricção, que se justifica no facto dos gumes serem lisos. Os vestígios de utilização identificados nos gumes são consistentes com a sua utilização para o abate de árvores e corte de madeira³⁸. No Noroeste Peninsular a sua cronologia regista uma grande amplitude que se prolonga desde o Neolítico³⁹ ao Bronze Final, estendendo-se inclusivamente a sua sobrevivência às duas primeiras fases da cultura castreja, embora neste período seja já discutível a sua função enquanto ferramenta utilitária. Na área de estudo aqui considerada são frequentes as ocorrências em estratos referentes à ocupação do Bronze Final, associados a um amplo instrumental lítico que, em conjugação com as raras ocorrências de instrumentos metálicos permite admitir que o primeiro constituiria o suporte preponderante nas atividades quotidianas.

O suporte deste tipo de instrumentos variava conforme as disponibilidades locais. Na nossa região as ocorrências mais habituais são em rochas metamórficas do tipo dos anfibolitos, dos granitos e dioritos, sendo também de registar ocorrências em quartzo. Todas, de uma forma geral, cumprem os requisitos necessários para serem trabalhadas e desempenharam cabalmente a função, propriedades das quais se destacam a dureza, a homogeneidade e a isotropia, ou seja, ausência de planos de clivagem marcados.

Os machados apresentados são seis, n.º **8-13**, cuja referência estratigráfica indica que no momento da sua oclusão, encontrar-se-iam já destituídos da sua função original, tendo sido abandonados ou, provavelmente, arrecadados e conservados pelos seus achadores por questões estéticas ou mesmo de superstição, uma vez que, ao longo dos tempos, se atribuíram propriedades “protetoras” a este tipo de objetos, nomeadamente contra fenómenos atmosféricos, sendo ainda atualmente conhecidas em regiões de Trás-os-Montes como *pedras de raio*. Com o mesmo sentido deverão ser interpretadas as ocorrências em contextos funerários de época romana, como se regista, por exemplo, na necrópole de Santo André, Montargil⁴⁰. A sua identificação em contextos arqueológicos do Bronze Final, ao

Tecnología y Tipología en Prehistoria” (EIRO; GIL; PÉREZ; MAURANDI 1999, 91-94).

37 Sub-retangular com cantos arredondados e extremos do gume ligeiramente mais largo que o talão.

38 Neste domínio específico o polimento afirma-se não apenas como uma técnica de acabamento de regularização da superfície, mas, fundamentalmente, como uma técnica de primordial importância para a definição da zona ativa do instrumento.

39 Refira-se, a propósito, que, contrariamente às conceções tradicionalmente divulgadas, esta técnica surge, pela primeira vez, ainda que de uma forma incipiente, no Paleolítico Superior, durante o *Solutrense*, tendo sido abandonada e redescoberta e plenamente desenvolvida durante o Neolítico (BAPTISTA 1984, 43).

40 Regista-se a presença de um machado de anfibolito na sepultura H1, datado, genericamente, com a cronologia proposta para a necrópole (2.º metade do séc. I - 1.º quartel do séc. II). Trata-se de um machado de anfibolito de formato cónico com parede convexa de gume em bisel e secção oval (NOLÉN; DIAS; VIEGAS 1981, 165, est. LXIII, H.1, LXIX, n.º 2). Constitui um exemplar com clara afinidade

qual originariamente pertenceriam os nossos objetos, são recorrentes sendo de valorizar o significativo espólio referenciado nos povoados de altura como o Castro de S. Julião, Vila Verde (MARTINS 1988, 62, EST. LV, 7, LVI, 2, 6, LX, 8), em povoados abertos como a Bouça do Frade, Baião (JORGE 1988, FIG. 36,6; FIG.40, 4), ou mesmo em povoados que não registam esta fase de ocupação documentando pervivências arcaizantes da indústria lítica, como acontece, por exemplo, na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira onde se identificaram vários machados e enxós (SILVA 1986, 113, EST. XVIII, 1-4), assim como em Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, FIG. LIX, nº 1-6).

Os instrumentos em pedra polida recolhidos no Monte Padrão são relativamente abundantes e de tipologia diversa, tendo alguns deles já sido alvo de publicação (MOREIRA 2007, 47-51; 2016, 28-31). Os exemplares aqui patentes, n.º **8-13**, revelam claros sinais de utilização, quer ao nível do talão quer do gume, encontrando-se três deles fragmentados ao nível do corpo, n.º **9, 12-13**. Todos são elaborados em anfibolito⁴¹, rocha particularmente abundante na região⁴².

Do ponto de vista tipológico a forma mais abundante é constituída por machados de plano retangular, n.º **8-10**. Com exceção do n.º **13**, todos revelam gumes retilíneos. As suas dimensões oscilam entre 57 e 154 mm.

A forma triangular, de gume curvo, n.º **11**, singularmente representada, revela um machado fragmentado na face intermédia, sem sinal de utilização como percutor. Por último, identificam-se dois exemplares de formato trapezoidal, n.º **12-13**, ambos com talão retangular e sub-retangular e gume curvo. As dimensões oscilam entre 90 e 112 mm. Os machados identificados parecem evidenciar uma larga diversidade morfológica que, eventualmente, estará relacionada com a sua função específica.

Pesos

Os pesos em pedra, relativamente abundantes em contextos do Bronze Final, foram inicialmente identificados como indicadores seguros da atividade piscícola (BRANDÃO; LANHAS 1971, 581-589). Atualmente, considera-se que poderiam ter tido outras funções, designadamente relacionadas com a atividade de tecelagem (CANO PAN 1988, 107-112). Os dois exemplares ilustrados, de um acervo já significativo (MOREIRA 2007, 58; 2016, 43-44), tipologicamente distintos dos demais, sugerem aplicações diferenciadas. O n.º **14**, de maior dimensão, apresenta recorte trapezoidal e orifício na face plana, morfológicamente próximo aos *aequipondia*, sugere uma função associada à tecelagem⁴³. Em contrapartida, o peso n.º **15**, de formato bulbiforme, de reduzido peso e com entalhes laterais sugere uma utilização relacionada com um aparelho de pesca, embora seja de admitir a sua utilização no tear para confecção de tecidos mais finos.

morfológica com o nosso exemplar n.º 14, apesar da sua diminuta dimensão.

41 Como o seu nome indica, os componentes principais são as anfífolas, normalmente a hornblenda ou a actinolite, e plagioclases. Entre os minerais secundários pode-se observar biotite, clorite, granada, epidoto e zoisite. Ocorrem na face dos xistos verdes e anfibolítica, ou seja, associadas a um grau metamórfico médio. Os anfibolitos são rochas pesadas e bastante duras, que resistem bem às agressões mecânicas.

42 Na faixa metamórfica da foz do Douro existem corpos anfibolíticos de dimensões e formas variadas, envolvidos por gnaisses e metassedimentos (SILVA; FLORES 2002, 15). São corpos homogêneos e raramente bandados, que, normalmente, exibem contactos bem definidos (BRAVO; ABRUNHOSA 1978). O corpo anfibolítico da Praia de Gondarém apresenta uma cor negro-esverdeada de granularidade média a fina (BRAVO; ABRUNHOSA 1978; BORGES; NORONHA; MARQUES 1985; 1987; NORONHA 1994). Estes anfibolitos apresentam uma composição química de basaltos deprimidos do tipo MORB ("Mid-Ocean Ridge Basalts") (NORONHA; LETERRIER 1995; LETERRIER; NORONHA 1998).

43 Refira-se a identificação de dois outros exemplares de características e funções similares recolhidos em contexto estratigráfico relativo à Fase III do Monte Padrão, um em xisto e outro em cerâmica (MOREIRA 2016, 43).

Cerâmica fina decorada

A cerâmica da Idade do Bronze, no seu conjunto, caracteriza-se por evidenciar uma enorme diversidade formal, de fabricos e decorações. Se entre os fabricos mais grosseiros, onde predominam recipientes de média e grande capacidade, essencialmente utilizados na preparação e armazenagem de alimentos, por norma desprovidos de decoração, não é fácil referenciar o âmbito de influência dos morfotipos e respetiva dispersão geográfica, nas cerâmicas finas o reportório decorativo permite estabelecer relações com regiões de dispersão e áreas específicas de circulação, constituindo bons elementos de referenciação cronológica e cultural.

A presença de um significativo número de fragmentos com decoração excisa e incisa tipo boquique (Cogotas I), cujos paralelos regionais sugerem uma datação balizada entre o final do Bronze Médio e o Bronze Final pleno, assim como cerâmicas tipo Cogeces (MOREIRA 2016, 41, n.º 13), é consistente com a proposta de a primeira ocupação do povoado datar do Bronze Médio, facto que futuras intervenções com o apoio de métodos de datação absoluta poderão confirmar⁴⁴ (MOREIRA 2013, 66).

A cerâmica utilitária, n.º **16 a 19**, é representada por um conjunto de fragmentos decorados que, genericamente, integram dois grupos. O primeiro, composto por cerâmica puncionada, n.º **16-17**, enquadrada no tipo Cogotas I, fase II⁴⁵. O segundo grupo, de tradição antiga, com filiação nas cerâmicas calcolíticas, designadamente nas taças de bordo vertical, decoradas com motivos tipo Penha, compostos por reticulados intercalados com linhas verticais, n.º **19**, ou por bandas horizontais compostas por triângulos definidos por linhas incisais, n.º **18**.

Cerâmica de armazenamento de média dimensão

Os potes de perfil em S, integrados no grupo classificado como formas fechadas, dotados de asas de fita, pança ovoide, fundo plano e colo alto vertical, destinados à confeção e à armazenagem de alimentos, subdivide-se em três variantes em função da natureza do colo e posicionamento das asas.

O pote n.º **20**, representado apenas por parte da pança e o arranque de uma asa, coloca algumas reservas na sua classificação entre as variantes conhecidas, podendo integrar qualquer uma das duas primeiras - C1a1, C3a – do reportório de Armando Coelho (SILVA 1976, 184-185).

O exemplar n.º **21** integra, *in genere*, a forma C3a da mesma tipologia (SILVA 2007, 184, EST. XXXVIII, 3-4), cuja cronologia é consistente com o exemplar proveniente do Monte Padrão. A abundante fuligem registada no exterior de ambas as peças é conforme com uma utilização como recipiente de confeção de alimentos.

44 Como testemunho indireto da ocupação efetiva da área envolvente ao povoado no curso do Bronze Inicial e Bronze Médio, eventualmente conotada com a registada no Monte Padrão, merece referência a ocorrência de um machado plano, datado do Bronze Inicial, identificado como procedente de Monte Córdova – Machado plano de perfil trapezoidal e faces laterais planas. Talão truncado de secção retangular. Tipo Monteagudo IB, Tafel3, 66 - (CARDOSO 1930, 61; MONTEAGUDO 1977, n.º 66; JORGE 1986, 867; REY 1998, 89, n.º 102; MOREIRA 2013, 46; 2014, 170).

45 A cerâmica tipo “boquique” caracteriza-se pela sua decoração efetuada por incisão com punção de ponta romba, podendo, ou não, ser preenchida com pasta branca. Os motivos predominantes são grinaldas organizadas em bandas. Os fragmentos com incrustação de pasta branca são relativamente abundantes na área da Extremadura, enquanto que, no Norte de Portugal, apenas são conhecidos exemplares provenientes do Monte da Ínsua, S. João de Ponte, Guimarães (JORGE 1988, 71) e Monte Padrão, Santo Tirso. O conjunto de fragmentos recolhidos revela uma certa semelhança com as demais produções regionais, pelo que será de admitir que se trate de produções locais ou regionais. No noroeste português as referências a achados cerâmicos genericamente enquadráveis no tipo “Cogotas I” são relativamente pouco frequentes. Identificam-se exemplares provenientes do povoado da Bouça do Frade, Baião (JORGE 1988, 70-71, fi g. 37, n.º 1-2), da necrópole do Tapado da Caldeira, Baião (JORGE 1980, 36-44), no povoado da Sola, Braga (BETTENCOURT 1991-92, 108-109, est. IX, s/nº), e no povoado da Lavra, Marco de Canaveses (SANCHES 1988, 129, fi g. 3-4). Os materiais do Monte do Padrão, embora não sejam abundantes, encontram-se significativamente representados (MOREIRA 1995, 13, est. I, II, n.º 3-4; 2016, 40-41, n.º 10-12, 14).

Vaso de rebordo interno

O vaso de modelação manual n.º **22** constitui uma forma aberta destinada ao armazenamento de alimentos ou, eventualmente, à sua confeção, dados os abundantes vestígios de fuligem identificados no exterior da parede do bojo. A aba interna, curta e horizontal, a formar um rebordo, destinava-se a servir de apoio de um testo para resguardo do conteúdo. Os paralelos conhecidos no mesmo horizonte cronológico são provenientes do Castro da Sr.ª da Guia, Baiões, (SILVA 2007, 183, EST. XXXVIII, n.º 1), cujo vaso revela um perfil pronunciado, fundo plano, e, como elemento de suspensão, asas duplas perfuradas, idênticas às identificadas no mesmo horizonte estratigráfico no Monte Padrão (MOREIRA 2016, 40), constituindo um elemento característico desta forma.

CATÁLOGO

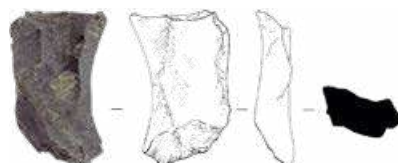
CIMP 1 | [Pad. 99 B1 (F32.00), op. 39] – *Lasca*

Descrição – Lasca de sílex de cor negra (S73), de boa qualidade. Resíduo de talhe sem retoque. Arestas angulosas e cortantes.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões - Comp. 41 mm; Larg. 24 mm; Esp. 11 mm; Peso 12,1 gr.; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1999; 2014, 78.



CIMP 2 | [Pad. 02 B (G25.00), op. 16] – *Lasca*

Descrição – Nódulo de sílex de cor creme (K92) de má qualidade. Na face superior conserva o córtex exterior. Resíduo de talhe sem retoque.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões - Comp. 15 mm; Larg. 19 mm; Esp. 11 mm; Peso 3,4 gr. Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2002.



CIMP 3 | [Pad. 02 B1 (G26. Sep. 2), op. 64] – *Lasca / Raspador*

Descrição – Lasca de sílex de boa qualidade de cor creme com laivos cinzentos (K92/N73). Retoque unifacial.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões - Comp. 22 mm; Larg. 14 mm; Esp. 4 mm; Peso 14,3 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2002; 2013, 54; 2014, 78.



CIMP 4 | [Pad. 02 B1 (G25.00), op. 16] – *Lasca / Raspador*

Descrição – Lasca de sílex de cor creme (K92), de boa qualidade. Retoque unifacial nas arestas laterais. Na face superior conserva o córtex.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões - Comp. 21 mm; Larg. 14 mm; Esp. 4 mm; Peso 1,1 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2002.

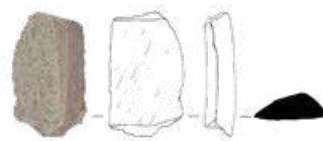


CIMP 5 | [Pad. 2005, achado de superfície] – *Lâmina*

Descrição – Lâmina de sílex de cor cinza claro com laivos rosáceos (M91). Dorso alongado de secção trapezoidal. Retoque integral, bifacial, marginal e oblíquo. Conserva vestígios claros de utilização.

Classificação e cronologia – Tipo Levallois / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões - Comp. 32 mm; Larg. 19 mm; Esp. 7 mm; Peso 5,6 gr; Desenho à escala 1:2.
Bibli. – MOREIRA 2005d; 2013, 54; 2014, 78.



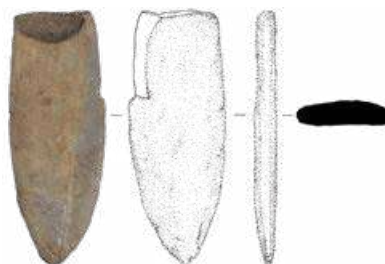
CIMP 6 | [Pad. 91 A (K26.03), Ig. 062] – Ponta de lança (?)

Descrição – Ponta de lança (?) em xisto de cor creme (L89). Recorte triangular, alongado, com extremidade pontiaguda. Talão reto com rebaixamento numa das faces de recorte semicircular. Arestas laterais de perfil arredondado, polidas, sem retoque.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões – Comp. 67 mm; Larg. 26 mm; Esp. 7 mm; Peso 16,7 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



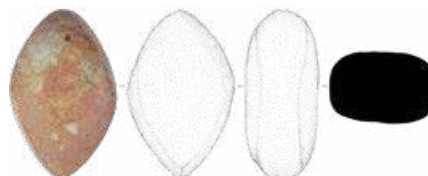
CIMP 7 | [Pad. 90 (L24.00), Ig. 01] – Polidor

Descrição – Polidor em quartzito de cor creme com laivos rosáceos (M71/N30), integralmente polido. Recorte oval, levemente marcado por uma dupla aresta nas faces laterais e extremidade inferior. As superfícies são planas e encontram-se intensamente polidas.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões – Comp. 87 mm; Larg. 55 mm; Esp. 38 mm; Peso 272,5 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 1990.



CIMP 8 | [Pad. 1990, achado de superfície] – Machado polido

Descrição – Machado polido em anfibolito de cor cinza (S73). Contorno sub-retangular com gume plano-convexo, simétrico, com vestígios de utilização. Secção subquadrangular. Talão ligeiramente fragmentado.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões - Comp. 83 mm; Larg. 29 mm; Esp. 28 mm; Peso 116 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 1990.



CIMP 9 | [Pad. 01 B1 (A15.01), op. 3] – Machado polido

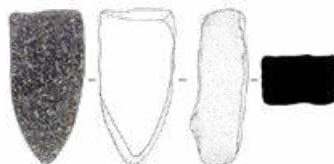
Descrição – Machado polido em anfibolito de cor cinzenta (R73), fragmentado nas faces laterais.

Contorno sub-retangular. Gume plano-convexo, fragmentado, sem vestígios de utilização.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões – Comp. 63 mm; Larg. 29 mm; Esp. 21 mm; Peso 78,6 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 2001.



CIMP 10 | [Pad. 91 A (L23.04), op. 53] – Machado polido

Descrição – Fragmento de machado polido em anfibolito de cor cinza-claro (M73). Contorno elíptico com gume plano-convexo, fragmentado, sem vestígios de utilização.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões – Comp. 59 mm; Larg. 31 mm; Esp. 25 mm; Peso 43,5 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



CIMP 11 | [Pad. 91 A (L28.04), op. 25] – Machado polido

Descrição – Fragmento de machado polido em anfibolito de cor cinzenta (S73). Contorno elíptico com gume plano-convexo, simétrico, com vestígios de utilização. Secção sub-retangular.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões – Comp. 52 mm; Larg. 38 mm; Esp. 29 mm; Peso 85,9 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



CIMP 12 | [Pad. 91 A (L28.00), Ig. 622] – Machado polido

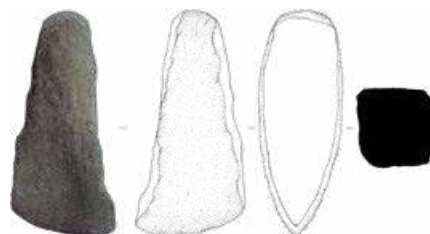
Descrição – Machado polido em anfibolito de cor cinzenta (R73) fragmentado nas faces laterais.

Contorno sub-retangular. Gume plano-convexo com vestígios de utilização.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões - Comp. 90 mm; Larg. 43 mm; Esp. 31 mm; Peso 171,4 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



CIMP 13 | [Pad. 1990, achado de superfície] – Machado polido

Descrição – Machado polido em anfibolito de cor cinza-claro (M73), fragmentado numa das faces laterais. Contorno sub-retangular com gume plano-convexo, assimétrico, com vestígios de utilização. Secção retangular.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões - Comp. 112 mm; Larg. 58 mm; Esp. 23 mm; Peso 263,4 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 1990.



CIMP 14 | [Pad. 01 A (F7.01), op. 22] – Peso

Descrição – Fragmento de peso de tear em xisto de cor cinzento-rosado (N51). Formato trapezoidal, assimétrico, com arestas arredondadas. Orifício de suspensão de configuração cônica, descentrado e assimétrico.

Classificação e cronologia - Tipo indeterminado / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões – Comp. 82 mm; Larg. 77 mm; Esp. 28 mm; Peso 237,3 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 2001.



CIMP 15 [Pad. 01 A (A15.01), Ig. 1937] – Peso

Descrição – Peso em xisto de tom rosáceo (N33), integralmente polido. Recorte e secção oval com ligeira aresta longitudinal numa das faces. Apresenta três entalhes, dois dos quais localizados nas arestas laterais.

Classificação e cronologia - Tipo indeterminado / Monte Padrão _ Fase I-III

Dimensões - Comp. 59 mm; Larg. 29 mm; Esp. 17 mm; Peso 34,4 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 2001; 2013, 54; 2014, 79.

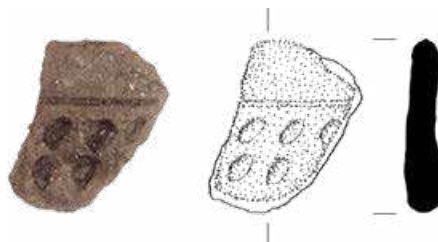


CIMP 16 [Pad. Achado de superfície] – Fragmento cerâmico decorado

Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada, decorado com pontos puncionados tipo “Cogotas I”, Fase II. Modelação manual. Pasta de cor castanho-acinzentada (P51), bem depurada e cozedura uniforme com abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo.

Classificação e cronologia - Tipo Cogotas I / Monte Padrão _ Fase I.

Dimensões – Comp. 25 mm; Larg. 17 mm; Esp. 5 mm; Peso 2,1 gr; Desenho à escala 1:1.



CIMP 17 | [Pad. 03 B1 (F17.01), Ig. 1037] – Cerâmica decorada

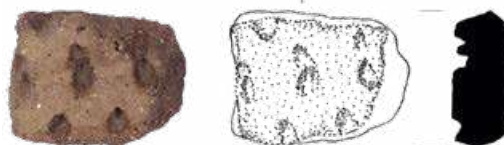
Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada, decorado com pontos

puncionados tipo “Cogotas I”, Fase II. Modelação manual. Pasta bem depurada e cozedura uniforme. Superfície de cor castanho-avermelhada (N50).

Classificação e cronologia – Tipo Cogotas I, Fase II / Monte Padrão _ Fase I.

Dimensões - Comp. 18 mm; Larg. 24 mm; Esp. 8 mm; Peso 4,4 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2003.



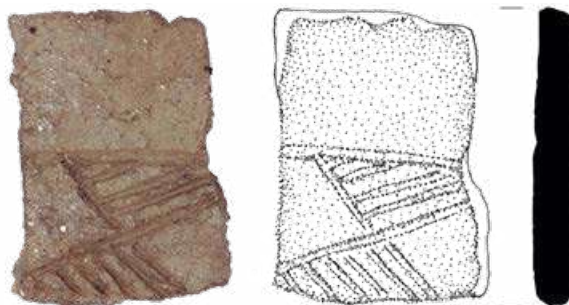
CIMP 18 | [Pad. 95 (H30.01), Ig. 3119] – Fragmento cerâmico decorado

Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada, decorado com motivos triangulares preenchidos por linhas incisas transversais. Modelação manual. Pasta bem depurada com cozedura uniforme. Elementos não plásticos compostos essencialmente por grãos de quartzo e mica de diferente calibre e distribuição pouco uniforme. Superfície de cor acinzentada (N70).

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I.

Dimensões – Comp. 40 mm; Larg. 30 mm; Esp. 5 mm; Peso 9,3 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 1995.



CIMP 19 | [Pad. 89 (M7.C1), Ig. 452] – Fragmento cerâmico decorado

Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada, decorado com motivos triangulares preenchidos por linhas incisas cruzadas. Modelação manual. Pasta bem depurada com cozedura uniforme. Superfície de cor castanho-acinzentada (P51).

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão _ Fase I.

Dimensões - Comp. 27 mm; Larg. 43 mm; Esp. 8 mm; Peso 10,1 gr; Desenho à escala 1:1.



CIMP 20 | [Pad. 85 (M2.176), Ig. 6254, 6255, 6260, 626] – Pote com asas laterais

Descrição – Fragmento de parede de pote de modelação manual com duas asas oponentes de desenvolvimento vertical do bojo ao bordo. Perfil troncocónico, levemente arqueado. Pasta pouco depurada com abundantes elementos de quartzo de diferente calibre e partículas de mica. Cozedura uniforme com pasta de cor castanho-acinzentada (N70/P70).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 1986, C1a1 ou C3a (Fase IA) / Monte Padrão _ Fase II-III

Dimensões – Alt. 122 mm; Larg. 132 mm; Esp. 10 mm; Peso 201, 8 gr; Desenho à escala 1:5.

Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. V, 2; MOREIRA 2014, 78, n.º 4.



CIMP 21 – [Pad. 85 (M2. 176), Ig. 6237, 6256, 6258, 6277] - *Pote de pança ovoide*

Descrição – Pote de duas asas de modelação manual. Perfil globular dotado de duas asas oponentes implantadas diretamente sobre o bordo. Asas de secção plano-convexa apoiadas no arranque do bojo. Pasta compacta de cozedura uniforme com abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo e mica de diferente calibre. Acabamento constituído por alisamento deficiente e irregular com abundantes vestígios de exposição ao fogo. Cor acastanhada (R70).

Classificação e cronologia - Tipo SILVA 1986, C3a (fase I) / Monte Padrão _ Fase II-III

Dimensões – Alt. 131 mm; Larg. 112 mm; Diâm. do bordo 106 mm; Esp. 9 mm; Desenho à escala 1:5.

Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. IV, 4; MOREIRA 2014, 78, n.º 4.

Obs. – Reconstituído



CIMP 22 – [Pad. 85 (M1. 205), Ig. 5028, 5085, 5086] – *Vaso de bordo reto com aba interna*

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de modelação manual com bordo de perfil troncocónico com aba interna. Parede vertical com lábio de secção retangular desprovido de decoração. Aba interna perpendicular à parede localizada a cerca de um centímetro do bordo. Pasta compacta com abundantes elementos não plásticos (quartzo e mica) de diferente granulometria. Cozedura uniforme. Superfície alisada de cor cinzenta com abundantes vestígios de fuligem (S73).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 1986, D1a (fase IA) / Monte Padrão _ Fase II-III

Dimensões – Alt. 46 mm; Larg. 105 mm; Esp. 12 mm; Diâm. 214 mm; Peso 84,2 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibli. – MARTINS 1985, 220, est. V, 1; MOREIRA 2014, 78-79.



Idade do Ferro

FASE IV 700 a.C. | 500 a.C./450 a.C. (Iª IF)

FASE V 500 a.C. | 450 a.C. | 200 a.C. (IIª IF / 1ª Fase)

FASE VI 200 a.C. | Tibério/Cláudio (IIª IF / 2ª Fase)

FASE IV

Considerando a evolução cultural castreja como um processo de longa duração, iniciado nos finais da Idade do Bronze, segundo as informações recolhidas em trabalhos recentes (SILVA; GOMES 1992; SILVA; RAPOSO; SILVA 1993), designadamente no Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha), castros de S. Julião e Barbudo (Vila Verde), Castelo de Matos (Baião), S. Juzenda (Mirandela), Castro de S. Romão (Seia), Monte Padrão (Santo Tirso), e também Monte Castelo (Matosinhos), entre outros, é já possível caracterizar sumariamente o *habitat* da Iª Idade do Ferro, correspondente à etapa da sua consolidação, que se relaciona com um desenvolvimento excecional da atividade metalúrgica.

Nos casos analisados verificou-se na fase anterior uma implantação *ex novo* dos povoados em pontos estratégicos situados segundo uma diversidade topográfica, com realce para posições em remates de esporões de altitude média, visando, primordialmente, o controlo das bacias fluviais e corredores naturais de circulação, em relação com as zonas de melhor aptidão agrícola e diversidade de recursos naturais, nomeadamente mineiros, como o estanho e o ouro, assim como o acesso a vias de penetração e comercialização, revelando um sistema económico de largo espectro, que, genericamente, se adequa à excelência das condições geográficas, como as que se observam no Monte Castelo e Monte Padrão, únicos povoados da bacia do Leça em que se conhece ocupação nesta fase (SILVA; MOREIRA 2010, 81-82).

No Castro do Padrão, apesar de se terem recolhido abundantes materiais em todas as intervenções realizadas na plataforma superior e vertente Este, não foi ainda identificada qualquer estrutura habitacional ou defensiva relacionada diretamente com este período. A dispersão e a quantidade dos materiais permitem admitir que a ocupação teria uma dimensão significativa, preenchendo integralmente a acrópole do castro.

FASE V

Segundo a sequência crono-estratigráfica identificada, onde são manifestos os vestígios de ocupação permanente nos níveis imediatamente superiores à camada correspondente ao núcleo da Fase IV, por meados do I milénio a.C. o povoado terá conhecido um particular desenvolvimento, tornando-se em mais um testemunho da evolução do *habitat* castrejo com afirmação de *facies* regionais. Este momento identifica-se através da cultura material

associada às primeiras estruturas habitacionais pétreas identificadas na face nordeste da plataforma superior, nomeadamente de construções habitacionais e outras estruturas que, eventualmente, corresponderão à primeira muralha do povoado (FIGURA 15) (MOREIRA 1991C; 2014, 71-72).

Este período define-se a partir do registo de influências centro europeias, post-hallstáticas, de origem meridional, assim como através do comércio púnico e grego, documentado pela existência de cerâmicas gregas, pré-campanienses.

O espólio arqueológico identificado é composto maioritariamente por cerâmica, instrumentos líticos e, numa expressão muito reduzida, objetos metálicos, exclusivamente de bronze. As cerâmicas de uso corrente e de armazenagem revelam ainda um forte arcaísmo técnico e formal (MOREIRA 2005a, 255-276). Predominam potes e púcaros de perfil em S, maioritariamente de fabrico manual⁴⁶. O reportório das formas é limitado e pouco especializado, sendo, no entanto, de assinalar o aparecimento de painéis com asas interiores cuja peculiaridade as distingue como uma das formas mais emblemáticas da cerâmica castreja, reconhecendo-se esta fase como de afirmação da sua originalidade, com assimilação de estímulos interiores, de teor celtizante, que, no caso, é patente na adoção de motivos decorativos estampados com representação de séries de SS, círculos concêntricos e triângulos aplicados em recipientes cerâmicos de modelação manual. O instrumental lítico é composto por seixos truncados, pesos de funções diversas e mós de naveta.

FASE VI

Tem início no segundo quartel do séc. II a.C. e enquadra-se nos primeiros contactos diretos entre romanos e indígenas, desenvolvendo-se até meados do séc. I da nossa Era. Os primeiros encontros verificam-se com a campanha de *Decimus Iunius Brutus*⁴⁷ e foram seguidos por outros episódios militares⁴⁸. É, geralmente, identificada como a fase de apogeu da *Cultura Castreja*, na qual se desenvolve um fenómeno de reorganização da estrutura do povoamento, com destaque para o surgimento de grandes povoados, recorrentemente designados por “lugares centrais”, aos quais corresponderia uma certa preponderância militar, económica e política no seu território de influência direta. As transformações que o registo arqueológico evidencia a partir do séc. I a.C., radicam em motivações de natureza diversa, que corporizam duas perspetivas de análise - a primeira valoriza a preponderância

46 As pastas, relativamente bem depuradas, apresentam elementos não plásticos bem calibrados, compostos por grãos de quartzo e, em menor quantidade, mica e feldspato. Em termos genéricos, o tratamento das superfícies exteriores revela um acentuado polimento, trazendo à superfície as lâminas de mica que conferem às peças um acentuado brilho e um efeito decorativo inovador, contrastando profundamente com o brunido intenso, de cor negra, brilhante, característico de algumas peças mais cuidadas do Bronze Final. As decorações, pouco frequentes, são constituídas por motivos incisos, organizados em bandas, compondo motivos geométricos padronizados.

47 Expedição efetuada no terceiro quartel do séc. II a.C., no contexto das guerras celtibéricas e lusitanas, à Galécia, especificamente em 137 a.C., data em que as tropas de *Decimus Iunius Brutus* atravessaram longitudinalmente o território entre os rios Douro e Minho, na qual se terá registado uma única batalha com os *Bracari* (Alain Tranoy considera que a batalha terá ocorrido em 9 de junho de 137 a.C., cuja data foi comemorada em Roma com a construção de um templo). Os registos desta incursão referenciam dois episódios, consagrados na História Antiga, que se relacionam, respetivamente, com a batalha travada contra os *Bracari*, de que são conhecidas referências de *Paulo Orósio*, de *Apiano* e, de forma mais indireta, de *Publio Ovidio Nason* e com o episódio da travessia do rio *Lethes*, mencionado, nomeadamente, por *Tito Lívio*, no papiro de *Oxirrinco*, por *Plutarco* e por *Floro* (MASIA; MESURA 1988, 145; 53-54; 49; 92; 94).

48 Este segundo momento é referente às expedições empreendidas por *Publio Crasso* realizadas entre 96 e 94 a.C., supostamente com propósitos económicos, uma vez que não existem registos concretos sobre qualquer atividade militar na região (TRANOY 1981, 130; MARTINS 1990, 166).

As incursões de *M. Perpenna*, lugar-tenente de Sertório, ocorridas em 74 a.C., no âmbito das guerras sertorianas, nas quais ocorre a tomada de *Cale*, que, segundo alguns autores, teve como consequência a sublevação da Galécia contra Roma, não terão deixado registos de nota na região (MARTINS 1990, 166).

exógena do fenómeno, nomeadamente a de natureza militar -, enquanto que a segunda, privilegia a raiz endógena do processo, relativamente autónomo da conquista romana, concretizado na sequência do adiantado nível de desenvolvimento civilizacional atingido pelas comunidades proto-históricas do Noroeste Peninsular.

Após as guerras cântabras⁴⁹, a partir da implementação do novo modelo administrativo da área que mais tarde viria a ser a província da Galécia, documenta-se uma gradual assimilação cultural, amplamente refletida no registo arqueológico.

A cultura material documentada neste período corresponde ao auge civilizacional da cultura castreja, evidenciando um significativo desenvolvimento económico e cultural. A cerâmica, praticamente limitada na fase anterior a recipientes de perfil em S, modestamente decorada com motivos incisos, amplia o seu reportório formal registando uma maior adequação à função, assim como significativos progressos técnicos no processo de fabrico. Generaliza-se a utilização do torno, as pastas são agora mais depuradas e melhor calibradas e os acabamentos mais elaborados. Surgem, pela primeira vez, tons claros, resultantes de cozeduras oxidantes, de cor bege, rosado e amarelo. As inovações enriquecem o reportório de formas documentando-se o aparecimento de talhas, panelas de “asa de orelha”, almofarizes, etc. As decorações, mais numerosas e complexas, frequentemente conjugam várias técnicas, sendo mais comuns os motivos impressos e as aplicações plásticas. No plano comercial verifica-se um forte incremento das importações, nomeadamente de ânforas e, no final do séc. I a.C., de vidros e cerâmicas de luxo, concretamente de *terra sigillata* de tipo itálico, sudgálico e, mais tarde, de produções hispânicas. O instrumental lítico utilitário reduz-se, sendo, no entanto, de salientar a generalização da utilização da mó circular. Os metais conhecem nesta fase uma ampla difusão e registam importantes melhorias no seu processo de fabrico (MARTINS 1990, 164-165). Apesar do acervo metálico identificado no castro ser relativamente pobre, merece destaque a significativa abundância de vestígios relacionados com a atividade metalúrgica.

Nesta última etapa de ocupação da Idade do Ferro, o enqua-

49 Durante cerca de cinco anos, de 29 a 24 a.C., desenvolvem-se as campanhas militares contra Cântabros e Astures com a participação direta de Augusto, mantendo-se, no entanto, uma apertada vigilância no noroeste que regista revoltas permanentes, até 19 a.C., momento em que Agripa reprime uma revolta dos Cântabros, a partir da qual se considera concluída a conquista bélica da Hispânia e, consequentemente, se regista uma maior abertura à influência romana, nomeadamente, das regiões mais meridionais da *Callaecia*. As repercussões das movimentações bélicas ao longo deste período (138/136 a.C.-19 a.C.), têm proporcionado elementos de natureza crono-estratigráfica que têm vindo a ser valorizados de distintas formas, que, em última análise, refletem diferentes perspetivas de interpretação do processo de romanização, consoante o peso atribuído à maior ou menor influência militar e/ou económica proporcionada pelas ocorrências militares (MOREIRA 2010, 84).



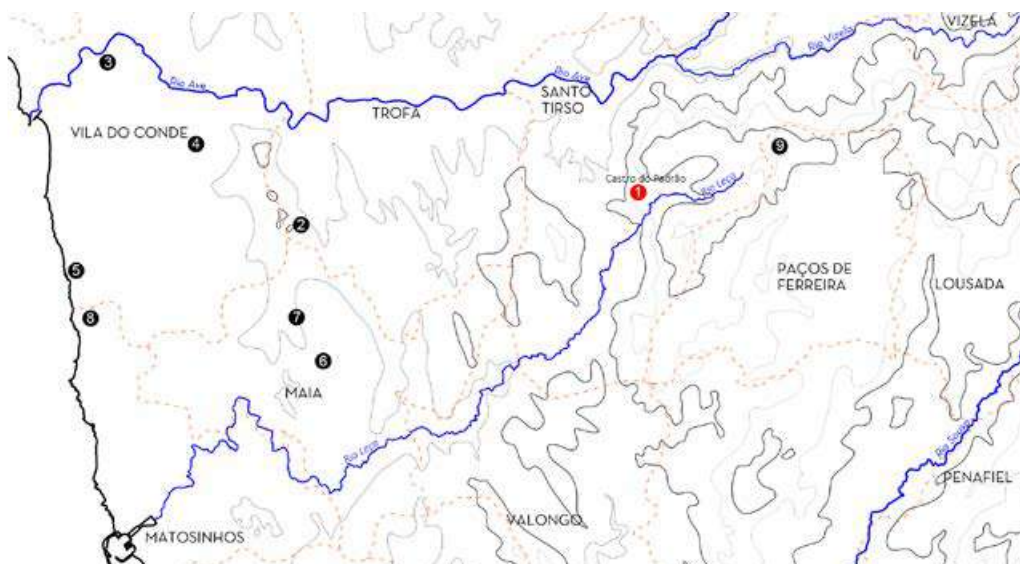
15.
Planta da escavação da plataforma superior (1991).

dramento do Monte Padrão, Santo Tirso (1) far-se-ia no âmbito do povoamento entre os rios Leça e Ave, onde se identificam os seguintes assentamentos: Alvarelhos, Trofa (2), Retorta, Vila do Conde (3), Castro Boi, Vairão, Vila do Conde (4), S. Paio, Labruge, Vila do Conde (5), Santa Cruz, Gemunde, Maia (6), Castro de Santo Ovídio, Santa Marta de Avioso (7), Monte Castro, Lavra, Matosinhos (8) e Sanfins, Paços de Ferreira (9)⁵⁰ (FIGURA 14).

O Monte Padrão, ainda que presumivelmente não tenha assumido um estatuto de capitalidade, regista nesta fase o seu apogeu enquanto povoado castrejo, ao qual correspondem a maior parte das estruturas habitacionais identificadas na acrópole, as principais estruturas defensivas, que foram alvo de significativos trabalhos de ampliação neste período, assim como o balneário identificado na face sudeste do povoado (FIGURA 16). No interior do recinto formado pela primeira muralha foram intervencionadas oito estruturas de carácter habitacional, identificando-se duas fases construtivas, estrutural e cronologicamente diferenciadas.

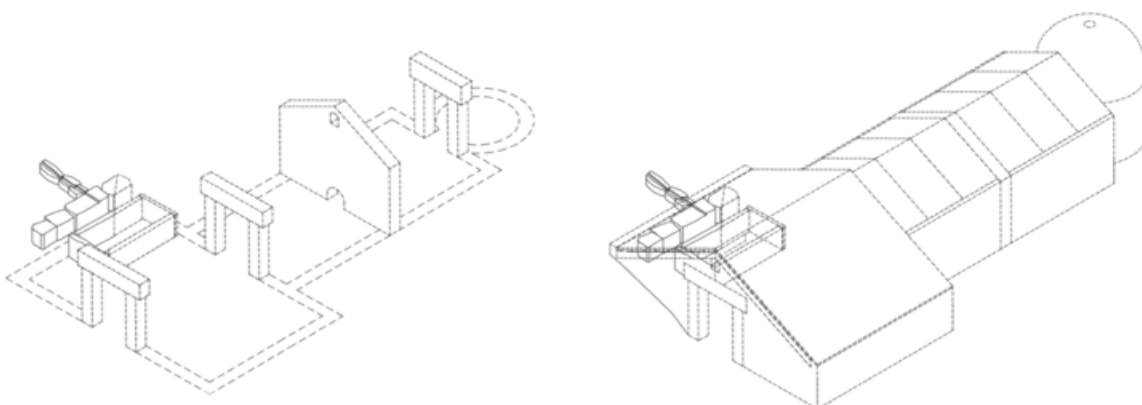
14.

Ocupação da Idade do Ferro entre Leça e Ave.



16.

Balneário castrejo. Plataforma intermédia da vertente sudeste.



⁵⁰ Existem, ainda, outras referências menos seguras a sítios com possível ocupação da Idade do Ferro, como são os casos de: Suvidade, Santiago de Bougado, Trofa; Pampelido Velho, Matosinhos; Freixieiro e Quinta da Conceição, Matosinhos.



17. Enquadramento do povoamento da Idade do Ferro na envolvente do castro.

Neste momento, o contexto sociopolítico do povoado desenvolver-se-ia no âmbito do território atribuído à unidade gentílica dos *Fidueneae*, sediada na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, cujos limites se definem a oeste pela linha de cumeeira da Serra da Agrela⁵¹, marginando com o término oriental de um outro território, cujo “lugar central” se identifica com o Castro de Alvarelhos, ocupado pela entidade gentílica dos *Madequisenses*, o rio Ave a norte e o rio Leça a sul⁵². Nesta área regista-se uma intensa ocupação na periferia da Citânia de Sanfins balizada entre o rio Vizela a Norte, o rio Sousa a sudeste e a vertente que define

51 Na área norte do território encontra-se o Castro de Santa Margarida, S. Tomé de Negrelos, Santo Tirso. Monumento classificado como imóvel de Interesse Público (Dec. n.º 29 / 90, DR 163 de 17 de julho de 1990). Está implantado num pequeno promontório da face norte do maciço montanhoso conhecido por Serra de Monte Córdova (VIEIRA 1887, 322; PIMENTEL 1902, 342; PINHEIRO 1957, 23-25, nota 2; SILVA 1980, 79; 1986, 83, n.º 345; 2007, 134, n.º 423; QUEIROGA 1992, 314; TEIXEIRA 1999, 31; MOREIRA 2004a, 55-68; 2014, 85-88).

O Castro da Torre Alta, Areias, Santo Tirso encontra-se implantado sobre um pequeno promontório sobranceiro ao rio Ave, na sua margem direita. A topografia da plataforma superior está hoje profundamente alterada e parcialmente ocupada por uma capela (PIMENTEL 1902, 64; LIMA 1956, 222-223; SANTARÉM 1956d, 20; SILVA 1986, 83, n.º 337; 2007, 134, n.º 419; CORREIA 1989, 36-38; DINIS 1993, 59-60; MOREIRA 2004, 27; 2007, 41; 2010, 292; 2014, 58-69).

52 Entre outros, na face norte, fariam parte do seu território os seguintes povoados: Castro de S. Paio, Labruge, Vila do Conde - localiza-se num promontório sobranceiro ao mar. De reduzidas dimensões, assenta directamente num maciço rochoso desenvolvendo uma plataforma superior de planta circular, razoavelmente aplanada. As suas características naturais de defesa são relativamente modestas, exceptuando as que o mar lhe confere na sua parte oeste (LANHAS; BRANDÃO 1969, 302, 328-336; SILVA 1986, 83, n.º 334; QUEIROGA 1992, 169, n.º 252; ALMEIDA 1992, s/p; DINIS 1993, 101; MOREIRA 2010, 321); Castro da Retorta, Vila do Conde - está implantado sobre um pequeno promontório sobranceiro ao rio Ave, cuja topografia lhe confere condições naturais defensivas excepcionais, particularmente na face voltada ao rio onde possui uma escarpa bastante acentuada. A sua planta tem uma configuração ovalada, com o seu maior eixo no sentido noroeste/sudeste (SARMENTO 1883-1884; 1993, 165; SEVERO; CARDOSO 1899-1903, 179-180; FREITAS 1949, 20-27; ALARCÃO; ALARCÃO 1963, 197-199; ALMEIDA 1969, 33; SILVA 1986, 83, n.º 325; QUEIROGA 1992, 170, n.º 253; ALMEIDA, 1992, s/p; DINIS 1993, 93-94, MOREIRA 1997, 29-30, est. XIV-XV, n.º 70-73; 2010, 324-325).

Esta interpretação baseia-se numa relação de proximidade geográfica, no pressuposto de existência de uma hierarquia regional do povoamento e, fundamentalmente, em aspetos de caráter sociocultural expressos no domínio religioso, designadamente através do culto de divindades tutelares próprias, fenómeno a partir do qual se tem vindo a identificar os territórios dos *castella*, admitindo uma autonomia relativa destes em relação aos *populi* (FIGURA 18). Neste caso, documentado nas epígrafes dedicadas a *Turiaco* provenientes de Paços de Ferreira e Santo Tirso. A sua interpretação admite a evocação de uma forma especial de protecção divina relacionada com as actividades produtivas, a prosperidade e a fecundidade que, a par de *Júpiter* e *Cosunea*, divindades amplamente documentadas na região, formariam uma tríade de divindades superiores, identificadas, respetivamente, com a sabedoria, a força e a fecundidade, refletindo uma estruturação trifuncional segundo o esquema duméziliano (SILVA 2007, 73).

18.

ESTUDO DE MATERIAIS

FASE IV / V / VI

Cerâmica decorada

A decoração da cerâmica indígena constitui uma importante referência iconográfica da cultura castreja, que, ao longo da sua existência, incorporou influências de diferentes horizontes cronológicos e culturais, refletindo uma forte identidade, apesar da evidência de particularidades regionais de cariz étnico, confirmados pela distribuição circunscrita de alguns motivos, como sucede com a região dos Brácaros, onde se observa uma forte homogeneidade técnico-morfológica e decorativa. Nesta área geográfica regista-se uma certa padronização dos motivos, nomeadamente o gosto pela simetria e composições geométricas, apesar de uma notória adaptação esquemática por parte de cada comunidade, nomeadamente ao nível de associações de motivos e disposições decorativas, expressando, de certo modo, uma vincada identidade cultural local e regional⁵³. A tipicidade e normalização de determinados elementos decorativos, afins de outras expressões plásticas, designadamente dos baixos-relevos que integram arquiteturas significativas, têm como referente um quadro de religiosidade em consonância com os elementos vitais da tradição indo-europeia, nomeadamente o fogo, o ar e a água em correspondência com círculos, SS e linhas ondulantes, em que alguns autores encontram refletida a estruturação trifuncional (SILVA 2007, 73).

Os exemplares aqui ilustrados reportam-se à Fase V e VI do Monte Padrão. Relativamente à primeira, n.º **24-25, 28, 31**, corresponde a um momento em que se assiste a importantes inovações tecnológicas de origem meridional, acompanhadas no campo decorativo, por influências de proveniência continental associados à técnica da estampagem, verificando-se a generalização de motivos compostos por SS, círculos concêntricos e triângulos com besantes. A Fase VI, n.º **23, 26-27, 29-30**, também regista importantes progressos ao nível técnico, nomeadamente nas condições de cozedura, agora predominantemente realizadas em atmosferas oxidantes, na constituição das pastas e aplicações de engobes, assim como no âmbito decorativo, refletindo um nível de maior complexidade dos temas onde predomina a técnica de incisão e estampagem. As composições, maioritariamente geométricas, integram motivos de linhas incisais, em espinha e curvilíneas, conjugadas ou não com estampagem de motivos circulares, concêntricos, em SS, além de matrizes de pontilhado.

Panelas de asa interior

O reportório das produções cerâmicas em que se enquadra o morfotipo – *panela de asa interior* – é relativamente escasso e pouco especializado, sendo, no entanto, de assinalar a peculiaridade morfológica desta forma, que a evidencia como uma das produções mais característica e icónica da cerâmica castreja, colocando em relevo este período como

53 A abundância de motivos decorativos registada nalguns povoados, designadamente no Monte Padrão, em contraste com outros castros onde a gramática decorativa é mais limitada, levanta questões quanto à sua origem. Jorge Alarcão equaciona a possibilidade da razão de ser desta discrepância a partir dos contextos sociais de origem – (...) *Se, por um lado, a produção da cerâmica era uma tarefa feminina, a reduzida variedade de motivos em cada castro traduz a coesão social do povoado e a existência de uma regra de uxorialidade. Tensões sociais no interior de um castro exprimir-se-iam simbolicamente pela criação de motivos diferentes, como forma de sublinhar divergências familiares ou de linhagens. No caso de virilocalidade, isto é, se os homens permaneciam nos povoados de origem e as mulheres tomavam a residência dos maridos, encontrar-se-iam num castro mulheres de múltiplas proveniências; e como cada uma traria os motivos aprendidos com a mãe, deveria em cada castro encontrar-se uma variedade considerável de motivos. (...)* (ALARCAO 1992, 55-56). Em função desta perspetiva de análise poder-se-ia depreender que no Monte Padrão, onde se regista um amplo reportório de temáticas decorativas nas diferentes fases, existiu uma virilocalidade de ampla diacronia e características.

momento de afirmação da sua originalidade, com assimilação de estímulos continentais, de teor celtizante, relacionadas com os “Campos de Urnas”, assim como de procedência meridional conotadas com o comércio púnico e as movimentações dos povos do sul da península, designadamente os túrdulos.

Do ponto de vista formal a “panela de asa interior” propõe um uso estritamente vinculado à confeção de alimentos, sugerido não só pela presença de quatro asas para suspensão sobre o fogo, como pela presença sistemática de fuligem em praticamente todos os recipientes identificados. Constitui uma forma aberta e caracteriza-se pela existência de asas internas em forma de arco e secção circular, de desenvolvimento horizontal ou levemente soerguida, geralmente implantadas no terço superior da parede, paralelas ao bordo. De perfil acentuadamente troncocónico apresenta fundos diferenciados que podem ser planos, ou levemente convexos. Os bordos, sempre espessados em relação à parede, revelam secções grossas dotadas de lábios moderadamente introvertidos que, no caso dos exemplares mais tardios, podem ser facetados. O diâmetro do bordo oscila entre 400 e 600 mm, variando proporcionalmente a sua altura. Constituem uma ocorrência frequente a partir de meados do I milénio a.C., tornando-se a sua presença progressivamente mais significativa na última fase da cultura castreja.

Constituem uma ocorrência frequente no Monte Padrão (MOREIRA 2007, 62; 2016, 52, n.º 64). O exemplar ilustrado, n.º **32**, corresponde ao tipo Martins 6 e Silva D2B2, integrando a Fase VI do Padrão (IIª Idade do Ferro /2ª Fase).

Potes de pequena dimensão

Os recipientes culinários identificados como potes integram um vasto conjunto de vasos de função similar, designadamente púcaros e panelas, que apresentam como característica morfológica comum possuírem um perfil em S e fundo plano. Tipologicamente agrupam-se em função da ausência ou do número de asas. Os potes de pequena dimensão ilustrados integram uma única forma que se distingue pela ausência de asas, colo curto e estrangulado, de desenvolvimento vertical rematado por lábio levemente espessado e pontiagudo. O reservatório é baixo e o fundo plano de assentamento pleno. A decoração impressa, presente nos três exemplares, n.º **33, 34 e 44**, inscreve-se ao nível do arranque do colo e apresenta uma padronização nas soluções organizativas formando um friso no qual se inscrevem diferentes elementos - motivos lanceolados no exemplar n.º **33**, uma grinalda formada por crescentes encadeados no n.º **34** e duas linhas paralelas de pontos incisos intercalados por motivos aplicados em relevo de formato trapezoidal no exemplar n.º **44**.

Em todos os exemplares os vestígios de exposição ao fogo são claros, permitindo as suas características morfológicas admitir que se destinariam não à confeção de alimentos, mas à contenção e preparação de infusões ou outro tipo de bebidas. O contexto estratigráfico e as particularidades morfológicas e decorativas remetem para um enquadramento cronológico na Fase V do Monte Padrão.⁵⁴

Panelas de “asa de orelha”

As panelas de “asa de orelha” constituem uma forma evolucionada de vasos de suspensão

⁵⁴ Entre outros são conhecidos paralelos cronologicamente consistentes provenientes do Coto da Pena, Caminha (SILVA 2007, 219, 602, est. XLV, 3).

sobre o fogo desenvolvidos a partir de formas datadas do Bronze Final (SILVA 2007, 195-196), cuja presença generalizada em contextos da última fase da Idade do Ferro, em associação às “painéis de asa interior”, tachos de parede arqueada e potes de perfil em S, permite complementar a informação sobre os hábitos alimentares e as práticas culinárias das povoações castrejas. Destinar-se-iam a ser suspensas sobre a lareira como atestam os vestígios de fuligem sempre presentes, assim como o desgaste da face interna das asas, em conformidade com práticas documentadas a partir do estudo da estrutura das lareiras.

Constitui uma forma que se distingue pela sua peculiar solução de suspensão composta por duas asas perfuradas contrapostas, cujo perfil desenha uma elipse (em forma de orelha) sobrelevada em relação à linha do bordo. O bojo apresenta um recorte ovoide com ligeiro estrangulamento para o bordo que pode ser vertical ou levemente esvasado com lábio arredondado. De acordo com a sua função, raramente apresenta decoração, que, quando excecionalmente existe, consiste apenas em caneluras simples a marcar a separação entre o bojo e o bordo.

É uma forma de expressão suprarregional, vulgarizada em contextos estratigráficos datados a partir de meados do séc. I a.C. O exemplar representado, n.º 35, integra a Fase VI do Monte Padrão (IIª IF/ 2ª Fase), e à semelhança de outros exemplares já publicados (MOREIRA 2016, 51, n.º 63), revela uma cronologia consistente com a generalidade das ocorrências do contexto regional.

Evidências da metalurgia do bronze – Escórias

Os vestígios diretos da atividade metalúrgica do bronze são apenas compostos por moldes em pedra⁵⁵, lingotes, pingos de fundição e nódulos de metal purificado para produção de novos objetos, n.º 36, em consonância com as referências conhecidas no mundo castrejo onde o registo direto da atividade é particularmente escassa, nomeadamente de fornos, em contraste com a quantidade de instrumentos conhecidos - moldes (em pedra e cerâmica), cadinhos de fundição, lingoteiras, rilheiras de pedra, entre outros.

O estudo individualizado dos objetos de bronze, considerando como fator distintivo a sua função, permitiu-nos identificar os diferentes tipos de uso, a sua preponderância em relação a outro tipo de ligas ou metais, como, por exemplo, o ferro, presente por testemunhos diretos na generalidade das atividades domésticas e militares, continuando, no entanto, o bronze a gozar de preferência, sobretudo em peças ornamentais, como as fíbulas, capacetes, armamento, jóias cerimoniais, mas também, em objetos de natureza ritual como os carros votivos, sítulas, foices e facas (SILVA 2007, 247).

Vestígios da metalurgia do ferro – Escórias

Apesar de relativamente poucos os vestígios de instalações que se refiram diretamente à metalurgia do ferro, como sejam fornos ou forjas, que deveriam seguir os processos siderúrgicos conhecidos, são raros os povoados em que não se registre a abundante ocorrência de escórias, atestando indiretamente a generalização da atividade, assim como uma estendida especialização profissional, sobretudo se valorizarmos o intenso trabalho de construção de habitações, muralhas e outros edifícios mais complexos como os balneários, que

55 Fragmento de molde em arenito. Formato sub-retangular com depressão de recorte longitudinal e secção trapezoidal [Pad. 89 M2 (20), 1555 / Fase I – III] (MOREIRA 2016, 39, n.º 7).

necessitariam de objetos adequados para a extração e talhe da pedra, como sejam martelos, cinzéis e picos. Da mesma forma, o trabalho da madeira, que se especula como uma atividade de primordial importância, necessitaria de instrumentos especializados como machados, compassos, trados e lâminas diversas.

No Monte Padrão, apesar da recolha sistemática de escórias e objetos de ferro, não foram até ao momento detetadas estruturas ou ferramentas diretamente relacionadas com a atividade metalúrgica. Os materiais ilustrados, n.º 37, reportam-se aos desperdícios da atividade siderúrgica⁵⁶ e metalúrgica sendo compostos por escórias, cuja ampla dispersão pelo povoado sugere uma eventual utilização secundária ainda não diretamente documentada.

Recipientes de armazenagem – Cântaros

Incluímos na categoria de recipientes de armazenagem (potes de média dimensão) um conjunto de vasos a que se poderão atribuir diversas funções, designadamente as relacionadas com o transporte/armazenamento de água, que, genericamente, assumem a designação de *cântaros*, não evidenciando, salvo em situações deposicionais particulares, sinais de exposição ao fogo. Morfologicamente, caracterizam-se por possuírem um perfil em S de desenvolvimento longitudinal e fundo plano, como é comum nesta fase. O colo é curto, estrangulado, e o bordo levemente esvasado, podendo apresentar, ou não, asas aplicadas. As pastas são geralmente muito equilibradas, possuindo como elementos não plásticos essencialmente mica que aflora à superfície, conferindo aos vasos um tom brilhante em contraste com os tons rosados, avermelhados e castanhos que predominam na produção, cujo fabrico revela uma cozedura em atmosfera oxidante. A decoração, por norma inscrita no nível superior do bojo, compõe um friso, demarcado ou não por uma canelura, que integra vários motivos incisos, ora estampados (SS, pontos, círculos, etc.) ora, composições de triângulos formados por linhas incisas, sublinhados por pontos ou motivos lanceolados. Os dois exemplares ilustrados, n.º 38 e 39, integram a Fase VI e constituem bons exemplos deste tipo de produção cuidada que marca o conjunto de fabricos de melhor qualidade da fase final da cultura castreja, amplamente documentada na generalidade dos castros.⁵⁷

Utensílios de armazenagem – doliae

Os grandes recipientes de armazenagem, vulgarmente designados por talhas, ou na expressão latina, *doliae*, destinados ao transporte e acondicionamento de produtos alimentares, sólidos ou líquidos, constituem uma ocorrência recorrente em horizontes cronológicos da última fase da IIª Idade do Ferro, constituindo um dos contentores mais numerosos do espólio castrejo. Configuram reservatórios de grande porte, dotados de paredes espessas, desprovidos de asas, com bojo ovoide e fundo plano. O colo é curto e estrangulado com bordo formado por uma aba que pode ser horizontal, oblíqua ou levemente envasada, rematada por lábio mais espesso que a parede que apresenta perfis diferenciados. No interior, a

56 Na natureza, o ferro (hematite, magnetite), como os outros metais é encontrado num estado impuro, por vezes oxidado e misturado com silicatos de outros metais. Durante a fundição, quando o minério é exposto a temperaturas elevadas, estas impurezas são separadas do metal fundido e são removidas. A massa formada por esses compostos constitui a escória. O conjunto de escórias recolhidas no Castro de Alvarelhos, Trofa, cuja composição tivemos oportunidade de analisar através de espectrometria de raio X revelaram percentagens de Fe entre 93 e 99%, evidenciando que este tipo de resíduo resulta diretamente da atividade siderúrgica (MOREIRA 2010, 995).

57 Veja-se, entre outros exemplares, os vasos provenientes de Terroso, Póvoa de Varzim (GOMES; CARNEIRO 2005, 142-143).

marcar a divisória entre o bordo e o colo, por norma, existe um ressalto interno que permite o assentamento do testo.

Geralmente, revelam um elevado estado de fragmentação devido à sua grande dimensão e às condições deposicionais, habitualmente formadas por ambientes domésticos. A sua taxonomia e ordenamento tipológico tem vindo a ser efetuado a partir da configuração dos bordos, a partir dos quais alguns autores propõem uma evolução cronológica.

Os três exemplares ilustrados, n.º **40-42**, integram as produções características da fase final da cultura castreja, maioritariamente provenientes de atmosferas oxidantes, apresentam tons rosados e castanhos, incorporando abundantes elementos não plásticos constituídos por mica em quantidades significativas que afloram à superfície com clara função decorativa. Tratando-se na maior parte dos casos de formas lisas, a padronização dos perfis revela uma certa standardização da forma. Em consonância com este aspeto morfológico é frequente a presença no interior das abas de marcas de oleiro gravadas na pasta ainda fresca, indiciando a existência de oficinas com um certo grau de especialização e organização da sua produção.

No caso das três marcas de oleiro apresentadas, cronologicamente enquadráveis na Fase VI do Monte Padrão, são reconhecidos paralelos provenientes da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira e da Citânia de Briteiros, Guimarães, reforçando a ideia da eventual existência de redes de comércio regional.

Taças

As taças para beber encontram-se entre as formas mais amplamente documentadas, cujo morfotipo de origem recua ao Bronze Final reconhecendo-se na taça tipo Baiões o seu protótipo (SILVA 2007, 192). Identifica-se na maior parte dos casos desprovida de sinais de exposição ao fogo.

Trata-se de uma forma aberta, relativamente pequena, de perfil em S, bordos divergentes e lábios arredondados. Apresenta-se com ou sem asas e o fundo é plano de assentamento pleno. A decoração, quando existente, encontra-se implantada na face superior do bojo e pode consistir apenas numa canelura ou conjugar um friso de motivos estampilhados. Embora registe alguma variação morfológica relativamente à abertura do bordo, ao perfil das asas e dimensão do bojo, a sua capacidade média é cerca de meio litro (SILVA 1997, 50).

As pastas em que foram produzidas apresentam as características genéricas da cerâmica castreja integrando os exemplares mais recuados o grupo de pastas de estrutura laminar, muito depuradas e com abundante mica de pequeno calibre, geralmente escuras a evidenciar cozeduras num ambiente pouco oxigenado, como se documenta na Fase V/VI do Monte Padrão (MOREIRA 2016, 51, n.º 62), ao invés dos exemplares da fase seguinte que evidenciam pastas mais claras, bem depuradas, geralmente procedentes de cozeduras em ambientes oxidantes. A parcimónia decorativa mantém-se, evidenciando apenas a presença de caneluras e estriais ou, de forma menos significativa, pequenos frisos de motivos estampilhados (SS, círculos concêntricos, triângulos, etc.).

Consiste numa forma muito característica e amplamente documentada, podendo considerar-se muito abundante na última fase da cultura castreja⁵⁸. Num momento avançado

58 Para uma ampla referência de procedências veja-se SILVA 1997, 52-53 e SILVA 2007, 192.

da sua produção ter-se-á verificado a evolução da forma para soluções mais elaboradas, nomeadamente com a aplicação de um pé e a adoção de apenas uma asa, acompanhadas por acabamentos mais cuidados, como ilustra o exemplar proveniente do Padrão que revela um recorte estilizado e um intenso polimento (MOREIRA 2016, 53, n.º 68). As taças que apresentamos, n.º **43 e 45**, documentam as variantes de asa dupla e de ausência de asas. Ambas apresentam a canelura característica de separação do bojo e o arranque do colo. Integram a Fase VI, período em que se encontram amplamente disseminadas (SANTARÉM 1955, EST. XIV).

Cossoiros

Os cossoiros (*verticilli*) são pequenos discos com perfuração central, cuja funcionalidade se relaciona com a atividade têxtil, concretamente com a fiação. São objetos que registam uma ampla difusão geográfica e um largo espectro cronológico, não podendo ser considerados específicos de uma determinada época ou cultura. O cossoiro, também vulgarmente designado por fusaiola, destinava-se a ser colocado na face inferior do fuso, ao qual conferia o equilíbrio necessário, servindo de volante e de lastro durante o movimento giratório, garantindo uma rotação uniforme, assim como uma maior verticalidade. Pelo seu formato circular ofereciam pouca resistência ao ar, assegurando, através da força de gravidade que passa pelo seu centro, um aumento do estiramento e tensão das fibras que se juntam e enrolam sobre si mesmas durante o processo de fiação, atribuindo uma maior resistência e uniformidade de espessura à linha. O repertório tipológico é relativamente elevado, sendo admissível uma correspondência cronológica com o evoluir das formas mais simples para as mais elaboradas, à qual se associa também a gramática decorativa. A diferença de peso e dimensão tem vindo a ser valorizada por alguns autores, relacionando-os com a adequação para a fiação de determinado tipo de fibras específicas, em função da sua dureza, consistência e elasticidade. Os cossoiros adquirem formas muito variadas podendo encontrar-se exemplares de formato discoidal, troncocónico, cónico, bicónico, plano-convexo, esférico e cilíndrico. O suporte em que eram elaborados é também muito diversificado sendo frequentes os exemplares em cerâmica, metal, osso, vidro e em diferentes tipos de pedra, dependendo da qualidade e material em que o próprio fuso fosse feito. Estes, ao longo dos tempos, foram também elaborados em vários tipos de suporte. Entre os de maior qualidade encontram-se os de bronze e de madeiras nobres (MOREIRA 2010, 1011-1012). Para efeito de classificação, entre as diferentes propostas tipológicas conhecidas⁵⁹, optamos pela tipologia construída por Manuel Vidal y Lopéz, cujos critérios valorizam a forma e o suporte, à qual introduzimos ligeiras alterações em função do acervo recolhido no Castro do Padrão.

Os doze exemplares reunidos, n.º **46-57**, reportam-se à ocupação da Idade do Ferro correspondendo aos dois tipos de suporte mais comum – cerâmicos (10 ex.) e líticos (2 ex.), sendo que dos primeiros, sete pertencem ao Grupo 1 (discóidais), dois ao Grupo 3 (cónicos) e um ao Grupo 3A (troncocónicos). Dentro do apartado dos cossoiros cerâmicos assinalam-se dois

59 Salette Ponte, para efeito de classificação, define cinco tipos – bulbosos, discóidais, cónicos, bicónicos e troncocónicos –, considerando para o tipo bicónico três subtipos; de cones iguais, de cones desiguais e de cones de transição para bulbosos (PONTE 1978, 137). Por seu turno, Maria de Fátima Matos Silva identifica cinco tipos com vários subtipos – Bulbosos (achatados e esféricos), Discóidais, Cónicos (cónicos e de transição para bicónico); Bicónicos (cones iguais, cones desiguais, cones de transição para bulbosos); Troncocónicos (SILVA 1989, 112, Quadro tipológico). Por último, Armando Coelho, baseado nos materiais recolhidos na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, e Castro de Romariz, Vila da Feira, constituído por um conjunto de sessenta e nove exemplares, considera oito formas (A-H), datados da Fase IIA, IIB e IIC, nos quais apenas distingue duas variantes em função da existência de uma cavidade na face superior (SILVA 1986, 137, est. LXXXI-LXXXII).

exemplares elaborados a partir do reaproveitamento de fragmentos cerâmicos, n.º 55-56, e um exemplar decorado, n.º 57, cujo motivo é composto por círculos de pontos puncionados na face lateral. Os cossoiros elaborados em xisto pertencem ao Grupo 1 (discóidais). À ampla variedade morfológica corresponde uma forte disparidade de pesos que oscilam entre 4,8 gr e 13 gr, sugerindo um certo nível de especificidade técnico-funcional.

Do ponto de vista da sua referência crono-estratigráfica todos os exemplares se integram na Fase VI.

Contas

As contas de vidro são pequenos objetos cuja função, desde a sua invenção na antiguidade pré-clássica, se relaciona com o adorno pessoal e, certamente, terão constituído um elemento de primordial importância na construção da identidade pessoal, enquanto elemento diferenciador do estatuto e posicionamento social dos indivíduos.

As propriedades decorativas do vidro levaram a que fosse amplamente utilizado na joalheria como substituto de pedras preciosas relativamente às quais oferecia uma grande vantagem económica, na medida em que podiam ser produzidas a baixo custo, não estando sujeitas às contingências da extração natural. A par do valor económico, o vidro no mundo antigo possuía uma aura de elemento dotado de poderes mágico-religiosos, sobretudo as contas oculadas e os pendentis-amuleto aos quais se atribuíam qualidades apotropaicas, especialmente usados contra o mau-olhado.

A referência de proveniência das contas vítreas peninsulares mais antigas identifica-se no Egipto, concretamente na XXII dinastia, onde, para além do vidro, se realizaram noutros suportes. Chegam à península por volta do séc. VII/VI a.C. estando documentadas nas necrópoles de Málaga de Trayamar y Jardín (MARTÍNEZ 2005, 316). As contas de cronologia mais recuada provenientes da necrópole de Ampúrias (Gerona) foram datadas do séc. VI a.C. Surgem na Meseta, Levante e Ibiza com uma referência cronológica genericamente definida em torno do séc. III a.C. (RUIZ 1996, 65).

As contas em vidro anteriores à romanização efetiva do Noroeste Peninsular, tal como, de um modo geral, as joias, não são indicadores cronológicos particularmente fiáveis. O seu reduzido tamanho, valor e resistência ao tempo e às modas, fez com que facilmente viajassem longas distâncias e perdurassem no tempo.

No noroeste identificam-se três grandes momentos na importação: o primeiro no Bronze Final, concretamente na transição entre milénios; o segundo, a partir do séc. VI/V a. C. até meados do séc. II a.C., caracterizado pelas produções de cunho púnico que integram a generalidade das contas com motivos oculados⁶⁰ e outras produções específicas; o terceiro momento, que se enquadra entre os finais do séc. II a.C. e séc. I d.C., já marcado pelo processo de ocupação romana do território, no qual se verifica a introdução de novos tipos (vidro amarelo opaco, contas anulares azuis, contas de vidro com ouro, etc.), sinalizando o facto do comércio da região ter registado uma forte influência do sul da península até finais do séc. I a.C., momento a partir do qual se verificam as reformas augusteas (GOMES 2012, 129-130), passando, a partir daí, a integrar o circuito comercial interprovincial.

Entre as contas pré-romanas simples incluem-se as contas anulares, e sub-esféricas

60 Sinalizamos a presença deste tipo de contas no Monte Padrão no âmbito de uma representação significativa no Norte de Portugal em contextos crono-estratigráficos similares (MOREIRA 2007, 101; 2016, 49, n.º 54).

(cupiformes curtas, esferoides oblatas e cilíndricas curtas), constituindo ocorrências comuns nos castros do noroeste desde o início do séc. II a.C., raditando a sua utilização generalizada em antecedentes remotos de colares articulados com contas de tipologia e matéria diversas, de origem animal e mineral. Ilustramos cinco exemplares, n.º 58-62, produzidas em vidro azul-marinho que, genericamente, enquadram a Fase VI, reportando-se aos tipos mais vulgares (subcilíndricas e anulares), cujos exemplares integram um reportório particularmente amplo já divulgado (SANTARÉM 1955, EST. XI, 116, 119; MOREIRA 2007, 100, n.º 198, 203-209; 2016, 50, n.º 56-58).

Fíbulas

As fíbulas são objetos de adorno pessoal utilizados na indumentária como alfinetes para suspender e fixar duas partes de um tecido. A sua presença é frequente no âmbito da cultura castreja, sendo os exemplares mais elaborados um sinal do estatuto e riqueza do proprietário.

As fíbulas anulares pré-romanas constituem adereços quase intemporais, identificando-se a sua utilização mais antiga no séc. IV a.C. prolongando-se o seu uso até aos nossos dias (FOWLER 1960, 158). Esta longa duração deve-se, fundamentalmente, à sua simplicidade, eficácia e resistência. Comportam dois elementos fundamentais – um aro aberto de secção variável (circular, quadrada, losângica, retangular ou tubular), terminando os seus extremos em diferentes formatos – sem terminais (Tipo PONTE A50 /1ª |2ª) ou com terminais em ómega [Ω] (sem remates, remates em campânula, fitiformes, cilíndricos, zoocéfalos, em voluta, contracurvados, em botão, etc.), pormenores que permitiram a vários autores estruturar uma tipologia com variações cronológicas evolutivas.

O espécime em análise, n.º 63, integra um conjunto relativamente extenso de exemplares conhecidos no Norte de Portugal em contextos datados do séc. IV a.C. a meados do séc. II a.C. (SILVA 2007, 276). Identifica-se na sua confeção um especial cuidado no fabrico, com trabalho decorativo por adelgaçamento, facetamento e estiramento. Apesar de desprovida de fusilhão, este, provavelmente, seria constituído por um alfinete espalmado de secção irregular e, posteriormente, enrolado em fita em torno do aro.

De acordo com Salette Ponte, este tipo de fíbula anular, de aro aberto, sem terminais virados para o exterior (PONTE A50 / 1ª-2ª) teve o seu período de difusão entre os finais do séc. IV/III a.C. e o séc. II a.C. (PONTE 2006, 339), sendo consistente com as referências crono-estratigráficas dos nossos exemplares⁶¹, enquadrando a Fase V do Monte Padrão.

As fíbulas tipo Aucissa⁶² (Camulodunum 17, Almgren 242, Bohme 8, Collingwood, Ritterling 5 A),⁶³ são formas de La Tène III, cujas características principais consistem na existência de um arco semicircular individualizado do pé por um anel ou moldura, rematado em botão, que varia de formato nas três variantes. O fusilhão é reto e a articulação da cabeça é formada por uma charneira. As três variantes (A, B, C), distinguem-se por particularidades morfológicas do arco, do espelho e do pé, assim como pelos motivos decorativos que, por norma,

61 Identifica-se um segundo exemplar procedente das escavações realizadas na década de 1950 cujo contexto estratigráfico desconhecemos. Morfológicamente é semelhante ao presente, enquadrando também o tipo PONTE A50 1ª. Conserva-se íntegro apresentando a particularidade de revelar um vinco com rebaixamento de encaixe da charneira para apoio do fusilhão (MOREIRA 2016, 80).

62 Deve a sua denominação à marca que identifica o seu fabricante, sendo, no entanto, conhecidos outros no continente europeu, como por exemplo – *Carinus*, *Iulius*, *Marullus*, *Ursinus*, *Cartilius*, *Cartilia*, *Dagomattus*, *Valer*, *Durotix* e *Durnacus* (PONTE 1973, 25-26).

63 HAWKES; HULL 1947, 322; ALMGREN 1923, 109, est. XI, n.º 242; BOHME 1972, 5-112; RITTERLING 1933, est. IX.

implicam oscilações cronológicas significativas (PONTE 1973, 27-28). Assim, a variante A regista uma maior incidência no período de Augusto/Tibério a Cláudio, enquanto que a variante B, embora a maior parte dos achados caiba no período de Tibério-Nero, regista ainda achados sob os Flávios⁶⁴. A variante C, do ponto de vista cronológico tem sensivelmente o mesmo enquadramento sendo a maior parte dos achados de meados do séc. I, registando-se também a sua presença durante o período flaviano. Vários autores sugerem que alguns dos achados constituem um ponto de referência cronológico relevante para a datação do abandono de alguns povoados por meados do séc. I, nomeadamente a Cidade de Terroso, Póvoa de Varzim, a Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira e a Cidade de Âncora, Caminha (SILVA 1986, 191). O exemplar presente, n.º **64**, integrado na Fase VI do Monte Padrão, enquadra os tipos mais precoces (Variante A). Possui um arco em fita decorado por uma nervura longitudinal no dorso. A cartela, pouco definida, revela um formato sub-retangular e charneira com eixo de bronze. O fusilhão encontra-se fragmentado, assim como o pé. Para além da fíbula ilustrada foram recolhidos no povoado dois outros exemplares do tipo Aucissa, tipológica e cronologicamente consistentes com o presente (MOREIRA 2007, 103, n.º 216-217; 2016, 49, n.º 50-51). O conjunto de ocorrências completa-se com exemplares do tipo Sabroso C⁶⁵ (MOREIRA 2007, 104, n.º 218-219; 2016, 49, n.º 52-52) e, de cronologia mais lata, vários exemplares de fíbulas anulares (MOREIRA 2007, 104, n.º 220; 2016, 80, n.º 90).

64 Salete Ponte cita os achados de Richborough (HAWKES; HULL 1947, 84, est. 30, n.º 42), e de Saalburg (SIMON 1968, 7, fig. 9, n.º 1), a que acrescentaríamos as peças de Conímbriga, nomeadamente os exemplares n.º 52 a 54 (ALARCÃO; PONTE 1979, 119, est. XXVIII, n.º 52-54).

65 Recolhe o seu nome a partir da estação epónima onde se identificaram cerca de 10 exemplares (FORTES 1905, 18, fig. 19). A fíbula tipo Sabroso C, tipo PONTE 22a, caracteriza-se pelas afinidades estruturais e morfológicas dos vários elementos que a compõem; arco, pé, apêndice caudal, mola bilateral e fusilhão que são elaborados com uma única matriz a partir do mesmo fio metálico (PONTE 2006, 221). É tida como uma produção indígena de influência post-hallstática introduzida na área castreja a partir do séc. V a.C. A sua cronologia parece reportar-se a pervivências de meados do séc. I a.C. a meados do séc. I (SILVA 1986, 189). As fíbulas tipo Sabroso e Santa Luzia revelam importantes influências continentais, designadamente de grupos celto-germânicos da área do Reno que, no período Halstatt D, no séc. VI a.C., invadiram a zona da atual França (PONTE 1995, 85-86).

CATÁLOGO

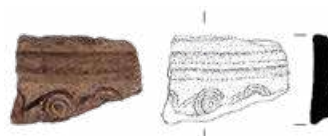
CIMP 23 | [Pad. II B (C1.028), CP 74] – *Fragmento cerâmico decorado*

Descrição – Fragmento cerâmico de vaso de tipologia indeterminada. Decoração composta por círculos estampilhados organizados num friso, enquadrados na face superior por duas caneluras horizontais. Pasta micácea, compacta e bem depurada. Superfície de cor castanha (N70) e núcleo da mesma cor (N70).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, n.º 565 [Fase II/III] / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 24 mm; Larg. 34 mm; Esp. 6 mm; Peso 6,5 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2013, 68; SANTARÉM 1954, 412, Est. VI, n.º 47.



CIMP 24 | [Pad. 95 A (H30.00), Ig. 1408] – *Fragmento cerâmico decorado*

Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada. Decoração composta por motivos estampilhados organizados em dois frisos enquadrados em três bandas. Motivos em SS entrelaçados entre si. Modelação ao torno. Pasta micácea bem depurada. Superfície alisada de cor castanha (T71) e núcleo da mesma cor.

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, n.º 506 [Fase II] / Monte Padrão - Fase V.

Dimensões – Comp. 37 mm; Larg. 41 mm; Esp. 4 mm; Peso 7,1 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1995.

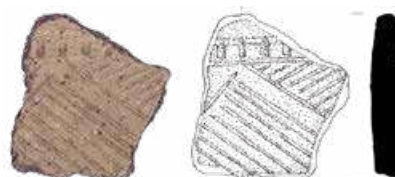


CIMP 25 | [Pad. 89 (M1.C3), Ig. 186] – *Fragmento cerâmico decorado*

Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada. Decoração incisa composta por triângulos alternados preenchidos com linhas transversais, limitada na base por friso composto por retângulos na vertical segmentados por uma canelura na base. Modelação manual. Pasta micácea de cor creme (M71) e núcleo negro (T73).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, n.º 223/226 [Fase II/III] / Monte Padrão - Fase V.

Dimensões – Comp. 42 mm; Larg. 43 mm; Esp. 7 mm; Peso 15,3 gr; Desenho à escala 1:2.

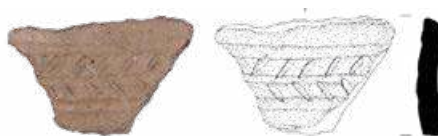


CIMP 26 | [Pad. 89 (M4.C7), Ig. 90] – *Fragmento cerâmico decorado*

Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada. Decoração incisa composta por motivos lanceolados organizados em espinha, enquadrados por três caneluras horizontais. Modelação ao torno. Pasta compacta e depurada com superfície e núcleo de cor laranja-claro (M50).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, n.º 118 [Fase II/III] / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 30 mm; Larg. 48 mm; Esp. 6 mm; Peso 10,2 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 27 | [Pad. 91 A (L27.04), Ig. 878] – Fragmento cerâmico decorado

Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada. Decoração composta por motivos incisos e impressos. Dois frisos de círculos concêntricos organizados em banda definida por linhas incisas. No plano inferior triângulos alternados formados por linhas incisas. Modelação ao torno. Pasta compacta e bem depurada com superfície de cor castanha (M75) e núcleo de cor negra (T73).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, n.º 529 [Fase III] / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 31 mm; Larg. 36 mm; Esp. 6 mm; Peso 6,5 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



CIMP 28 | [Pad. II B (C1.021), Ig. 70] – Fragmento cerâmico decorado

Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada. Decoração incisa e estampilhada composta por triângulos alternados que configuram uma grinalda definida na face superior por um friso de caneluras horizontais rematadas nos extremos inferiores por círculos estampilhados. Modelação ao torno. Pasta bem depurada com superfície e núcleo de cor castanho-escuro (R51).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, n.º 722 [Fase II] / Monte Padrão - Fase V.

Dimensões – Comp. 47 mm; Larg. 54 mm; Esp. 6 mm; Peso 15 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – SANTARÉM 1954, 412, Est. VI, 46.



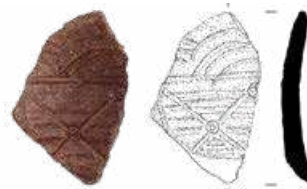
CIMP 29 | [Pad. II B (C1.093), Ig. 91] – Fragmento cerâmico decorado

Descrição – Fragmento cerâmico de vaso de tipologia indeterminada. Decoração composta por linhas incisas organizadas em cruz, com círculos nas extremidades. Na face superior desenvolve-se uma composição em semicírculo. Modelação ao torno. Pasta micácea, bem depurada, com núcleo cinzento (S73) e superfície avermelhada (R55).

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 45 mm; Larg. 30 mm; Esp. 5 mm; Peso 7,1 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – SANTARÉM 1954, 412, Est. VI, 45.



CIMP 30 | [Pad. 91 A (G26.04), Ig. 470] – Fragmento cerâmico decorado

Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada. Decoração impressa a estampilha composta por círculos concêntricos e SS sobrepostos a formarem um friso limitado por duas caneluras. Segundo friso constituído por crescentes. Modelação ao torno. Pasta micácea, compacta e bem depurada. Superfície de cor castanho-acinzentado (T51) e núcleo cinzento-avermelhado (P53).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, n.º 491/558 [Fase III] / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 33 mm; Larg. 27 mm; Esp. 7 mm; Peso 7 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1991c; 2013, 68.

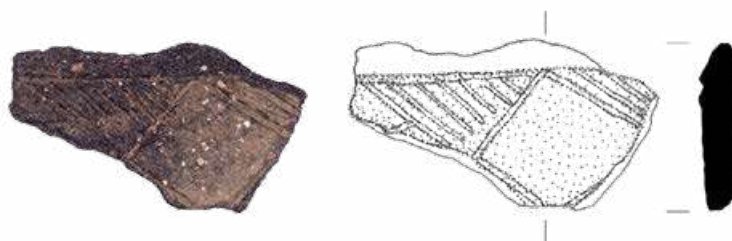


CIMP 31 | [Pad. 87 (R29/R30.05), Ig. 71] – Fragmento cerâmico decorado

Descrição – Fragmento de parede de vaso de tipologia indeterminada. Decoração incisa composta por triângulos alternados, organizados em banda, preenchidos por linhas oblíquas. Modelação manual. Pasta micácea de estrutura laminar com núcleo negro (T73) e superfície castanho-clara (P30).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, n.º 245 [Fase II/III] / Monte Padrão - Fase V.

Dimensões – Comp. 23 mm; Larg. 40 mm; Esp. 5 mm; Peso 5,3 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 32 | [Pad. 89 MA (C21.03), Ig. 58]] – Panela de asa interior

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de “panela de asa interior”. Perfil troncocónico com parede arqueada e espessamento progressivo para o bordo. Lábio de perfil triangular com carena externa a marcar o arranque da parede. Asa interior levemente soerguida, implantada no terço superior da parede, a formar um arco, com secção circular. Modelação ao torno. Pasta cerâmica compacta com boa cozedura. Estrutura laminar com abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e, em maior percentagem, mica. Superfície intensamente polida de cor escura (P51), com claros vestígios de exposição ao fogo e núcleo de cor castanho-acinzentado (P53).

Classificação e cronologia – Tipo MARTINS 1990, 6; SILVA 1986 D2b2 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. do bordo 592 mm; Alt. 53 mm; Comp. 105 mm; Esp. do bordo 10 mm; Peso 206,4 gr; Desenho à escala 1:5.



CIMP 33 | [Pad. 89 M5 (C2.022) Ig.] – Pote de pequena dimensão

Descrição – Fragmento de parede e bordo de pote de perfil em S. Bojo alargado rematado por bordo vertical, levemente esvasado, com lábio arredondado. Decoração impressa implantada na face superior do bojo, composta por um friso definido por duas caneluras enquadradas por uma linha de motivos lanceolados. Modelação ao torno. Pasta micácea, bem depurada e compacta. Superfície e núcleo de cor castanha (R70).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, C1c [Fase II] / Monte Padrão - Fase V.

Dimensões – Diâm. do bordo 115 mm; Alt. 59 mm; Larg. 30 mm; Esp. 3 mm; Peso 7,6 gr; Desenho à escala 1:3.



CIMP 34 | [Pad. 89 (M1.C1), Ig. 05] – Pote de pequena dimensão

Descrição – Fragmento de parede e bordo de pote de perfil em S. Bojo alargado rematado por bordo vertical, levemente esvasado, com lábio facetado. Decoração impressa implantada na transição do bojo para o colo, composta por um friso no qual se inscreve uma grinalda formada por crescentes encadeados. Modelação ao torno. Pasta micácea de cor negra (T73) com vestígios de mica à superfície e núcleo de cor rosada (M49).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, C1c [Fase II] / Monte Padrão - Fase V.

Dimensões – Diâm. 132 mm; Comp. 63 mm; Larg. 69 mm; Esp. 5 mm; Peso 33,9 gr; Desenho à escala 1:3.



CIMP 35 | [Pad. 85 (E1A. 022), Ig. 1878] – Panela de “asa de orelha”

Descrição – Fragmento de asa e arranque de parede de “panela de asa de orelha”. Superfície superior curva com orifício de suspensão levemente descentrado com sinais de desgaste. Pasta de estrutura laminar, compacta e dura, com abundantes elementos não plásticos de calibre diverso compostos por quartzo, mica e feldspato. Cozedura homogênea revelando um núcleo de cor cinzento-escuro (M73). Superfície polida com abundantes elementos não plásticos à superfície de tonalidade castanho-avermelhada (N49).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 1986, D2c-6 A / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Alt. 31 mm; Larg. 66 mm; Esp. 14 mm; Peso 22, 6 gr; Desenho à escala 1:3.



CIMP 36 | [Pad. vários; (5) fragmentos] – Escória de bronze

Descrição – Conjunto de nódulos de bronze destinados à refundição.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – 1) Pad. 99, B1 (D30.00), op. 16 – Comp. 34 mm; Larg. 24 mm; Esp. 18 mm; Peso 41,7 gr.; 2) Pad. 02, B1 (F26.02), op. 60 – Comp. 20 mm; Larg. 23 mm; Esp. 8 mm; Peso 10,6 gr.; Pad. 99, B1 (F33.03), op. 19 (3 fragmentos) 3.1) Comp. 26 mm; Larg. 16 mm; Esp. 4 mm; Peso 2,6 gr.; 3.2) Comp. 15 mm; Larg. 16 mm; Esp. 5 mm; Peso 2,3 gr.; 3.3) Comp. 14 mm; Larg. 9 mm; Esp. 4 mm; Peso 1,3 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 1999; 2002.



CIMP 37 | [Pad. vários; (7) fragmentos] – Escória de ferro

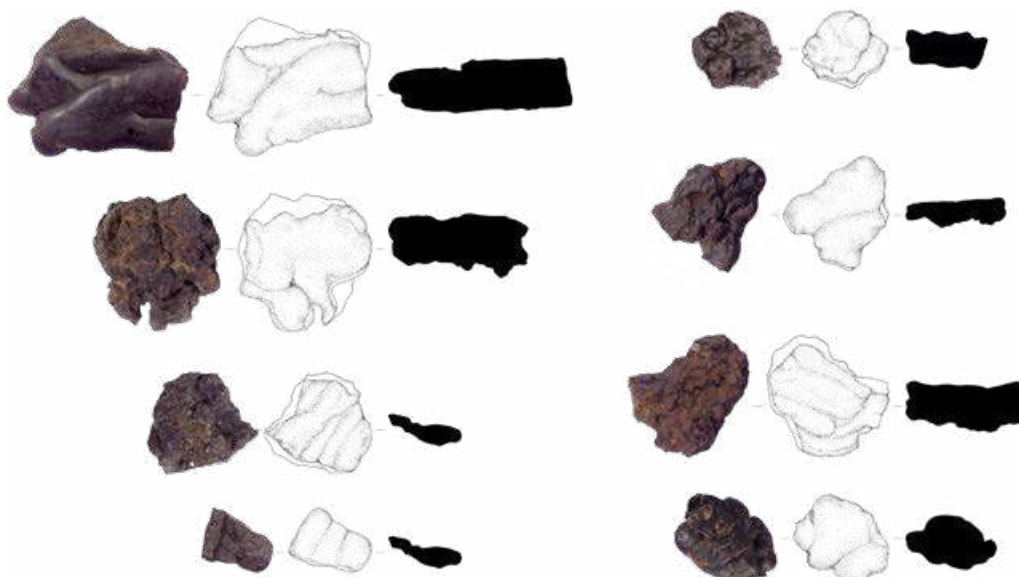
Descrição – Conjunto de escórias de ferro resultantes do trabalho de metalurgia.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão Fase VI.

Dimensões – 1) Pad. 03, B1 (F18.01), Ig. 2834 – Comp. 60 mm; Larg. 48 mm; Esp. 17 mm; Peso 70,19

gr.; **2)** Pad. 03, B1 (F17.01), Ig. 2767 – Comp. 46 mm; Larg. 44 mm; Esp. 23 mm; Peso 59,2 gr.; **3)** Pad. 03, B1 (F18.01), Ig. 3050 – Comp. 44 mm; Larg. 34 mm; Esp. 18 mm; Peso 42,3 gr.; **4)** Pad. 03, B1 (F24.03), Ig. 1786 – Comp. 34 mm; Larg. 32 mm; Esp. 12 mm; Peso 19,6 gr.; **5)** Pad. 03, B1 (F17.01), Ig. 1047 – Comp. 37 mm; Larg. 32 mm; Esp. 10 mm; Peso 19,2 gr.; **6)** Pad. 03, B1 (F24.02), Ig. 3846 – Comp. 34 mm; Larg. 29 mm; Esp. 17 mm; Peso 13,6 gr.; **7)** Pad. 02, B1 (G25.03), Ig. 3635 – Comp. 21 mm; Larg. 21 mm; Esp. 10 mm; Peso 10,4 gr.; **8)** Pad. 03, B1 (F24.01), Ig. 1319 – Comp. 27 mm; Larg. 20 mm; Esp. 8 mm; Peso 9,4 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2002; 2003.



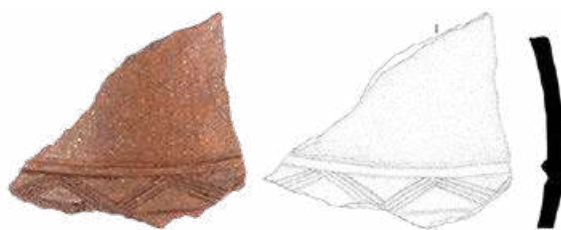
CIMP 38 | [Pad. 89 (M6.C2), Ig. 097, 0157] – Pote de média dimensão – Cântaro

Descrição – Fragmento de parede de *pote* de médias dimensões. Decoração composta por um friso horizontal no qual se inscrevem triângulos alternados formados por conjuntos de três linhas incisas. Na face inferior, a delimitar a composição, desenvolve-se um conjunto de motivos lanceolados. Modelação ao torno. Pasta micácea de estrutura laminar com núcleo e superfície de cor castanho-clara (P50).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, A2 – 218+110 [Fase III] / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 267 mm; Larg. 161 mm; Esp. 8 mm; Peso 342 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibli. – MOREIRA 2007, 66, n.º 83.



CIMP 39 | [Pad. II, X, 107] – Pote de média dimensão – Cântaro

Descrição – Fragmento de parede de pote modelado ao torno. Parede com asa de desenvolvimento horizontal formada por uma banqueta de três semicírculos ligados por um elemento horizontal. Decoração composta por uma banda superior onde se inscreve uma sequência de SS impressos. No seguimento da asa identifica-se uma banda com 2 linhas de pontos incisos. Motivo composto por duplos círculos impressos, organizados em duas fiadas. O limite inferior consta de um friso formado por duas linhas incisas, paralelas entre si, seccionadas por elementos verticais, formando

pequenos retângulos. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme de cor castanho-escuro (T51). Estrutura laminar com abundantes elementos não plásticos compostos por mica de pequeno calibre. Superfície de cor castanha (N51), alisada e medianamente polida com abundantes lâminas de mica à superfície.

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, n.º 502 [Fase III] / Monte Padrão Fase - VI.

Dimensões – Alt. 143 mm; Larg. 104 mm; Esp. 6 mm; Peso 116,6 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibli. – MOREIRA 2013, 68; 2014, 80-81.



CIMP 40 | [Pad. II B, C1 – 001 / CP 221] – *Dolium*

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de *dolium* de modelação ao torno. Bordo de projecção oblíqua de secção retangular rematado por lábio levemente pontiagudo e reentrante a formar uma aba para receção de uma tampa. Carena interna angulosa a marcar o início do arranque da parede. Decoração inscrita na parede interna do bordo composta por um grafito digitado formado por dois círculos concêntricos. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme de cor castanha (P51). Estrutura laminar com abundantes elementos não plásticos compostos essencialmente por quartzo e mica de pequeno calibre. Superfície alisada e medianamente polida de cor castanha (P51).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, G13 - 1B, Fase III [marca de oleiro tipo 13 - Sanfins] / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 131 mm; Larg. 124 mm; Esp. 18 mm; Diâm. 380 mm; Peso 191,8 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibl. – SANTARÉM 1954, 408, est. IX, n.º 85; MOREIRA 2014, 81, n.º 6.



CIMP 41 | [Pad. II, X, 347] – *Dolium*

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de *dolium* de modelação ao torno. Bordo de projecção oblíqua, reto, de secção retangular e espessura progressiva rematado por lábio sub-retangular a formar uma aba para apoio da tampa. Carena interna angulosa a marcar o início do arranque da parede. Decoração inscrita na parede interna do bordo composta por um grafito digitado que configura uma cruz de braços iguais. Pasta compacta e medianamente dura. Cozedura uniforme com cerne de coloração castanha (P51). Estrutura laminar com abundantes elementos não plásticos formados por quartzo e mica de pequeno calibre. Superfície alisada e medianamente polida coberta por uma aguada uniforme de coloração avermelhada (P29).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007 G1B - 1B (1), Fase III [marca de oleiro tipo 41- Briteiros] / Monte Padrão -Fase VI

Dimensões – Comp. 90 mm; Larg. 180 mm; Esp. 21 mm; Diâm. 407 mm; Peso 286,2 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibl. – MOREIRA 2014, 81, n.º 7.



CIMP 42 | [Pad. IIB (C1.081), CP 224] – Dolium

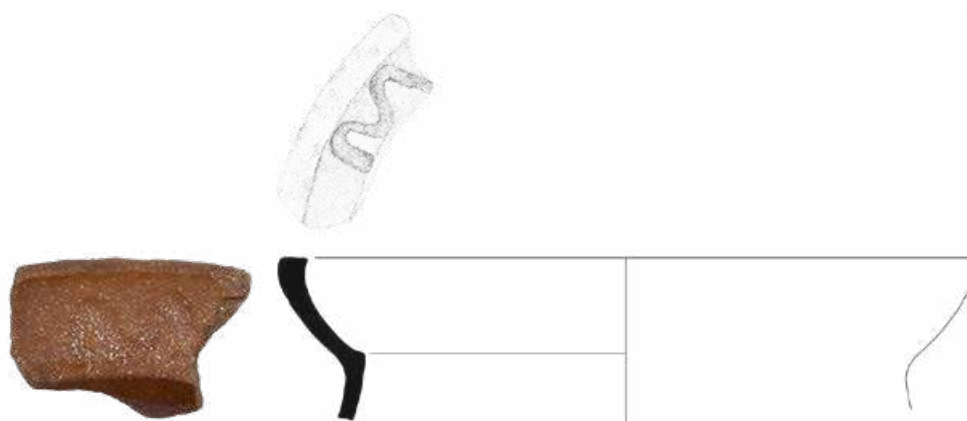
Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de *dolium* de modelação ao torno. Bordo de projeção oblíqua, curvo e reentrante, com espessura progressiva a formar uma aba para apoio da tampa. Carena interna muito vincada a marcar o arranque da parede do bojo. Grafito digitado inscrito na face interior da aba formado por uma linha ondulante interrompida ao nível da fratura.

Pasta muito compacta e dura. Cozedura uniforme com núcleo de coloração castanho-escuro (P51). Estrutura laminar com abundantes elementos não plásticos compostos essencialmente por mica de pequeno calibre. Superfície alisada e medianamente polida coberta por uma aguada espessa e uniforme de coloração avermelhada (P47).

Classificação e cronologia - Tipo SILVA 2007, G1b-IIB, Fase III [marca de oleiro tipo 1 – Citânia de Sanfins] / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 145 mm; Larg. 138 mm; Esp. 18 mm; Diâm. 420 mm; Peso 156,5 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibl. – SANTARÉM 1954, 408, est. IX, n.º 84; MOREIRA 2014, 81, n.º 8.



CIMP 43 | [Pad. 85 M8 (C3.01), Ig. 083] – Taça

Descrição – Fragmento de bordo e parede com arranque de asa de taça. Perfil em S com bordo projetado para o exterior rematado por lábio de secção trapezoidal. Asa (asas?) de fita implantada(s) no ombro com desenvolvimento direto ao lábio. Apresenta uma canelura longitudinal na face externa. Os paralelos indicam um bojo curto com remate em base plana de assentamento integral. Decoração composta por duas caneluras paralelas ao bordo implantadas ao nível do apoio das asas. Pasta compacta e dura com cozedura homogênea. Abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo, feldspato e, em maior quantidade, mica. Superfície de cor castanha (S70) muito polida.

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, A3, n.º 8, Fase III / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 55 mm; Larg. 51 mm; Diâm. do bordo 74 mm; Diâm. do fundo 82 mm (?); Desenho à escala 1:3.

Observações – Reconstituído.



CIMP 44 | [Pad. 91 A (K24.02), Ig. 5558] – Pote de pequena dimensão

Descrição – Conjunto de doze fragmentos de panela/pote de modelação ao torno. Bordo curto de desenvolvimento vertical rematado por lábio de secção retangular com cantos arredondados. Bojo baixo e ovalado rematado por fundo discoidal de assentamento pleno. Decoração implantada no ombro composta por seis caneluras horizontais, paralelas ao bordo, rematadas na face inferior por duas linhas de pontos incisivos intercalados por motivos aplicados em relevo de formato trapezoidal. Pasta compacta de estrutura laminar de cor castanho-escuro (P70), com abundantes elementos não plásticos com destaque para a mica. Superfície de cor castanho-escuro, polida e brilhante com partículas de mica à superfície.

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, C1c, Fase II / Monte Padrão - Fase V.

Dimensões – Alt. 123 mm; Larg. 105 mm; Diâm. do bordo 90 mm; Diâm. do fundo 118 mm; Esp. 5 mm; Desenho à escala 1:3.

Observações – Reconstituído.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



CIMP 45 | [Pad. 85 (E1A.022), Ig.] – Taça

Descrição – Fragmentos de bordo e arranque de parede de taça. Perfil em S com bordo lançado para o exterior com lábio levemente espessado de secção arredondada. Carena arredondada a marcar o arranque do bojo. Eventualmente, provido de asa. Decoração implantada na face superior do ombro composta por uma canelura larga de perfil em U. Pasta compacta com abundantes elementos

não plásticos. Cozedura homogênea com núcleo de cor castanha (R30). Superfície polida de tom acastanhado (R30).

Classificação e cronologia – Tipo SILVA 2007, A2B / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 49 mm; Larg. 48 mm; Diâm. do bordo 100 mm; Diâm. do fundo 50 mm(?); Esp. 6 mm; Desenho à escala 1:3.

Observações – Reconstituído.



CIMP 46 | [Pad. 85 (M1.012), Ig. 3273] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro de formato discoidal em xisto de cor negra (T73). Recorte assimétrico e espessura irregular. Orifício de paredes verticais, descentrado. Superfícies irregulares com sinais evidentes de desgaste.

Classificação e cronologia – Tipo – MOREIRA 2010, Grupo 6; SILVA 1986, A1 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 36 mm; Larg. 34 mm; Esp. 7 mm; Diâm. orifício 4 mm; Peso 13,4 gr; Desenho à escala 1:2.



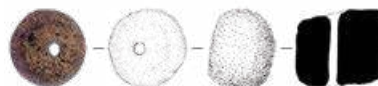
CIMP 47 | [Pad. 03A, B1 (F17.01), op. 38] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro cilíndrico em cerâmica. Recorte assimétrico com orifício descentrado. Faces laterais verticais e arestas arredondadas. Cerâmica de cozedura uniforme com abundantes elementos não plásticos à superfície, compostos por mica e feldspatos. Faces polidas de cor castanho-escuro (R51), levemente erodidas.

Classificação e cronologia – Tipo MOREIRA 2010, Grupo 5; SILVA 1986, A1 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 24 mm; Alt. 20 mm; Larg. 24 mm; Diâm. orifício 3 mm; Peso 10,6 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1993.



CIMP 48 | [Pad. 04, B1 (A15.00), Ig. 1583] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro em cerâmica de recorte troncocônico, assimétrico, com orifício descentrado. Concavidade superior circular de perfil cônico desfasada em relação ao orifício central. Arestas de perfil arredondado com sinais de desgaste. Orifício com perfil troncocônico. Pasta de cor castanha (N67), compacta e dura, com cozedura homogênea. Elementos não plásticos à superfície compostos por mica, quartzo e feldspato.

Classificação e cronologia – Tipo MOREIRA 2010, Grupo 3; SILVA 1986, C2 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 26 mm; Alt. 15 mm; Diâm. do orifício 3/2 mm; Peso 11,4 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1994.

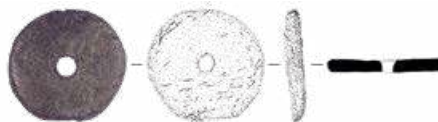


CIMP 49 | [Pad. 85 (M2.049), Ig. 5674] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro discoidal em xisto de cor negra (T73). Recorte circular, simétrico, com orifício centrado. Faces laterais verticais com arestas arredondadas com claros vestígios de desgaste. Orifício central de perfil troncocónico.

Classificação e cronologia – Tipo MOREIRA 2010, Grupo 1; SILVA 1986 A1 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 31 mm; Alt. 3 mm; Diâm. do orifício 3 mm; Peso 5,5 gr; Desenho à escala 1:2.



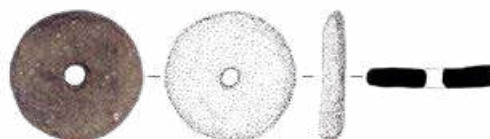
CIMP 50 | [Pad. 90 (K25.01), Ig. 1798] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro discoidal de faces planas em cerâmica. Recorte circular, assimétrico, com orifício centrado. Faces laterais verticais com arestas arredondadas. Superfícies irregulares e levemente empenadas. Rebaixamento central ovalizado com arestas arredondadas. Acabamento cuidado com intenso polimento. Pasta com cozedura homogênea de cor cinzenta (P71). Elementos não plásticos de pequeno calibre compostos por mica, quartzo e feldspato.

Classificação e cronologia – Tipo – MOREIRA 2010, Grupo 1; SILVA 1986 A1 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 35 mm; Esp. 6 mm; Diâm. do orifício 4 mm; Peso 8,2 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1990.



CIMP 51 | [Pad. 91 A (K24.02), Ig. 5568] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro de recorte cilíndrico de faces planas elaborado em cerâmica reaproveitada. Recorte irregular com orifício descentrado. Faces laterais verticais com arestas arredondadas. Orifício de recorte troncocónico. Desgaste generalizado revelando um polimento intenso. Superfície de cor castanha (R70), com elementos não plásticos à superfície compostos por mica e quartzo.

Classificação e cronologia – Tipo - MOREIRA 2010, Grupo 5 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 28 mm; Esp. 13 mm; Diâm. do orifício 6/3 mm; Peso 11,3 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



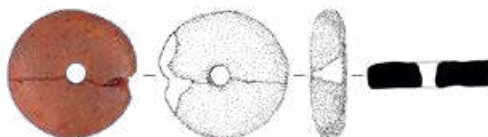
CIMP 52 | [Pad. 99 B1 (D29.00), op. 26] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro em cerâmica de formato discoidal. Recorte simétrico e espessura regular com faces laterais verticais e arestas arredondadas. Orifício bem centrado de perfil troncocónico com arestas erodidas. Encontra-se fissurado e fragmentado numa das faces. Polimento generalizado evidenciando intenso desgaste. Pasta cerâmica compacta e dura. Superfície de cor laranja (R20). Polida e desgastada. Elementos não plásticos compostos por quartzo e mica, muito finos e bem calibrados.

Classificação e cronologia – Tipo MOREIRA 2010, Grupo 1; SILVA 1986, A1 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 34 mm; Esp. 7 mm; Diâm. orifício 6/4 mm; Peso 8,7 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1999.



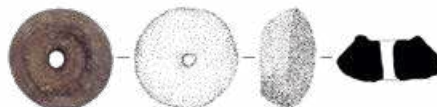
CIMP 53 | [Pad. II, X, 218] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro em cerâmica de formato cônico. Recorte simétrico com carena intermédia levemente curva a marcar o início da face inferior. Face superior rebaixada com orifício central troncocônico levemente descentrado. Arestas superiores arredondadas. Pasta cerâmica de boa qualidade com materiais não plásticos finos e bem calibrados compostos por mica e feldspato. Superfície polida de cor castanho-acinzentada (P51).

Classificação e cronologia – Tipo MOREIRA 2010, Grupo 3; SILVA 1986, C2 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 28 mm; Alt. 7 mm; Diâm do orifício 4/3m; Peso 9,3 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – SANTARÉM 1954, 425, est. X, n.º 98.



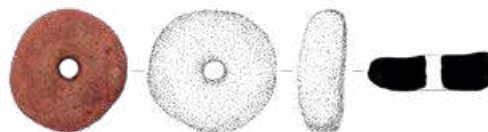
CIMP 54 | [Pad. 91 A (L27.01), Ig. 419] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro em cerâmica de formato discoidal. Recorte circular com orifício central e faces laterais verticais. Espessura irregular com adelgaçamento progressivo para as extremidades revelando arestas curvas e desgastadas. Orifício de recorte tubular bem centrado e vertical. Pasta compacta e bem cozida com poucos elementos não plásticos, constituídos apenas por quartzo. Superfície rugosa e áspera de cor laranja (P20).

Classificação e cronologia – Tipo MOREIRA 2010, Grupo 1; SILVA 1986, A1 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 33 mm; Esp. 11 mm; Diâm. orifício 4 mm; 12 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



CIMP 55 | [Pad. 06B (F2.01), Ig. 012] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro de formato discoidal elaborado a partir de um fragmento cerâmico. Recorte circular, simétrico, com orifício central de perfil cilíndrico. Faces planas, levemente arqueadas, com arestas arredondadas. Polimento generalizado. Pasta cerâmica compacta e dura com cozedura uniforme. Superfície de cor castanha (P33), polida, com abundantes elementos não plásticos à superfície compostos por mica, quartzo e feldspato.

Classificação e cronologia – Tipo MOREIRA 2010, Grupo 1; SILVA 1986, A1 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 27 mm; Esp. 6 mm; Diâm. do orifício 5 mm; Peso 4,8 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2006a.



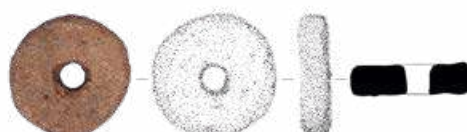
CIMP 56 | [Pad. 91 A (J24.00), Ig. 2188] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro de formato discoidal elaborado a partir de um fragmento cerâmico. Recorte circular com orifício descentrado. Faces planas, espessura regular com paredes laterais verticais e arestas arredondadas. Orifício central de perfil troncocônico. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme. Elementos plásticos abundantes e bem calibrados compostos por mica, feldspato e quartzo. Superfície irregular com polimento incipiente de cor castanha (P55).

Classificação e cronologia – Tipo MOREIRA 2010, Grupo 1; SILVA 1986, A1 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 34 mm; Esp. 9 mm; Diâm. do orifício 8/6 mm; Peso 12,1 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



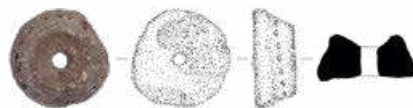
CIMP 57 | [Pad. 02 B1 (G26.00), op. 04] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro em cerâmica de formato cônico. Recorte circular com orifício descentrado. Face inferior plana e parede lateral convergente rematada por aresta de perfil arredondado a marcar o ressalto para a depressão superior. Orifício de perfil circular. Decoração implantada na face lateral composta por motivos circulares puncionados. Encontra-se ligeiramente fragmentado na face lateral. Pasta compacta de cozedura uniforme. Superfície erodida, de cor castanho-acinzentado (S51), com abundantes elementos não plásticos de diferente calibre à superfície compostos por mica, quartzo e feldspato.

Classificação e cronologia – Tipo MOREIRA 2010, Grupo 3; SILVA 1986, C2 / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 18/27 mm; Alt. 12 mm; Diâm. do orifício 4 mm; Peso 7,1 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2002; 2007, 30.



CIMP 58 | [Pad. 04, B1 (J34.01), op. 75] – Conta

Descrição – Conta em pasta vítrea opaca de cor azul-marinho (5B1/2). Formato subcilíndrico com cantos arredondados e orifício levemente descentrado em relação ao eixo central. Superfície lisa e bem conservada. Na fratura observam-se vacúolos esféricos de pequena dimensão. Fraturada.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 15 mm (?); Alt. 10 mm; Diâm. do orifício 5 mm(?); Secção 5 mm; Peso 2,5 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2004b.



CIMP 59 | [Pad. 91 A (L27.04), op. 46] – Conta

Descrição – Conta em pasta vítrea opaca de cor azul-marinho (5PB1/6). Formato subcilíndrico de recorte assimétrico. Orifício central subcircular com paredes retas, levemente descentrado. Arestas arredondadas. Polimento integral revelando a superfície picada e levemente erodida.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 12 mm; Alt. 6 mm; Diâm. do orifício 6 mm; Secção 3 mm; Peso 0,9 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



CIMP 60 | [Pad. 05 A, B1 (L33.01), op. 29] – Conta

Descrição – Conta em pasta vítrea opaca de cor negra. Formato subcilíndrico com ressalto na face superior a prolongar o eixo central onde se recorta o orifício. Face inferior plana e levemente irregular. Arestas arredondadas. Integralmente decorada com nervuras dispostas em espiral. Superfície lisa e bem conservada.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 7 mm; Alt. 5,5 mm; Secção 3 mm; Diâm. orifício central 1 mm; Peso 0,2 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2005d.



CIMP 61 | [Pad. 05 A, B1 (A31.03), op. 41] – Conta

Descrição – Conta em pasta vítrea de cor azul-marinho (5B1/6). Formato subcilíndrico, levemente assimétrica. Orifício central com paredes verticais orientado ao eixo da peça. Paredes exteriores verticais com cantos arredondados. Integralmente polida, revelando vacúolos esféricos de pequena dimensão à superfície.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 5,5 mm; Alt. 4 mm; Secção 1,5 mm; Diâm. do orifício 1 mm; Peso 0,1 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2005d.



CIMP 62 | [Pad. 91 A (J25.01), op. 11] – Conta

Descrição – Conta em pasta vítrea opaca de cor azul-marinho (5PB1/6). Formato anelar de recorte e espessura irregular. Orifício central subcircular com paredes verticais e cantos arredondados. Integralmente polida revelando pequenos vacúolos esféricos à superfície.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Diâm. 4 mm; Alt. 2 mm; Secção 1 mm; Diâm do orifício 2 mm; Peso 0,1 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 1991c.

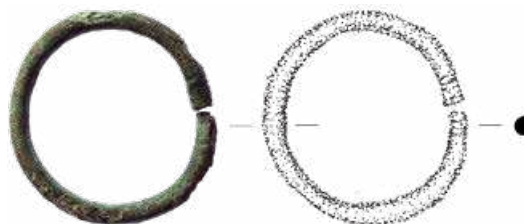


CIMP 63 | [Pad., X, 1119] – Fíbula

Descrição – Fíbula anular em bronze de aro interrompido. Aro circular maciço de secção subcircular sem remates com extremidades decoradas com três incisões paralelas entre si. Ausência de fusilhão.

Classificação e cronologia – Tipo Fowler Aa / Ponte A50/1a / Monte Padrão – Fase V.

Dimensões – Diâm. 29 mm; Secção 3 mm; Peso 2,3 gr; Desenho à escala 1:1.

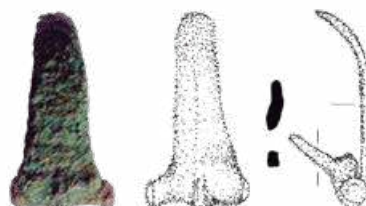


CIMP 64 | [Pad. 88/89, M7, C1] – Fíbula

Descrição – Fíbula em bronze tipo Aucissa. Arco em fita de secção plano-convexa com nervura longitudinal central, fragmentado no remate do terminal. Descanso inexistente. Charneira com eixo em bronze rematado por dois pequenos botões circulares. Cartela inexistente. Fusilhão de secção sub-retangular com bolbo de travão junto à charneira, fragmentado junto ao remate.

Classificação e cronologia – Tipo Aucissa / Monte Padrão - Fase VI.

Dimensões – Comp. 27 mm; Largura do aro 5/10 mm; Esp. do aro 2 mm; Diâm. dos botões laterais 3,5 mm; Peso 2 gr; Desenho à escala 1:1.



Romanização

FASE VII Tibério/Cláudio | 1ª metade do séc. II

FASE VIIA 1ª metade séc. II | meados do séc. III

No início da Fase VII assiste-se à profunda remodelação do castro, na qual se verifica a destruição das estruturas habitacionais e defensivas do povoado castrejo. No primeiro quartel do séc. I tem lugar a construção de um conjunto de grandes edifícios na plataforma superior, cujas características arquitetónicas revelam uma ruptura definitiva com o arquétipo da sociedade indígena, no qual a dinâmica social se refletia na organização estrutural do povoado⁶⁶. Este processo viria a ser decisivamente incrementado no terceiro quartel do séc. I com a atribuição do *ius latii* à Hispânia⁶⁷, concretamente em 73-74, com o imperador Vespasiano, acontecimento que tem vindo a ser interpretado como decisivo no processo de romanização do Noroeste Peninsular.

O povoado indígena, estruturado em plataformas criadas a partir das suas linhas de muralhas e respetivas casas de planta circular, dá lugar a um conjunto de estruturas complexas dotadas de vários aposentos de funções específicas, parcialmente implantadas sobre a primeira muralha, assistindo-se à perda da operacionalidade do sistema defensivo.

Até à data, na plataforma superior, foram intervencionadas quatro “*domus*”, uma das quais permite admitir uma função cumulativa ligada a atividades de carácter agro-silvo-pastoril. Do conjunto das habitações apenas se conhecem na íntegra os edifícios localizados na face norte da plataforma superior. A Domus nordeste apresenta uma planta quadrangular, estruturada a partir do pátio central, aberto, que forma uma galeria porticada a partir da qual, radialmente, se distribuem os diferentes aposentos (FIGURAS 19 E 20). A complexidade das plantas, aliada à qualidade construtiva dos edifícios, confirma o significativo dinamismo económico do povoado durante o séc. I e o séc. II, acompanhando a profunda transformação económica e social registada na região⁶⁸.

A nova realidade política, económica e cultural transformou os hábitos sociais e ampliou as necessidades de consumo, uniformizando práticas e comportamentos. A rotina do quotidiano altera-se profundamente modificando os hábitos alimentares, a higiene e o vestuário, refletindo uma progressiva e irreversível aculturação.

66 Este processo teve início durante o reinado dos imperadores Tibério e Cláudio.

67 Subjacente à atribuição do *ius latii* à Hispânia, está, segundo alguns autores, o grau de romanização das comunidades indígenas, que permitiria a adoção do modelo das cidades romanas e o direito latino (MENAUT 1983, 211; ALMEIDA 1996, 293).

68 A ocupação romana ter-se-á estendido para além da área do povoado como parece sugerir o topónimo Quinchães localizado nas suas imediações, cuja origem etimológica se vincula a um possessor romano (latino) *Villa Quintilianis* (matriz de Quintum) - Quintilianis / Quintianis / Quinchães. Evolução fonética por palatização do grupo “ti”, após queda do i intervocálico.

Neste momento da sua longa ocupação, o castro revela particularidades que o distinguem do panorama do povoamento romano regional, ilustrando, de forma paradigmática, a considerável diversidade de soluções na estrutura do povoamento, nomeadamente da tipologia dos povoados e das soluções arquitetónicas adotadas no domínio privado.

O povoado integrava a área meridional do Convento Bracaraugustano, região que, desde cedo, se revelou como um espaço particularmente recetivo a influências exógenas. Após a implementação da nova rede administrativa, criada por Augusto, estruturada a partir da capital de convento – *Bracara Augusta* – tem início o efetivo processo de romanização do território.

19.
Planta das estruturas da face norte (domus nordeste e domus noroeste).



20.
Domus nordeste e domus noroeste - Proposta interpretativa (corte transversal).



A criação de uma rede viária que garantia a ligação rápida e segura entre os diferentes centros administrativos veio a constituir-se como o principal elemento modelador de uma nova paisagem física e humana.

A localização privilegiada do Monte Padrão, implantado sobre a via secundária que unia a cidade de *Cale* (Porto) a *Bracara Augusta* (Braga), por intermédio da via oficial de ligação de *Emerita Augusta* (Mérida) a *Bracara Augusta* (Braga), à qual entroncava na área de S. João de Ponte, Guimarães, facilitou o seu rápido crescimento e desenvolvimento enquanto “aglomerado urbano secundário”. O seu papel na área meridional do convento bracaraugustano parece ter sido fundamental enquanto elemento estruturante da paisagem no domínio económico e cultural, estabelecendo a ponte entre a cidade e o meio rural, uma vez que, por natureza, vivia para fora da sua realidade, oferecendo serviços à população, aos viajantes e funcionários administrativos, operando simultaneamente como centro de desenvolvimento do mundo rural, área de prestação de serviços e, em menor escala, como centro de consumo.

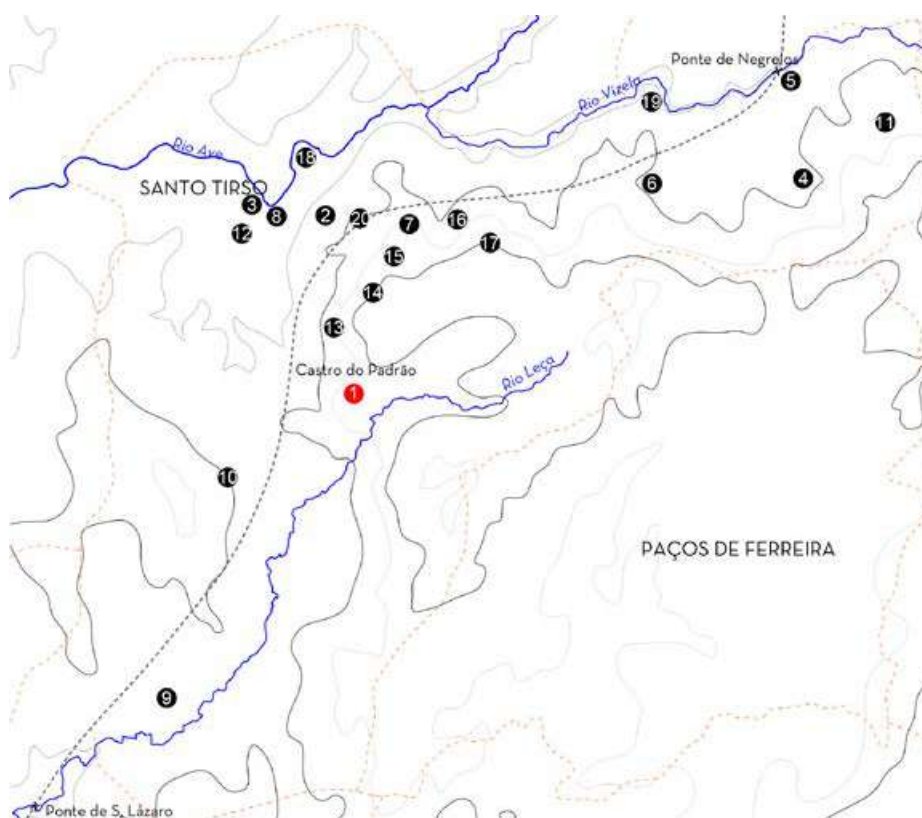
Como elemento fundamental de progresso, a via originou, em todo o seu percurso, uma intensa ocupação estruturada em pequenas unidades rurais, sendo possível reconstruir o seu trajeto a partir de testemunhos diretos, nomeadamente de pontes⁶⁹ e de um largo conjunto de vestígios de ocupação dispersos na paisagem, identificando-se a presença de *villas*, *casais*, *necrópoles*, assim como um conjunto de ocorrências fortuitas de epígrafes e achados monetários, como os seguintes exemplos: Castro do Padrão (1), *Villa* de S. Simão (2), *Villa* da Devesa (3), Ara votiva a Júpiter/Ara funerária/Ara anepígrafe, necrópole e tesouro monetário (4), Ara votiva a Abna (5), Ara funerária (6), *Casal*, Bouça da Salgueira (7), Lápide votiva a Turiaco (8), Tesouro monetário de Pidre (9), Tesouro monetário de Vermoim (10), Tesouro monetário, Bouça da Lage (11), *Casal* (12), *Casal*, Nossa Senhora da Assunção (13), *Casal*, Santa Cruz (14), *Casal* Pedras Bastas (15), *Casal*, Pinguelo (16), *Casal*, Sobreiral (17), *Casal* (18), Epígrafe, Bocas (19) e Ara votiva a Cosunemeoeco (20) (FIGURA 21). A via, relacionada com o couto mineiro da Serra de Valongo, terá registado a sua maior dinâmica durante o período de exploração das jazidas auríferas, apresentando um ligeiro declínio a partir de meados do séc. III (FIGURA 22).

Num contexto mais alargado, na região entre Leça e Ave, regista-se o mesmo padrão de povoamento relacionado com a via XVI (Porto-Braga)⁷⁰, em conjugação com a disponibilidade de terrenos agrícolas de elevada aptidão, identificando-se um conjunto assinalável

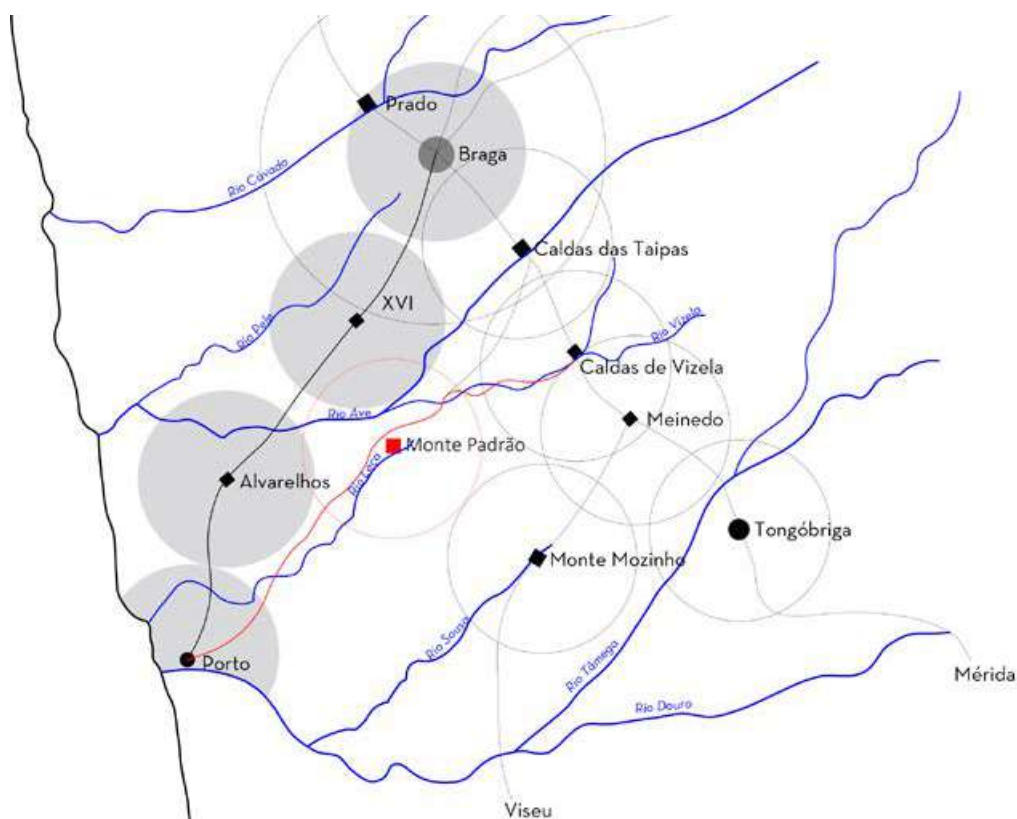
69 Ponte romana de Negrelos, S. Martinho do Campo, Santo Tirso - Vulgarmente designada por *Ponte de Negrelos*, é uma notável obra de engenharia romana que conserva as principais características construtivas da sua fábrica de origem. Terá sido edificada na 2ª metade do séc. I. As evidências arqueológicas sugerem a forte possibilidade da sua origem se relacionar com a presença de um destacamento (*vexillatio*) da VI legião “a vencedora” na região, possivelmente envolvido na construção da cidade de *Bracara Augusta* e infraestruturas viárias do Convento Bracaraugustano, como corroboram outros vestígios epigráficos documentados na região, nomeadamente a lápide dedicada a Turiaco identificada no mosteiro de Santo Tirso, cuja datação sugerida por Alain Tranoy se situa no período Júlio-Cláudio (TRANOY 1980, 278), consistente com o enquadramento cronológico que propomos para a construção da ponte de Negrelos (MOREIRA 2014, 127).

Ponte de S. Lázaro, Alfena, Valongo - Conhecida localmente por Ponte Pinta. Nas obras de conservação e restauro realizadas pela Câmara Municipal de Valongo, em 1994, foram detetados alguns elementos arquitetónicos que indicariam a sua origem romana, em consonância com o traçado de uma via romana secundária que une esta ponte à ponte de Negrelos, em S. Martinho do Campo, sobre o rio Vizela. O elemento detetado de origem romana é constituído por um bloco granítico com trabalho de rústico formando o característico almofadado, com marca dos *ferrei forfices*. Atualmente, após múltiplas alterações estruturais, conserva características de uma construção medieval. É formada por dois arcos assimétricos de diferentes dimensões nos quais assenta um tabuleiro anguloso, alteado na zona média, sobre o arco maior. O revestimento do tabuleiro conserva algumas lajes de granito que revelam a sua intensa utilização medieval (LOPES; SILVA; MOTA; CENTENO 1994, 161-166).

70 Via XVI do itinerário de *Antonino* - *Bracara Augusta* / *Cale* - 1481,5 m - Dimensão de 1 milha romana na via XVI – *Bracara* / *Cale*; 35 milhas / 52 km - Distância entre *Bracara* e *Cale*; 23 milhas - Distância de Muro (Alvarelhos) a Braga; 12 milhas - Distância de Muro (Alvarelhos) ao Porto (MOREIRA 2013, 101-105; 2014, 122-127)

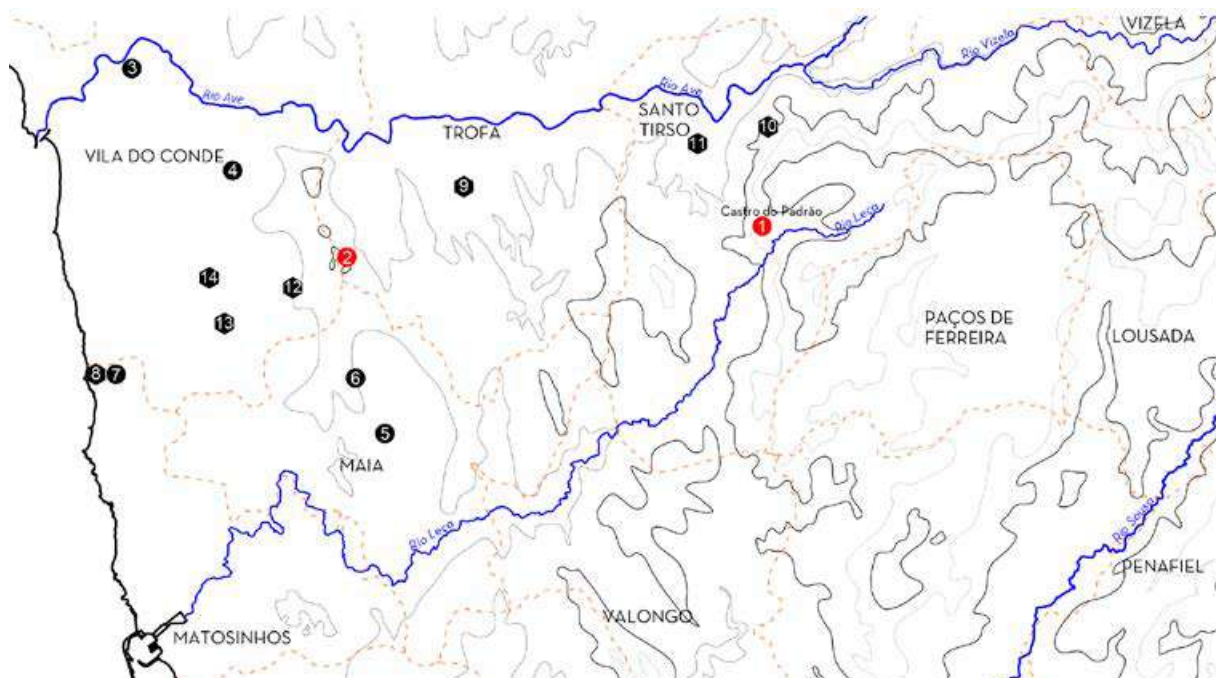


21.
Implantação da via e do povoamento romano entre a Ponte de S. Lázaro e a Ponte de Negrelos.



22.
Viação romana e áreas de influência dos povoados associados às estações viárias.

de vestígios de ocupação romana, onde se destacam aglomerados secundários de Tipo A (Monte Padrão, Santo Tirso [1] e Alvarelhos, Trofa [2]), povoados de média e pequena dimensão de Tipo B/Castros Romanizados (Retorta, Vila do Conde [3], Vairão, Vila do Conde [4], Castro de Santa Cruz, Gemunde, Maia [5], Castro de Santo Ovídio, Santa Marta de Avioso [6], Monte Castro, Lavra, Matosinhos [7]), assim como *villas* romanas (*Villa* Fontão, Lavra, Matosinhos [8], *Villa* Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa [9], *Villa* S. Simão, Burgães, Santo Tirso [10], *Villa* da Devesa, Santo Tirso [11], *Villa* Boa, Guilhabreu, Vila do Conde [12], *Villa* Mosteirô, Vila do Conde [13], *Villa* Igreja, Santa Maria de Vilar, Vila do Conde [14]), que se articulam com outras formas de povoamento menos expressivas conhecidas como *casais* (FIGURA 23).



23.

Ocupação de época romana.

- Aglomerados secundários de Tipo A e povoados de média e pequena dimensão de Tipo B;
- *Villae*.

ESTUDO DE MATERIAIS

FASE VII / VIIIA

Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável

Do vasto e diversificado conjunto de cerâmicas identificadas em assentamentos de época romana, indiferenciadamente designadas por *cerâmica comum*, com o desenvolvimento da investigação foram-se individualizando grupos que, pelas suas características particulares, formavam produções específicas que permitiam distingui-los da grande amálgama das cerâmicas que não faziam parte das importações mais significativas como, por exemplo, as *sigillatas* e as ânforas, entre outras. Assim aconteceu com as produções de engobe vermelho pompeiano – *pompejanisch-roten platten* (SOUSA 1971, 451-455) –, a designada “cerâmica bracarense” (ALARCÃO 1965, 45-50; ALARCÃO; MARTINS 1976, 92-109) e, mais recentemente, com as *cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável* (DELGADO 1993-94, 113-149).

A caracterização deste tipo de fabrico foi pela primeira vez abordado por Adília Alarcão, que, em 1975, num encontro científico realizado em Conímbriga⁷¹, formalizou a proposta para a sua designação genérica como *céramique à engobe rouge non grésé*, e identificou os principais centros produtores (ALARCÃO 1975, 13-37). Assim, na sua perspetiva, excetuando as produções vinculadas às formas de engobe vermelho pompeiano, é no decurso do séc. I que tem início o seu fabrico, cujo reportório apresenta um largo número de formas inspiradas nas principais produções forâneas de expressão interprovincial, fundamentalmente de *terra sigillata*. A partir de uma observação dos vários fabricos, identifica três centros produtores localizados em diferentes zonas do país – Alentejo, Conímbriga e Braga-Guimarães. Este último, segundo a autora, caracteriza-se por apresentar predominância de engobes finos de tons claros que abrangem um espectro cromático desde o rosa ao castanho-avermelhado, revelando como aspeto diferenciador a constituição da pasta que se apresenta clara, fortemente micácea, com partículas de elementos não-plásticos de grande dimensão, observáveis sobre o engobe. Posteriormente, o estudo das cerâmicas identificadas em Conímbriga receberia a mesma designação, tendo, nesse caso, sido estabelecida a associação das formas aos protótipos de inspiração (ALARCÃO 1976, 51-59, EST. XIII, n.º 33-49).

As primeiras referências bibliográficas que encontramos relacionadas com este tipo de produção no Norte de Portugal, ainda que não identificadas como tal, datam de 1974, num pequeno estudo de materiais cerâmicos romanos provenientes do Castro de Guifões, Matosinhos, onde, na expressão dos autores, se apresentam alguns fragmentos de imitação de *sigillata clara D* (ALMEIDA; SANTOS 1974, 55-56). A designação de *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável* foi também adotada por Manuela Delgado, que viria a caracterizar pormenorizadamente esta produção através do estudo de materiais procedentes de *Bracara Augusta*, cujos aspetos morfológicos e técnica de fabrico constituíram os elementos identificadores da produção - (...) *a técnica de fabrico e o carácter não vitrificável do engobe vermelho são o denominador comum destas cerâmicas que permite, de imediato, distingui-las e pressupor a existência duma tradição tecnológica que vinda desde o séc. I d.C., se prolongou, sem interrupções aparentes, até meados do séc. V d.C. (...)*” (DELGADO 1993-94, 114).

71 “Mesa Redonda” realizada em Conímbriga em março de 1975, na qual se abordaram temáticas relacionadas com as produções cerâmicas de âmbito regional, assim como as principais importações de cerâmica fina. As atas do evento foram publicadas em edição portuguesa no volume XV da revista *Conímbriga* e em edição própria – *A propôs des céramiques de Conímbriga. Table ronde tenue à Conímbriga les 25-27 mars 1975* (Publications du Centre Pierre Paris, 2), Paris, 1976.

No seu estudo, que compreende materiais de várias proveniências da cidade de *Bracara Augusta* e da *villa* romana da Póvoa de Lanhoso, a 15 km de Braga, distingue dois grupos, sendo o primeiro constituído por “*importações da produção pompejanisch-roten platten e respectivas imitações*” e, o segundo, por “*produções que imitam formas das sigillatas hispânicas e da sigillata clara D*”. Para efeito de identificação e definição do grupo de fabrico descreve cinco tipos de pasta que têm em comum o engobe vermelho não vitrificável, que oscila de tonalidade indistintamente dos fabricos, entre o Vermelho Inglês (N13/R11)⁷² e o Vermelho Veneza (R19/20) (DELGADO 1993-94, 121-122).

Apesar da profundidade do estudo da produção, tanto ao nível da caracterização das pastas como da tipologia das formas, e a sua relativa abundância na região, em particular em horizontes tardorromanos, constitui ainda uma produção deficientemente conhecida e raramente caracterizada em trabalhos arqueológicos posteriores à segunda metade da década de noventa do século passado, com exceção de referências pontuais de acervos provenientes de necrópoles, onde a sua presença é frequente.

A *cerâmica de engobe vermelho não vitrificável* é uma produção relativamente pouco homogênea, apresentando algumas peças de boa qualidade, cujas formas reproduzem fielmente a maior parte dos modelos que imitam, especialmente as que correspondem às *sigillatas africanas* e às *sigillatas hispânicas tardias*, em paralelo a um conjunto alargado de peças de qualidade mediana que corresponde, geralmente, à produção mais abundante de formas simples, como sejam os pratos de paredes retas e lábio arredondado, as taças que constituem imitações rudimentares ou as formas bastardas que aglutinam aspetos morfológicos de diferentes modelos. Trata-se de uma produção que não se limitou a copiar protótipos forâneos tendo desenvolvido modelos próprios ora por simples aproximação a tipos preexistentes, ora produzindo formas híbridas.

O jarro que se apresenta, n.º 65, constitui um dos raros exemplos deste fabrico específico identificado no Monte Padrão, em consonância com a cronologia definida para o abandono da ocupação romana (Fase VIIa – meados do séc. III), valorizando-se o facto de esta produção conhecer em época tardorromana o seu apogeu e maior expressão geográfica, uma vez que se admite a existência de um centro produtor na região de Braga, eventualmente no Prado, Vila Verde⁷³.

Cerâmica “Bracarense”

A cerâmica bracarense ou “tipo bracarense”, conforme tem vindo a ser designada (LEITE 1997), foi durante muito tempo indiferenciadamente integrada no diverso conjunto de cerâmicas comuns, ou confundida com algumas formas de “paredes finas” e de “terra sigillata” pelo facto de imitar algumas das suas formas.

As primeiras referências conhecidas a este fabrico devem-se a Rigaud de Sousa, dadas a conhecer no IV Colóquio Português de Arqueologia, realizado em 1965 (SOUSA 1966, 589-599).

72 À semelhança dos demais estudos de cerâmica utilizamos o *Code des couleurs des sols*, A. Cailleux, para a caracterização das cores das pastas e engobes.

73 Do ponto de vista da caracterização mineralógica e química dos diferentes fabricos identificados é imperioso direccionar a investigação para uma abordagem mais científica, como aliás já o reconhecia Manuela Delgado, entendendo o seu estudo como uma primeira fase de investigação. Em relação a este aspeto, no estudo monográfico de Alvarelos – *Castellum Madiae* – procuramos contribuir para o seu incremento através da realização de um conjunto de análises através de espectrometria por fluorescência de Raios X, de forma a caracterizar a constituição química das pastas, assim como reunir elementos que permitam fundamentar a hipótese já vinculada da existência de um centro produtor localizado na zona do Prado, Vila Verde, Braga (MOREIRA 2010, 706).

A partir de 1966, Adília Alarcão, individualizou e fez a descrição deste fabrico particular (ALARCÃO 1966, 45-50). Posteriormente, no início da década de setenta do século passado, no II Congresso Nacional de Arqueologia, Rigaud de Sousa voltou a abordar o estudo desta cerâmica, à qual se refere como “*terra sigillata bracarense*”, uma vez que as formas seguiam de perto alguns tipos do reportório das produções hispânicas e sudgálicas (SOUSA 1971, 451-455). Seguiram-se algumas outras referências pontuais, com destaque para os trabalhos desenvolvidos no âmbito do “campo arqueológico de Conímbriga” (MAYET 1975, 93-96; DELGADO; MAYET; ALARCÃO 1975, 37), iniciando-se, a partir desse momento, de forma mais ou menos sistemática, uma clara distinção desta produção relativamente a outros tipos de fabricos cerâmicos romanos. Adília Alarcão, Manuela Delgado e Alina Martins identificaram, com detalhe, as características morfológicas de fabrico que se individualiza de forma notória das restantes produções de cerâmica comum, malgrado a sua semelhança com a cerâmica designada de paredes finas produzida na região de Mérida – (...) ... *esta produção é muitíssimo semelhante a algumas das “paredes finas” de Mérida pela textura e pela cor clara da pasta bastante depurada, pelas características do engobe amarelo laranja, por vezes ligeiramente metalizado, com manchas negras frequentes e ainda pelo guilhoché profuso e elaborado - (...) Defini-la-emos, genericamente, como uma pasta de cor creme claro, dura com fractura concooidal, textura relativamente fina e escasso desengordurante (quartzo fino, anguloso e algum raro feldspato) além de óxidos de ferro em grumos ou pontuações (...)*. (ALARCÃO; MARTINS 1976, 91-92, 96).

Mais recentemente, merecem destaque os trabalhos desenvolvidos no âmbito do estudo das cerâmicas de Tongobriga, Freixo, Marco de Canaveses⁷⁴ e, de carácter mais genérico sobre a produção, o de Felisbela Leite, cujo propósito último consistia em identificar o centro produtor desta cerâmica que, apesar da abrangência da abordagem, ficaria por resolver (LEITE 1997)⁷⁵. Na área setentrional do convento bracaraugustano merecem referência algumas questões de carácter geral alusivas à sua distribuição (LÓPEZ 1991, 92-94), e de carácter mais localizado, os estudos realizados sobre os materiais recolhidos em *Aquis Querquennis* (FERNANDEZ 2006, 409-433).

Apesar de mencionada com alguma frequência na bibliografia arqueológica, só recentemente foi alvo de trabalhos monográficos com o objetivo de identificar a sua área de procedência e distribuição regional, assim como de caracterizar a composição química de materiais de diferentes proveniências, relacionando-os com os principais barreiros conhecidos na área envolvente de Braga, nomeadamente com os depósitos de caulinos de Barreiros, em Braga (LEITE 1997).

Em termos genéricos, a sua distribuição geográfica parece compreender o convento bracaraugustano e alguns centros urbanos de maior significado na sua periferia, como, por exemplo, Conímbriga, onde surge com frequência em estratos alto-imperiais. Em Portugal, na região envolvente à área de estudo, encontra-se documentada em inúmeros assentamentos,

74 No estudo taxonómico das cerâmicas comuns, a cerâmica “bracarense” encontra-se descrita nos seguintes termos – (...) *Pasta de estrutura homogénea, com desengordurante abundante constituído por grãos de quartzo, cor creme/castanho muito claro K71. Peças com paredes alisadas interior e exteriormente, sobre as quais foi deitada aguada que dá coloração alaranjada M40 ou N40. A maioria das peças é decorada cuidadosamente a guilhoché (...)* (DIAS 1997, 246-247).

A descrição morfológica das peças encontra-se organizada em 3 Tipos (Tigelas/Potes/Lucernas), entre as primeiras identificam-se as imitações da *terra sigillata*, integrando as seguintes formas; Forma 1 - imitação da Drag. 29, Forma 2 - imitação da Drag. 35/36, Forma 3 - imitação da Drag. 27, Forma 4 - imitação da Drag. 24/25.

75 Apesar do título sugerir um enfoque nas produções da cidade de Braga “*Contribuição para o estudo da cerâmica fina de Braga. A cerâmica “dita bracarense”*”, efetivamente, trata-se de uma abordagem de âmbito geográfico mais alargado que incluiu o estudo das cerâmicas de *Aquis Querquennis*, assim como o estudo mineralógico, petrográfico e químico de barreiros com argilas caulínicas do Norte de Portugal e da região de Ourense.

como a cidade de Braga, a Citânia de Briteiros, e de S. Torcato, Guimarães (ALARCÃO; MARTINS 1976, 93), em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses (DIAS 1995, 14; 1997, 246-247), em Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1984, 141, 167-168, 184-185, 208, 260, 262), no Castro de Alvarelos, Trofa (MOREIRA 2010, 823-836), entre muitos outros assentamentos em que se verifica uma ocupação correspondente a horizontes cronológicos relativos à 2ª metade do séc. I e inícios/meados do séc. II.

A cronologia deste fabrico, quer pelas formas que imita, quer pelos contextos estratigráficos em que se regista, sugere uma duração relativamente curta que, genericamente, poder-se-ia balizar entre meados do séc. I e meados do séc. II.

Trata-se de uma produção elaborada a partir de argilas caulínicas de elevada qualidade, caracterizando-se por apresentar pastas muito depuradas, com elementos não-plásticos pouco abundantes e bem calibrados, à base de quartzo e micas, de distribuição homogênea. As cozeduras, geralmente uniformes, revelam um cerne de tonalidade regular, podendo por vezes apresentar um núcleo acinzentado e arestas angulares. As pastas apresentam uma tonalidade de cor creme ou bege-claro. As superfícies conservam um engobe de tonalidade amarelada ou alaranjada, pouco uniforme, apresentando por vezes áreas com manchas negras e outras de aspeto metalizado.

Do ponto de vista morfológico caracteriza-se pela imitação das formas mais comuns da *terra sigillata hispânica* e de algumas formas de *paredes finas* da região emeritense, para além de contemplar uma produção de cerâmica comum e de lucernas tipo Dressel 20 e Loeschke X, algumas das quais com a marca de oficina de LVCRETIVS, uma referência nas olarias de *Bracara Augusta* (MORAIS 2005, 306), revelando, contudo, um reportório relativamente reduzido. As formas que imita com mais frequência são a Hermet 13, Drag. 24/25, 27, 18 ou 18/31, 29, 35/36, 36, 37, Hisp. 4, 5 para as *sigillatas* e as formas Maeyt L e LII da produção de *paredes finas* (MAYET 1975). Apesar de menos frequentes, existem formas de inspiração noutros fabricos, nomeadamente na cerâmica comum, menos padronizadas, e mesmo de modelos originais, sobretudo de recipientes para conter e servir líquidos⁷⁶. Trata-se de uma produção maioritariamente feita a molde cujo elemento decorativo por excelência é feito por carretilha, normalmente de boa qualidade, produzindo um *guilhoché* homogêneo.

Trabalhos recentes, fundamentados num largo conjunto de análises petrográficas, mineralógicas e químicas de cerâmicas provenientes de Braga, Lugo, *Aquis Querquennis* e Conímbriga evidenciaram que as cerâmicas provenientes de Conímbriga foram produzidas a partir de matérias-primas diferentes das demais ao contrário das restantes que parecem sugerir a mesma proveniência (LEITE 1997, 84). Desta forma, poder-se-ia considerar a possibilidade de existência de mais do que um centro produtor, sendo também possível que o resultado das análises indique que a matéria-prima seja de outra proveniência ou mesmo, representar apenas variações de composição do mesmo depósito. A frequência com que surge na cidade de *Bracara Augusta* e a difusão que conhece na região, à semelhança do que sucede com produções de cerâmica comum de âmbito local ou regional, parecem indicar um centro produtor na área de Braga. Inclusivamente, como fez notar Jorge Alarcão (ALARCÃO 1988A), este fabrico de cerâmica de mesa parece ter sido produzido para suprir a falta de cerâmicas finas de importação, nomeadamente das cerâmicas denominadas de

76 Veja-se, a propósito, o conjunto de formas identificadas em *Aquis Querquennis* (FERNÁNDEZ 2006, 427-433, formas 9-12) composto por jarros, púcaros e bilhas, assim como as formas identificadas em Braga – (...) correspondentes a tigelas, púcaros, jarros, bilhas, potes, potinhos, copinhos, etc., frequentemente associadas a cerâmica comum, algumas das quais decoradas na parede externa com um fino *guilhoché*. (...) (MORAIS 2005, 317).

paredes finas, cuja ocorrência no Norte de Portugal é extremamente escassa, sendo, aparentemente, suprida a sua ausência pela cerâmica bracarense, quer pela sua qualidade quer pelo tipo de formas que cumprem a mesma função nos serviços de mesa.

O facto de constituir uma produção cujos modelos se centram fundamentalmente nas produções de exportação, associada à escassez das importações da *terra sigillata* Bética, designadamente das produções de Andújar e Granada, aliada à elevada qualidade da produção, tem autorizado alguns autores a considerar que não se tratará simplesmente de uma produção local que imita protótipos forâneos, mas que, provavelmente, resultará da fixação em Braga de oleiros provenientes da Bética, conhecedores das formas específicas da produção de *paredes finas* e da *terra sigillata* emeritense (MORAIS 2005, 306).

Ilustram-se três exemplares, n.º **66-67, 69**, que correspondem, respetivamente ao copo tipo Mayet XXXVII e às taças Drag. 27 e 35. O primeiro, n.º **66**, morfologicamente aproxima-se à forma XXXVII das *paredes finas*, cuja produção foi muito difundida na Península Ibérica, apesar da sua ocorrência no Norte de Portugal não ser muito expressiva. Trata-se de uma pequena taça ou de um copo de pequenas dimensões, de bordo ligeiramente reentrante e parede curva, com lábio marcado por uma fina canelura externa. Como características básicas da forma, são identificados os lábios redondos demarcados da parede por uma ranhura, podendo ou não apresentar asas. A decoração, quando existente é roletada. O nosso exemplar exibe uma decoração roletada muito expressiva composta por um friso de três linhas de motivos em relevo compondo um padrão alternado de folhas alongadas com aresta central, intercalados por motivos circulares. A superfície revela uma barbotina espessa e bem aderida de tonalidade laranja. Do ponto de vista cronológico surge em níveis Tibério-Cláudio, com evolução até aos Flávios, correspondendo, portanto à Fase VII do Monte Padrão.

A taça, n.º **67**, corresponde a uma das produções mais comuns da designada cerâmica bracarense, concretamente à forma III das *sigillatas* hispânicas definida por F. Mayet / Drag. 27 (MAYET 1984, 72, PL. LXV). Apesar de formalmente corresponder ao perfil do protótipo de inspiração - recorte biconvexo, formado por dois quartos de círculo com bordo arredondado, com pé anelar, baixo, de secção triangular e fundo côncavo - geralmente revela pouca curvatura, e parede quase vertical quebrando a curva do bordo de forma mais acentuada que nas *sigillatas*. Cronologicamente, a sua produção baliza-se entre os reinados de Tibério/Cláudio - Flávios, revelando consistência com as estratigrafias de referência do Padrão onde integra a Fase VII.

A taça, n.º **69**, pertence à forma Drag. 35 (MAYET 1984, 73-74) que constitui um dos tipos de menor expressão. Com frequência verifica-se a sua identificação associada à forma Drag. 36, assumindo a designação de Drag. 35/36, pelo facto de se considerarem integrantes do mesmo serviço e também devido à dificuldade de discernir entre as duas formas dado o habitual estado fragmentário das peças que muitas vezes inviabiliza a identificação dos diâmetros, não permitindo uma classificação segura.

As produções *bracarense*s que imitam a forma das produções de *sigillata* distinguem-se em dois grupos em função da dimensão das peças e da decoração inscrita no bordo. Ao nível da dimensão individualiza-se um primeiro grupo constituído por peças de diâmetro do bordo variável entre 80 mm e 90 mm e um segundo grupo constituído pelos exemplares que se inscrevem entre os 90 mm e os 125 mm de diâmetro do bordo. Ao nível da decoração identificam-se também dois grupos - o primeiro, mais próximo dos modelos de inspiração, apresenta uma decoração composta por folhas d'água e, o segundo, mais frequente, composto

por guilhoché inscrito na aba. Do ponto de vista morfológico constitui uma imitação bastante fiel ao seu protótipo, apresentando um reservatório hemisférico, relativamente baixo, rematado por um bordo em forma de aba que assume diferentes expressões ao nível da largura, espessura e secção, no qual se distinguem dois grupos. Um composto por uma aba mais larga, levemente curva, e o segundo com um bordo mais curto e espesso, geralmente horizontal, podendo, em alguns casos, apresentar um desenvolvimento interno.

Constitui uma forma relativamente comum embora a sua representação percentual seja reduzida⁷⁷. O nosso exemplar apresenta uma copa esférica rematada por bordo espesso a configurar uma aba externa com lábio descendente e face superior roletada. Inscreve-se no segundo grupo. Cronologicamente integra a Fase VII.

Cerâmica cinzenta fina

A designada *cerâmica cinzenta fina* ficou a dever a sua denominação a Jorge Alarcão, mencionada no âmbito do estudo da cerâmica comum de Conímbriga (ALARCÃO 1974; 1975), onde surge integrada no grande grupo das “Cerâmicas torneadas de tradição indígena” tendo sido, a partir desse momento, adotada pelos principais investigadores que se debruçaram sobre o seu estudo⁷⁸. A terminologia escolhida revela as principais características desta produção, nomeadamente a cor da superfície que abrange uma gama de cinzentos de diferente intensidade até ao negro. A referência à sua espessura caracteriza a predominância de formas de pequena dimensão, geralmente com paredes de secção diminuta, ao contrário dos potes e púcaros de média dimensão nos quais a espessura das paredes não respeita essa característica.

Entre os estudos mais significativos realizados em Portugal, onde mais cedo esta produção mereceu atenção por parte dos investigadores, apesar da sua expressão abarcar todo o Noroeste Peninsular, contam-se os trabalhos realizados por Teresa Soeiro sobre os materiais provenientes de Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1981-1982, 97-122) e de Lino Augusto Tavares Dias sobre as cerâmicas provenientes de *Tongobriga* (DIAS 1995, 22-23; 1997, 254-255, 280). Mais recentemente, são já vários os estudos na área meridional da Galiza que se debruçam sobre a problemática específica desta produção, nomeadamente o seu estudo tipológico como, por exemplo, o trabalho realizado sobre os materiais recolhidos no acampamento militar de *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense (FERNÁNDEZ 2006, 480-491). Todavia, apesar da sua caracterização se encontrar relativamente bem definida, não existe ainda um *corpus* tipológico completo, assim como uma perspetiva suficientemente detalhada sobre as ocorrências e a sua importância na dinâmica económica regional. A dificuldade mais significativa radica no problema de fundo, já antigo, mas ainda sem resposta, relacionado com a identificação do seu centro produtor ou da demonstração da existência de vários centros, assim como a percepção de quais os materiais forâneos que se relacionam com a sua produção, uma vez que o reportório indígena não evidência uma tradição que ligue diretamente este tipo de cerâmica

⁷⁷ Por exemplo, em Braga, onde se recolheram 8 taças, corresponde apenas a 1,16% do total das peças identificadas (MORAIS 2005, 307). Da mesma forma, em *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense, de um total de 20 peças identificadas sob a forma Drag. 35/36, apenas cinco correspondem claramente à forma Drag. 35 (FERNÁNDEZ 2006, 418, forma 2, n.º 9-13). Em *Tongobriga*, Freixo, Marco de Canaveses, identifica-se como Forma 2, na qual se incluem as duas formas com a designação de Drag. 35/36, referindo-se como decoração predominante um guilhoché aplicado sobre os bordos (DIAS 1997, 247).

⁷⁸ Apesar da sua originalidade, riqueza morfológica, decorativa e relativa abundância em horizontes cronológicos relativos ao séc. I, e primeira metade do séc. II, quer em ambientes habitacionais quer funerários, esta produção nunca foi alvo de especial atenção por parte dos investigadores portugueses, quer num enfoque particular, monográfico, quer enquanto referência ergológica enquadrada genericamente na cultura material castreja, merecendo apenas referências marginais, raramente caracterizadas do ponto de vista tipológico e de fabrico, nomeadamente no que se refere à constituição das pastas.

ao período da Idade do Ferro⁷⁹. Por outro lado, é consensual, tratar-se de uma produção do séc. I, que se inicia a partir do reinado de Augusto e que se generaliza e difunde massivamente durante o período dos Flávios, prolongando-se a sua produção até à primeira metade do séc. II (ALARCÃO 1974, 88; SOEIRO 1981- 1982, 106). Porém, existem opiniões divergentes como, por exemplo, a de Armando Coelho que, com base nas abundantes ocorrências nos níveis superiores do Castro de Romariz, Vila da Feira, e Monte Murado, Gaia, entre outros castros da área dos *Turdili Veteres*, sugere a existência de um centro produtor na região meridional, eventualmente um dos mais importantes, relacionando as características desta produção às técnicas de fabrico da cerâmica indígena, seguindo algumas das novas formas do amplo reportório da cerâmica comum romana (SILVA 1986, 126-127).

Do ponto de vista técnico, os fabricos são relativamente uniformes revelando pastas muito homogêneas, bem depuradas, com elementos não plásticos de diminuta dimensão, bem calibrados, compostos fundamentalmente por quartzo e feldspato, geralmente sem mica e, pontualmente, com elementos ferruginosos, também de reduzido calibre. O acabamento é cuidado, apresentando as superfícies bem alisadas e polidas que conferem às peças um aspeto brilhante e, nos casos em que estas foram humedecidas durante o processo de alisamento, a fricção conduziu as partículas mais finas de argila à superfície criando um revestimento próximo do engobe, que, por vezes, em determinadas condições de cozedura originavam um aspeto brilhante com laivos metálicos na superfície⁸⁰.

A decoração brunida, presente na maior parte dos exemplares, é de cariz geométrico, muitas vezes organizada em bandas divididas por caneluras, composta por linhas retas, oblíquas, motivos em ziguezague ou aspas, frequentemente conjugados entre si. Maioritariamente, a sua implantação faz-se no terço superior das peças, ocupando, portanto, a parte cimeira do bojo, colo e bordo prolongando-se, em muitos casos, até ao lábio. A decoração com carretilha, também frequente, mais padronizada e monótona, cobre as superfícies mais amplas, sendo usual apreciarem-se peças intensamente decoradas, constituindo o tipo de solução mais comum nas formas de maior dimensão, nomeadamente os potes.

O número de formas é relativamente limitado, identificando-se apenas dois grupos, definidos em função do fabrico, dimensão e função do recipiente – Grupo I.1. É formado por peças de maiores dimensões, composto por vasos de armazenagem. Encontra-se identificada no estudo de Teresa Soeiro como – Grupo I.1, Grandes Púcaros (SOEIRO 1981-82, 101, EST. II-IV), e no estudo de *Tongobriga* como Grupo 13 (DIAS 1995, 21-22). No primeiro caso compreende apenas peças de média dimensão com bojo globular de duas asas, cuja taxonomia os aproxima mais da categoria dos potes, como aliás são classificados em *Tongobriga*. Neste caso o primeiro Grupo é mais diversificado nas formas, identificando-se três tipos – Potes, Taças e Bilhas – sendo que o primeiro inclui 2 formas, subdividindo-se a primeira em 2 variantes. O Grupo I. 2, 3, 4 no estudo de Teresa Soeiro inclui copos,úcaros e potes, abarcando a

79 A cerâmica brunida conheceu alguma expressão nas produções indígenas do noroeste, designadamente na última etapa da cultura castreja, já no âmbito de influência da romanização, sem que, no entanto, tenha conhecido uma grande difusão. Uma primeira abordagem ao seu estudo na área da atual Galiza identifica 15 assentamentos em que se recolheram cerâmicas deste tipo, com destaque para a área meridional, nos quais se documenta e caracteriza este tipo de decoração, em certa medida próxima do reportório das *cerâmicas cinzentas finas* – (...) *los motivos decorativos son siempre geométricos, predominando los motivos retilíneos sobre los curvilíneos* (...) (CUÑARRO 1980, 85-86). Todavia, apesar do conhecimento da técnica decorativa, similitude de reportório decorativo e paralelismo cronológico e cultural, as características taxonómicas das produções identificadas como *cerâmica cinzenta fina* não permitem o estabelecimento de qualquer relação entre as duas.

80 Como fez notar Jorge Alarcão, o aspeto do engobe que muitas peças apresentam será o resultado da utilização de um pano ou de couro no processo de alisamento efetuado depois da peça modelada, sendo necessário que o oleiro a humedecesse durante a execução - (...) *o que provocaria o afluxo das partículas mais finas de argila. Tal afluxo é capaz de criar uma camada fina com aspecto de engobe.* (...) (ALARCÃO 1974, 59).

maior parte das formas da produção. Em *Tongobriga* sinaliza-se como Grupo 13A, subdividindo-se em 5 tipos; Potinhos, Tigelas, Taças, Bilhas e Copos, considerando os 3 primeiros tipos uma subdivisão em Forma 1 e 2 (DIAS 1995, 22-23). Por último, Teresa Soeiro considera a existência de um segundo grupo – Grupo II –, no qual integra as peças aparentadas às formas de paredes finas⁸¹.

Estamos perante um tipo de cerâmica fina de boa qualidade cujas características formais e decorativas revelam uma clara influência romana. À semelhança da cerâmica dita *bracaraense*, aglutina influências de diferentes produções como as *paredes finas*, as *cerâmicas calcíticas pintadas* e a *terra sigillata*, cuja elevada preponderância de púcaros e copos parece refletir um propósito de preenchimento das lacunas formais das louças finas de mesa forâneas características deste período, assim como a exígua produção de vidros e objetos metálicos destinados a esse fim. Apesar da sua tradição não ser local, certo é que foi apreendida e disseminada por vários centros oleiros tendo a sua produção conhecido uma distribuição muito significativa, sendo frequente a sua recolha nos castros do Norte de Portugal⁸² e da Galiza⁸³, em necrópoles e assentamentos romanos com cronologia alto-imperial. Apesar de em Conímbriga a cronologia atribuída à produção se encontrar balizada entre os séc. II a.C. e a primeira metade do séc. I (ALARCÃO 1974, 62), e de se encontrar relativamente bem documentada em povoados indígenas na margem esquerda do Douro, como, por exemplo, em Romariz e em Fiães, Vila da Feira (SOEIRO 1981-82, 105), é significativo que os castros do Noroeste de Portugal não registem a sua ocorrência em estratos anteriores ao cambio de Era, ou, com mais detalhe, anteriores aos reinados de Tibério-Cláudio, como aliás acontece em Mozinho, Penafiel, no Castro do Padrão, Santo Tirso, e Castro de Alvarelos, Trofa. A produção parece manter-se na região ao longo da dinastia dos Flávios, decrescendo a sua presença com o incremento da importação de cerâmicas romanas.

As ocorrências em contextos funerários, muitas das quais com cronologia posterior à defendida para a sua produção, parece não se revestir de particular significado nem contrariar a referência cronológica de produção e difusão.

O vaso ilustrado, n.º 68, consiste num púcaro que enquadra um número significativo de exemplares afins identificados no Castro do Padrão (SANTARÉM 1951/952, 49; 1955, 397; SOEIRO 1981/1982, 107, EST., X, n.º 1-4; MOREIRA 2007, 71, n.º 110,112; 2016, 54, n.º 72-55). Trata-se de recipientes para conter e servir líquidos em pequenas quantidades, ou para beber, constituindo parte integrante do serviço de mesa. Os púcaros pequenos constituem uma das formas mais

81 Sem discutir aspetos relacionados com questões de terminologia, refira-se que os estudos mencionados introduzem um elevado grau de subjetividade na análise e classificação dos materiais, neste caso flagrante na questão relacionada com os púcaros grandes e potes, púcaros e potinhos e tigelas e taças. A recorrente problemática gerada pela utilização de uma terminologia não uniformizada gera, invariavelmente, falta de objetividade e muito frequentemente, alguma confusão no momento de classificar as peças, assim como a referência de paralelos.

82 Entre os castros da região refiram-se o Castro do Alvarelos, Trofa; a Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira; a Citânia de Briteiros, Guimarães; o Castro do Freixo, Marco de Canaveses; o Castro de Faria, o Castro da Facha em Barcelos e o Castro de Âncora, Viana do Castelo, entre muitos outros. Apesar de nas necrópoles da região não ter sido detetada qualquer ocorrência de *cerâmica cinzenta fina*, a sua presença é relativamente frequente na área meridional do convento bracaraugustano. Refira-se, a título de exemplo, os materiais provenientes da necrópole de Monte Mozinho, Penafiel (PINHO 1931, 26; ALMEIDA 1974, 51; SOEIRO 1981-1982, 103, est. VII 1-3; 1984, 293, fig. CXXXIX, n.º 2, fig. CXL, n.º 3, 296, fig. CXLI, n.º 4), as peças (pote e púcaro) provenientes da necrópole das Caxinas, Vila do Conde (ALMEIDA 1973, 221, est. VIII, n.º 5; 219, est. VI, n.º 3), um púcaro da necrópole de Antas, Penafiel, (SOEIRO 1984, 90, fig. XXX-VIII, n.º 1), um púcaro na necrópole de Oldrões, Penafiel (SOEIRO 1984, 96, fig. XLIII, n.º 2), os cinco púcaros identificados na necrópole de Bouçós, Paços de Ferreira, (SILVA 1986a, 122, est. XXIX, n.º 4-6), e a expressiva coleção de copos e púcaros da necrópole de Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987, 203-206).

83 Entre outros, refira-se o Castro de Vigo, cujas ocorrências integradas no II nível de ocupação, datam do último quartel do séc. I a.C. e o final do séc. I, encontram paralelo com materiais da área meridional do convento bracaraugustano, associadas a *sigillatas* itálicas, tipo Godineau 15-B, de *sigillatas* sudgálicas, tipo Dragendorff 24/25, 18, 15/17, 27 e Ritt. 8, e um largo acervo numismático datado genericamente do séc. I (CUÑARRO 1987, 124).

comuns na produção de *cerâmica cinzenta fina*, resultando a sua proximidade morfológica com os copos, fator que dificulta a sua classificação, constituindo o elemento de distinção a existência ou não de asas.

Morfológicamente, caracterizam-se pela sua pequena dimensão que oscila entre os 8 cm e os 12/14 cm de altura e por possuírem um perfil contracurvado, com bojo de perfil ovoide, rebaixado, com pé curto, discoidal, podendo apresentar uma leve canelura junto à aresta e perfil interno ligeiramente convexo. O colo é curto e medianamente estrangulado, alinhando a face interna pelo diâmetro externo do pé. O bordo é projetado para o exterior a formar um ângulo de 45°, rematado por um lábio de secção arredondada. A asa, quando presente, desenvolve-se diretamente do lábio ao terço inferior do bordo apresentando secções diferenciadas que podem evoluir de arredondada, a oval e plana.

A decoração, que parte dos exemplares exibe, ocupa o terço superior do bojo, colo e, em muitos casos, o bordo e o lábio. É constituída por uma temática de natureza geométrica, organizada em bandas, composta por linhas quebradas ou contínuas, verticais ou oblíquas, em ziguezague, muitas vezes combinando diferentes espessuras, sendo sempre brunidas, independentemente do acabamento com maior ou menor intensidade do polimento. A organização surge estruturada em bandas formadas por caneluras ou por leves toros, geralmente definindo o limite inferior e superior do colo⁸⁴.

O nosso exemplar, n.º **68**, apresenta um perfil e decoração enxaquetada podendo, genericamente, integrar-se no conjunto de púcaros cuja temática se inclui na produção Flávia, enquadrando a Fase VII, cronologicamente consistente com as referências identificadas noutros povoados na região como, por exemplo, Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1981/1982, 102, EST. VI, 1; V, 3, VI, 2), e nas necrópoles de Monte Mozinho, Penafiel (SOEIRO 1981/1982, 103, EST. VII, 2), de Bouçós, Paços de Ferreira (SILVA 1986A, 122, EST. XXIX, n.º 4-6), e nas Caxinas, Vila do Conde (ALMEIDA 1973, 219, EST. VI, n.º 3).

Sigillata sudgálica

O acervo de *terra sigillata* sudgálica recolhido no Monte Padrão é relativamente escasso. No conjunto de importações de *terra sigillata* a produção gálica constitui a segunda presença mais expressiva depois das produções hispânicas. Surpreendentemente, de uma produção que inclui 23 formas decoradas, não recolhemos qualquer exemplar com decoração, o que, em comparação com outros contextos estudados na região, constitui um facto dissonante. Também o reportório das formas lisas é pouco significativo, resumindo-se aos principais modelos (Drag. 15/17, Drag. 18/31, Drag. 24/25, Drag. 27), em claro contraste com outros contextos, nomeadamente *Bracara Augusta* onde se identificaram 22 formas, numa produção que conheceu 40 formas lisas⁸⁵.

84 No estudo das cerâmicas de *Tongobriga*, o Grupo 13a, onde se inscrevem as produções de *cinzenta fina*, a forma surge identificada como "potinho", apresentando duas variantes em função do perfil (DIAS 1997, 280). Em Monte Mozinho, Penafiel, o comportamento da decoração evidencia uma sequência cronológica verificando-se que as primeiras ocorrências são púcaros lisos, ou quando decorados, apresentam meandros brunidos no bojo ou, linhas paralelas no colo. Em época Cláudia verifica-se uma tendência para os vasos serem decorados com linhas paralelas. Por último, em época Flávia, o esquema que prevalece é composto por linhas quebradas sobre o colo seguidas de linhas oblíquas sobre a parede ou com paralelas verticais e oblíquas em ambos, bojo e colo (SOEIRO 1981/1982, 102).

85 Para efeitos de classificação utilizamos as obras clássicas de Dragendorff (DRANGEDORF 1895), Déchelette (DÉCHELETTE 1904), Ritterling (RITTERLING 1933) e Hermet (HERMET 1934). Entre a bibliografia mais recente destaca-se o estudo de Vernhet (VERNHET 1975), do qual adotamos a seriação por períodos do centro produtor de *La Graufesenque*; Período de Ensaio – 10/20 d.C.; Período Primitivo – 20/40 d.C.; Período de Esplendor – 40/60; Período de Transição – 60/80; Período de Decadência – 80/120; Período Tardio – 120/150.

A *terra sigillata* sudgálica recolhida no Monte Padrão tem como origem exclusiva o centro produtor de *La Graufesenque*, localizado na região da Aquitânia, no sul da França, que tem vindo a ser identificado como *Condatomagus*⁸⁶. A sua produção teve início a partir de 10 a.C., estando atualmente considerado como período de apogeu o lapso temporal que medeia entre os anos 40 e 80 da nossa Era, momento a partir do qual a produção decai progressivamente até finais do séc. I. A partir desse momento até cerca de meados do séc. III a sua expressão é meramente regional, tendo sido definitivamente suplantada por outras produções, no nosso caso pela *terra sigillata* hispânica.

De uma forma geral, os materiais recolhidos constituem um fabrico de boa qualidade, quer a nível de constituição de pastas, modelação e cozedura, quer ao nível do acabamento e verniz, revelando um estado de conservação significativamente superior ao das *sigillatas* hispânicas. No que respeita à constituição das pastas a partir de uma análise macroscópica foi possível distinguir dois grupos, cuja caracterização e classificação individual não sugere uma discrepância cronológica ou de proveniência.⁸⁷

Ilustramos apenas um exemplar, n.º 70, cujo fragmento compreende o bordo, parede e arranque do fundo de um prato tipo Dragendorff 15/17. Este tipo de pratos configura uma das peças de maior difusão e representação da produção sudgálica, constituindo uma das principais formas produzidas em *La Graufesenque*. Estamos perante uma peça que entronca nas formas de tradição itálica, em concreto na Forma 3 dos serviços III e IV de Haltern (LUTZ 1974, 35), que surgem durante o “Período Primitivo” das oficinas da Gália (VERNHET 1975), cuja cronologia genérica se define como início de fabrico o começo do segundo quartel do séc. I, chegando a sua produção até ao séc. II (SÁNCHEZ – LAFUENTE 1983, 38), de forma mais precisa entre os anos 10 e as primeiras décadas do séc. II (PASSELAC; VERNHET 1993, 569-580), ou, de acordo com a perspetiva de Félix Oswald e Thomas Davies Price, até ao fim do período Flávio, momento a partir do qual se produz como variante até ao reinado de Domiciano e Trajano (OSWALD; PRICE 1966).

A estrutura formal inicial do prato define-se a partir da sua baixa altura, com canelura interna proeminente em forma de quarto de círculo instalada na zona de interseção entre a parede e o fundo. O bordo é curto, de desenvolvimento oblíquo, delimitado no interior por uma ranhura. O fundo é suportado por um pé anelar de secção triangular ou retangular. Sobre esta estrutura inicial verifica-se um prolongado desenvolvimento evolutivo que permite a definição cronológica de cada grupo.

Em termos genéricos, as formas mais antigas definem os seus rasgos morfológicos através da configuração dos reservatórios com paredes tendencialmente verticais e moldura interna de disposição oblíqua e verso exterior côncavo. Num segundo momento as transformações operadas concretizam-se ao nível da orientação do corpo que conhece uma progressiva inclinação, o incremento da capacidade dos reservatórios com o aumento da altura, assim como um crescente reforço interno com a implantação quase horizontal da canelura interna na ligação da parede e o desenvolvimento de um perfil convexo do fundo (OSWALD; PRICE 1966).

86 Apesar de pouco abundante, a *terra sigillata* sudgálica do centro produtor de Montans encontra-se representada em contextos arqueológicos da região, designadamente em Braga onde foram recolhidos cinco fragmentos (MORAIS 2005, 178), e em Monte Mozinho, Penafiel, onde foram recolhidos 49 fragmentos (CARVALHO 1998, 40). Esta disparidade de valores reflete, em certa medida, a supremacia do centro produtor de *La Graufesenque*, expressa na sua capacidade produtiva quando comparada com a de Montans (40 000 vasos numa cozedura em *La Graufesenque* e 4 000 em Montans).

87 Em termos gerais, as pastas identificadas no Monte Padrão integram o Grupo A e B, caracterizadas nas produções da província da Corunha (PÉREZ 2004, 82-83).

Numa perspetiva cronológica mais alargada, na proposta de Michele Passelac e Alain Verhnet, a periodização do seu desenvolvimento formal surge estruturado em quatro variantes, com correspondência cronológica evolutiva – Dr15a1, Dr15a2, Dr15b1, Dr15b2. Conforme se referiu anteriormente, constitui uma das formas lisas de maior representatividade e apenas foi secundada em alguns contextos específicos pela forma Drag. 18. Nos assentamentos do convento bracaraugustano, dos quais são conhecidos indicadores quantitativos, merece destaque o acervo da capital de convento onde representa 21,81% das formas lisas e 17,73% do total das importações sudgálicas (MORAIS 2005, 179, FIG. 46). Em Monte Mozinho, Penafiel, constitui apenas 15,6% das importações sudgálicas (CARVALHO 1998, 42). Outras referências da sua presença no noroeste identificam-se em Lugo onde constitui 5,26% das formas gálicas (GÁSCON 1991, 142, FIG. 2)⁸⁸, e na Província da Corunha, corresponde a 14,8% da totalidade da produção sudgálica (PÉREZ 2004, 109).

O exemplar ilustrado, n.º 70, integra a Fase VII e poderá, genericamente, ter uma cronologia balizada entre os reinados de Cláudio – Nero. É proveniente do exterior da *Domus Leste*, cuja referência de construção e primeira ocupação é consistente com a datação proposta (MOREIRA 2014, 99-105).

Sigillata hispânica

A *terra sigillata* hispânica recolhida no Monte Padrão proveniente do centro produtor de *Tritium Magallum* é particularmente abundante e representativa da dinâmica comercial interprovincial. Constitui, sem dúvida, o acervo mais significativo das importações de *sigillatas* à semelhança do que sucede noutras estações arqueológicas (MOREIRA 2010). No conjunto das importações da *terra sigillata* de tipo itálico, sudgálico e hispânico, esta consiste na ocorrência de maior expressão e dentro destas produções, distinguindo-se os fabricos de *Tritium Magallum*⁸⁹ das produções de Andújar, representando o primeiro cerca de 96%, e 4% o segundo.

Os fabricos identificados organizam-se em três grupos cujas características genéricas permitem identificar períodos cronológicos distintos, nos quais determinado tipo de pastas são mais preponderantes, apesar de se verificarem exemplos intermédios e mesmo com características dissonantes dos grupos estabelecidos, que poderão ser o resultado de origem de oficinas distintas, ou, simplesmente, de diferentes lotes, condições de cozedura, de aspetos particulares e pontuais dos depósitos de argila ou do processo de decantação.

Ilustramos apenas dois exemplares que integram grupos distintos. A taça Drag. 29, n.º 72, pertencente ao Grupo I que, *grosso modo*, corresponde às produções da segunda metade do séc. I e início do séc. II⁹⁰. A taça Drag. 37, n.º 73, integra o Grupo II, que corresponde à

88 O estudo que proporcionou uma perspetiva geral sobre a dinâmica comercial das importações de *terra sigillata* foi feito a partir de um conjunto aleatório de 545 fragmentos inventariados na intervenção arqueológica levada a cabo na cidade de Lugo (GÁSCON 1991, 142-143).

89 O centro produtor de *Tritium Magallum* localiza-se em Espanha, na atual província de Logroño, na região da Rioja, a 12 km a sul do rio Ebro. É composto por um conjunto de seis oficinas (conhecidas até ao momento), localizadas nas cercanias de Trício – Bezares, Arenzana de Arriba, Arenzana de Abajo, Baños, Río Tobía e Najera. A historiografia deste centro produtor foi já detalhadamente abordada por vários autores (MAYET 1984, 62-65, e mais recentemente CARVALHO 1998, 65-66), que diretamente mencionam a bibliografia específica onde se destacam os trabalhos publicados por Howard Comfort (COMFORT 1940), L. Vázquez de Parga (PARGA 1943, 123-144), Marztínez Olalla (OLALLA 1948, 143-145), Mesquíriz Catalán (CATALÁN 1961; 1975, 231- 234; 1976, 299-304; 1982, 25-40; 1985, 97-174), Gomez Garabito e María Ester Solovera (GARABITO; SOLOVERA 1975, 545-592; 1976, I, II, III).

90 Pasta de compactação média e textura esponjosa, relativamente pouco homogénea, com pequenos vacúolos alongados. Depuração média/fina. A fratura apresenta um recorte quebrado e pouco regular. Elementos não plásticos abundantes, mal calibrados, de distribuição irregular compostos por partículas amarelas, argilosas e calcárias. A cor da pasta oscila entre o Rosa (M-20) e o Terra

maioria das ocorrências identificadas no Monte Padrão, cuja cronologia se baliza entre o início do séc. II e a primeira metade do séc. III⁹¹ (Fase VIIIa).

A origem da tigela Drag. 29 vincula-se a protótipos itálicos apesar de o precedente mais direto ser a sua homónima do sul da Gália, produzida desde o reinado de Tibério até à época Flávia (OSWALD; PRICE 1966, 66-86; MAYET 1984, 82). Em termos genéricos, define-se a partir de um recorte troncocónico com reservatório mais ou menos carenado na face inferior a demarcar o início do fundo que se revela levemente côncavo. O bordo é esvasado com uma orientação oblíqua evidenciando uma moldura no exterior de secção curva, rematado por lábio arredondado ou assimétrico, ligeiramente espessado no exterior e destacado por ranhuras ou ressaltos no interior. O fundo é composto por um pé anelar de secção retangular facetado na aresta exterior, geralmente baixo e bem proporcionado em função da dimensão da tigela. A decoração produzida a molde inscreve-se sobre a parede, podendo conjugar uma banda decorada a guilhoché na moldura do bordo, geralmente associada aos exemplares mais antigos.

Françoise Mayet propõe uma divisão em dois grupos em função do diâmetro do bordo, sendo o de menores dimensões constituído por tigelas cujo diâmetro se centra entre 120 mm e 150 mm e o segundo entre 190 mm e 220 mm. A sua datação, proposta por Mesquíz e seguida por Mayet, centra-se no início da produção hispânica e o seu término estabelece-se por volta dos anos 60/70, de acordo com a sua homónima e precursora gálica (MAYET 1984, 83), podendo, segundo as mais recentes propostas, balizar a sua produção entre os anos 40 e 80, como parecem documentar as recolhas bracarenses (MORAIS 2005, 226).

Como se verifica em numerosos contextos arqueológicos no Noroeste Peninsular constituiu uma forma de assinalável aceitação registando uma ampla representação no reportório das formas decoradas. Por exemplo, em Braga, constitui a segunda forma decorada representando 14,54% da produção hispânica e 42,42% das formas decoradas (MORAIS 2005, 224, FIG. 49). Em *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense, representa 44% das formas decoradas (GASCÓN 2006, 331, FIG. 2), e, em Monte Mozinho, Penafiel, consiste em 18,7% das formas decoradas.

O fragmento identificado integra o tipo de vasos com decoração metopada com representação de animais, ilustrando uma cena venatória da caça à lebre com galgo.

A taça tipo Drag. 37 constitui a forma mais abundante de todo o reportório hispânico, quer nos centros produtores quer nos locais de consumo. Os seus principais rasgos morfológicos definem-se a partir do perfil hemisférico do reservatório rematado por bordo vertical ou ligeiramente reentrante, que manifesta uma grande variedade de dimensões e perfis. Distinguem-se dois grupos com base na dimensão e configuração do bordo. O primeiro constitui a forma Drag. 37 de bordo amendoado, mais rara, que se caracteriza pela sua grande dimensão com diâmetro ao nível do bordo na ordem dos 250 mm a 300 mm, dotado de uma parede espessa. O bordo é curto e compacto, mais ou menos introvertido, rematado por um lábio em forma de amêndoa (MAYET 1984, 84). As produções de

Siena (M-37, M-39, N-35). O verniz, brilhante e espesso, apresenta uma coloração vermelho-alaranjada, com a superfície irregular, bem aderido.

91 Pasta de compactação média/alta de elevada depuração e textura mais ou menos esponjosa com vacúolos pouco frequentes. A fratura apresenta-se irregular, frequentemente a destacar o verniz. Elementos não plásticos abundantes e visíveis, constituídos por partículas amarelas, argilosas e calcárias de diferente calibre e distribuição irregular. A cor da pasta apresenta uma gama de tonalidades dentro do Vermelho Inglês (P-19, P-20, R-19, R-20), ou mesmo Terra Siena (M-37, M-39, N-35). O verniz é vermelho-alaranjado, mais claro que o Grupo I, brilhante, relativamente mal aderido, podendo destacar-se em pequenas áreas ou apresentar-se rachado.

Trício caracterizam-se ainda pela qualidade excepcional do verniz, geralmente espesso e bem aderido. A cronologia proposta por F. Mayet apoia-se nas estratigrafias de *Pompae-lo* e Conímbriga que remete o início da sua difusão para o último quartel do séc. I. A taça de bordo simples é relativamente mais abundante. O seu perfil aproxima-se do protótipo sudgálico com bordo arredondado e vertical, não constituindo, no entanto, uma forma homogênea tanto na dimensão como no perfil. O recorte mais abundante caracteriza-se pela forma arredondada rematada por um bordo vertical ou ligeiramente introvertido oscilando o diâmetro do bordo entre 180 mm e 200 mm. Encontra-se na forma decorada nos três estilos, constituindo a variante A de maior duração. A sua cronologia, sugerida pela estratigrafia de *Pompae-lo*, estabelece o início da sua fabricação no último quartel da nossa Era prolongando-se pela primeira metade da centúria seguinte (MAYET 1984, 84). Embora não se possa estabelecer um esquema evolutivo, alguns autores identificam determinadas peculiaridades formais com períodos específicos da sua produção. Assim, Carretero Vaquero, seguindo Romero Carnicero, considera as peças de perfil hemisférico com o bordo vertical ou ligeiramente reentrante, lábio pouco destacado, pé baixo e fundo externo côncavo como pertencentes ao período inicial, *pós* 75, prolongando-se a sua produção até um período avançado do séc. II (CARNICERO 1985, 159-160; VAQUERO 1998, 631). Por outro lado, as peças que desenvolvem um perfil com um movimento oblíquo para o exterior, no qual o bordo se alarga e projeta para o exterior, com lábio mais assumido com espessamento para o exterior, identificam-se com as produções da terceira centúria.

Nos contextos estudados na área do convento bracaraugustano, em paralelo à forma Drag. 29, é a forma decorada de maior expressão. Em Braga constitui a segunda forma de maior representação, consistindo em 54,71% das formas decoradas e 18,74% da totalidade da produção hispânica (MORAIS 2005, 224, FIG. 49). Em Monte Mozinho, Penafiel, corresponde a cerca de 9% das formas decoradas, claramente ultrapassada pela forma Drag. 29. Também em *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense, constitui a segunda forma decorada melhor representada, à qual corresponde uma expressão percentual de 12% (GASCÓN 2006, 331, FIG. 2). Em Alvarelos representam 19,24% do total das importações de Trício e 85,7% do total das formas decoradas (MOREIRA 2010, 631-632)⁹².

Paredes finas

A terminologia “paredes finas” (*paretti sottili*) foi empregue pela primeira vez na obra de Nino Lamboglia (LAMBOGLIA 1950) e, apesar da sua abrangência e pouca especificidade, vulgarizou-se na bibliografia arqueológica. Esta denominação inclui um conjunto amplo e heterogêneo de produções, com atributos técnicos e morfológicos que variam consideravelmente, mas que partilham características comuns (MARTIN HERNANDEZ 2008, 39-40). É, geralmente, enquadrada entre as categorias de cerâmica fina, destinada ao serviço de mesa (MAYET, 1975A, 5-6), ainda que, inicialmente, alguns autores a tenham inserido nas denominadas “cerâmicas comuns” (VEGAS 1964, 27-35).

A funcionalidade atribuída à cerâmica designada *paredes finas* advém das suas características morfológicas, cujo reportório formal é constituído principalmente por copos e taças, que serviam como *vasa potoria*, ou seja, recipientes para beber (MAYET 1975A, 3-6; LÓPEZ MULLOR, 2013, 149). Faziam parte do serviço de mesa, associados, em particular, ao consumo de

⁹² É curioso verificar a significativa variação percentual entre os acervos de Alvarelos e Monte Mozinho. Em Alvarelos constitui, como é regra na maior parte das estações, a forma decorada com maior representação enquanto que, em Monte Mozinho, Penafiel, onde se identificaram 26 exemplares, corresponde a metade das ocorrências que integram a forma Drag. 29 (CARVALHO 1998, 87).

vinho. Como seria habitual, estes vasos, importados de outras províncias, foram certamente usados como complemento das baixelas metálicas e vítreas, mais dispendiosas e raras.

A sua produção divide-se em dois grandes grupos. Genericamente, pode dizer-se que o primeiro, de época republicana e do principado de Augusto, inclui sobretudo copos com as superfícies quase sempre polidas. A decoração apresenta uma temática pobre, obtida pela técnica da incisão ou de barbotina. A área de distribuição indicia que se trata de produtos fabricados em Itália. O segundo, onde predominam as taças, é constituído por vasos cobertos por engobe, muitas vezes com reflexos metálicos. Cronologicamente, a produção inicia-se apenas a partir do reinado de Tibério. Os centros de fabrico nesta fase são muito diversificados, localizando-se ainda em Itália, mas também no sul da Gália, Península Ibérica e no *limes* germânico, verificando-se, a partir desta data, uma maior riqueza e variedade decorativa.

Apesar de relativamente bem documentada na região, designadamente em Braga e Monte Mozinho, não regista uma presença significativa no Noroeste Português, contexto que enquadra a ocorrência episódica do Monte Padrão.

A Forma XXXVII, na qual se inclui o exemplar identificado, n.º **71**, compreende tigelas hemisféricas, de lábio curto e arredondado, com o bordo liso separado da pança por uma fina ranhura. Estas taças, por norma, estão cobertas por um engobe de cor laranja e brilhante, com reflexos metálicos. Consiste numa produção ocidental, existindo evidências claras de ter sido produzida tanto em oficinas do sul da Gália (Montans e La Graufesenque) como na Bética, tendo sido muito difundida na bacia ocidental do Mediterrâneo. No que concerne à cronologia, a forma surge na época Tibério - Claudiana, estendendo-se a sua produção pelo período Flávio. O nosso exemplar, integrado na Fase VII do Monte Padrão, exibe uma decoração composta por pequenos pontos, obtidos através da técnica da barbotina. Tratar-se-á de uma produção bética, provavelmente, emeritense.

Cerâmica pintada

No Noroeste Português as cerâmicas pintadas não tiveram particular expressão durante a época romana e o Monte Padrão não foi exceção. Os poucos exemplares encontram-se documentados em duas produções distintas; uma com fabrico caulínítico, de pasta clara como a cerâmica bracarense, pintada com pigmentos ocre, como no caso da taça de perfil completo que imita a forma Drag. 35 (MOREIRA 2007, 81, Nº 143), e outra com argilas do Prado (GOMES 2000), a que, provavelmente, pertencerá o fragmento ilustrado, n.º **74**. As formas desta produção são mais diversificadas e têm uma larga cronologia, situada entre os finais do séc. I e finais do séc. IV/inícios da centúria seguinte. Para além do fabrico de taças, tigelas, potes de duas asas, bilhas e jarras, são igualmente abundantes os copos e os potinhos. A pintura, neste caso, é mais heterogénea. É o caso da ornamentação formada por linhas ondeadas ou em ziguezague, como nas peças da necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa (MOREIRA 2010, EST. XXII) com pequenas manchas circulares que sugerem pérolas ou pequenos círculos, como se identifica nos exemplares provenientes da necrópole de Quelha Funda, Gueifães, Maia (MOREIRA 2010, EST. XX, n.º 6). Ainda específica desta produção são as representações de arbustos e árvores estilizadas que ornamentam pratos, tigelas, bilhas e jarros, como se assinala na necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado, Trofa (MOREIRA 2010, EST. XXII, n.º 39). Para além da cor vermelha e laranja, claramente predominantes, foi também utilizado o branco, por norma combinado com a primeira,

particularmente em exemplares com cronologia posterior ao 1º quartel do séc. IV, solução também identificada na região, nomeadamente na necrópole de Rorigo Velho, Santiago de Bougado (MOREIRA 2010, EST. XXII, n.º 42).

O exemplar ilustrado corresponderá, provavelmente, a um fragmento da parede de um jarro ou bilha e apresenta um motivo que conjuga linhas ondeadas com uma espiral, pintado com um pigmento de cor castanho-escuro.

Lucernas

Na grande panóplia de materiais cerâmicos de época romana, as lucernas constituem uma referência arqueológica de excecional importância. Uma significativa quantidade de estudos sobre as diferentes produções deu origem a múltiplas tipologias com uma ampla diversidade de variantes que isolam as principais produções e características morfotipológicas agrupando-as em subcategorias com precisão cronológica, facilitando o seu estudo (MOREIRA 2010, 732). No entanto, os contextos habitacionais originam achados muito fragmentados, de difícil classificação, facto que, aliado à significativa abundância de produções e imitações de âmbito regional, em certa medida limita o seu potencial enquanto material diretor. A lucerna em análise, n.º **75**, enquadra-se na forma Dressel 3 (derivada), de proveniência bética, tipo Andújar. As lucernas designadas como “tipo Andújar” são peças de procedência meridional que registam uma presença modesta em contextos nortenhos, vinculando-se a sua presença a contextos militares, facto a que não deverá ser alheia a presença de um destacamento da VI legião, *a vencedora*, na região, associada às obras de infraestruturação viária do território e à construção de *Bracara Augusta*, como atestam várias referências epigráficas (MOREIRA 2014, 127).

A cronologia proposta dos paralelos conhecidos no Noroeste Peninsular reporta-se, genericamente, ao séc. I, enquadrando, de forma consistente, a cronologia de referência da Fase VII do Monte Padrão.

Vidros

Vidros de janela

O vidro plano ou de janela – *specularis* –, destinado ao uso arquitetónico foi uma inovação romana. No ocidente a sua utilização generaliza-se a partir do séc. I mantendo-se a sua produção e utilização em crescendo até ao séc. IV-V.

No alto-império os painéis de vidro de janela eram fabricados através de um processo bastante empírico, que consistia em verter o vidro líquido num molde horizontal, limitado por um pequeno rebordo, para, posteriormente, através da utilização de um rolo, ser distendido e uniformizado na sua espessura. Este processo de fabrico originava painéis relativamente espessos, com uma das faces muito lisa e brilhante e outra, mais irregular e rugosa, que anulava parte da transparência, assim como produzia cantos arredondados, levemente mais espessos que a parte central. O seu formato frequente privilegia o recorte quadrangular com aproximadamente um pé. Os vidros tardorromanos, ao contrário dos primeiros, eram fabricados por soflagem de cilindros, cuja técnica de fabrico consistia em distender a pasta vítrea através do sopro sobre um cilindro, cortado a frio e alisado num segundo aquecimento a baixa temperatura. Este último tipo surge a partir do séc. III (BOON 1966, 41-45), e

revela características distintas dos primeiros⁹³. Genericamente, os vidros do baixo-império são mais finos e, frequentemente, de baixa qualidade, apresentando muitas bolhas de ar e impurezas (MOREIRA 2010, 897-898). Embora translúcidos, são frequentes os vidros tingidos de cor castanha e esverdeada, resultantes do pouco cuidado na lavagem das areias ou da reduzida adição de descolorante à massa vítrea, geralmente constituído por manganês. Os exemplares ilustrados, nº **78, 80-81**, enquadram este grupo e integram a Fase VIIa do Monte Padrão, apresentando as características descritas.

Taças caneladas

As taças caneladas ou, na expressão francesa, *phiales côtelés*,⁹⁴ encontram-se bem representadas no conjunto de vidros identificados no Monte Padrão. Correspondem à forma Isings 3 – *Shallow bowl* (ISINGS 1957, 17-18, FORMA 3-B/C/D). Morfologicamente, caracterizam-se pela copa arqueada, ligeiramente quebrada nos ombros, com bordo vertical, polido ao fogo, rematado por lábio apontado de secção arredondada, podendo, em alguns casos, ser ligeiramente pontiagudo. As nervuras em relevo apresentam uma distribuição simétrica, de perfil oval, diminuindo de espessura para o fundo. Desenvolvem-se a partir do terço superior da copa limitando a face inferior do bordo. O fundo é plano, ou ligeiramente côncavo na área central proporcionando um assentamento radial. Trata-se de peças de clara inspiração em modelos metálicos, designadamente de objetos produzidos em prata.

Clasina Isings subdividiu a forma em três subtipos; *a | b | c*; o primeiro, com a parede baixa e nervuras alongadas até à base, tipo *a*; o segundo com a parede profunda e com as nervuras igualmente prolongadas até à base, tipo *b*; e o terceiro, com as nervuras cortadas sobre a parede, tipo *c*. As peças eram produzidas em molde através de soflagem, em vidro monocromático, translúcido ou opaco, em distintas cores, com particular destaque para o verde, azul-água, âmbar, amarelo-acastanhado, e, mais raramente, em vidro matizado. As produções policromas, também frequentes, ocorrem em vidro *mileffiori*, marmoreadas e mosqueadas. A decoração é formada por nervuras verticais em relevo, paralelas entre si, de perfil arredondado e recorte lanceolado, que se projetam desde a face inferior do bordo à parte inferior do reservatório, diminuindo progressivamente de largura e espessura. A sua datação ocupa todo o séc. I, e constitui, sem dúvida, a peça de vidro de referência em horizontes alto-imperiais no Noroeste Peninsular, em concreto, a partir do reinado de Tibério até ao final do séc. I (HAYES 1975, 71), podendo registar flutuações da sua presença em áreas particulares, como parece suceder na região Renana onde se verifica uma significativa perda de popularidade a partir da dinastia dos Flávios (BERGER 1960, 18). Apesar de constituir uma presença frequente durante todo o séc. I, identificando-se, inclusivamente, como fósil diretor, como refere Gysel Hochuli, verifica-se uma evolução técnica e formal na qual se constata a prevalência do vidro colorido monocromático, geralmente opaco, nas taças mais antigas, enquanto os vidros translúcidos de cor verde e azul-água dominam as produções da segunda metade do séc. I, período em que a produção foi mais cuidada (HOCHULI 1990, 122-123). Em termos regionais, esta dinâmica é perceptível em praticamente todos os assentamentos, nomeadamente em Braga, Tongobriga, Freixo, Marco de Canaveses, Alvarelos, Trofa, e Monte Mozinho, onde, de forma sistemática, se regista uma preponderância de peças em pasta vítrea monocromática opaca em estratos pré-flavianos e uma clara mudança

93 Esta caracterização de técnicas de fabrico e distinção cronológica é aceite pela generalidade dos autores que se debruçaram sobre o estudo da indústria vidreira romana (BOON 1966, 1, nota 7; ISINGS 1971, 44, 95; DUNN 1986, 6; FORBES 1966, 185; PALOMAR 2001, 349-353).

94 Embora amplamente generalizada na bibliografia arqueológica discute-se a propriedade da designação de taça canelada, atendendo ao facto que os espaços que medeiam os gomos ou nervuras verticais não constituem verdadeiras caneluras, sendo, porventura, mais apropriada a designação de taças gomadas ou de costelas, conforme vulgarmente se designam em Espanha.

nos setores que registam as transformações operadas a partir do último quartel do séc. I⁹⁵. Os exemplares do Monte Padrão aqui ilustrados, n.º **76-77, 79**, produzidos exclusivamente em vidros translúcidos de cor azul-água, enquadram a Fase VII.

Taças campanuladas ou taças de copa troncocônica

Em conformidade com a metodologia adotada noutros trabalhos por nós desenvolvidos (MOREIRA 2014A), serão considerados como «taças/pratos», as peças identificadas como *Taças campanuladas* ou *Taças de copa troncocônica e bordo engrossado ao fogo*, cuja morfologia, apesar de vagamente próxima à forma tipo Isings 116 (ISINGS 1957, 143-144, FORMA 116)⁹⁶ incorpora características de diferentes peças, nomeadamente das formas 96 e 106, constituindo um tipo híbrido com características próprias, devendo, portanto, designar-se pela terminologia referida. Este género de peças apresenta uma assinalável uniformidade morfológica, decorativa e da pasta vítrea de base, constituindo, indubitavelmente, a forma de maior expressão no Noroeste Peninsular⁹⁷, justamente ao contrário do que se verifica no alto-império, onde não se fazem representar as tigelas de pequena dimensão como os tipos Isings 115, que correspondem à versão tardia da forma Isings 42. Efetivamente, a sua dimensão, que em média ronda os 150 mm, levou-nos a considerá-la como tigela para comer. As características genéricas deste tipo de peças são formadas pela sua copa troncocônica, com paredes retas ou levemente arqueadas, com bordo oblíquo rematado por um lábio engrossado de secção oval, polido ao fogo. Este tipo de bordo classificado por Carlos Alberto Ferreira de Almeida como “cabeça de fósforo” constitui o elemento distintivo em relação às peças do tipo Isings 116, que possuem o bordo contracurvado com lábio vertical, em aresta, podendo ou não ser polido ao esmeril⁹⁸, pese embora, excecionalmente, se documentem exemplares de *taças troncocônicas* com o bordo em arestas em tudo idênticas às anteriores, como, por exemplo, se verifica no conjunto arqueológico de Santomé, Ourense (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 62, FIG. 16 A)⁹⁹. O fundo é de desenvolvimento direto a partir da parede com a área central côncava com cicatriz do pontel, desenvolvendo um assentamento radial. A sua dimensão média centra-se à volta dos 60 a 90 mm de altura e 90 a 140/150 mm de diâmetro máximo do bordo, representando o fundo cerca de metade do diâmetro do bordo, acentuando o seu perfil troncocónico. As pequenas variações morfológicas nos

95 Estudos relativamente recentes dedicados à produção vidreira de *Bracara Augusta* (CRUZ 2009, 21) adotaram a proposta cronológica de Beat Rütli que reporta o término da sua produção, ainda que com presenças residuais, em contextos tardios datados do séc. IV (RÜTTI 1991).

96 Constitui um tipo que integra peças com uma variação morfológica assinalável, apesar das diferenças não terem propiciado a criação de variantes. Importa, portanto, referir que na mesma classificação, *Isings 116*, integram-se taças de perfil hemisférico com bordo oblíquo, engrossado ou em aresta e fundo côncavo que podem apresentar uma área de assentamento plana de maior ou menor diâmetro. Ao mesmo tempo identificam-se taças cujos rasgos morfológicos são constituídos por um perfil suave atenuado por uma parede mais vertical com curvatura mais acentuada, contracurvada, a marcar o arranque do fundo que apresenta uma base de assentamento mais alargada que o anterior. Neste caso, o bordo pode apresentar o recorte do tipo 106c, ou seja, levemente contracurvado com lábio vertical em aresta.

97 Por exemplo, em Braga, representa 34 % do total dos vidros (CRUZ 2001, 68).

98 Este tipo de peças é frequentemente decorado com motivos geométricos gravados a esmeril, que podem consistir numa ou mais bandas horizontais, paralelas ao bordo, em bandas densas, que conferem um aspeto baço à área tratada. Os motivos circulares são também frequentes, com linhas sinuosas, formando SS, muitas vezes conjugados com pontos. Outro tipo de decoração muito comum é constituído por pequenas caneluras exteriores paralelas ao bordo, que parecem resultar do trabalho do pontel para engrossamento do bordo. É sobre este tipo de taças/tigelas que irá surgir um género de decoração característica do séc. IV e V que consiste na gravação de motivos vegetalistas e figurativos, como por exemplo, motivos de caça, de que é exemplo a taça proveniente de Balsa, publicada por Jorge Alarcão (ALARCÃO 1970, 241- 243, est. II, n.º 10; 1970a, 28-30), assim como de simbologia religiosa, ou mesmo de cenas litúrgicas que, de uma forma geral, são vulgares no séc. IV e V.

99 Jorge Alarcão, em 1965, nomeava pela primeira vez este tipo de recipientes como *Taças de copa troncocônica e bordo engrossado ao fogo*. Optamos pela designação *taça campanulada* que sugere uma maior precisão formal considerando o perfil sinuoso de ligação da parede com o fundo, geralmente curvo, atenuando o desenvolvimento troncocónico, mais próprio dos exemplares que possuem um fundo formado por uma base de assentamento discoidal.

exemplares identificados, designadamente a dimensão, o desenvolvimento do perfil e o recorte do bordo e lábio não permitem subdividi-la em grupos ou variantes, uma vez que, quanto a nós, as nuances formais relacionar-se-ão com questões de fabrico, resultantes de um processo de soflagem livre e da produção intensiva da forma, e não com aspetos associados à sua função. Todavia, este aspeto mereceu um tratamento diferenciado entre os vários autores que abordaram o estudo deste tipo de peças. Por exemplo, Manuel Xusto Rodríguez e Xulio Rodríguez González consideraram três variantes – a) *taças troncocónicas altas com bordo em aresta viva, encurvada ou esvasada ou muito esvasada* b) *Taças troncocónicas de paredes retas ou quase retas – ou de perfil sem inflexão – e bordo acabado ao fogo* c) *taças troncocónicas de perfil sinuoso e boca notavelmente esvasada e acabada ao fogo* (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 62, FIG.16)¹⁰⁰. Por sua vez, Mário Cruz, que descreve a forma nos seguintes termos – (...) *Taças em forma de campânula (sino) com a boca para cima. Corpo troncocónico ou desenhando um S muito alongado, bordo engrossado ao fogo (em cabeça de fósforo) simetricamente ou com espessura interna, base ápode reentrante com marca de pontel* (...) – considera quatro variantes em função da relação diâmetro/ altura – Taça alta (altura próxima ao diâmetro | D.50-90mm) / Taça funda (altura superior ao raio | D. 90-110mm) / Taça ampla (altura inferior ao raio | D.110-140mm) / Taça baixa (altura próxima a metade do raio | D. 140-180mm) – (CRUZ 2009, 159-175).

As peças decoradas são relativamente abundantes sem, contudo, ultrapassar percentualmente as taças lisas que prevalecem em relação às primeiras. Entre as decorações mais frequentes encontra-se a aplicação de fios a quente no nível do terço superior da parede, geralmente de vidro da mesma cor, podendo ficar em alto-relevo, ou mais ou menos incorporados na peça, chegando, em alguns casos, a constituir um simples ondulado na sua parede. Reconhece-se uma outra técnica decorativa composta por sulcos em baixo-relevo aplicados em exemplares com ondulações verticais ou oblíquas. Igualmente comuns são as ondulações verticais em linhas paralelas aplicadas na parede a partir do fundo do qual irradiam para se diluírem progressivamente até serem impercetíveis junto ao bordo. Por último, a adição de elementos vítreos, como fios, pingos ou pontos em pasta branca parece também constituir uma variante decorativa comum.

Este tipo de peças possuem uma lata cronologia, mas, geralmente, não antecedem os inícios do séc. III, prolongando-se a sua produção até ao séc. VI-VII. É uma das formas mais generalizada no Noroeste Peninsular, constituindo um bom exemplo da disseminação comercial a um nível interprovincial, facto que reflete uma forte uniformização dos mercados, hábitos alimentares e padronização das referências culturais.

São inúmeros os paralelos e de expressão geográfica muito ampla. Os exemplares mais significativos são provenientes da necrópole da Vila, Paços de Ferreira (SILVA 1986A, 125, EST. XXXI, n.º 4;5;6), Castro do Monte de Santa Maria, Vila da Feira (ALARCÃO 1971, 35-36, EST. III 32), Necrópole de Salgueiros, Garfe, Póvoa de Lanhoso (CARVALHO 1991-92, 166, EST. VIII, n.º 4), Necrópole do Beiral do Lima, Ponte Lima (VIANA 1960-61, 6; LANCHAS 1969, 249-260; ALMEIDA 1980, 312; ALMEIDA 1990, 133-139, FIG. XXXIII, n.º 19), Necrópole de Gondomil, Valença (ALMEIDA; ABREU 1987;

100 Os autores referem um conjunto de paralelos para cada uma das variantes que importa considerar – variante a, A Lanzada, Pontevedra (FREJEIRO; ARA; ALLEN 1958, 5-23), Silveirona, Alentejo (ALARCÃO 1978, 104, 108, n.3, est. I, 3), Guerenã, Badajoz (CALDERA 1979, 83, lám. I.b). Da variante b, Morterona (FUENTES 1990, 173, lám. 2,2). A variante c, da villa romana de Noville, Murgados, Coruña (LOSA-DA 1992, 65, fig. VIII, 4), e de Braga (DELGADO; LEMOS 1985, 163, est. VI.23).

Dentro das variantes são ainda consideradas subvariantes – dentro da variante b, a distinção pode fazer-se ao nível do bordo (ligeiramente ou muito engrossado / bordos engrossados e bordos e corpos muito engrossados), dentro da variante c, a distinção faz-se mediante a gramática decorativa (fios aplicados / depressões superficiais verticais) (GONZÁLEZ; RODRÍGUEZ 1994, 62, fig.16).

225, EST. XVII, n.º 3 E 6)¹⁰¹. A sul do Douro encontram-se exemplares em Conímbriga (ALARCÃO; ALARCÃO 1965, 124, n.º 226-228; ALARCÃO 1976A, n.º 226-227), e Cacia, Aveiro (ALARCÃO; ALARCÃO 1963A, n.º 28-33). Constitui uma forma particularmente abundante em Espanha, identificando-se em vários tipos de assentamentos tardorromanos na Galiza (RODRIGUEZ 1995, n.º 149-194), assim como noutras latitudes mais meridionais¹⁰².

A peça representada, n.º **82**, integra as produções tardorromanas mais temporãs que, ao nível da classificação, não particularizamos o tipo por se tratar de um exemplar identificado apenas pelo bordo e arranque da parede que não proporciona dados para uma distinção precisa. A cor é constituída por um leve tingimento resultante de impurezas de óxidos de ferro, que origina um tom levemente castanho-melado, sem comprometer a sua transparência. Inscreve-se na Fase VIIa, correspondendo ao período mais tardio identificado na primeira metade do séc. III.

Contas

A conta de vidro opaco, azul-ultramarino, n.º **83**, é o único exemplar representado do vasto grupo morfotipológico de contas características da área meridional do mediterrâneo, cuja cronologia revela uma ampla perduração. Trata-se de uma conta de formato discoidal com perfuração longitudinal, levemente descentrada. Este tipo de peça é típico de estratos arqueológicos datáveis do séc. I e II, embora a sua presença se registe até ao fim do império, com claro decréscimo a partir do início do séc. IV, momento em que, progressivamente começam a ser substituídas por peças de cor negra, diversificando-se a forma e função, sendo admissível a sua utilização como peças de vestuário, onde funcionariam como botões ou elementos de pulseiras¹⁰³.

A conta em bronze, n.º **84**, integra a Fase VII do Monte Padrão e pertence a um conjunto já relativamente numeroso de elementos de adorno em bronze que poderia funcionar como componente integrado num conjunto ou, simplesmente, como pendente. Com uma ampla cronologia, são relativamente vulgares em contextos romanos a partir de época flávia. Geralmente de formato subcilíndrico, podem, em alguns casos, revelar decorações geométricas (ALARCÃO, ETIENNE; ALARCÃO; PONTE 1979, 143, n.º 225, PL. XXXIV), ou, como o nosso exemplar, apresentar-se completamente liso.

Objetos em bronze

As caçarolas e os passadores ou coadores constituem ocorrências frequentes em áreas habitacionais e fazem parte integrante da ampla gama de utensilagem metálica de cozinha.

101 Em contextos habitacionais também são as que ocorrem em maior número. Entre outros locais documenta-se em Meinedo, Lousada (ALMEIDA; ALMEIDA 2007, 85, fig. 12, n.º 12b-12e).

102 Veja-se, a propósito, os materiais provenientes de *Tarraco*, villa-romana, Tarragona (BENET I ARQUÉ; SUBÍAS I PASCUAL 1989, 330, fig.182), de *Ricla*, Saragoça (CASAS 1987), de *Turiaso*, Tarazona (PALOMAR 2001, 154), e de Els Munts, Tarragona (PRICE 1981, 627-628, fig. 49, n.º 13).

103 São conhecidos exemplares de contas quadrangulares ou retangulares recolhidas nas intervenções realizadas no *vicus* de Alvarelos, respetivamente o n.º 90 e 91 (MOREIRA 2010, est. CXC VII, n.º 90-91). O primeiro é de cor negra, em vidro opaco, de formato quadrangular com dois orifícios laterais. A decoração na sua face exterior é produzida pelo cruzamento de linhas incisas, moldadas a quente, formando um axadrezado “almofadado”. O segundo, também de formato quadrangular, ligeiramente mais pequeno que o anterior, apresenta a superfície ovalada. Os orifícios de suspensão em ambos os casos são feitos lateralmente sugerindo uma fixação na horizontal, adaptando-se melhor à função de elemento de pulseira do que de colar, como sugere Havernick (HAVERNICK 1981, 265-276), que considera que este tipo de conta se incorporaria num conjunto de vários elementos de uma pulseira. Ambos provêm de contextos tardios. São peças relativamente mal representadas entre nós de que apenas conhecemos paralelos provenientes de Braga – Quinta do Fajal, BraFUJ71/ BraFUJ303, das Carvalheiras, BraCARV515, cujas características morfológicas são semelhantes (CRUZ 2009, 271), assim como a proveniente da *villa* de S. Cucufate, Vidigueira (NOLAN 1988, 49-50, est. VI, n.º 133). A cronologia sugerida por Havernick (último quartel séc. III - finais séc. IV) é consentânea com o registo estratigráfico de Alvarelos.

A asa de caçarola, n.º **85**, encontra-se fragmentada ao nível da ligação com o reservatório sendo apenas possível apreciar parte da haste. Revela a particularidade de possuir uma decoração de natureza geométrica no remate junto do orifício de suspensão, composta por um conjunto de linhas incisivas obtidas por ação mecânica a frio, assim como um leve facetamento das arestas conferindo uma secção trapezoidal ao remate. Constitui uma forma não representada nas tipologias de Boesterd (BOESTERD 1956) ou na de Eggers (EGGERS 1951), não sendo conhecidos paralelos regionais.

A pequena taça, n.º **86**, identificada com reservas a partir de um pequeno fragmento do bordo constitui um exemplar singular no âmbito da grande panóplia de objetos que compunha o vasilhame metálico de mesa. Enquadra-se num grupo relativamente numeroso e diversificado de taças que foram replicadas em cerâmica de diferentes fabricos, tanto em produções de expressão interprovincial, como na *terra sigillata africana* (tipo Hayes 73ª), e em produções locais em cerâmica comum, integrando fabricos mais cuidados de imitações. O morfotipo é definido pelo seu perfil contracurvado, formado por uma parede curvilínea que compõe um reservatório hemisférico apoiado num pé anelar curto e estreito de secção retangular. O bordo é formado por uma aba bem proporcionada, levemente descendente, decorada por caneluras concêntricas, rematado por um lábio espesso, simétrico, com aresta arredondada, decorada com um friso contínuo.

A chapa em bronze, n.º **87**, devido à sua diminuta dimensão e elevado estado de corrosão, é de difícil classificação e interpretação funcional. Poderá, eventualmente, corresponder ao arco de uma fíbula.

Integrado num conjunto de vasilhames metálicos muito variado, onde se encontram copos, pratos, bacias, jarros, passadores, caçarolas e conchas, de usos específicos dentro das atividades culinárias, as sítulas destinavam-se essencialmente ao transporte e aquecimento de água. Este tipo de objetos feitos a partir de finas chapas de bronze, encontram-se geralmente em estado muito fragmentário, sendo frequente os achados consistirem apenas em pequenos fragmentos das áreas rebitadas ou, pela sua espessura e resistência, dos elementos de suspensão das asas, frequentemente decorados (armelas ou mascarões), ou mesmo das próprias asas. Por este facto são poucos os exemplares em Portugal que permitem uma reconstituição integral da sua forma. Entre outros, conhecem-se as sítulas provenientes da Mina do Fojo das Pombas, Valongo (CASTRO 1962, 431-438), do poço dos Namorados, Fundão (MARQUES 1969, 65-83), da Flor da Rosa, Crato (ISIDORO 1976), do Castro de Guifões, Matosinhos (SANTOS 1995/96, 20-22), sendo possível distinguir três modelos (MOREIRA 2010, 947-948).

Este tipo de objetos, no Monte Padrão, é apenas identificado indiretamente, concretamente através de duas asas cujas características morfológicas são específicas deste tipo de recipientes. O n.º **88** é formado por uma haste encurvada de secção plano-convexa decorada no dorso por duas linhas incisivas paralelas à extremidade. Encontra-se dobrado em dois ângulos e fragmentado nas extremidades. O n.º **89**, com paralelos em Conímbriga (ALARCÃO; ETIENNE; ALARCÃO; PONTE 1979, 160, n.º 53, PL. XXXVII), possui recorte sinuoso, em forma de S, que corresponde à configuração original. A haste apresenta secção retangular e espessura irregular evoluindo para uma secção circular no remate de encaixe com o contentor. Ambos exemplares integram a Fase VII do Monte Padrão.

O objeto n.º **90** trata-se uma ocorrência singular e única. Encontra-se fragmentado numa das orlas, admitindo que a sua composição poderia ser simétrica, podendo as extremidades oponentes funcionar como mola articulada com um segundo elemento, eventualmente, de

matéria perecível. A sua classificação como alfinete de toucado ou travessão deve ser admitida como hipotética. Apresenta uma cartela larga de formato sub-retangular com cantos arredondados, mola simples composta por arco ultrapassado e eixo ou fusilhão (?) oblíquo, levemente pontiagudo, cinta oponente e descanso ausente. Não se identificam paralelos que permitam uma interpretação funcional mais objetiva.

Fíbulas

As fíbulas são objetos de adorno pessoal utilizados na indumentária como alfinetes para suspender e fixar duas partes de um tecido. Estas peças, de bronze, são, pelos seus atributos tecno-morfológicos, indicadores de diferentes períodos crono culturais da região, no quadro evolutivo de ocupação do Norte de Portugal, entre a Idade do Ferro e a Romanização. Nos contextos do noroeste a sua presença é frequente mas não abundante, facto que tem vindo a ser interpretado como resultante da sua reutilização através de refundição para a execução de outros objetos, devido ao elevado custo do seu suporte.

As fíbulas anulares romanas constituem objetos de tipologia de longa duração, cujo protótipo de origem pré-romano se identifica no séc. IV a.C. prolongando-se o seu uso até períodos relativamente recentes (FOWLER 1960, 158). A densidade e dispersão deste fabrico homogéneo, com ramificações estilísticas e morfológicas específicas, permitem-nos perceber um significado socioideológico de longa duração. Esta longa duração deve-se, também, à sua simplicidade, eficácia e resistência. Comportam dois elementos fundamentais – um aro aberto de secção variável (circular, quadrada, losângica, retangular ou lobular), terminando os seus extremos em diferentes formatos – sem terminais (Tipo PONTE A50 /1ª [2ª]) ou com terminais em ómega [Ω] (sem remates, remates em campânula, fitiformes, cilíndricos, zoocéfalos, em voluta, contracurvados, em botão, etc.), detalhes formais que permitiram a vários autores estruturar uma tipologia com variação cronológica evolutiva.

O exemplar em análise, n.º 92, composto apenas pelo fusilhão, integra um conjunto relativamente extenso de peças conhecidas em diferentes tipos de sítios romanos do Norte de Portugal com cronologias balizadas entre o Câmbio de Era e o séc. IV/V¹⁰⁴. De acordo com Salete Ponte este tipo de fíbula anular de fusilhão de aro (tipo PONTE B51) integra vários sub-grupos, cuja cronologia se estende desde o séc. I a. C. ao início do séc. V (PONTE 2006, 399-400), sendo consistente com as referências crono-estratigráficas do nosso espécime, cujo enquadramento se concretiza na Fase VII/VIIa.

Objetos em ferro

Os objetos em ferro recolhidos no Monte Padrão são relativamente escassos e, no seu conjunto, encontram-se mal conservados. Como é frequente nas estações arqueológicas da região, os elevados índices de pluviosidade e a existência de solos predominantemente ácidos provocam processos de corrosão acelerados e profundos nos materiais ferrosos, inviabilizando, na maior parte dos casos, qualquer tipo de interpretação funcional e classificação tipológica dos objetos.

Apresentamos o único exemplar de armamento recolhido no povoado que, simultaneamente, constitui um tipo de peça mal representado no Norte de Portugal. Trata-se de um

¹⁰⁴ Veja-se a propósito o conjunto de fíbulas anulares recolhidas em Alvarelhos, Trofa, cuja longa diacronia revela a duração deste tipo de fíbulas (MOREIRA 2010, 954, Est. CCXI, n.º 40, 47; CCX, n.º 39).

fragmento da haste em ferro de um *pilum*. Este tipo característico de lança que, segundo alguns autores, se tornou a arma principal dos legionários depois de Caio Mário, conheceu vários tipos e inúmeras modificações ao longo da sua existência, assim como adaptações de âmbito regional. Por exemplo, o remate da cabeça pode ser piramidal, cônico ou em arção, e as suas dimensões variam entre os 5 e os 17 cm. A sua designação genérica reporta-se, aliás, a vários tipos, seja às peças para serem lançadas à mão, ou aos utilizados por peças de artilharia – *pilum catapultuarium*.

O exemplar do Monte Padrão, n.º **91**, consiste num *pilum* de pequena dimensão, apresentando uma ponta curta, de recorte piramidal e haste de secção subquadrangular, que já não conserva o remate de ligação à haste de madeira que completaria a lança. Encontram-se exemplares tipologicamente próximos em contextos flavianos em Conimbriga (ALARCÃO, ETIENNE; ALARCÃO; PONTE 1979, 88, PL. XVIII, n.º 17-19) cujas cronologias são consistentes com as referências estratigráficas do Monte Padrão.

Objetos de chumbo

O chumbo, *plumbum nigrum* para os romanos, encontra-se sob diversas formas em inúmeros contextos arqueológicos (GOMES 2018, 12), tendo sido intensamente explorado em várias regiões do Norte de Portugal, sobretudo associado à mineração do ouro e da prata (MARTINS 2011, 491-492). Trata-se de um metal que, apesar de se ter atribuído escassa relevância e de estar relacionado com doenças e contaminação, foi uma das matérias-primas mais utilizadas em época romana identificando-se múltiplas aplicações¹⁰⁵. Em função das suas qualidades mecânicas foi utilizado para elaboração de urnas cinerárias, vinculando-se desta forma ao mundo funerário, e, no âmbito industrial e da construção, encontra-se especialmente relacionado com a engenharia hidráulica. Todavia, comparativamente aos objetos de bronze, a sua presença é significativamente inferior, facto que permitiu a muitos autores equacionar a possibilidade de que uma parte significativa do cobre, estanho e chumbo produzido na península se tenha destinado à produção de bronze (ORTIZ 2018, 67).

Neste sentido, o pequeno lingote de chumbo recolhido no Monte Padrão, n.º **93**, em paralelo com o conjunto de ocorrências menores de pingos de fundição e escórias, constitui um testemunho indireto da metalurgia do bronze, liga que integrava em percentagens variáveis que podiam chegar a 20%¹⁰⁶. A vantagem do uso do chumbo metálico como matéria-prima residia no seu baixo custo, maleabilidade e baixa temperatura de fusão, permitindo adaptar-se a diferentes formas, suportar elevadas pressões e resistir à corrosão (CANO ORTÍZ; ACE-RO PÉREZ, 2004; RODÀ DE LLANZA, 2007; REIS, 2014).

Pesos de tear

Os pesos de tear são um dos mais significativos testemunhos da prática da tecelagem na antiguidade, constituindo uma ocorrência muito frequente em contextos habitacionais¹⁰⁷.

¹⁰⁵ O chumbo (Pb) constitui um elemento metálico, denso e sólido, com brilho prateado quando recentemente cortado, mas que exposto ao ar assume uma cor acinzentada pela formação de uma capa superficial de carbonato básico. As suas propriedades mecânicas revelam um metal pouco resistente, dúctil e muito maleável. Devido ao seu baixo ponto de fusão (327º) é um metal muito sensível à deformação (ORTIZ 2018, 11).

¹⁰⁶ Veja-se, a propósito, o estudo de objetos de bronze provenientes de Alvarelos, local no qual foi identificada a atividade metalúrgica do bronze. A caracterização metalográfica por observação ao microscópio ótico realizada a 28 objetos propiciou resultados concludentes neste capítulo (MOREIRA 2010, 943-980, *Caracterização microestrutural*, Est. CCXV-CCXIX).

¹⁰⁷ Apesar de constituir um testemunho arqueológico especificamente relacionado com contextos habitacionais merece referência

Apesar de genericamente referenciados como *pondus/pondera*, o termo latino adequado para a sua definição é *aequipondius / aequipondia*, uma vez que a primeira designação nomeia um objeto cujo peso define uma unidade de medida ponderal, pelo que, naturalmente, não identifica especificamente os pesos de tear (DAREMBERG; SAGLIO 1873-1919, IV, 548-556; GARCÍA; GARCIA 1996, 463-465). Deste modo, considerando o evidente vínculo dos pesos de tear provenientes do Monte Padrão à atividade têxtil, adotamos a designação de *aequipondia* dado que a sua morfologia e função assim o determina – (...) *instrumenta cretacea pyramidum forma imitantia, aequipondia quae dicuntur in texendo adhibita, ut communis fert opinio*. (...), (CIL, XIII, 3, 555; CIL XII 5668 (1-19), 182).

Todavia, são conhecidas outras aplicações para além da atividade têxtil, como sejam as relacionadas com a pesca, onde funcionariam como pesos de rede¹⁰⁸, à qual se acrescentam outras funções sugeridas pelos locais de ocorrência, como sejam as verificadas em acampamentos romanos, como sucede em Rosinos de Vidriales, Zamora, onde dificilmente se vincularia a sua função à atividade têxtil (VAQUERO 1998, 1295).

No entanto, a sua função principal consistia, seguramente, em distender os fios dos teares verticais¹⁰⁹, constituindo um dos vestígios mais significativos e comuns em contextos habitacionais (MOREIRA 2010, 859).

Assumindo como referência que um engenho de dimensão média teria duas fileiras de cerca de 10 a 12 pesos cada, de acordo com representações conhecidas (FABRE 1979, 55; FORBES 1956-1964, IV, FIG. 2-A, 39-31), ou, como considera M. Hoffmann, 60 ou 70 para os teares verticais de maiores dimensões (HOFFMANN 1964, 315), as recolhas efetuadas permitem admitir a existência de vários engenhos de tear evidenciando o artesanato têxtil como uma atividade sempre presente em todas as *domus* até agora intervencionadas.

Do vasto reportório morfotipológico conhecido, e que serviu de base para a classificação¹¹⁰ dos materiais recolhidos no Padrão, os cinco exemplares ilustrados enquadram dois tipos distintos - n.º 94, 95, formato trapezoidal e, n.º 96-98, formato paralelepípedo, cujo peso indica a sua pertença a teares de grandes dimensões.

Cossoiros

Os cossoiros (*verticilli*) são pequenos discos com perfuração central, cuja funcionalidade se relaciona com a atividade têxtil, em concreto com a fiação. São objetos que registam uma ampla difusão geográfica e um largo espectro cronológico, não podendo ser considerados específicos de uma determinada época ou civilização. A historiografia arqueológica portuguesa regista importantes contributos para o estudo destas pequenas peças e os trabalhos com elas relacionadas, como a tecelagem e a confeção de roupas, e com outras atividades produtivas, nomeadamente a criação de gado lanífero ou o cultivo de determinadas

a sua ocorrência em ambientes funerários, registando-se na região meridional do convento bracaraugustano na necrópole do Muro, Trofa (MOREIRA 2010, 859).

108 Veja-se, por exemplo, os materiais recolhidos em Tróia, Grândola, associados a um largo conjunto de utensílios relacionados com a pesca (agulhas, anzóis), sendo inclusivamente alguns deles provenientes de ambientes aquáticos (ALVES 1989, 87).

109 Os "teares verticais" eram constituídos por duas traves apoiadas no solo, unidas por um travessão horizontal (*iugum*) a partir do qual se desenvolvia a urdidura (*stamen*) separada em fios ímpares e pares, que, uma vez agrupados num número determinado, consoante o tipo de tecido em elaboração, eram suspensos pelos *aequipondia* com o propósito de manter os fios em tensão.

110 A análise morfológica dos pesos de tear provenientes das intervenções arqueológicas no *Castellum Madae* sugeriu-nos a construção de uma classificação tipológica estruturada em 5 grupos - Grupo 1 - *Trapezoidais*; Grupo 2 - *Paralelepípedicos*; Grupo 3 - *Cilíndricos*; Grupo 4 - *Ovais*; Grupo 5 - *Diversos* - dentro dos quais se identificaram vários subtipos (MOREIRA 2010, 860).

espécies vegetais destinadas ao aproveitamento de fibras para a atividade têxtil. Entre outros, conta-se com o estudo pioneiro de Mário Cardoso (CARDOSO 1965), os trabalhos produzidos no âmbito das campanhas luso-francesas de Conímbriga (PONTE 1978, 133-146; ALARCÃO; PONTE 1979, 49-52, PL. X-XI), que tiveram como base de classificação o quadro tipológico desenvolvido por Manuel Vidal y Lopez¹¹¹ e, o trabalho realizado por Pedro Salvado sobre os materiais recolhidos no Castro de S. Martinho, Castelo Branco (SALVADO 1981), que, para além do quadro tipológico anteriormente mencionado, se baseia também no ensaio tipológico de Zaida Castro Curel (CUREL 1980, 147-154)¹¹².

Mais recentemente foram realizados trabalhos sobre materiais da Idade do Ferro do Noroeste Português, de âmbito mais localizado e geograficamente mais próximo da nossa área de estudo, dos quais merecem destaque o contributo de Armando Coelho efetuado sobre os materiais recolhidos no Castro de Romariz, Vila da Feira e da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (SILVA 1986, 137), de Maria de Fátima Silva sobre os materiais recolhidos no Castro de Moldes e de Santo António, em Castelo de Neiva, Viana do Castelo (SILVA 1989, 91-130), assim como do signatário sobre os materiais recolhidos no Castro do Padrão, Santo Tirso (MOREIRA 2007, 62-66), e no Castro de Alvarelhos, Trofa (MOREIRA 2010, 1011-1026).

O enquadramento dos cossoiros mais antigos documentados em horizontes cronológicos do séc. V a.C. no Castro de Romariz, Vila da Feira, elaborados em cerâmica púnica, tem permitido referenciar as primeiras formas desta técnica de fiação na região, vinculando-a a influências alógenas, de feição meridional, em consonância com a difusão de outras atividades artesanais como, por exemplo, a metalurgia do ferro e a generalização da roda de oleiro, que se difundem na região no mesmo momento cultural (SILVA 1986, 137).

Os cossoiros adquirem formas muito variadas podendo encontrar-se exemplares de recorte discoidal, troncocónico, cónico, bicónico, plano-convexo, esférico e cilíndrico. O suporte em que eram elaborados é também muito diversificado sendo frequentes os exemplares em cerâmica, metal, osso, vidro e em diferentes tipos de pedra, dependendo da qualidade e do material em que o próprio fuso fosse feito. Estes, ao longo dos tempos, foram elaborados em vários tipos de suporte. Entre os de maior qualidade encontram-se os de bronze, osso e de madeiras nobres. Todavia, os mais abundantes seriam os de madeira corrente.

Para efeito de classificação optamos por seguir as propostas elaboradas até ao momento que têm por base a classificação de Manuel Vidal y López, cuja tipologia assenta em critérios que valorizam a forma e o suporte em que foram elaborados, às quais introduzimos ligeiras alterações em função da coleção recolhida no Monte Padrão¹¹³. Os materiais que

111 Trabalho realizado sobre os materiais recolhidos no povoado do Cerro de San Miguel de Liria (LOPEZ 1952, 147-154).

112 O quadro tipológico apresentado por Pedro Salvado, baseado na tipologia de Zaida Curel, apresenta 6 tipos que, por sua vez, se subdivide em três subtipos cada um – Tipo A (esférico/sub-esférico), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade; Tipo B (cilíndrico), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade; Tipo C (troncocónico invertido), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade; Tipo D (cónicos de faces iguais - a) carena angulosa b) carena facetada), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade; Tipo E (troncocónico invertido de carena alta), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade; Tipo F (troncocónico invertido de carena baixa), subtipo 1 - faces planas, subtipo 2 - face superior com cavidade, subtipo 3 - faces superior e inferior com cavidade (SALVADO 1981, 6, Quad. 1).

113 Salete Ponte considera para efeito de classificação cinco tipos – bulbosos, discóides, cónicos, bicónicos e troncocónicos -, mencionando para o tipo bicónico três subtipos; de cones iguais, de cones desiguais e de cones de transição para bulbosos (PONTE 1978, 137). Por seu turno, Maria de Fátima Matos Silva identifica cinco tipos com vários subtipos – Bulbosos (achatados e esféricos), Discóides, Cónicos (cónicos e de transição para bicónico); Bicónicos (cones iguais, cones desiguais, cones de transição para bulbosos); Troncocónicos (SILVA 1986, 112, Quadro tipológico). Por último, o trabalho de Armando Coelho a partir de um conjunto de sessenta e nove exemplares estabelece oito formas (A-H), datados da Fase IIA, IIB e III, nos quais apenas se identificam duas variantes, de acordo com a existência de cavidade na face superior (SILVA 1986, 137, est. LXXXI-LXXXII).

ilustramos (n.º 99 a 102) pertencem ao Grupo 1 (MOREIRA 2007), com formato discoidal e produção em cerâmica, e integram um amplo acervo identificado no Monte Padrão, genericamente enquadráveis na Fase VII e VIIa.

Contentores de transporte, armazenagem e cozinha

Ânforas

As ânforas são contentores cerâmicos icásticos que foram utilizados desde a antiguidade clássica para transportar, mais do que para armazenar, produtos alimentares, sólidos ou líquidos, nomeadamente cereais, frutos, molhos, conservas de peixe e, sobretudo, azeite e vinho.

A sua utilização no comércio marítimo foi de primordial importância, facto que ditou as suas características formais e, em particular, o fundo em bico, relacionadas quer com o armazenamento e estiva, quer com os condicionalismos do seu manuseamento, fortemente limitado devido ao peso e dimensões (altura média de 1 metro, peso médio de 20 quilos e capacidade média de 26 litros).

A ânfora que integra o catálogo, n.º 103, pertence ao tipo Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583)¹¹⁴. À semelhança do que sucede na esmagadora maioria dos assentamentos do Noroeste Peninsular¹¹⁵, constitui a forma de maior expressão no conjunto do espólio anfórico proveniente do Padrão, correspondendo à única forma documentada como contentor de vinho procedente da Bética.

Este tipo de vasilhame encontra-se em duas variantes (A e B) (FABIÃO 1989, 61-64), que o autor distingue da designação de “unusually small variant” que Peacock e Williams integram na mesma classe (PEACOCK; WILLIAMS 1986, 115), caracterizando-se a variante tradicional (variante B) pela forma do seu corpo cilíndrico rematado com *pivot* de perfil cónico, muito sólido, bocal muito aberto, lábio em forma de colarinho e asa de secção oval com canelura longitudinal de perfil em U muito profunda. A segunda variante (A), de menor tamanho, apresenta características morfológicas idênticas à primeira, revelando, no entanto, um corpo de perfil ovoide.

São vários os autores que consideram esta forma como uma evolução da classificação proposta por Carlos Fabião, como Classe 67, identificada na Lomba do Canho, Arganil, com a qual revela uma acentuada semelhança morfológica (VIDAL 1993, 420; VAQUERO 1998, 1196). Esta produção, típica da Bética, tem vindo a ser identificada como sendo um contentor de *defructum* (COLLS; ETIENNE; LEQUÉMENT; LIOU; MAYET 1977; SEALEY 1985, 62-64), embora alguns *tituli picti* sugiram outro tipo de produto como a sapa (LEQUÉMENT; LIOU 1978, 183-184). A indefinição do conteúdo deste tipo de contentores diluiu-se a partir de meados da década de setenta, com a publicação do naufrágio de Port-Vendres II e, mais recentemente, com a identificação de grainhas de uva em vários exemplares, em Punta de la Nao, Cádiz (GARCIA 1982, 51-61), ainda que, posteriormente, se tenham registado opiniões divergentes, nomeadamente de autores britânicos, como, por exemplo, as de Parker e Price que argumentam que estes reservatórios se destinavam

114 Beltran Lloris integrou-a na sua Forma – 1. Constitui, efetivamente, uma forma equivalente à Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A, Oberaden 82, Vindonissa 583.

115 O predomínio quase absoluto de ânforas tipo Haltern 70 nos níveis de ocupação de época alto-imperial nos assentamentos do noroeste, tem vindo sistematicamente a ser interpretado como resultado de um dos principais fluxos marítimos da época (LÓPEZ 1993-94, 204, 212). Este tipo de contentor, sinalizado em inúmeros castros do Noroeste Português, em especial nos da orla marítima, como, por exemplo, na Cividade de Terroso, Póvoa de Varzim, na Citânia de Briteiros, Guimarães, no Castro do Coto da Pena, Caminha, na Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, na Cividade de Âncora, Viana do Castelo (SILVA 1986, 30, 32, 38, 50), na Citânia de Santa Luzia, em Viana do Castelo (VIANA; OLIVEIRA 1954, 60, n.º 60-63), no Castro de Alvarelos (MOREIRA 2010, 743-744), ou mesmo em assentamentos mais interiores, como no Castro de St.º Ovídio, Fafe (MARTINS 1981, 14, est. 4, n.º 1), tem vindo a ser interpretado por alguns autores como um fenómeno diretamente ligado às campanhas de Augusto (FABIÃO 1989, 111).

à conserva de frutos (PARKER; PRICE 1981, 221-228). Contudo, a generalidade dos autores tem vindo a defender que o seu conteúdo era constituído por vinho, justificando-se, assim, a menção de Estrabão (ESTRABÃO III. 2. 6), relativa à exportação do vinho da Bética, assim como a referência à importância do vinho para as comunidades do noroeste hispânico (NOLEN 1994, 27, NOTA 8). Este é um tipo de vasilhame de ampla difusão abrangendo todo o ocidente do Império, desde a Inglaterra ao *limes* germânico, incluindo a Península Itálica e o Norte de África. A cronologia proposta por Peacock e Williams sugere uma produção que abarca o período compreendido entre meados do séc. I a.C. e o séc. I (PEACOCK; WILLIAMS 1986, 116), embora a sua ocorrência e difusão seja mais consistente com os Júlios-Cláudios até finais do séc. I (FABIÃO 1989, 61).

O exemplar ilustrado provém de um acervo relativamente numeroso (MOREIRA 2007, 76; 2013, 92; 2016, 39) cuja ampla cronologia se desenvolve pela Fase VI e VII.

Talhas

As talhas (*dolia*) compõem um conjunto de recipientes de morfologia diversa, que revela importantes variações formais, nomeadamente ao nível da dimensão, perfil e constituição dos bordos, cuja principal função seria a de armazenar produtos alimentares de natureza variada, como, por exemplo, água, vinho (*dolium vinarium*), azeite (*dolium olearium*), fruta, cereais (*dolium frumentaria*), alimentos em salmoura (*muria*), farinha, etc.

A sua identificação em determinadas dependências das *domus*, permite, por vezes, definir com clareza a função dos espaços destinados a fins específicos, nomeadamente de armazenagem ou cozinha. Para efeito de estudo e caracterização taxonómica estes grandes recipientes de armazenamento foram divididos em grupos em função da sua dimensão, subdivididos em tipos, de acordo com os seus principais rasgos morfológicos¹¹⁶ – configuração do bordo, perfil do bojo e recorte do fundo (MOREIRA 2010, 786).

A talha ilustrada, n.º **104**, corresponde a um tipo de recipiente de armazenagem de dimensão média¹¹⁷, muito característico e particularmente abundante, cuja forma, com pequenas alterações, se manteve ao longo de todo o império. Caracteriza-se pelo perfil elíptico do bojo rematado por bordo oblíquo, formando uma aba para o assentamento da tampa, desenvolvida diretamente a partir do bojo sem formar gargalo. O lábio é espesso, de secção arredondada, apresentando, por vezes, um pequeno ressalto interior. A carena interna é sempre muito pronunciada, vincada por um pequeno friso de secção retangular ou triangular.

Os exemplares que apresentamos documentam as pequenas variações de dimensão e perfil ao nível do bordo e lábio.

Almofarizes

Os almofarizes (*mortaria*) são recipientes com características morfológicas muito particulares, definidas em função da atividade a que se destinavam. Enquanto utensílios de cozinha foram utilizados essencialmente para triturar condimentos, na preparação de molhos, na

116 A proporcionalidade verificada nas talhas parece corresponder a uma “fórmula” concretizada na relação de 2/3 entre o diâmetro do bordo e o diâmetro máximo do bojo. Da mesma forma, o diâmetro máximo do bojo equivale a 2/3 de altura máxima. Ao invés, as talhas de perfil ovoide apresentam sensivelmente a mesma altura e diâmetro máximo do bojo, correspondendo o bordo a cerca de 1/3 deste.

117 Seguindo o mesmo raciocínio, é admissível que estes recipientes de dimensão média apresentassem um diâmetro do bojo aproximado a 320 mm, para um diâmetro de bordo de 240 mm e, consequentemente, cerca de 430 mm de altura, como parece suceder com o nosso exemplar.

elaboração de massa para o fabrico de pão e na confeção de queijo¹¹⁸ (BELTRAN LLORIS 1990, 215; VAQUERO 1998, 1165; AGUAROD 1992, 249). São ainda admitidas outro tipo de utilizações, nomeadamente na preparação de medicamentos, pigmentos e perfumes, embora nestes casos as peças apresentem diferenças formais significativas, nomeadamente ao nível da dimensão. Considera-se ainda o seu uso em certas atividades artesanais, como, por exemplo, na produção de vidro, onde eram empregues para triturar o vidro para reciclar, de que se conhecem vários exemplares recolhidos em *Bracara Augusta* (CRUZ 2001, 33-35, FIG. 14; MORAIS 2005, 94)¹¹⁹.

As características genéricas dos recipientes produzidos em cerâmica relacionam-se com o seu perfil curvilíneo, rematado por um bordo em forma de aba ampla, mais ou menos invertida, e com o bico utilizado para verter os preparados líquidos ou semilíquidos. As paredes, frequentemente arqueadas, rematam num fundo largo e plano que atribui estabilidade à peça durante o processo de trituração. As superfícies interiores são normalmente ásperas e abrasivas, estando cobertas, total ou parcialmente, por uma fina camada de grãos de pedra ou por um conjunto de estrias paralelas ao bordo feitas depois da primeira secagem da peça. Em alguns casos, são lisos, embora a ação de trituração lhes atribua também uma textura áspera, ideal para os propósitos a que se destinavam.

São peças feitas ao torno, abertas, de desenvolvimento horizontal, sempre mais largas do que profundas. Apesar de os seus rasgos morfológicos se encontrarem bem tipificados importa mencionar que existem variações significativas ao nível do bordo, aba e vertedouro, que permitem estabelecer uma tipologia com diferenciação cronológica¹²⁰. Outro elemento importante para o seu estudo e classificação são as marcas de ceramistas que alguns exemplares conservam na aba, junto ao vertedouro. O estudo destas marcas indica que o seu fabrico consistia em produções secundárias de oficinas de materiais de construção, nomeadamente de telhas, tijolos e materiais afins (BALIL 1982, 99).

O nosso exemplar, n.º **105**, constitui uma produção regional de boa qualidade, que imita a forma italiana Dramont 2-D2 (JONQUERAY 1972, 22-29), que conheceu uma importante difusão, cuja cronologia de referência para o início da sua fabricação se situa entre os anos 40 e 50, prolongando-se a sua produção até ao início do reinado de Trajano (HARTLEY 1973, 57). As produções italianas são essencialmente provenientes das oficinas do Tibre e da Campânia (BELTRAN LLORIS 1990, 215). Dos inúmeros paralelos publicados merecem destaque os exemplares de Conímbriga (ALARCÃO 1974, 82, EST. XVII, n.º 390; 95, EST. XXV, n.º 538), ambos integrados no grupo das cerâmicas alto-imperiais¹²¹. O primeiro, incluído no grupo da cerâmica calcítica, e, o segundo, no grupo da cerâmica alaranjada fina; os exemplares provenientes do acampamento de Cidadela, Corunha (GALAN 1997, 287-288, FIG. 5, n.º 7); os tipos provenientes de Sasamón, Burgos (ABÁSULO; GARCÍA 1993, 125, FIG. 64, n.º 12-13; 136, FIG. 69, n.º 1), de Arcóbriga, Sarragoça (SÁNCHEZ 1992, 249, FIG. 8.2.5), de Monte Mozinho, Penafiel, sete pertencentes ao sector A (SOEIRO 1984, 140, EST. LXIV, 2-8), e dois pertencentes ao sector C (SOEIRO 1984, 232, EST. CXVIII, 2-3), e um exemplar proveniente do Castro de Alvarelhos, Trofa (MOREIRA 2010, 781; 2016, 69).

118 A sugestão de que os almofarizes com vertedouro serviam também para fazer queijo é feita por vários autores, nomeadamente por Hilgers (HILGERS 1969, 68-69), ainda que questionada por outros, designadamente por Jeannette Nolen (NOLEN 1994, 136).

119 Foram detetados na zona do Fujacal dois exemplares com vidro verde aderido (CRUZ 2001, 34-35, fig. 14).

120 Beltrán Lloris, em função da variação destes elementos, individualiza 12 tipos: almofarizes com decoração digitada; almofarizes de lábio vertical; almofarizes de lábio horizontal; almofarizes de lábio de secção triangular; tipo Dramont 2; almofarizes de bico vertedouro pouco saliente; almofarizes de lábio pendente; tipo Sanrot 203; tipo Sanrot 204-207; variante com viseira; formas locais (BELTRAN 1990, 215-216).

121 A categoria *alto-imperial* é definida pelo autor como sendo o período a que correspondem os estratos da época de Augusto, Cláudio, Flávios ou Trajano, por oposição à categoria tardorromana que compreende as camadas estratigráficas atribuíveis aos finais do séc. III e, sobretudo, ao séc. IV (ALARCÃO 1974, 21).

Peças de jogo

As peças de jogo (*calculi*), constituem uma ocorrência muito frequente ao longo do período de domínio romano, tanto nos grandes núcleos urbanos como em acampamentos militares, nos aglomerados de menor expressão como os *vici* e as *villae*, ou mesmo nos castros romanizados, documentando a reconhecida apetência e paixão da sociedade romana pelo jogo. Entre os inúmeros jogos de tabuleiro (*tabula lusoria*), que necessitavam de peças ou fichas de jogo, conta-se o das doze linhas (*duodecim scripta* ou *ludus XII scriptorum*), o jogo do soldado (*ludus latrunculum*), o jogo do moinho (*parva tabella lapillis*), o jogo de Arquimedes (*loculus archimedi*), e o jogo delta (*ludus delta*) (PONTE 1999, 153). As peças de jogo compreendiam dados, peões, astrágalos e tésseiras. Estas últimas adquirem configurações muito variadas podendo encontrar-se exemplares de formato esférico, hemisférico, discoidal e plano-convexo. O suporte em que eram elaboradas é também muito diversificado sendo frequentes os exemplares em pasta vítrea¹²², em cerâmica, metal, osso e em diferentes tipos de pedra, dependendo da qualidade e material em que o próprio tabuleiro fosse feito. Estes, ao longo dos tempos, foram produzidos em vários tipos de suporte e qualidade, refletindo, dessa forma, o nível socioeconómico do seu proprietário. Entre os exemplares de maior qualidade encontram-se os de bronze, mármore, pedras semipreciosas ou madeiras nobres. Todavia, os mais vulgares eram construídos em madeiras de baixo preço, em cerâmica e em lajes de pedra (VAQUERO 1998, 1287). Entre os materiais cerâmicos, as tégulas constituíram uma das opções de maior expressão, nas quais os tabuleiros dos jogos eram gravados enquanto a pasta se encontrava ainda fresca. Conhecem-se exemplares provenientes de Conímbriga (ALARCÃO 1984, 80, EST. 1; PONTE 1986, 136, FIG. 3)¹²³, do acampamento romano de *Aquis Querquennis*, Bande, Ourense (COLMENERO, 1996, 497), e do acampamento de Rosinos de Vidriales, Zamora (VAQUERO 1998, 1289, FIG. 386, 1-5). Contam-se também inúmeros achados de tabuleiros rupestres gravados em locais públicos, em espaços de encontro e de ócio. Os suportes de pedra são também frequentes. Refira-se, a título de exemplo, o jogo realizado sobre um pequeno bloco de granito recolhido no Castro de Santa Tecla, La Guardia (GOBERNA; PINTOS 1985/1986, 137), e o tabuleiro realizado sobre uma placa calcária identificado em Conímbriga (PONTE 1986, 136; 1999, 155-156, FIG. 13-14). Embora o contexto habitacional seja o local mais frequente de recolha de peças de jogo, conhecem-se várias ocorrências provenientes de contextos funerários, como, por exemplo, as peças recolhidas na necrópole de Santo André, Montargil (NOLEN, DIAS; VIEGAS 1981, 114-115, 158, EST. XXXIX, E7.13, E7.14), ambas efetuadas a partir do reaproveitamento de fragmentos cerâmicos¹²⁴.

No Monte Padrão são também muito abundantes (MOREIRA 2007, 98-99, n.º 191-194), tendo sido identificadas com formato discoidal, em cerâmica (n.º**108-112** e n.º**114-116**) e formato bulbiforme, em xisto (n.º**113**), podendo, genericamente, enquadrar-se nas Fases VII e VIIa.

122 Veja-se, por exemplo, as peças identificadas em Conímbriga elaboradas em pasta vítrea branca-opaca, azul-ultramarino, castanho, verde-água, verde-azeitona e azul acinzentado, datadas da construção do fórum flaviano, construção das termas de Trajano, reconstrução da *insula* das termas e da destruição do fórum (ALARCÃO 1976, 210, pl. XLVI, n.º 295-297).

123 O tabuleiro de jogo de Conímbriga, com ambas as faces divididas em quadrados de 25 mm de lado, que numa das faces se encontram divididos a meio, formando séries de retângulos contíguos, sugere ter-se destinado ao jogo *duodecim scripta* com dois campos retangulares opostos divididos verticalmente por doze linhas paralelas, enquanto que a outra face, apenas quadriculada, comportaria sessenta e quatro casas para o *ludus latruncularum* (ALARCÃO 1984, 84, est. 1).

124 As autoras sugerem uma cronologia para a necrópole balizada entre o período Flávio, concretamente entre o último terço do séc. I e o primeiro quartel do séc. II (NOLEN; DIAS; VIEGAS 1981, 127). Para a sepultura E7, na qual foram identificadas as peças de jogo, a cronologia proposta corresponde à segunda metade do séc. I, inícios do séc. II.

CATÁLOGO

CIMP 65 | [Pad. II, X, 102] – Jarro. *Cerâmica de engobe vermelho não vitrificável*

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de gargalo de jarro em cerâmica comum de imitação de *sigillata*. Bordo esvasado rematado por lábio bilobado mais espesso que a parede. Pasta compacta com cozedura homogênea de cor cinzento-pardo (R51), com abundantes elementos não plásticos compostos essencialmente por quartzo e mica. Superfícies cobertas por um forte engobe vermelho (S15) vitrificado, espesso e bem aderido.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VIIa.

Dimensões – Alt. 26 mm; Larg. 47 mm; Esp. 7 mm; Diâm. do bordo 180 mm; Peso 11,5 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 66 | [Pad. 89 (M8.C4), Ig. 007/006] – Tigela/Copo. *Cerâmica bracarense*

Descrição – Fragmento de bordo e parede de tigela/copo inspirada(o) na forma MAYET XXXVII da cerâmica designada por *Paredes Finas*. Parede levemente arqueada rematada por bordo vertical com lábio de perfil arredondado vincado por canelura externa. Bordo definido por duas caneluras paralelas. Decoração composta por um friso de três linhas de motivos em relevo compondo um padrão alternado de folhas alongadas com nervura central intercalados por motivos circulares. Barbotina espessa e bem aderida de tonalidade laranja (M40). Pasta esbranquiçada (K51), muito depurada, com elementos não plásticos finos e bem calibrados, compostos essencialmente por mica e grãos de quartzo. Superfície interna marcada por estrias de levantamento da peça.

Classificação e cronologia – Tipo PF Mayet XXXVII / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Alt. 42 mm; Larg. 42 mm; Esp. 4 mm; Diâm. do bordo 102 mm; Peso 5,4 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 67 | [Pad II, X, 146] – Taça. *Cerâmica bracarense*

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de taça tipo Drag. 27. Bordo curvo rematado por lábio vertical de recorte arredondado. Arranque do segundo plano da parede marcada por carena interna de perfil anguloso. Barbotina forte, espessa e bem aderida de tonalidade uniforme de cor laranja (M40). Pasta de cor esbranquiçada (K51), muito depurada com poucos elementos não plásticos, essencialmente mica e grãos de quartzo. Superfície externa marcada por estrias de levantamento da peça.

Classificação e cronologia – Tipo Drag. 27 | Mayet III / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 130 mm; Alt. 34 mm; Larg. 33 mm; Esp. 5 mm; Peso 11,6 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 68 | [Pad. 89 (M1.C2), Ig. 040] – Púcaro. *Cerâmica cinzenta fina*

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de púcaro de pequena dimensão. Perfil suave, em S, com parede arqueada. Colo alto e pouco pronunciado com bordo projetado para o exterior

rematado por lábio espesso de secção oval, simétrico. Decoração brunida inscrita no colo composta por linhas verticais paralelas entre si. Superfície alisada e polida de cor cinza (P73). Pasta muito depurada e compacta com cozedura uniforme, de tonalidade cinza (K92). Elementos não plásticos compostos apenas por mica em partículas muito finas.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 140 mm; Alt. 29 mm; Larg. 46 mm; Esp. 5 mm; Peso 4,5 gr; Desenho à escala 1:2.



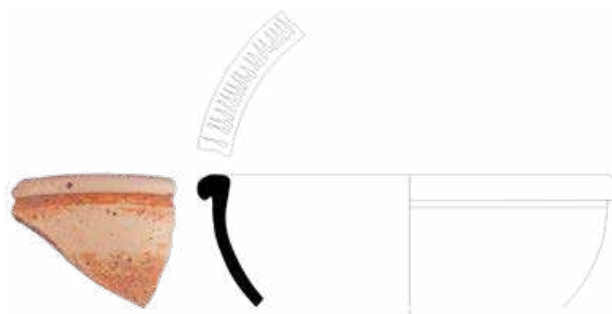
CIMP 69 | [Pad. 99 B (B2.00), Ig. 1184] – Tigela. *Cerâmica Bracaraense*

Descrição – Fragmento de tigela de pequenas dimensões de imitação da forma Drag. 35. Copa esférica rematada por bordo espesso a configurar uma aba externa com lábio descendente. A face superior do bordo encontra-se decorada (roletada). Engobe de cor laranja acastanhado (N37), conservado apenas na face inferior do lábio. Pasta de estrutura laminar, compacta, de tonalidade rosada (L33) com abundantes elementos não plásticos de pequeno calibre (mica, quartzo e feldspato). Cozedura homogênea.

Classificação e cronologia – Tipo Drag. 35 / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Alt. 34 mm; Larg. 41 mm; Esp. 10 mm; Diâm. 118 mm; Peso 8,7 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1999.



CIMP 70 | [Pad. 85 (1a.035), Ig. 2500] – Prato. *Sigillata sudgálica*

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de fundo de prato tipo Drag. 15/17. Parede vertical levemente contracurvada com adelgaçamento progressivo para o bordo. Lábio pontiagudo, assimétrico. Arranque para o fundo com espessamento crescente. Na face interna revela um friso na área intermédia e um outro junto ao bordo. Pasta fina e compacta de cozedura homogênea de fratura concooidal. Cor avermelhada (M25). Os elementos não-plásticos encontram-se bem calibrados revelando pequena dimensão e distribuição uniforme, configurando pontos de calcite de tonalidade bege. Os poucos vacúolos existentes apresentam uma forma alongada. O acabamento da superfície é de boa qualidade, apresentando estrias de torneamento na face exterior. O verniz é brilhante, de tonalidade próxima à da pasta (S19), espesso e bem aderido. Produção de *La Graufesenque*, com datação do período Cláudio-Nero.

Classificação e cronologia – Tipo Drag. 15/17 / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Alt. 21 mm; Larg. 56 mm; Diâm. 168 mm; Peso 7,4 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 71 | [Pad. II, X, 052] – Copo/Tigela. *Paredes finas*

Descrição – Fragmento de parede de copo ou tigela de pequenas dimensões. Parede roletada com destacamento da pasta que poderá corresponder ao local de implantação da asa. Arranque do bordo

marcado por duas caneluras horizontais paralelas ao bordo. Pasta muito depurada de tonalidade cinzenta, com superfície desgastada da mesma cor (P31).

Classificação e cronologia – Tipo Mayet XXXVII / Monte Padrão - Fase VII.

Dimensões – Alt. 46 mm; Larg. 38 mm; Esp. 3/4 mm; Peso 5,3 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – SANTARÉM 1951, 60, Fig. 5; 1954, 420, Est. XIII, 134.



CIMP 72 | [Pad. 99B (G3.00), op. 20] – Taça. *Sigillata hispânica*

Descrição – Fragmento de parede de taça. Apenas conserva parte do registo inferior que corresponde à disposição livre de motivos. O registo decorativo conservado começa com uma linha de pérolas secundado por um friso composto por um motivo vegetal, limitado na sua parte inferior por uma linha ondulada. O resto da composição integra dois motivos animais incompletos que parecem corresponder a uma cena venatória de caça à lebre com galgos. Pasta compacta e dura de cozedura homogênea, isenta de vacúolos e pontos calcíticos. Verniz espesso, brilhante e bem aderido de cor vermelha (R15). Produção de *Tritium Magallum*, com datação do terceiro quartel do séc. I.

Classificação e cronologia – Tipo Drag. 29 / Monte Padrão - Fase VII.

Dimensões – Comp. 37 mm; Larg. 50 mm; Esp. 7 mm; Peso 16,8 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1999.



CIMP 73 | [Pad. 99 B (E5.01), op. 69] – Taça. *Sigillata hispânica*

Descrição – Fragmento de parede e base de taça. Apresenta pé baixo, de secção retangular com moldura hispânica. Ambos registos estão separados por uma dupla moldura. O tema superior é composto por uma série de três círculos concêntricos de perfil segmentado com botão interior. O registo inferior termina em tripla moldura e canelura. Compõe-se também de uma série de três círculos concêntricos de perfil liso e segmentado. Motivos de separação vertical de tipo geométrico. Pasta compacta, praticamente isenta de vacúolos e impurezas de cor avermelhada (P15). Verniz levemente baço e deteriorado da mesma cor que a pasta. Produção de *Tritium Magallum*, com datação do séc. II.

Classificação e cronologia – Tipo Drag. 37 / Monte Padrão - Fase VII.

Dimensões – Comp. 144 mm; Larg. 71 mm; Esp. do pé 11 mm; Diâm. do fundo 78 mm; Peso 108,6 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 1999.



CIMP 74 | [Pad. 86, (E7.010), Ig. 511] – Cerâmica pintada

Descrição – Fragmento de parede de vaso indeterminado em cerâmica comum (bilha?). Pasta compacta e dura de cozedura homogênea com núcleo de cor cinzenta-parda (N73). Superfície externa alisada e polida, coberta por aguada bem aderida de tonalidade castanha (R70) com pintura a negro (T73). Tema decorativo de natureza vegetalista composto por espirais.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VIIa.

Dimensões – Alt. 27 mm; Larg. 35 mm; Esp. 3 mm; Peso 3,4 gr; Desenho à escala 1:2.



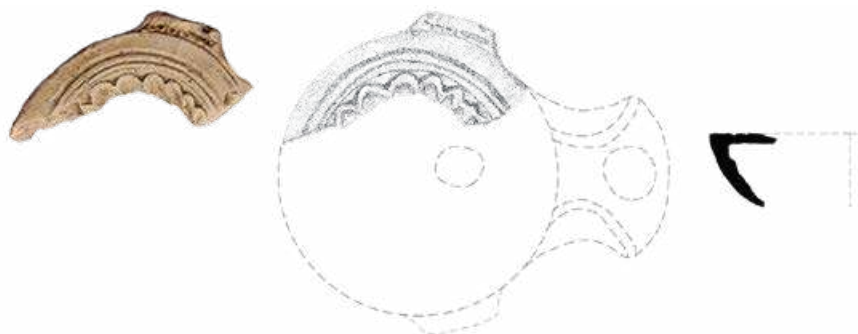
CIMP 75 | [Pad. II, X, 147] - Lucerna

Descrição – Fragmento de disco, parede e arranque de fundo de lucerna do tipo Dressel 3 (derivada). Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por duas molduras e igual número de caneluras concêntricas. Presença de aletas laterais atrofiadas de formato retangular. Disco côncavo, fragmentado, decorado em baixo-relevo por uma “vieira” de gomos dispostos a partir do orifício de alimentação. Aleta lateral direita está decorada com três traços incisos, dispostos verticalmente, onde figuram três círculos inclusos de reduzidas dimensões. Pasta muito depurada e compacta e cozedura homogênea de cor rosada (K70). Superfície coberta por aguada espessa de tom bege (K91), mal conservada. Proveniência Bética.

Classificação e cronologia – Tipo Dressel 3, “Tipo Andújar” / Monte Padrão - Fase VII.

Dimensões – Comp. 69 mm; Larg. 25 mm; Alt. 20 mm; Esp. 6 mm; Peso 16,7 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – SANTARÉM 1955, 423, Est. XIII, n.º 146.



CIMP 76 | [Pad. 92 A (F13.02), Ig. 1627] – Taça canelada. *Phiales côtelés*

Descrição – Fragmento de bordo de taça canelada tipo Isings 3. Lábio amendoado com espessamento progressivo para a parede com vestígios claros do polimento a esmeril. Vidro azul (7.5B7/2), translúcido, de elevada qualidade, praticamente desprovido de impurezas e de bolhas de ar.

Classificação e cronologia – Tipo Isings 3 a ou b / Monte Padrão - Fase VII.

Dimensões – Alt. 27 mm; Larg. 21 mm; Esp. 4 mm; Diâm. 102 mm (?); Peso 2,2 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1992b.

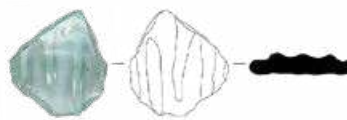


CIMP 77 | [Pad. II, X, 226] - Taça canelada. *Phiales côtelés*

Descrição – Fragmento de parede de taça canelada tipo Isings 3 a ou b. Canelura estreita e alongada. Pasta vítrea translúcida de cor azul-água (2.5 BG8/4), de boa qualidade, desprovida de impurezas e de bolhas de ar. Faces irregulares, baças e muito picadas.

Classificação e cronologia – Tipo Isings 3 a ou b / Monte Padrão - Fase VII.

Dimensões – Comp. 27 mm; Larg. 25 mm; Esp. 6 mm; Diâm. (?); Peso 3,1 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 78 | [Pad. 04 B1 (K33.02), op. 88] – Vidro de janela

Descrição – Fragmento de vidro de janela. Apresenta uma das faces baça, como é próprio dos vidros planos produzidos na marma. Vidro de cor verde-gelo (5G8/6), com abundantes impurezas, bolhas de ar e faces erosionadas.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VIIa.

Dimensões – Comp. 44 mm; Larg. 26 mm; Esp. 1,5 mm; Peso 2,3 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2004b.



CIMP 79 | [Pad. 05 A, B1 (L33.01), op. 23] – Taça canelada. *Phiales côtelés*

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de taça de vidro, tipo Isings 3a. Parede arqueada, reentrante, de espessura homogênea com bordo arredondado polido ao fogo. Gomo vertical de desenho ovalado com superfície arredondada. Vidro translúcido, de cor azul-água (2.5BG8/4), com poucas impurezas e bolhas de ar. Apresenta irisação na superfície e evidencia ter estado sujeito a um aquecimento significativo.

Classificação e cronologia – Tipo Isings 3a ou b / Monte Padrão - Fase VII.

Dimensões – Alt. 41 mm; Esp. 10 mm; Larg. 26 mm; Larg. do bordo 4 mm; Esp. da parede 8 mm; Diâm. do bordo 180 mm; Peso 7,3 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibl. – MOREIRA 2005d, 40, Est. 7.1., n.º 9.



CIMP 80 | [Pad. 86 (A.001), Ig. 80] – Vidro de janela

Descrição – Fragmento indiferenciado de vidro de janela. Faces planas e brilhantes com fratura conoidal. Pasta translúcida de cor azul-água (2.5BG8/4), de boa qualidade, praticamente isento de vacúolos e impurezas. Superfície levemente riscada e baça numa das faces.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VII.

Dimensões – Comp. 20 mm; Larg. 27 mm; Esp. 2 mm; Peso 1,4 gr; Desenho à escala 1:2.



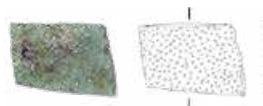
CIMP 81 | [Pad. 04 (K33.01), Ig. 409] – Vidro de janela

Descrição – Fragmento de vidro de janela. Pasta vítrea de cor verde-gelo (5G8/6), com abundantes impurezas negras e bolhas de ar. Apresenta arestas erosionadas e uma das faces baça, como é próprio dos vidros planos produzidos na marma.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VIIa.

Dimensões – Comp. 18 mm; Larg. 27 mm; Esp. 2 mm; Peso 1,4 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2004b.



CIMP 82 | [Pad. 89 (M2.00), Ig. 014] – Taça campanulada

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de taça campaniforme em vidro translúcido, incolor, com bolhas de ar minúsculas e livre de impurezas. O bordo possui lábio de recorte arredondado, ligeiramente engrossado e assimétrico, com vestígios de ter sido polido ao fogo. A superfície encontra-se baça e riscada.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VIIa.

Dimensões – Alt. 15 mm; Larg. 54 mm; Esp. 4 mm; Diâm. 143 mm; Peso 4,6 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 83 | [Pad. 91 A (L24.02), op. 27] – Conta

Descrição – Conta de colar em vidro translúcido, azul. Formato discoidal com orifício descentrado e perfil levemente arqueado. Paredes laterais verticais, ligeiramente espessadas. Orifício de perfil troncocônico com arestas desgastadas. Vidro de boa qualidade com vestígios de impurezas e superfícies baças.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase VIIa.

Dimensões – Diâm. 12 mm; Esp. 2/1 mm; Diâm. do orifício 1,2 mm; Peso 0,2 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 1991c.

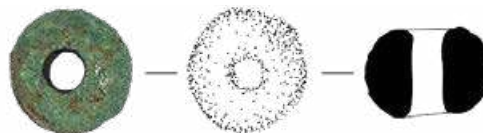


CIMP 84 | [Pad. 92 A (G15.01), op. 10] – Conta

Descrição – Conta em bronze de recorte ovalizado com orifício central de perfil troncocônico. Parede plano-convexa com cantos arredondados. Superfície corroída.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VIIa.

Dimensões – Diâm. 12 mm; Alt. 9 mm; Esp. 5mm; Diâm. orifício 3/4 mm; Peso 4,0 gr; Desenho à escala 1:1.



CIMP 85 | [Pad., X, 1136] – Folha de bronze

Descrição – Folha de bronze em forma de lâmina de função desconhecida. Lâmina de formato retangular fraturada numa das extremidades. Remate de formato trapezoidal com orifício central para fixação. Decoração composta por conjunto de linhas incisas obtidas por ação mecânica a frio. Superfície patinada com resíduos pontuais de oxidação de ferro.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Fase Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 95 mm; Larg. da lâmina 19 mm; Largura da extremidade 27 mm; Diâm. do orifício 3 mm; Peso 20,6 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – SANTARÉM 1955, Est. V, n.º 20.



CIMP 86 – [Pad. 86/87 (003), Ig. 412] – Taça

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de taça (?). Bordo em forma de aba curta, horizontal, com linha incisa a definir o lábio. O curto arranque da parede permite perspetivar um reservatório de perfil hemisférico. Superfície com polimento intenso coberta por patine de cor verde-oliva (P91).

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 15 mm; Larg. 21 mm; Esp. 1,5 mm; Diâm. do bordo 86 mm; Peso 2,6 gr; Desenho à escala 1:1.



CIMP 87 | [Pad., X, 117] – Chapa de bronze

Descrição – Fragmento de objeto de função desconhecida. Superfície curva com cantos fragmentados e arestas degradadas.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 23 mm; Larg. 11 mm; Esp. 1 mm; Peso 2,3 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 88| [Pad. 01, B1 (D16.00), op. 06] – Asa de sítula

Descrição – Fragmento de asa de sítula em bronze. Haste de secção plano-convexa decorada no dorso por duas linhas incisas paralelas à extremidade. Encontra-se dobrado em dois ângulos e fragmentado nas extremidades. Superfície patinada com pontos esparsos de corrosão com destacamentos.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 35 mm; Larg. 5 mm; Esp. 3 mm; Peso 3,3 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



CIMP 89 – [Pad., X, 1140] – Asa de sítula

Descrição – Fragmento de asa de sítula em bronze. Recorte sinuoso, em forma de S, que mantém a configuração original. Haste de secção retangular e espessura irregular evoluindo para uma secção circular no remate de encaixe com o contentor. Superfície coberta por patine de tom verde-escuro.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. linear 89 mm; Esp. secção retangular 4 mm; Esp. secção circular 4 mm; Peso 24,6 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 1992b.



CIMP 90 | [Pad., X, ...] – Alfinete de toucado / travessão de vestuário

Descrição – Alfinete de toucado ou travessão de vestuário em bronze. Cartela reta e larga de formato sub-retangular com cantos arredondados. Mola simples composta por arco ultrapassado e eixo ou fusilhão oblíquo, levemente pontiagudo. Cinta opONENTE e descanso ausente. Superfície coberta de

patine lustrosa e brilhante.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. da cartela 41 mm; Larg. 13 mm; Larg. do arco 16 mm; Comp. do fusilhão 18 mm; Peso 4,7 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 91 | [Pad. 93 A (G14.01), op. 06] – Haste em ferro com ponta piramidal. *Pilum*

Descrição – Haste em ferro de secção subquadrangular e espessura variável rematada por cabeça espessada de formato piramidal, levemente pontiaguda. Encontra-se ligeiramente dobrado e fragmentado no remate.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 355 mm; Esp. 9 mm; Remate: Comp. 18 mm; Larg. 13 mm; Peso 131,9 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



CIMP 92 | [Pad. 1994 A (G20.01), op. 44] – Fíbula anular

Descrição – Fusilhão de fíbula anular em bronze parcialmente fragmentado na argola que forma a charneira. Argola de formato subcircular com secção arredondada. Haste curta e pontiaguda de secção subquadrangular.

Classificação e cronologia – Tipo “anular” Ponte B51 / Monte Padrão - Fase VII/VIIa.

Dimensões – Comp. 34 mm; Diâm. da argola 6 mm; Secção 3/2 mm; Peso 1,3 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 93 | [Pad. 04 (Sep. 22), op. 183] – Lingote de chumbo

Descrição – Lingote de chumbo de recorte longilíneo de secção sub-retangular, marcado numa das faces por uma canelura longitudinal. Encontra-se dobrado e torcido.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 61 mm; Larg. 6 mm; Esp. 2/1 mm; Peso 4,0 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2004b.



CIMP 94 | [Pad. 89 (M1. E2), Ig. 022] – Peso de tear

Descrição – Peso de tear em cerâmica de formato trapezoidal, ligeiramente assimétrico. Faces planas e retas com cantos arredondados. Secção sub-retangular com orifício lateral, bem centrado e transversal ao eixo da peça. Pasta compacta de tonalidade alaranjada (P37), com abundantes elementos não plásticos à superfície, compostos por quartzo, nódulos de cerâmica, mica e feldspato de diferente calibre. Superfície alisada com abundantes lacunas derivadas da desagregação da pasta.

Classificação e cronologia – Tipo Moreira 2010, Grupo 1, IIA / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 118 mm; Larg. 64 mm; Esp. 49 mm; Diâm. do orifício 5 mm; Peso 533,2 gr;
Desenho à escala 1:4.



CIMP 95 | [Pad. 95 A (F23.00), op. 35] – Peso de tear

Descrição – Peso de tear em cerâmica de formato trapezoidal, assimétrico. Faces retas, levemente arqueadas, com cantos arredondados. Secção sub-retangular. Orifício lateral descentrado e levemente desalinhado em relação ao eixo da peça. Encontra-se parcialmente fragmentado na face inferior e superior. Pasta compacta de tonalidade rosada (L49) com abundantes elementos não plásticos de diferente calibre à superfície (quartzo, mica e cerâmica moída). Superfícies alisadas e erodidas com destacamentos pontuais.

Classificação e cronologia – Tipo Moreira 2010, Grupo 1, IIA / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 109 mm; Larg. 62 mm; Esp. 45 mm; Diâm. do orifício 6 mm; Peso 336,5 gr;
Desenho à escala 1:4.

Bibli. – MOREIRA 1995.



CIMP 96 – [Pad. X, 117-337] – Peso de tear

Descrição – Peso de tear em cerâmica de formato paralelepípedo, assimétrico. Secção subquadrangular com cantos arredondados. Orifício lateral centrado e alinhado ao eixo da peça. Faces planas. Encontra-se parcialmente fragmentado na face inferior. Pasta compacta de tonalidade rosada (L46), com abundantes elementos não plásticos de diferente calibre à superfície (quartzo, mica e cerâmica moída). Superfícies alisadas e levemente erodidas com destacamentos pontuais.

Classificação e cronologia – Tipo Moreira 2010, Grupo 2, II / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 120 mm; Larg. 59 mm; Esp. 45/41 mm; Diâm. do orifício 7 mm; Peso 370,9 gr;
Desenho à escala 1:4.



CIMP 97 | [Pad. Recolha de superfície] – Peso de tear

Descrição – Peso de tear em cerâmica de formato paralelepípedo, assimétrico, com sinais intensos de desgaste. Secção subquadrangular com cantos e arestas arredondadas. Orifício lateral descentrado e desalinhado em relação ao eixo da peça. Faces retas muito erodidas. Encontra-se fissurado lateralmente ao nível do orifício de suspensão. Pasta compacta de tonalidade bege (L33).

Abundantes elementos não plásticos de calibre diferenciado à superfície, constituídos por quartzo, mica e cerâmica moída. Superfícies erodidas com destacamentos pontuais.

Classificação e cronologia – Tipo Moreira 2010, Grupo 2, II / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 105 mm; Larg. 53 mm; Esp. 39 mm; Diâm. do orifício 6 mm; Peso 238,5 gr; Desenho à escala 1:4.



CIMP 98 | [Pad. II, X, 338] – Peso de tear

Descrição – Peso de tear em cerâmica de formato paralelepípedo, assimétrico, com sinais de desgaste. Secção subquadrangular com cantos e arestas arredondadas. Orifício lateral descentrado em relação ao eixo da peça. Facas arqueadas, fortemente erodidas. Encontra-se fragmentado lateralmente. Pasta compacta de tonalidade bege (L50). Abundantes elementos não plásticos de calibre médio composto por quartzo, mica e cerâmica moída. Superfícies alisadas e erodidas com destacamentos pontuais.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Comp. 113 mm; Larg. 55 mm; Esp. 41mm; Diâm. do orifício 5 mm; Peso 212,6 gr; Desenho à escala 1:4.



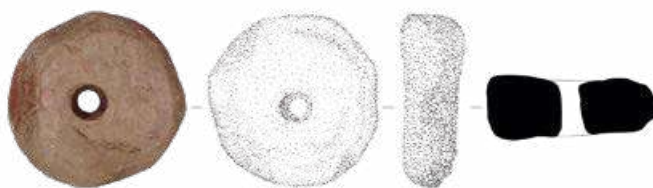
CIMP 99 | [Pad. 06 A (G2.01), op. 14] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro de formato discoidal elaborado a partir do reaproveitamento de um fragmento de cerâmica. Recorte assimétrico com espessura irregular e orifício descentrado. Paredes laterais verticais com os cantos arredondados. Orifício central de perfil troncocônico. Pasta muito depurada de cor castanho-clara (N50). Elementos não plásticos à base de mica e quartzo e ocorrências pontuais de feldspato. Superfícies irregulares com claros sinais de desgaste.

Classificação e cronologia – Tipo Moreira 2010, Grupo 1/ Silva 2007 A1 / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 45 mm; Esp. 17 mm; Diâm. orifício 5 mm; Peso 36,6 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2006a.



CIMP 100 | [Pad. 06 A (G2.01), op. 13] – Cossoiro

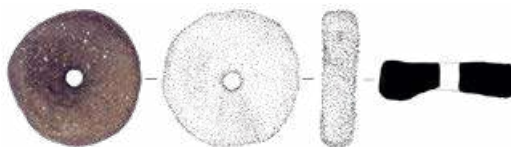
Descrição – Cossoiro de formato discoidal elaborado a partir do reaproveitamento de um fragmento de cerâmica indígena. Recorte e espessura irregular. Paredes laterais retas com cantos arredondados. Orifício bem centrado com paredes verticais. Pasta compacta de cozedura homogênea com abundantes elementos não plásticos (quartzo, mica e feldspato). Faces polidas e

desgastadas de cor castanho-escuro (R71) a cinzento pardo (S73).

Classificação e cronologia – Tipo Moreira 2010, Grupo 1/ Silva 2007, A1 / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 37 mm; Esp. 12 mm; Larg. do orifício 5 mm; Peso 16,1 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2006a.



CIMP 101 | [Pad. 91 A (L25.02), Ig. 6058] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro em cerâmica de formato discoidal. Faces planas com paredes laterais retas e cantos arredondados. Orifício descentrado em relação ao eixo de simetria da peça. Espessura irregular. Pasta de cozedura homogênea, friável, de tonalidade alaranjada (N47). Elementos plásticos finos e bem calibrados à base de quartzo e mica.

Classificação e cronologia – Tipo Moreira 2010, Grupo 1 / Silva 2007, A1/ Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 33 mm; Esp. 7 mm; Diâm. do orifício 5 mm; Peso 8,6 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



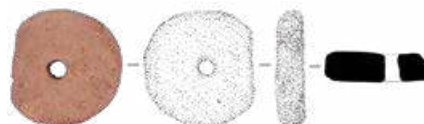
CIMP 102 | [Pad. 91 A (L27.04), op. 47] – Cossoiro

Descrição – Cossoiro em cerâmica de formato discoidal, parcialmente fraturado. Faces planas e paredes retas de cantos arredondados. Orifício central de perfil troncocônico com arestas erodidas. Pasta de tonalidade alaranjada (N47), de estrutura laminar com cozedura homogênea. Superfície polida com sinais claros de desgaste. Elementos não plásticos à base de quartzo, mica e feldspato, bem calibrados e com distribuição uniforme.

Classificação e cronologia – Tipo Moreira 2010, Grupo 1 / Silva 2007, A1 / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 30 mm; Esp. 8 mm; Diâm. do orifício 3/4 mm; Peso 6,2 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1991c.



CIMP 103 | [Pad. 01 A, B1 (A14.01), Ig. 1164] – Ânfora

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de gargalo de ânfora vinária tipo Haltern 70, Classe 15. Bordo extrovertido com lábio em fita, espessado, de recorte simétrico. Cicatriz de implante de asa de fita gamiforme. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme de cor laranja (P37). Elementos não plásticos muito abundantes, compostos por quartzo e, em menor quantidade, mica e feldspato. A superfície, de textura rugosa, encontra-se revestida por engobe da cor alaranjada (N57), espesso e muito bem aderido, que não cobre os grãos de quartzo.

Classificação e cronologia – Tipo Classe 15 (Haltern 70; Callender 9; Camulodunum 185 A; Oberaden 82, Vidonissa 583) / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Alt. 72 mm; Larg. 78 mm; Esp. do bordo 21 mm; Diâm. do bordo 140 mm; Peso 131,2 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibli. – MOREIRA 2001.



CIMP 104 | [Pad. II, X, 346] – Talha

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de talha de dimensão média. Bordo curto e curvo em forma de aba, marcado por carena interna para assentamento de tampa. Perfil facetado com arestas angulosas marcado por lábio interno reentrante de secção arredondada. Arranque de parede pouco esvasada a configurar um reservatório de desenvolvimento elíptico. Pasta cerâmica compacta de estrutura laminar e cozedura homogênea (P49). Elementos não plásticos calibrados e distribuídos uniformemente, compostos por quartzo, mica e feldspato. Superfície áspera de tonalidade castanha (P49).

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Alt. max. 130 mm; Larg. 120 mm; Esp. do bordo 44 mm; Diâm. do bordo 620 mm; Desenho à escala 1:5.



CIMP 105 | [Pad. 99 B (E5.01 | F7.01), Ig. 1041, 1116, 1682] – Almofariz

Descrição – Perfil troncocônico com paredes arqueadas. Bordo em forma de aba com lábio arredondado ligeiramente descaído. Dorso do bordo marcado por friso de perfil em U. Vertedouro de planta trapezoidal, simétrico, com paredes verticais ligeiramente soerguidas em relação à aba. Fundo plano e espesso de assentamento pleno. Pasta compacta e dura com cozedura uniforme de cor rosada (R40/S47). Elementos não plásticos abundantes, compostos por mica e quartzo de calibre médio. Superfície alisada coberta por engobe espesso e aderente (P20).

Classificação e cronologia – Tipo Dramont 2 / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. máx. 309 mm; Alt. máx. 85 mm; Diâm. máx. do fundo 152 mm; Esp. do bordo 20 mm; Desenho à escala 1:5.

Bibli. – MOREIRA 1999a; 2007, 73.



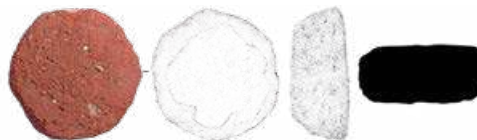
CIMP 106 | [Pad. 89 (M7. C2), Ig. 022, 58] – Tampa

Descrição – Tampa de ânfora/cântaro (?) elaborada a partir do reaproveitamento de um fragmento cerâmico. Formato discoidal de recorte irregular com faces planas e arestas arredondadas. Superfície rugosa. Cerâmica comum com abundantes elementos não plásticos, compostos por quartzo, mica e

feldspato. Pasta compacta com cozedura homogênea. Núcleo e faces de tom laranja (P20).

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 66/70 mm; Esp. 31 mm; Desenho à escala 1:4.



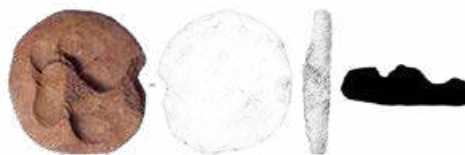
CIMP 107 | [Pad. II, X, 178] – Tampa

Descrição – Tampa de ânfora/cântaro (?) em cerâmica comum de modelação manual. Formato discoidal, subcircular, com espessura irregular. Face superior com repuxamento digital a formar um rebaixamento rugoso que conforma a “pega” efetuado previamente à cozedura. Face anterior plana. Pasta compacta e dura de cozedura homogênea. Elementos não plásticos grosseiros compostos por quartzo, mica, feldspato e cerâmica moída. Superfície e núcleo de cor castanha (P49).

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 75 mm; Esp. 21/16 mm; Peso 89,6 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibli. – MOREIRA 2013, 92; SANTARÉM 1955, 425, Est. X, n.º 107.



CIMP 108 | [Pad. 02 B1 (F25.01), op. 30] – Peça de jogo

Descrição – Peça de jogo de formato discoidal elaborada a partir de um fragmento cerâmico. Formato e espessura irregulares com paredes retas e cantos arredondados. Pasta de cozedura homogênea de cor castanho-alaranjada (P50) com abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato de calibre e distribuição irregular. Superfície e faces laterais polidas.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 25 mm; Esp. 3/5 mm; Peso 3,3 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2002.

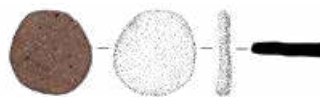


CIMP 109 | [Pad. 87 (N31.00), Ig. 18] - Peça de jogo

Descrição – Peça de jogo de formato discoidal elaborada a partir de um fragmento cerâmico. Formato e espessura irregular com paredes retas e cantos arredondados. Pasta de cozedura homogênea de cor cinza (N71), com abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato de calibre e distribuição irregular.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 22 mm; Esp. 3/4 mm; Peso 2,2 gr; Desenho à escala 1:2.

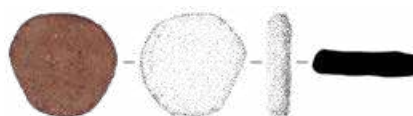


CIMP 110 | [Pad. 95 A (F31.03), Ig. 3083] – Peça de jogo

Descrição – Peça de jogo de formato discoidal elaborada a partir de um fragmento cerâmico. Formato irregular com paredes retas e arestas arredondadas. Pasta de cozedura homogênea de cor rosada (M49), com abundantes elementos não plásticos compostos por quartzo, mica e feldspato de calibre e distribuição irregular. Superfície áspera com faces laterais polidas.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 28 mm; Esp. 7 mm; Peso 5,3 gr; Desenho à escala 1:2.
Bibli. – MOREIRA 1995.



CIMP 111 | [Pad. 84, X, 745] – Peça de jogo

Descrição – Peça de jogo de formato discoidal elaborada a partir de um fragmento cerâmico. Recorte e espessura irregular. Faces planas com arestas arredondadas. Pasta de cozedura homogênea com estrutura laminar. Elementos não plásticos constituídos à base de quartzo, mica e feldspato. Superfície polida de cor castanho-acinzentada (R70).

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 22 mm; Esp. 4/5 mm; Peso 4,5 gr; Desenho à escala 1:2.

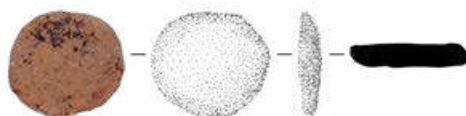


CIMP 112 | [Pad. 89 (M7.C2), Ig. 0523] – Peça de jogo

Descrição – Peça de jogo de formato discoidal elaborada a partir do reaproveitamento de um fragmento cerâmico. Recorte levemente curvo e espessura irregular. Pasta de tonalidade rosada (M49) com cozedura homogênea e vestígios de fuligem na superfície. Elementos não plásticos mal calibrados à base de quartzo, mica e nódulos cerâmicos. Superfície rugosa e irregular.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 29 mm; Esp. 4,2/5 mm; Peso 2,5 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 113 | [Pad. 06 (F2.01), Ig. 878] – Peça de jogo

Descrição – Peça de jogo de formato bulbiforme em xisto de cor cinza-avermelhado (P53). Formato irregular com paredes convexas e cantos arredondados. Superfície áspera com faces laterais polidas.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 32 mm; Esp. 13 mm; Peso 14,6 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2006a.



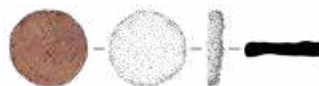
CIMP 114 | [Pad. 06 A (G2.00), op. 7] – Peça de jogo

Descrição – Peça de jogo de formato discoidal elaborada a partir de um fragmento cerâmico. Faces planas com arestas arredondadas. Espessura irregular. Pasta de cozedura homogênea com estrutura laminar. Elementos não plásticos constituídos à base de quartzo, mica e feldspato. Superfície polida coberta na face exterior por uma aguada espessa e bem aderida de tonalidade avermelhada (P49).

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 21 mm; Esp. 3/4 mm; Peso 1,8 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2006a.

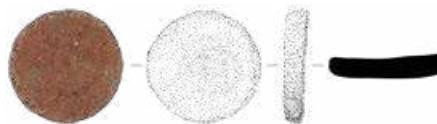


CIMP 115 | [Pad. 85 (M1.00), Ig. 2691] – Peça de jogo

Descrição – Peça de jogo de formato discoidal elaborada a partir de um fragmento cerâmico. Faces levemente curvas com arestas arredondadas. Espessura irregular. Pasta de cozedura homogênea com estrutura laminar. Elementos não plásticos constituídos à base de quartzo, mica e feldspato. Superfície polida, coberta na face exterior por uma aguada espessa e bem aderida de tonalidade laranja (P47).

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 30 mm; Esp. 5/6 mm; Peso 5,8 gr; Desenho à escala 1:2.

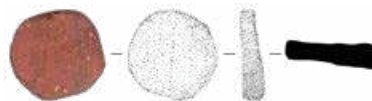


CIMP 116 | [Pad. 89 (M7.C2), Ig. 0176] – Peça de jogo

Descrição – Peça de jogo de formato discoidal elaborada a partir do reaproveitamento de um fragmento cerâmico. Recorte e espessura irregular. Pasta de tonalidade laranja (R20) com cozedura homogênea. Elementos não plásticos abundantes à base de quartzo, mica e nódulos cerâmicos. Superfície rugosa e irregular.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão – Fase VII.

Dimensões – Diâm. 25 mm; Esp. 5/6 mm; Peso 4,5 gr; Desenho à escala 1:2.



Idade Média

FASE VIII 900 | Finais do séc. XII

FASE IX Finais do séc. XII | 1515

FASE VIII

Corresponde ao momento de construção da igreja de S. Salvador de Monte Córdova, à fundação do mosteiro e à fortificação do espaço. As evidências arqueológicas, ainda pouco expressivas, apontam para a existência de uma construção do séc. X, cuja planta integral não é ainda conhecida. Os materiais arqueológicos associados a este momento de ocupação são relativamente reduzidos compreendendo, fundamentalmente, cerâmicas comuns de armazenamento e de mesa. Predominam os potes de perfil em S com base de assentamento discoidal e bordo contracurvado, vasos com aba interior para assentamento de testo e jarros de perfis diferenciados. Os fabricos, geralmente grosseiros, são formados por pastas mal depuradas de aspeto arenoso e friável.

FASE IX

Compreende o período em que se opera a remodelação do primeiro mosteiro e respetiva igreja desenvolvendo-se até 1515. A esta fase encontra-se também associada uma extensa necrópole que se estende para sudeste da igreja e área claustral do mosteiro, cujo contexto se relaciona com o fenómeno de emergência dos cemitérios rurais, polarizados em torno das igrejas paroquiais, documentado no Noroeste Peninsular a partir do séc. IX, a que vulgarmente se designa por *tumulatio apud ecclesiam*. Historicamente, enquadra-se no momento em que o cemitério cristão se polariza no adro da igreja, no qual, a maioria dos *fili ecclesiae*, se contenta em ser sepultado no – (...) *espaço sagrado, aonde chegava a fortaleza do som dos ritos, o poder da aspersão da água benta e a sombra das cruces da igreja* (...) (FIGURA 24).

O espólio associado a esta fase, para além do abundante acervo cerâmico, regista a presença de materiais metálicos, nomeadamente componentes de peças de vestuário, apliques decorativos de móveis e materiais litúrgicos. As peças numismáticas, muito numerosas, abarcam uma ampla cronologia que compreende, fundamentalmente, a primeira e a segunda dinastia.





24.
Ocupação da Idade Média na face sudeste da plataforma superior.

O CASTELO DE MONTE CÓRDOVA

A existência de uma estrutura militar inscrita na circunscrição do Julgado de Refojos de Riba d'Ave associada à referência toponímica de Monte Córdova, sugere a sua localização no maciço do Pilar, em Pena Maior, Paços de Ferreira, relacionando-o com o fenómeno de *incastellamento*. Este processo, desenvolvido entre nós a partir de finais do séc. IX até ao início do séc. XII, está subjacente à criação de um sistema de defesa de natureza popular, prévio à formação do país, como resposta das populações locais face às incursões normandas e às investidas muçulmanas. Compõem-se de estruturas muito rudimentares, com sistemas defensivos precários, cuja localização privilegiava espaços com uma topografia favorável à sua defesa, assim como um amplo domínio visual sobre a região, em particular, das vias de comunicação, muitas vezes coincidentes com povoados da Idade do Ferro. Na região entre Leça e Ave regista-se um conjunto significativo de espaços fortificados desta natureza, que documentam exaustivamente o processo: Monte Córdova, Santo Tirso (8), Alvarelos, Trofa (9), Monte Faro, Maia (10), Avioso, Maia (11), Pedras Rubras, Maia (12), Ansedo, Vila do Conde (13), Castro Boi, Vila do Conde (14) (FIGURA 25).

É neste contexto que se inscreve o reduto defensivo alto medievo do Padrão que, do ponto de vista estratégico, enquadra um conjunto de guarnições militares na área norte da diocese do Porto cujas características sugerem obedecer aos mesmos critérios de implantação, sendo de admitir um vínculo direto à família de S. Rosendo. Na área geográfica envolvente que, *grosso modo*, corresponde à *Terra da Maia*, identificam-se mais de uma dezena de "castelos" cuja implantação nos permite perceber a distribuição dos núcleos populacionais então existentes e a sua relação com as vias de comunicação.

Posteriormente, com o incremento da reconquista cristã e a reorganização administrativa do território, nomeadamente com a criação dos *territoriae* e das *civitates*, assiste-se à personificação dos destinos militares, concentrados agora num castelo governado por um nobre, cuja existência, no imediato, não terá anulado o papel dos "castelos" de iniciativa popular, mas sim dado um novo enquadramento ao processo de reconquista, sobretudo nas zonas de fronteira (BARROCA 1990-91, 92). Nesta nova fase assiste-se à emergência do castelo românico no espaço nacional. Em paralelo, administrativamente, o território entre Leça e Ave passou, também, a integrar um conjunto de coutos e honras, que complementaram o ordenamento do território: Santo Tirso (1), Guimarei, Santo Tirso (2), Monte Córdova, Santo Tirso (3), Rebordões, Santo Tirso (4), Francemil, Santo Tirso (5), S. Tomé de Negrelos, Santo Tirso (6), Soutelo (7) (FIGURA 25).

O MOSTEIRO E A IGREJA DE MONTE CÓRDOVA

A fundação do cenóbio de Monte Córdova enquadra-se num fenómeno de larga expressão geográfica de emergência de mosteiros familiares que parece ter desempenhado um papel muito relevante na estruturação e povoamento do território ao longo do extenso período que antecedeu a reconquista, designadamente no decurso dos séc. X e XI. A sua fundação, segundo Frei Benito de la Cueva, terá ocorrido em 934, por iniciativa de São Rosendo¹²⁵.

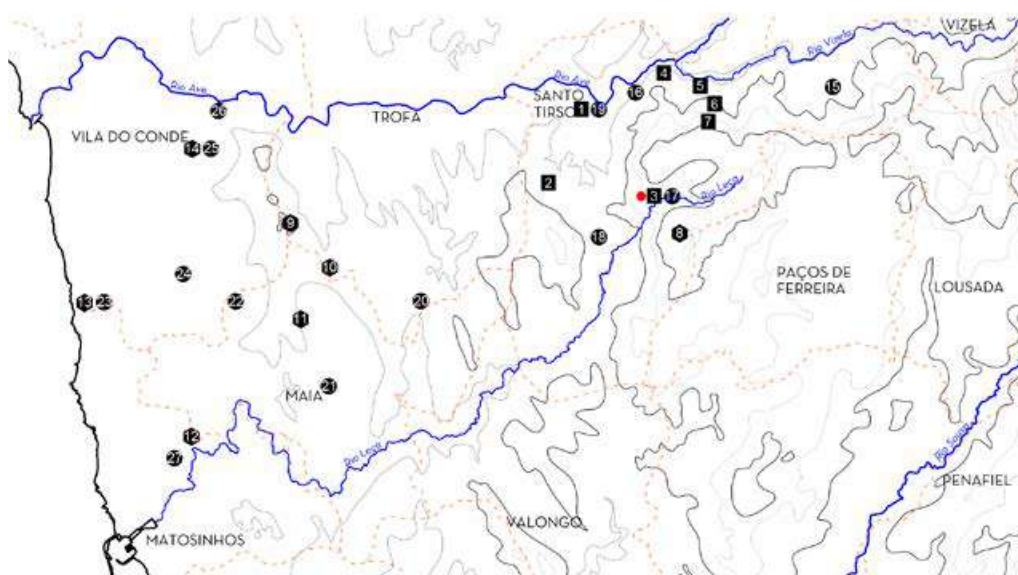
125 O mosteiro e a igreja de S. Salvador de Monte Córdova encontram-se referenciados na bibliografia de cronistas, hagiógrafos, corógrafos e viajantes desde finais do séc. XVI, até poucos anos antes de ser definitivamente abandonado, no segundo quartel do séc. XVII. Entre os principais autores contam-se referências de André Resende, D. Rodrigo da Cunha, Gaspar Estaço, Carvalho da Costa e Frei Leão de S. Tomás. Na historiografia castelhana assinala-se a referência de Ambrosino de Morales, em 1572 (IGLESIAS 1999, 57-58) e, mais tarde, em 1600, na historiografia galega, nos livros da autoria de Fray Benito de La Cueva, *Historia de los Monasterios e Priorados Anejos a Celanova*, que viria a ser publicado em 1991 (CUEVA 1991, 93-97), e *Celanova Ilustrada y Anales de San Rosendo*, editado em 2007 (CUEVA 2007). Mais tarde, já em meados do séc. XVIII, em resposta ao *Inquérito Paroquial* de 1758, o Reitor de Monte Córdova,

Frey Benito, arquivista do mosteiro de Celanova, refere-o na sua obra *Cela Nova Ilustrada*, fundamentando a sua afirmação na referência documental inscrita no Lib. Gotic fol. 167, onde é feita a divisão de parte dos bens dos pais de São Rosendo pelos quatro filhos, no qual afirma constar a alusão à doação a S. Rosendo da “Yglesia de San Salvador de Monte Corba” e “de San Miguel de Salas” – (...) *La essra de Division está en Lib. Gotic fol 167 y de ella consta que le cupieron a San Ro estas Yglesias y la Villa de Castro en la cumbre del Monte lebo-reyro qe divide a Portugal de Galicia, y es fuerza inexpugnable.* (...) (CUEVA 2007, 76). Todavia, o documento referido (doc. 478, ff. 166r – 167v / datado de 11 de março de 934) (CERNADES 1995, 662-664), apesar de apresentar o arrolamento dos bens distribuídos pelos quatro irmãos, a relação respeitante aos direitos de S. Rosendo não regista qualquer referência à igreja de *S. Miguel de Salas* (igreja paroquial de S. Miguel do Couto) (FIGURA 26), assim como à igreja de *S. Salvador do Monte Corba* (igreja paroquial de Monte Córdova). Referido no Censual da Mitra do Porto, em 1542, após um longo período em que se constituiu como priorado de Celanova, a extinção do cenóbio terá ocorrido no final do séc. XVI (SANTOS 1973, 84-85).

O mosteiro integrou uma unidade geo-histórica cuja ancestralidade encontra raízes na proto-história que, em época medieval, se veio a configurar na *Terra da Maia*, e, posteriormente, no séc. XII, se subdividira em vários *Julgados* e *Termos*, entre os quais o de Refojos de Riba D’Ave, à qual o mosteiro cordubense pertenceu.

Na área da diocese do Porto são vários os mosteiros fundados nos séc. X e XI cuja emergência obedece ao mesmo enquadramento social, político, religioso e económico que o mosteiro de Monte Córdova, entre os quais: Roriz, Santo Tirso (15), Burgães (16), Monte Córdova, Santo Tirso (17), Refojos, Santo Tirso (18), Santo Tirso (19), Silva Escura, Maia (20), Vermoim, Maia (21), Moreira, Maia (22), Lavra, Matosinhos (23), Mosteirô, Vila do Conde (24), Vairão, Vila do Conde (25), Macieira, Vila do Conde (26), identificando-se, também, um eremitério – Santa Cruz do Bispo, Matosinhos (27) (FIGURA 25).

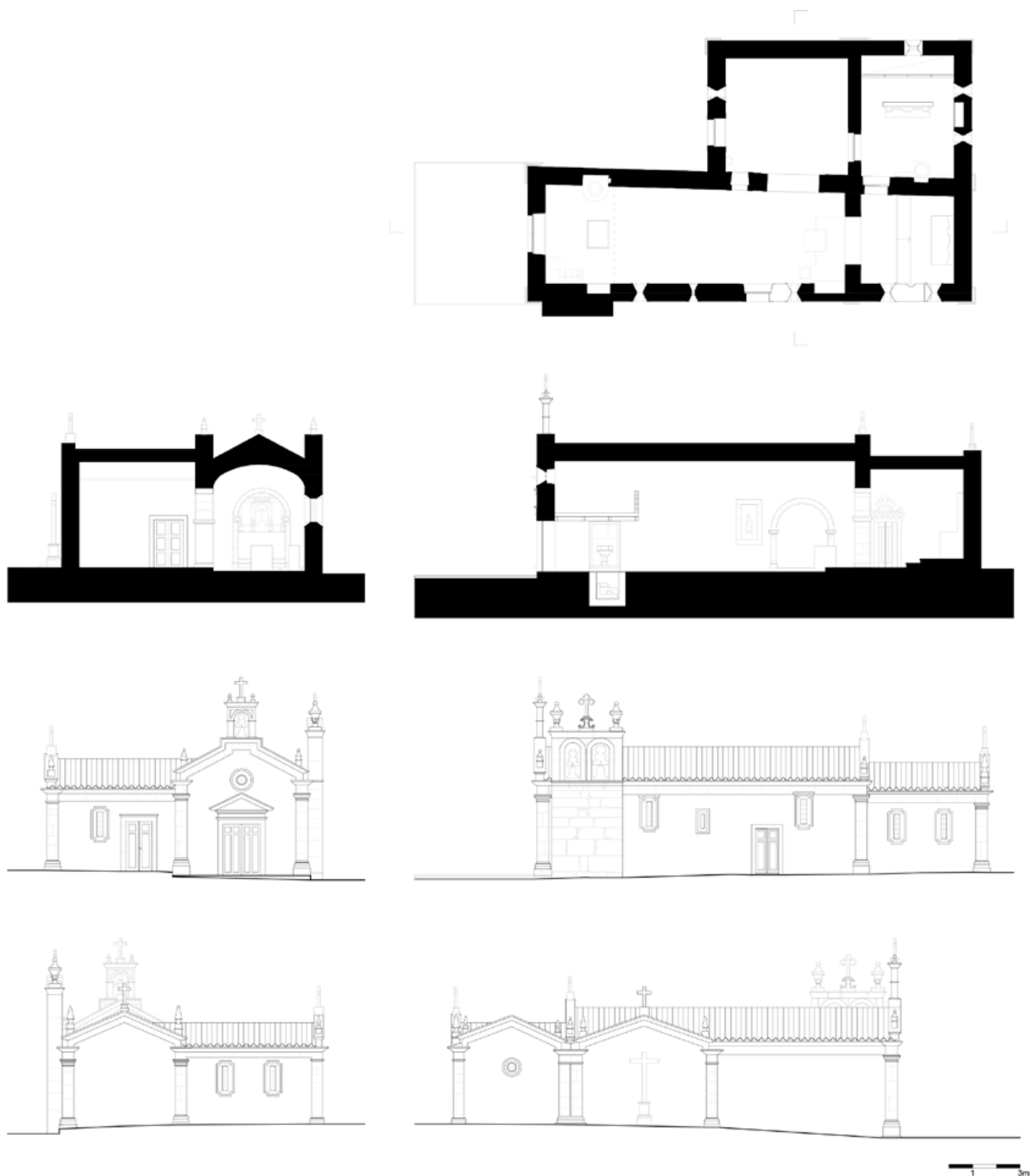
25.
Coutos e honras (■), castelos (●), mosteiros (●) e eremitérios (○) entre Leça e Ave.



Padre Veríssimo de Araújo, forneceu um importante contributo para a interpretação dos vestígios medievais do Monte do Padrão, assim como para a história da toponímia local. Recentemente, os contributos mais significativos são da autoria de Alberto Pimentel e Alberto Pires de Lima (PIMENTEL 1902, 50-54; LIMA 1948, 543).

26.

Igreja Paroquial de S. Miguel do Couto, Santo Tirso. Levantamento arquitetónico (Planta, alçados e cortes).



A igreja de Monte Córdova, fundada no séc. X, cujo direito de apresentação foi confirmado ao mosteiro de Celanova em 1225, pelo bispo Martinho Rodrigues, manteve-se unida à abadia *auriense* por cerca de trezentos anos, dependendo diretamente do prior de Celanova que nomeava um cura, monge do mosteiro, para administrar a igreja, destinando, dessa forma, todos os rendimentos a Celanova¹²⁶. Assim se manteve a relação entre os dois cenóbios até à perda definitiva do priorado, em 1515, momento em que D. Manuel I, através de uma comenda o atribuiu à Ordem de Cristo, de que resultou a nomeação de um abade comendatário, Afonso Carneiro (MOREIRA 2005B, 45).

REFERÊNCIAS CRONOLÓGICAS SIGNIFICATIVAS

907 - Nascimento de S. Rosendo a 26 de novembro, no lugar de Salas, S. Miguel do Couto, Santo Tirso (FIGURA 27).

925 - S. Rosendo é nomeado bispo de Dume e Mondonhedo.

934 - Fundação do mosteiro de Monte Córdova (?).

955 - S. Rosendo assume o governo civil e militar da Galiza.

977 - Morte de S. Rosendo em Celanova, Ourense, em 1 de março.

1172 - Canonização de S. Rosendo pelo Cardeal Jacinto Bobone Orsini.

1195 - Canonização de S. Rosendo pelo Papa Celestino III.

1225 - Cedência do direito de apresentação da igreja de Monte Córdova ao mosteiro de Celanova pelo bispo D. Martinho Rodrigues.

1241 - Acordo amigável entre D. Sancho II e o Convento de Celanova onde se reconhece o direito de padroeiro da Igreja de Monte Córdova.

1282 - D. Vicente Mendes confirma o direito de apresentação da igreja de S. Salvador de Monte Córdova ao mosteiro Auriense.

126 A confirmação surge na sequência do pleito jurídico mantido com a coroa portuguesa pela posse de Castro Laboreiro e da igreja e mosteiro de Monte Córdova, do qual resultou a decisão referida que viria a ser formalizada por D. Sancho, como consta do “Livro das Igrejas e Capelas do Padroado dos Reis de Portugal”, recolha documental feita por Cristóvão de Benavente e Padre Nuno de Arezo em 1574, a pedido de D. Sebastião, que assinala a existência de um contrato – (...) *Contratto q se fez entre El Rey dom Sancho Capello com o moesteiro e conuento de Sallanoua, per que o ditto rei ouue Crasto Laboreiro com suas pertensas e o ditto moesteiro ouue a igreja de Monte Cordoua* (...), (SERRÃO 1971, 59).

ESTUDO DE MATERIAIS

FASES VIII / IX

Potes / Panelas

Entre a ampla gama de cerâmica utilitária de cozinha identificada em época medieval e moderna no Monte Padrão verifica-se a prevalência das formas fechadas (panelas, potes, púcaros, jarros, cântaros, etc.) sobre as formas abertas (alguidares, pratos, pratéis, taças, tigelas, etc.). Entre as primeiras sobressaem as panelas e os potes cuja proximidade morfológica dificulta a sua distinção, sobretudo se tivermos em conta que o acervo cerâmico é, por norma, muito fragmentado com escassos exemplos de perfis completos. Embora se relacione as primeiras com a confeção de alimentos e a segunda com a armazenagem de diferentes tipos de produtos, é provável que este tipo de peças tivesse uma função polivalente e desempenhasse de forma indistinta ambos os usos, servindo, em muitos casos, a presença de fuligem na superfície para distinguir as funções. Todavia, os utensílios relacionados com a confeção ou aquecimento de comida encerra características específicas, evidenciando bordos invertidos e fundos côncavos de assentamento radial, para evitar derrames de alimentos de base líquida ou liquefeita.

Em primeiro lugar, temos a *panela*, forma fechada, por norma de corpo esférico com uma ou duas asas implantadas a partir do bordo com remate abaixo do colo, de orientação vertical ou horizontal. Na sua maioria, possuem um bordo vertical com ligeiro estrangulamento no colo no ponto de junção com a parede interna. Apresentam fundos planos de tendência convexa. A decoração é simples, de matriz geométrica, composta por linhas incisas horizontais paralelas ao bordo, por vezes conjugadas com meandros ou, como é o caso dos dois exemplares que ilustramos, n.º **117 e 118**, cordões digitados ou puncionados.

Constitui um grupo de tipologia complexa, em que coexistem inúmeras variantes e exemplares de diferente dimensão, conhecendo-se no Padrão variações significativas ao nível do perfil, decoração e dimensão (MOREIRA 2007, 162-163, n.º 316-325). Estas formas estão relacionadas com fabricos que privilegiam pastas micáceas com inclusão de quartzo de médio calibre, submetidas a cozeduras em ambientes redutores que lhes conferem um tom acinzentado. As superfícies são simplesmente alisadas conservando os elementos não plásticos visíveis à superfície mantendo um toque áspero.

Cerâmica do Prado

As produções designadas por “Cerâmica do Prado”, genericamente datadas de finais do séc. XII ao séc. XIV, são fabricos de expressão regional que revelam características morfológicas muito específicas. Tipologicamente, apresentam uma gama variada de formas que incluem, entre outras, cântaros, baldes, jarros, malgas e potes.

As pastas mais características, geralmente bem cozidas e de paredes finas, revelam um elevado grau de compactação e dureza, de toque vítreo, resultantes de cozeduras a altas temperaturas em ambientes oxidantes, que originam um núcleo escuro que contrasta com as paredes, por norma de tom pardo ou rosado. Os elementos não plásticos, sempre abundantes e de calibre diferenciado, são compostos por quartzo, mica, feldspato e cerâmica moída. Invariavelmente, apresentam esquemas decorativos diversificados e coerentes, compostos por caneluras, obtidas através da rotação da peça à roda, motivos incisos (linhas

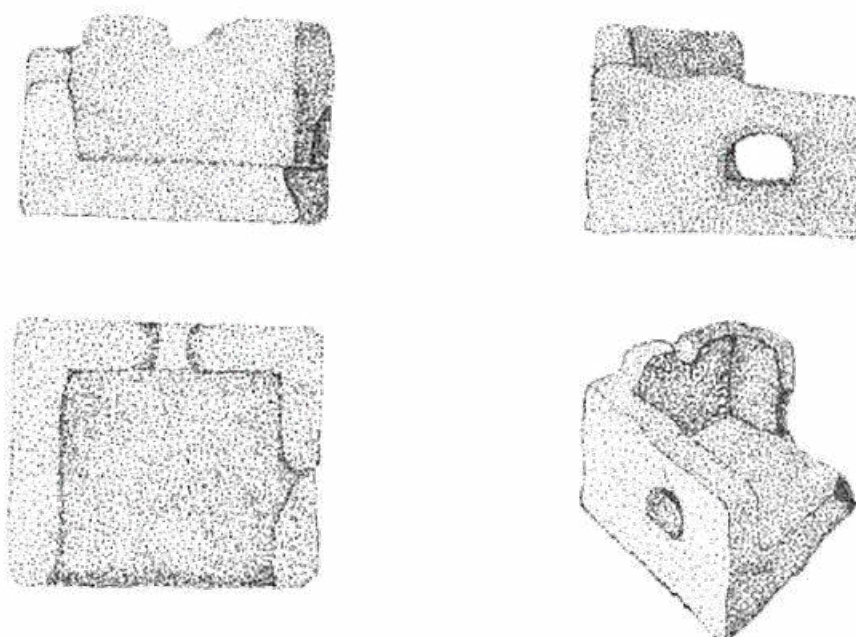
onduladas, enxaquetados, linhas verticais, etc.), extremamente finos, executados com uma lâmina, perfurações obtidas através de punção aplicadas nas asas e nos bordos, cordões e cintas verticais de perfil triangular aplicados desde o fundo até ao bordo (GASPAR 1985, 51-125). Estes motivos decorativos podem associar-se de variadas formas contribuindo para uma significativa diversidade temática dentro de uma estética homogênea. A produção, de fácil identificação, tem vindo a ser detetada em muitos contextos medievais no Norte de Portugal, em áreas rurais e urbanas, sendo a sua presença particularmente significativa no Monte Padrão. Mário Barroca propôs a localização do centro oleiro em Prado/Cervães, local em que se verifica uma longa tradição de produção de olaria, documentada desde a Idade Média, valorizando a sua ampla expressão e representatividade em torno da cidade de Braga (BARROCA 1993, 166).

Jarros Pichéis

Os jarros produzidos no centro oleiro do Prado, Braga, são referidos na documentação medieval - *Inquérito de Afonso IV aos direitos do Bispo e Cabido da Sé de 1339* -, como “pichéis bragueses” o que atesta não só o seu local de produção, como a sua distribuição para a cidade do Porto (SILVA 2011).

Morfologicamente, os jarros distinguem-se pelo menor diâmetro de boca em relação ao corpo e por possuírem um colo relativamente alto, por vezes associado a asas de fita. A diversidade formal não é significativa, sendo, genericamente, caracterizados pela reduzida espessura das paredes, com perfil anguloso e face superior estriada. Os diâmetros oscilam entre 10 e 15 cm e, geralmente, apresentam no bordo uma pequena aba horizontal marcada por um estrangulamento no ponto de junção desta com a parede interna como se identifica no jarro n.º 125. Muitos exemplares apresentam um bico triangular perfurado, como o exemplar ilustrado, n.º 124. As bases são normalmente planas e o arranque da parede é perpendicular ao fundo, fletindo para o exterior originando um estrangulamento da parede que liga o

27.
Pia Batismal, S. Miguel do Couto.



bojo à base. Estes jarros encontram paralelo em exemplares provenientes da intervenção realizada na Rua de N^a S^a do Leite, Braga (GASPAR 1985, 51-125), com uma cronologia atribuída a finais do séc. XIII/inícios do séc. XIV.¹²⁷

Têm como características distintivas a profusa ornamentação que, geralmente, cobre a totalidade das peças. Os elementos aplicados são compostos por asas torcidas, n.º **119, 123**, caneluras, cordões e cintas verticais, n.º **120, 121**. A temática decorativa compreende motivos geométricos elaborados por incisões e perfurações que podiam ter também função técnica, nomeadamente de facilitar o processo de cozedura. Os exemplares ilustrados, n.º **119-124**, identificam-se a partir de pequenos fragmentos que, no entanto, são significativos neste referente morfológico. O jarro n.º **125** encontra-se representado pelo bordo e arranque da parede do gargalo, correspondendo à variante de bordo alto e pouco esvasado. No cômputo geral, é um tipo de produção muito bem documentada no Monte Padrão (MOREIRA 2007, 160; 2016, 119-121).

Contas de rosário

A evangelização através da oração do *rosário* é contemporânea às batalhas dos cruzados cristãos, compartilhando o modelo de cristianização caracterizado pela divulgação da doutrina católica e pelo combate às práticas contrárias ou concorrentes ao catolicismo. As referências historiográficas que abordam a explicação da origem do *rosário* atribuem a São Domingos de Gusmão o papel de recetador da mensagem da Virgem Maria em forma de oração (séc. XIII). A devoção ao *rosário* inaugura-se, portanto, num contexto de batalhas religiosas. Em tempos de heresia, o instrumento para a oração de Maria afirma-se como a possibilidade de triunfo diante do inimigo. Mais tarde, tais práticas combativas outorgadas ao *rosário* durante a Idade Moderna alinhavam-se com o posicionamento geopolítico da Igreja Católica naquele momento, fortemente marcado pelo clima de contestações iniciado pelo Concílio de Trento (séc. XVI).

Este tipo de objetos, frequentemente presentes em contextos arqueológicos medievais e pós-medievais associados a espaços cultuais, assim como a recintos cemiteriais, integrando o espólio funerário de sepulturas¹²⁸, constitui uma ocorrência relativamente icónica, sendo o Monte Padrão um exemplo que acresce a inúmeras referências no Norte de Portugal¹²⁹. Neste caso ilustram-se um conjunto de elementos pertencentes a um rosário¹³⁰ composto por contas esféricas em osso, n.º **126, 128-130**, com furo central e com contas de formato bitroncocónico, nervuradas que marcavam o ritmo e o tempo dos *padres-nossos*, n.º **127**. Do ponto de vista cronológico o seu enquadramento na Fase IX é consistente com o período de maior vulgarização deste tipo de objetos cultuais, nomeadamente a sua presença em contextos tumulares.

127 É particularmente frequente o aparecimento de fragmentos deste tipo de jarros em contextos medievais do Norte do País, nomeadamente em Guimarães, onde se identifica no Núcleo Arqueológico da Associação Comercial e Industrial de Guimarães (FAURE; FERNANDES; CASTRO 2010, 25,58), no Mosteiro de Santa Maria da Costa, assim como no Porto, designadamente no do Morro da Sé (Real; Távora; OSÓRIO; TEIXEIRA 1985-86,13), e na Casa do Infante (REAL; DORDIO; TEIXEIRA; MELO 1998, 176; SILVA, 2011).

128 As referências de contextos tumulares e tipologia afim, nomeadamente de Mértola, apontam para uma composição integral formada por 140 contas esféricas para as *ave-marias* e 17 contas trabalhadas com nervuras para os *padre-nossos* (RAFAEL; PALMA; FORTUNA; RODRIGUES 2015, 261).

129 Frequentes nas referências estratigráficas medievais e modernas do Monte Padrão foram identificadas em vários suportes - osso, azeviche, lacre e vidro (MOREIRA 2007, 165-166, n.º 336, 338; 2016, 117-118, n.º 16-17).

130 Note-se que o *terço* consiste num colar com cinquenta contas para rezar *ave-marias* e cinco para *pai-nossos*, ao passo que o *rosário* possui cento e cinquenta contas para as *ave-marias* e quinze para *pai-nossos*.

Alfinetes

Os alfinetes de liga de bronze, n.º **131-134, 139, 144**, pertencem todos à mesma tipologia e representam parte de um significativo acervo¹³¹. São constituídos por uma haste de secção circular com uma extremidade pontiaguda e a outra rematada por uma cabeça esférica elaborada por enrolamento de um fio à volta da haste. A diversidade de comprimentos, entre 2,5 e 8 cm, está relacionada com as diferentes funcionalidades, quer no uso feminino do véu e no penteado, ou mesmo, como parece ser o caso mais frequente no Monte Padrão, no uso da fixação dos sudários utilizados como mortalhas nos enterramentos. A utilização do sudário, muitas vezes cingido com o recurso à utilização de alfinetes encontra-se amplamente documentado no espaço cemiterial na Fase IX, sendo sistemática a sua aplicação ao longo da costura da face anterior, revelando muitos deles torções resultantes do processo de “costura” e fixação.

Os enterramentos nas sepulturas tipo “caixa” eram efetuados sem qualquer tipo de caixão, na qual o corpo era depositado apenas envolvido num sudário, geralmente na posição de *decúbito dorsal* e, posteriormente, coberto com terra, de forma que o defunto ficasse em “repouso a contemplar o céu”. Esta prática, repetida sistematicamente ao longo de séculos, revela uma intenção deliberada de conferir ao corpo uma posição “perdurável”, utilizando-se, na preparação do defunto, materiais que minimizassem a desarticulação do corpo resultante do processo de decomposição. Com o mesmo propósito, os membros superiores apresentam-se invariavelmente posicionados acima da cintura com as mãos entrelaçadas e cruzadas sobre o peito ou no baixo-ventre, aspeto que parece também relacionar-se com a pose de oração, exprimindo humildade diante de Deus, ou mesmo, como sugerem alguns autores, de um certo pudor perante o criador (BIDON 1993, 193). De diferente tipologia, os alfinetes n.º **139** e **148**, dos quais apenas se conserva parte das hastes, apresentam uma secção mais espessa e um comprimento inusual, podendo terem-se constituído como pequenas varas de uso indiferenciado ou mesmo associado ao uso feminino do véu ou no toucado.

Fechos de livros

Durante a Idade Média e Moderna vulgarizou-se o revestimento de livros com capas de madeira (tábuas), forradas em pergaminho ou cabedal grosso e decoradas com desenhos embutidos, estampados ou dourados. Embora as tábuas de madeira, as forras de cabedal e as folhas em pergaminho e papel não tenham sobrevivido no contexto arqueológico, alguns ornamentos de metal evidenciam os sistemas de proteção ou de fecho dos livros, função que atribuímos com alguma reserva aos objetos n.º **135** e **141**. O primeiro, n.º **135**, é formado por uma placa de bronze fundida com recorte de um florão de seis lóbulos, rematado por dois elementos dobrados a formar a charneira para articulação do eixo. Na face anterior, ao centro, conserva um espigão de secção circular, pontiagudo, que funcionaria como elemento de fixação. O n.º **141** é formado por um aro elíptico, simétrico, com haste sub-retangular soldada e fuste opONENTE para encaixe orientado transversalmente à peça. O elemento de fecho possui um recorte retangular com ligeiro espessamento no remate. Encontra-se patinado, conservando na face superior um intenso polimento.

131 Amplamente documentados na necrópole medieval, designadamente nas Fases VIII e IX (MOREIRA 2007, 167, n.º 344; 2010, 263, n.º 1-3; 2016, 117, n.º 12).

Anéis

O anel na Antiguidade Tardia e na Alta Idade Média assume-se como um objeto de adorno pessoal, mas, simultaneamente, como um elemento suscetível de evidenciar o prestígio de quem o usa ou de traduzir mensagens de natureza simbólica. Na Antiguidade Tardia generalizou-se o seu uso tendo acabado por se converter no adereço metálico mais comum em sepulcros hispano-visigodos (MUNCHARAZ 2006, 762), circunstância a que não terá sido alheia a expansão do Cristianismo e dos símbolos associados (PABLOS; CABRERA; LÓPEZ; LÓPEZ; HIDALGO 2006, 55-91). É possível que fosse usado por ambos os géneros, visto ser recorrente a sua identificação tanto em sepulturas femininas como masculinas, ainda que intervenções levadas a cabo na necrópole de Carpio de Tajo, tenham revelado a presença mais abundante de anéis junto a brincos anelares ou pendentes, permitindo deduzir que, de uma maneira geral, eram as mulheres quem os usava de modo mais frequente e em maior número (LÓPEZ 1985, 33).

Os anéis provenientes do contexto funerário medieval aqui ilustrados, n.º 138 e 147, integram um curto reportório a que se juntam mais dois exemplares oriundos da mesma circunstância e horizonte cronológico. Refira-se, pela sua proximidade morfológica, o exemplar de aro de secção plano-convexa recolhido em 2005 na intervenção da necrópole, concretamente na área claustral do mosteiro, face nordeste da igreja (MOREIRA 2007, 168, n.º 346)¹³². O outro, proveniente do mesmo *interface*, formalmente distinto, apresenta um fecho ajustável por sobreposição da fita que compõe o aro (MOREIRA 2005, 39; 2007, 166, n.º 337).

A necrópole medieval do Monte do Padrão integra-se no fenómeno de emergência dos cemitérios rurais, polarizados em torno das igrejas paroquiais, documentados no Noroeste Peninsular a partir do séc. IX. O processo de *tumulatio appud ecclesiam*, por oposição à *tumulatio ad sanctos*, consiste num fenómeno tipicamente rural (BARROCA 1987, 24), que enquadra o momento em que este se passa a concretizar nos adros das igrejas, no qual a maioria dos *fili ecclesiae* se contentava em ser sepultado - (...) *no espaço sagrado, aonde chegava a fortaleza do som dos ritos, o poder da aspersão da água benta e a sombra das cruzeiras da igreja* (...) (ALMEIDA 1978A, 11). Estes recintos, demarcados nos atos de fundação das igrejas, possuíam áreas junto do templo para receber as tumulações dos fiéis, constituindo áreas ainda santificadas, nas quais se estabelecia, em termos de *hierarquia do sagrado*, a transição entre o espaço civil e o sacro.

A intervenção da necrópole compreendeu, até ao momento, a escavação de setenta e seis sepulturas, vários ossários e três sarcófagos, do que se constata ser um extenso cemitério que se desenvolveu ao longo da face leste da plataforma superior, prolongando-se para além dos limites da acrópole do povoado, designadamente para a encosta sudeste¹³³. A

132 Pad. 05A, B1, Sepultura n.º 3|05 (Q. J33-34 / K33-34) / Inv.º Geral n.º 61 - (orientação - Sudoeste /Nordeste 38º), cota superior 403,42 m / 403,25 m – cota inferior 402,99 m. Enterramento da Fase 2. Sepultura de planta trapezoidal, assimétrica, com as faces laterais ligeiramente ovaladas. Caixa composta por 10 blocos de granito, reaproveitados de construções anteriores, de calibre irregular, dispostos verticalmente e estruturados entre si por simples encosto das arestas. A cobertura, integralmente preservada, era formada por 7 lajes de granito de diferentes dimensões, de recorte irregular, dispostas transversalmente sobre a caixa e ligeiramente sobrepostas entre si. Nos interstícios dos elementos verticais e sob as tampas identificaram-se pequenos elementos de preenchimento das lacunas que conferiam à estrutura maior solidez e estanquicidade. O fundo da sepultura não evidenciou qualquer tipo de revestimento. A sua escavação revelou uma camada estratigráfica única, muito uniforme, composta por terra de textura pouco argilosa, de compactação mediana, com abundantes pedras de pequeno calibre e fragmentos cerâmicos de diferente cronologia. Os materiais mais significativos consistem em dois fragmentos de ferro (op. 61 e 62) e um anel em bronze, identificado *in situ*, à esquerda do indivíduo (MOREIRA 2005, op. 63, Est. 7.2., n.º 6). Na sepultura registou-se a presença de dois indivíduos – 1 adulto do sexo indeterminado e uma criança – cujos esqueletos não se encontravam completos e em muito mau estado de conservação. O último enterramento corresponde ao adulto que se apresentava em posição de *decúbito supino* com orientação do crânio ao lado esquerdo, enquanto o primeiro, mais antigo, também conservado ao nível da cabeceira, no nível inferior da sepultura, encontrava-se orientado à direita.

133 Registe-se a identificação de um baixo número de sepulturas de crianças, cuja diminuta expressão, se atendermos ao elevado

área cemiterial intervencionada abrange parte da igreja, a área claustral, delimitada na face leste pelas celas do mosteiro e parte do adro da igreja e toda a face sul até ao limite da plataforma superior¹³⁴.

Da sua escavação resultou um reduzido acervo de objetos de carácter funerário, facto que se explica, entre outras razões, pelas motivações religiosas, de acordo com as orientações escatológicas do cristianismo medievo.

Embora as normas cristãs tenham incentivado o despojamento material dos indivíduos na hora da morte, registou-se uma certa liberdade nas opções adotadas pelos primeiros cren-tes. Os rituais funerários seriam praticados no seio da comunidade cuja condução era decidida pela família do defunto. Importa considerar que a presença de objetos no interior das sepulturas, designadamente de moedas, reflete a prevalência de antigos hábitos pagãos. As populações rurais, como a de Monte Córdova, encontravam-se efetivamente cristianizadas, mas a sua posição periférica em relação aos influxos culturais e religiosos dos grandes centros levou a que permanecessem impregnadas dos costumes ancestrais pagãos. Daí que tenham persistido hábitos antigos e que os rituais fúnebres se desenvolvessem segundo as regras de entidades mais restritas – as comunidades/famílias –, fenómeno registado em necrópoles da região no mesmo horizonte cronológico¹³⁵. As sepulturas intervencionadas no Padrão forneceram importantes elementos de natureza antropológica que permitiram caracterizar a evolução da estrutura demográfica da população.

A escassez de materiais recolhidos revela, na sequência de uma tradição que se desenvolve a partir de época visigótica, que o ritual funerário impunha um profundo despojamento material. O defunto, depois de completados os três dias de velório, era então sujeito aos últimos gestos rituais antes de ser transportado para a sua derradeira morada. Um dos momentos mais importantes seria o da lavagem do corpo antes de este receber o sudário com que era enterrado – prática amplamente documentada através da recolha de tecidos concrecionados em moedas recolhidas *in situ*, evocando práticas ancestrais vinculadas ao paganismo que a igreja, apesar de várias disposições, não conseguiu erradicar¹³⁶ (MOREIRA 2007, 53). O corpo ia a enterrar amortalhado no sudário, um pano geralmente de linho, ajustado ao corpo e, como se documenta em várias situações, através da aplicação de alfinetes de bronze. Quando era depositado na sepultura o corpo, normalmente, não transportava consigo qualquer tipo de objeto de adorno, de vestuário ou de natureza votiva. Apesar de esta ser a regra, registam-se algumas exceções pontuais. Esta opção sistemática do uso do sudário deve também estar relacionada com aspetos da mentalidade e crença religiosa ou de práticas e tradições locais que ainda nos escapam, uma vez que a execução da

Índice de mortalidade infantil característico das populações medievais, deverá ser interpretada como resultante da prática generalizada da não tumulação de recém-nascidos e crianças em cemitérios (BOÛARD 1977, 48).

134 O estudo antropológico da necrópole medieval desenvolveu-se em parceria com Nicholas Márquez Grant, investigador do Instituto de Arqueologia da Universidade de Oxford. Os objetivos consistem: 1) - Caracterizar a estrutura demográfica da população de acordo com a idade e sexo; 2) - Abordar o estudo do estado da saúde da população; 3) - Identificar as condições de estilo de vida da população mediante a observação e estudo de lesões e patologias; 4) - Contribuir para o registo osteológico do Norte de Portugal de forma a construir uma base de dados que permita, no futuro, o cruzamento de informação com locais próximos ao Monte Padrão.

135 Referimo-nos, em concreto, à necrópole da Citânia de Sanfins, associada à capela dedicada a S. Romão, intervencionada em 1977 e 1978, cuja escavação revelou a existência de um ritual de cremação anterior ao encobrimento do túmulo – (...) *Antes da colocação das lajes de cobertura teria havido lugar a qualquer cerimónia litúrgica em que se procedeu a uma simples fogueira ou a uma cremação de carácter ritual, conforme denuncia a existência sistemática de carvões e cinzas sobre a terra de enchimento* (...) (SILVA; CENTENO 1980, 58).

136 São relativamente abundantes os casos de identificação de moedas no interior das sepulturas, geralmente batidas, fenómeno que se relaciona com a pervivência de determinados cultos pagãos, nomeadamente com o pagamento da “viagem ou portagem”, conforme as variações das crenças populares, próprias de uma religião cristã não oficial, mas vivida com a convivência de inúmeras tradições pagãs (MOREIRA 2004, 11-12).

tumulação com o defunto vestido se generalizou a partir do séc. XI ou XII, que parece ser, até aos fins da Idade Média, a solução maioritária noutras regiões. Até ao momento, a inumação vestida não era uma prática documentada nas sepulturas de qualquer uma das tipologias identificadas no Monte Padrão. Da relativa escassez e modéstia dos objetos identificados podemos concluir que os corpos eram sepultados com poucos ou nenhuns adornos sendo este facto atribuível a questões de ordem religiosa ou devido a razões de ordem económica, social e cultural.

Elementos diversos

Agrupamos neste capítulo um conjunto de pequenos elementos metálicos de bronze considerados como parte integrante da decoração de objetos relevantes - livros, objetos litúrgicos, cultuais, etc. -, e de adorno ou de uso pessoal, nomeadamente relacionados com o vestuário, evidenciando exemplares representativos de um determinado contexto, ou que tenham valor relevante em si mesmo. Genericamente, trata-se de objetos realizados em cobre ou bronze, muito simples em termos de execução técnica e pouco exuberantes em termos estéticos.

As fivelas são peças de indumentária que formam um elemento compósito agregado a um cinturão, geralmente em couro, que são encontradas de forma isolada. Tipologicamente assumem configurações muito díspares, podendo, nos casos mais simples, ser constituídos por uma fivela com um fusilhão articulado a partir de um eixo elaborado, ou não, na mesma liga metálica. Os exemplares que se apresentam, n.º **136, 137, 140 e 146**, são apenas constituídos pelo fusilhão em bronze. As peças n.º **136, 137 e 140**, de secção retangular, isentas de decoração, são dotadas de uma haste curva com ligeiro espessamento. A extremidade que articula a charneira é de formato trapezoidal com orifício central no qual se liga um travessão em ferro, parcialmente conservado em dois deles, n.º **136, 140**, que pertencia à fivela. O n.º **146**, também em bronze, conserva-o íntegro. De recorte peltiforme, apresenta como elemento distintivo um travamento inferior formado por uma nervura proeminente de recorte triangular. A articulação far-se-ia no remate ovalado no qual se recorta o orifício de apoio do eixo.

A argola n.º **142** encontra-se fragmentada ao nível da haste e do remate final, sendo difícil a atribuição de uma funcionalidade específica. É, no entanto, de interesse sinalizar a decoração composta por um conjunto de três nervuras paralelas entre si inscritas na face externa do aro.

O objeto n.º **143** consiste num fragmento de tubo cilíndrico obtido por dobragem de uma fita de bronze desprovida de soldadura. Tratar-se-á, porventura, de um revestimento de uma haste de madeira cuja função estaria relacionada com as atividades domésticas, eventualmente, a fiação ou tecelagem.

O objeto n.º **145** consiste num brinco de recorte anelar desprovido de decoração. Elaborado a partir de uma fina haste de secção circular dotado de um remate ovalado nas duas extremidades, obtido por um estiramento do fio, onde se posiciona o orifício central no qual apoiaria o elemento de fixação. Constitui, até ao momento, exemplar único no acervo de objetos de adorno pessoal feminino registado no Monte Padrão.

O fragmento de cobre dourado n.º **149**, constitui um aplique decorativo de revestimento de um objeto litúrgico de madeira ou couro, eventualmente uma cruz ou um códice. Integra um

conjunto vasto de quinquilharia metálica afim, quer no material de suporte, como na funcionalidade, decoração e acabamento. Referimo-nos, em concreto ao fragmento decorado com uma folha de lis (MOREIRA, 2007, 165, n.º 340; 2016, 119), à placa perfurada de revestimento de uma haste de madeira (MOREIRA 2017, 166; 2016, 117) e ao aplique decorativo para aplicação de cabuchões de revestimento de uma cruz (MOREIRA 2007, 52; 2007^a, 165; 2009, 57-58; 2010, 254; 2014, 144; 2016, 118). Trata-se de um reportório bastante homogêneo de objetos de latão (liga de cobre e zinco) cujo exame microscópico permite identificar o seu suporte obtido por fundição e, posterior trabalho mecânico a frio por martelagem executada a buril. O douramento foi realizado ao fogo com amálgama de mercúrio. A este conjunto, pela proximidade morfológica, técnicas de fabrico e acabamento, poder-se-á associar a cruz de prata dourada (MOREIRA, 2007, 53; 2007A, 167; 2009, 59; 2010, 254; 2014, 144; 2016, 117), proveniente do mesmo contexto e horizonte cronológico (séc. XII- XIV).

ACERVO NUMISMÁTICO (N.º 150(1) – 150(72))

O espólio numismático medieval aqui considerado compreende uma ampla cronologia que abarca a primeira e a segunda dinastia, identificando-se as primeiras espécies no reinado de D. Sancho II e as últimas ocorrências no reinado de D. Manuel I, ou seja, espécimes datáveis entre o séc. XIII e o séc. XVI, parâmetros que vêm reforçar o balizamento cronológico que se supõe ter sido o espaço temporal de ocupação da necrópole cristã, cerca de 600 anos – do séc. X ao 2º quartel do séc. XVII –, momento em que a igreja paroquial foi trasladada e o espaço cemiterial abandonado. O acervo corresponde a moedas de baixo valor económico como *dinheiros*, *ceitis*, *reis*, entre outros, ocorrências características de um espaço rural relativamente pobre e marginal aos centros urbanos mais significativos da região - Porto, Braga, Guimarães-, assim como aos principais eixos viários e rotas de peregrinação.

O conjunto exposto no CIMP integra 72 exemplares, n.º **150 (1) – 150(72)**, identificando-se o maior número de ocorrências no reinado de D. Afonso V (1438-1481) e de D. Manuel (1495-1521) (TABELA 2). A este acervo acrescem 29 moedas, das quais 7 batidas, já anteriormente publicados (MOREIRA 2007, 154-159; 2016, 124-128).

Tabela 2.
Acervo numismático do Monte Padrão.
Os 22 exemplares previamente publicados encontram-se assinalados a vermelho.

Reinado	Tipologia	Material	Nº de exemplares
D. Sancho II (1223-1248)	Dinheiro	Cobre	1
	Dinheiro	Bolhão	2 3
	1/2 Dinheiro	Bolhão	2
D. Afonso III (1248-1279)	Dinheiro	Bolhão	2
D. Dinis (1279-1325)	Dinheiro	Bolhão	3
D. Afonso IV (1325-1357)	Dinheiro	Bolhão	1
D. João I (1385-1433)	1/2 Real Branco	Bolhão	3 5
	Real Preto	Cobre	3
D. Afonso V (1438-1481)	Ceitel	Cobre	12 4
D. João II (1481-1495)	Ceitel	Cobre	1

D. Manuel I (1495-1521)	Ceítíl	Cobre	10 2
D. Afonso V – D. Sebastião	Ceítíl	Cobre	31
	Indeterminado	Cobre	2
D. João II – D. Sebastião	Ceítíl	Cobre	3
Indeterminado	Meio Real	Cobre	1
	Ceítíl	Cobre	3

CATÁLOGO

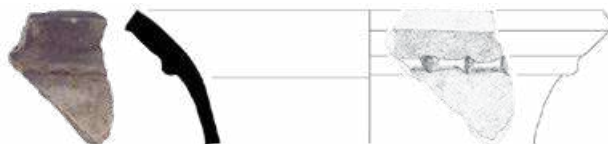
CIMP 117 | [Pad. 02 B1 (G25.03), Ig. 3084] – Pote

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de pote de média dimensão. Bojo ovoide com bordo estrangulado, fortemente envasado de orientação oblíqua, provido de lábio de secção trapezoidal com face superior plana e arestas angulosas. Decoração implantada na transição do bojo para o bordo composta por uma nervura horizontal aplicada, segmentada com caneluras verticais a formar um padrão com depressões contínuas. Pasta friável, pouco compacta e de cozedura irregular a revelar um núcleo mais escuro (L92) que a superfície. Elementos não plásticos composto por quartzo e mica de calibre diferenciado. Superfície alisada de cor cinza (N73) com vestígios pontuais de fuligem.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Alt. 86 mm; Larg. 60 mm; Esp. do bordo 14 mm; Diâm. do bordo 268 mm; Peso 73,6 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibli. – MOREIRA 2002.



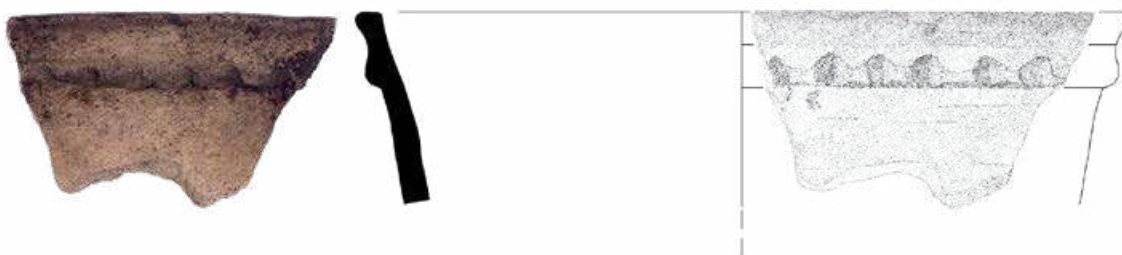
CIMP 118 | [Pad. 00 B1 (F32.02), Ig. 95] – Pote

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de pote de dimensão média. Perfil em S a denotar um reservatório ovoide, rebaixado, rematado por estrangulamento suave do colo com bordo terminado por lábio facetado de arestas arredondadas. Decoração a demarcar o bordo composta por uma cinta horizontal aplicada com decoração digitada a formar um padrão com depressões contínuas. Pasta friável, pouco compacta e de cozedura irregular a revelar um núcleo mais escuro (L92) que a superfície. Elementos não plásticos compostos essencialmente por quartzo de calibre diferenciado. Superfície alisada de cor cinza (N71) com vestígios pontuais de fuligem.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Alt. 57 mm; Larg. 99 mm; Esp. 13 mm; Diâm. 226 mm; Peso 50 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2000a; 2010, 272.



CIMP 119 | [Pad. 03 A (F20.00/F19.01), op. 1; 6] – Jarro. *Pichel*

Descrição – Fragmentos de asa¹³⁷ e arranque de bordo de jarro (*pichel*). Asa formada por quatro nervuras de perfil arredondado, torcidas entre si, decorada com perfurações dispostas aleatoriamente e nervuras na área de ligação ao gargalo. Pasta de elevada compactação e dureza, com cozedura irregular, que revela um núcleo escuro (N73). Elementos não plásticos muito abundantes de pequeno calibre e distribuição irregular, compostos por quartzo, mica e feldspato. Acabamento cuidado com polimento intenso e superfície coberta por aguada rosada da cor da pasta (M69).

¹³⁷ São vários os exemplares morfologicamente semelhantes provenientes do Castro do Padrão já publicados (MOREIRA 2007, 160, n.º 306; 2016, 120, n.º 25).

Classificação e cronologia – Tipo Cerâmica do Prado - *Pichel* / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 130 mm; Larg. 38 mm; Esp. 20 mm; Peso 39,7 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 2003; 2005, 53.



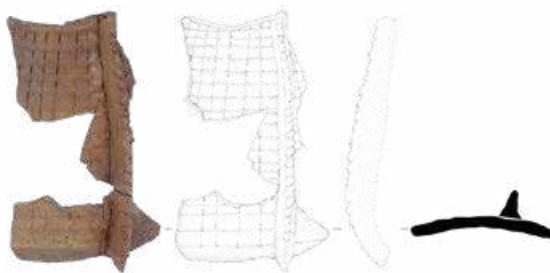
CIMP 120 | [Pad. 87 (R30-003-, 455; R29/30 -011-), Ig. 1825] – Jarro. *Pichel*

Descrição – Fragmentos de parede e arranque de fundo de jarro (*pichel*) decorada com cinta vertical aplicada. Parede com caneluras horizontais conjugadas com linhas incisais verticais a formar uma composição de matriz reticulada. Cinta de secção triangular decorada na aresta com golpes horizontais de recorte retilíneo. Pasta cerâmica de elevada compactação e dureza de toque vítreo. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro (N92) e superfície uniforme com polimento intenso de cor castanha (P70). Elementos não plásticos pouco abundantes, compostos por quartzo, mica e feldspato de pequeno calibre.

Classificação e cronologia - Tipo - Cerâmica do Prado - *Pichel* / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Alt. 108 mm; Larg. 61 mm; Esp. 4 mm; Peso 25,7 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 2007, 53; 2010, 272, n.º 2; 2014, 144-145.



CIMP 121 | [Pad. 99 B1 (G31.01), 441; Pad. 86, (1a.005), Ig. 453] – Jarro. *Pichel*

Descrição – Fragmentos de parede de jarro (*pichel*) decorada com cinta vertical aplicada. Parede decorada com um meandro inciso de recorte irregular. Cinta aplicada de secção triangular golpeada na aresta com incisões horizontais de recorte retilíneo. Pasta cerâmica de elevada compactação e dureza, de toque vítreo. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro (N92) e superfície homogênea de cor bege (M70) com polimento intenso. Elementos não plásticos pouco abundantes, compostos por quartzo, mica e feldspato de pequeno calibre.

Classificação e cronologia - Tipo Cerâmica do Prado - *Pichel* / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 59 mm; Larg. 33 mm; Esp. 7 mm; Peso 5,7 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 1999a; 2014, 144-145.



CIMP 122 | [Pad. 86 (1a009), 643 / 1a.008), Ig. 569] – Jarro. *Pichel*

Descrição – Fragmentos (2) de parede de jarro (*pichel*) decorados com cinta vertical aplicada e motivos incisos. Parede decorada com dois meandros incisos de recorte irregular. Cinta de secção triangular golpeada na aresta com incisões horizontais de recorte retilíneo. Pasta cerâmica de

elevada compactação e dureza de toque vítreo. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro (N92) e superfície homogênea de cor bege (M70) com polimento intenso. Elementos não plásticos pouco abundantes, compostos por quartzo, mica e feldspato de pequeno calibre e distribuição uniforme.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 37 mm; Larg. 52 mm; Esp. 7 mm; Peso 6,2 gr; Desenho à escala 1:3.



CIMP 123 | [Pad. 00, B1 (G30.01), Ig. 847] – Jarro. Pichel

Descrição – Fragmento de asa perfurada de jarro (pichel), composta por quatro nervuras de arestas arredondadas, formadas por rolos de cerâmica enrolados e torcidos entre si. A decoração é composta por um conjunto de perfurações com distribuição aleatória. Pasta de cozedura irregular e toque vítreo. Superfície exterior de cor rosada (L75) e núcleo cinzento (M73). Elementos não plásticos visíveis tanto na superfície como na fratura compostos por grãos de quartzo anguloso de média dimensão e feldspato de menor calibre. Identifica-se, ainda, mica e alguns nódulos escuros resultantes da queima de matéria orgânica.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 39 mm; Larg. 22 mm; Peso 11,2 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 2000a.



CIMP 124 | [Pad. II, X, 489] – Jarro. Pichel

Descrição – Vertedouro (bico) e arranque de parede de jarro (pichel). Bico de recorte triangular com vertedouro perfurado de recorte ovalizado, conservando a bordadura que configura o lábio do bordo. Irregularidades de modelação do vertedouro. No interior desenvolve-se um canal para condução e doseamento do líquido a verter. Fragmento isento de decoração. Pasta de elevado grau de compactação e dureza, de toque vítreo. Cozedura irregular revelando um núcleo escuro (N73). Elementos não plásticos finos e bem calibrados, compostos por mica, quartzo e feldspato. Superfície alisada de cor rosada (L75).

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 84 mm; Larg. 52 mm; Esp. 3 mm; Peso 29,3 gr; Desenho à escala 1:3.



CIMP 125 | [Pad. 87, (P29.008), Ig. 94; (P29-090), Ig. 120] – Jarro. Pichel

Descrição – Fragmentos de bordo e arranque de parede de gargalo de jarro (pichel). Bordo extrovertido rematado por lábio bilobado de projeção oblíqua. No interior desenvolve uma aba curta de recorte curvo, levemente soerguida, para assentamento de tampa. A parede do gargalo é prolongada e levemente reentrante, apresentando um conjunto de caneluras horizontais a marcar o arranque do bordo. Pasta de elevado grau de compactação e dureza de toque vítreo. Cozedura irregular revelando um núcleo castanho-claro (N67). Elementos não plásticos finos e bem calibrados, compostos por mica, quartzo e feldspato. Acabamento cuidado com polimento intenso. Superfície

coberta por aguada da cor da pasta (N67).

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 46 mm; Larg. 64 mm; Esp. 9 mm; Diâm. 160 mm; Peso 17,5 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 2010, 273, n.º 3.



CIMP 126 | [Pad. 04, B1 (L28.01), op. 245] – Conta

Descrição – Conta de rosário em osso. Formato subcilíndrico, assimétrico. Orifício de perfil circular com arestas arredondadas. Uma das faces conserva um círculo à volta do orifício de suspensão.

Superfície integralmente polida, patinada, de cor creme (K71), com sinais evidentes de desgaste.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 9 mm; Larg. 10 mm; Esp. 4 mm; Peso 0,6 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2004b.



CIMP 127 | [Pad. 04, B1 (L32.02), op. 202] – Conta

Descrição – Conta de rosário em osso. Formato bitroncocônico, assimétrico. Orifício de suspensão descentrado de perfil cilíndrico. A face superior conserva um círculo inciso a marcar a perfuração central. Superfície integralmente polida, patinada, de cor creme (K71), com sinais evidentes de desgaste. Encontra-se bem conservada apesar de destacamentos pontuais.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Alt. 6 mm; Larg. 9 mm; Secção 3/4 mm; Diâm. Orif. 2 mm; Peso 0,4 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2004b; 2010, 255, n.º 6.



CIMP 128 | [Pad. 04 B1 (L28.01), op. 245 (1)] – Conta

Descrição – Fragmento de conta de rosário em osso. Formato subcilíndrico, assimétrico. Paredes arqueadas de espessura irregular. Orifício de perfil circular com arestas arredondadas. Superfície integralmente polida, patinada, de cor creme (K71), com sinais evidentes de desgaste. Encontra-se mal conservada e parcialmente fragmentada.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Alt. 9 mm; Larg. 9 mm; Secção 2/4 mm; Peso 0,3 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2004b.



CIMP 129 | [Pad. 05 (A31.03), op. 41] – Conta

Descrição – Conta de rosário de pequena dimensão em osso. Formato subcilíndrico com paredes retas de espessura regular. Orifício central de suspensão com perfil cilíndrico e arestas arredondadas. Superfície integralmente polida, patinada, de cor creme (K71), com sinais de desgaste. Encontra-se íntegra e bem conservada.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Alt. 8 mm; Larg. 8 mm; Secção 2 mm; Peso 0,3 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2005d.



CIMP 130 | [Pad. 04 B1 (L28.01), op. 245] – Conta

Descrição – Conta de rosário em osso. Formato subcilíndrico, assimétrico. Paredes retas de espessura irregular. Orifício de recorte circular com arestas arredondadas marcado numa das faces por um círculo inciso. Superfície integralmente polida, patinada, de cor creme (K71), com sinais evidentes de desgaste. Encontra-se bem conservada apesar de registrar destacamentos pontuais e um fissuramento em todo o seu perímetro.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Alt. 6,5 mm; Larg. 8 mm; Secção 3/4 mm; Peso 0,3 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2004b.



CIMP 131 | [Pad. 05 A, B1 (Sep. 7), op. 66] – Alfinete

Descrição – Alfinete em bronze. Haste alongada, levemente torcida, de secção circular com extremidade pontiaguda. Fragmentado no terço superior não preservando a “cabeça”. Encontra-se relativamente bem conservado, apesar de revelar alguns pontos de corrosão ativos. A sua proveniência e contexto (Sep. 7, 2005), encostado à face anterior do crânio, identifica a sua função como elemento da fixação do sudário.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 101 mm; Esp. 1,5 mm; Peso 7 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2005d.



CIMP 132 | [Pad. 03 A, B1 (G24.01), op. 29] – Alfinete

Descrição – Alfinete em bronze. Haste alongada e fina de secção circular, fragmentada no terço inferior. Cabeça esférica elaborada a partir de um fio enrolado e dobrado sobre si mesmo. Encontra-se bem conservado.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 46 mm; Larg. da haste 1,5 mm; Larg. da “cabeça” 3 mm; Peso 9 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2003; 2010, 262, n.º 3(3).



CIMP 133 | [Pad. 05A, B1 (Sep. 2), op. 60] – Alfinete

Descrição – Alfinete em bronze. Haste curta e fina de secção circular e remate pontiagudo. Cabeça esférica elaborada a partir de um fio enrolado e dobrado sobre si mesmo. Encontra-se bem conservado. A sua proveniência e contexto (Sep. 7, 2005), recolhido *in situ*, identifica a sua função como elemento da fixação do sudário.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 27 mm; Esp. da haste 1,2 mm; Esp. da “cabeça” 2,5 mm; Peso 6 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2005d; 2010, 262, n.º 3(2).



CIMP 134 | [Pad. 05 A, B1 (Sep. 7), op. 65] - Alfinete

Descrição – Alfinete em bronze com haste de secção circular, fragmentada, rematada por “cabeça” formada por botão esférico maciço, decorado com uma canelura horizontal. Bem conservado. A sua proveniência e contexto (Sep. 7, 2005), encostado à face anterior do crânio, junto ao pescoço, identifica a sua função como elemento da fixação do sudário.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 34 mm; Esp. da haste 1 mm; Esp. da “cabeça” 5 mm; Peso 4 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2005d.



CIMP 135 | [Pad. 04 - Achado de superfície] – Elemento de fechadura. *Fecho de livro*

Descrição – Elemento de charneira de fechadura. Devido à sua diminuta dimensão poderá ter integrado a fechadura de um códice. Chapa de bronze fundida em forma de florão de seis lóbulos de recorte irregular rematado por dois elementos dobrados a formar a charneira para articulação do eixo. Na face anterior, ao centro do florão conserva um espigão de secção circular, pontiagudo, que funcionaria como elemento de fixação. Encontra-se patinado, conservando a face superior um polimento intenso.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 22 mm; Larg. 15 mm; Esp. 2,5 mm; Comp. do espigão 7 mm; Peso 3,5 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2004b.



CIMP 136 | [Pad. 89, M1=C2] – Fusilhão

Descrição – Elemento formado por uma lâmina de bronze em forma de arco com face anterior espalmada de formato cordiforme com orifício central no qual se conserva um cravo em ferro. Arco de recorte semicircular de secção e espessura irregular. Cravo de secção circular, fragmentado. Superfície deformada pela corrosão.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 40 mm; Larg. 11 mm; Esp. da lâmina 1,5 mm; Diâm. do cravo 4 mm; Peso 3,3 gr; Desenho à escala 1:2.

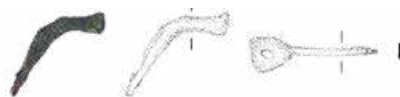


CIMP 137 | [Pad. 88/89, M7, C1] – Fusilhão

Descrição – Elemento formado por uma lâmina de bronze dobrada em L com face anterior espalmada de formato sub-retangular. Orifício central de recorte ovalizado, no qual se conserva um cravo em ferro. Lâmina de recorte longilíneo de espessura desigual, engrossada na extremidade. Cravo em ferro fragmentado em ambas as extremidades. Bronze patinado e elemento em ferro oxidado.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 34 mm; Larg. 9 mm; Esp. 2 mm; Diâm. do orifício 3/4 mm; Peso 2,7 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 138 | [Pad. 02, B1 (G26.02), op. 59] – Anel

Descrição – Anel em bronze de recorte circular, levemente deformado, composto por fita de secção plano-convexa. Fraturado. Apresenta vestígios de solda com ligeiro espessamento da parede. Recolhido *in situ* (Sep. 4_2002), cujo contexto o identifica como elemento de adorno.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX

Dimensões – Diâm. 16 mm; Esp. 1 mm; Peso 0,3 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2002.



CIMP 139 | [Pad. 03 A, B1 (F23.01), op. 15] – Alfinete

Descrição – Haste de alfinete fragmentada na face superior e inferior, não conservando a “cabeça” e a ponta. Secção subcircular. Mal conservado com vários pontos de corrosão.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX

Dimensões – Comp. 39 mm; Esp. 2 mm; Peso 0,5 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 2003.



CIMP 140 | [Pad. 89, M7.C2] – Elemento de fivela. Fusilhão

Descrição – Elemento formado por uma lâmina de bronze com face anterior espalmada de formato triangular com orifício central, no qual se conserva um fragmento de um cravo em ferro. Lâmina de recorte longilíneo de espessura desigual, fragmentada na extremidade. Cravo em ferro fragmentado em ambas as extremidades disposto obliquamente em relação ao eixo da peça. Bronze patinado e elemento em ferro oxidado.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 30 mm; Larg. 9 mm; Esp. da lâmina 4 mm; Peso 2,0 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 141 | [Pad., X, 1124] – Elemento de fechadura. Fecho de livro

Descrição – Acessório em bronze. Devido à sua diminuta dimensão poderá ter funcionado como “fivela de travão” de fechadura de códice. É formado por um aro elíptico, simétrico, com haste sub-retangular soldada e fuste opoente para encaixe orientado transversalmente à peça. O elemento de fecho possui um recorte retangular com ligeiro espessamento no remate. Encontra-se patinado, conservando na face superior um intenso polimento.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 17 mm; Larg. 18 mm; Esp. 4 mm; Peso 1,1 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 142 | [Pad. 99, B1 (F30.00), op. 29] – Aro decorado

Descrição – Aro em bronze decorado no dorso com nervuras transversais a formar um padrão de três elementos. Remate em florão com três arestas com perfuração parcial no centro. A extremidade oposta encontra-se fragmentada. Secção subtrapezoidal com espessura irregular. Dobrado e torcido não preservando a sua configuração inicial. Estado de conservação deficiente com pontos de corrosão e destacamento da patina. Função desconhecida.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 32 mm; Larg. 22 mm; Secção 5 mm; Peso 6,4 gr; Desenho à escala 1:2.

Bibli. – MOREIRA 1999a.



CIMP 143 | [Pad. 99, B1 (F33.01), op. 14] – Tubo

Descrição – Fragmento de elemento tubular em bronze de pequena dimensão formado por dobragem de chapa sem vestígios de soldadura. Perfil circular com paredes retas. Função desconhecida.

Classificação e cronologia - Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 25 mm; Diâm. 10 mm; Esp. 1,5/2 mm; Peso 1,2 gr; Desenho à escala 1:2.



CIMP 144 | [Pad. 05 A, B1 (J32.02), op. 22] - Alfinete

Descrição – Alfinete em bronze com haste de secção circular, fragmentada, rematada por “cabeça” formada por botão esférico maciço decorado com uma canelura horizontal. A sua proveniência e contexto identifica a sua função como elemento da fixação do sudário.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX

Dimensões – Comp. 11 mm; Esp. da haste 2 mm; Esp. da “cabeça” 3 mm; Peso 0,1 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 1999a.



CIMP 145 | [Pad. X, 112] – Brinco

Descrição – Aro em bronze de secção subcircular com remate formado por estiramento e uma perfuração de recorte oval. Recorte irregular de formato anelar produzido por dobragem da haste.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 22mm; Larg. 12 mm; Secção 3 mm; Peso 1 gr; Desenho à escala 1:1.



CIMP 146 | [Pad. 87, Achado de superfície] – Fusilhão

Descrição – Fusilhão em bronze. Orifício subcircular para formar a charneira com o eixo fixo da fivela, centrado na extremidade. Eixo de secção triangular com adelgaçamento progressivo para a ponta. Na face inferior conserva um espigão triangular em forma de batente e reforço do eixo. Peça elaborada por fundição sem vestígios de solda. Superfície coberta por patine uniforme de cor verde.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 38 mm; Larg. 14 mm; Esp. 7 mm; Diâm do orifício 4 mm; Peso 6,6 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 2010, 273, n.º 4.

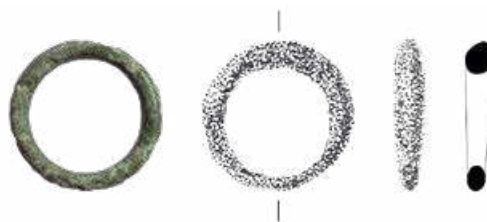


CIMP 147 | [Pad. 10 A, (Z28.01), op. 44] – Anel

Descrição – Anel em bronze de recorte circular, formado por fita de secção circular. Apresenta vestígios de solda com ligeiro espessamento integral da parede.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Diâm. 21 mm; Esp. 3 mm; Peso 8,5 gr; Desenho à escala 1:1.

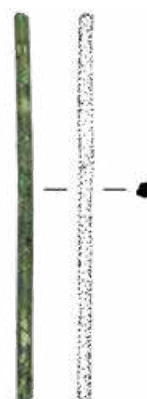


CIMP 148 | [Pad. X, 115] – Alfinete

Descrição – Fragmento de haste de alfinete (?), fragmentado na face superior e inferior. Não conserva a “cabeça” nem a ponta. Secção subcircular. Bem conservado.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX

Dimensões – Comp. 51 mm; Secção 2,5 mm; Peso 1,1 gr; Desenho à escala 1:1.



CIMP 149 | [Pad. 95 (IG. s/n.º)] – Aplique dourado

Descrição – Fragmento de placa metálica decorada em cobre dourado. Elemento decorativo de revestimento de peça em madeira ou couro. Recorte retangular (?) com orifício de fixação junto ao vértice. Decoração da cartela composta por moldura a definir a cercadura formada por duas caneluras segmentadas a desenhar um padrão de retângulos. Face superior com motivo de linhas transversais paralelas entre si. O trabalho de cinzelamento foi elaborado de forma mecânica, a frio, e o douramento realizou-se a fogo com amálgama de mercúrio. Superfície regularizada e polida coberta por uma fina película de douramento que se conserva íntegra.

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase IX.

Dimensões – Comp. 21 mm; Larg. 29 mm; Esp. 2 mm; Diâm. do orifício 3 mm; Peso 2,8 gr; Desenho à escala 1:1.

Bibli. – MOREIRA 1995; 2007, 52; 2010, 273, n.º 5.



CIMP 150 (1) | [Pad. n.º 1] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, ilegível, com castelo de três torres dentro de recinto murado e banhado pelo mar.

Reverso – [...] - Campo limitado por legenda em bordadura, ilegível, com escudo também ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 4 h / Ø 19 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0,9 gr.

Classificação e cronologia – D. Afonso V, 1438-1481 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (2) | [Pad. n.º 2] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste muito acentuado.

Descrição – *Ceitil*, D. Manuel I.

Anverso – [...] - Campo limitado por legenda desenvolvida em bordadura, ilegível, com castelo de três torres banhado pelo mar.

Reverso – [...] - Campo limitado por legenda em bordadura, ilegível, com escudo também indecifrável, rodeado por ponto.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 11 h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,0 gr.

Classificação e cronologia – ... / D. Manuel I, 1495-1521 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (3) | [Pad. n.º 3] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*, D. Manuel I (recorte retangular), 1495-1521 (?)

Anverso – [...] - Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três torres sobre cinco ondas soltas. Legenda ilegível.

Reverso – [...] - Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo (?) / 10 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0,8 gr.

Classificação e cronologia – D. Manuel I, 1495-1521 (?) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (4) | [Pad. n.º 6] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*, D. Manuel I, 1495-1521 (?)

Anverso – [...] - Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três torres, com muralha e porta central banhados pelo mar com ondas. Legenda ilegível.

Reverso – [...] - Campo limitado por circunferência lisa com escudo ladeado e encimado por aneletes.

Escudo com 5 escudetes cantonados por castelos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 2 h / Ø 19 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,4 gr.

Classificação e cronologia – D. Manuel I, 1495-1521 (?) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (5) | [Pad. n.º 7] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com castelo com torres formadas por elementos quadrados e torreões sem ameias. Mar de ondas soltas com crista central quase trapezoidal. Legenda ilegível.

Reverso – Campo limitado por circunferência lisa com escudo (4º tipo), ladeado e encimado por cruz de Avis cujos braços terminam em flor-de-lis. Escudo com cinco escudetes cantonados por castelos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 4h / Ø 20 mm | **Marca / Peso** – ___/___ / 1,6 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, Grupo 6 (Castelo com torres formadas por elementos quadrados; Torreões sem ameias/ 6.4.9 mar de ondas com crista central quase trapezoidal); D. Afonso V, 1438-1481.



CIMP 150 (6) | [Pad. n.º 8] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte regular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*, ...(?)

Anverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três torres sobre mar de ondas soltas de tipo convexo. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Ilegível.

Eixo / Módulo – ?h / Ø 10 mm | **Marca / Peso** – ___/___ / 0,9 gr.

Classificação e cronologia – (?) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (7) | [Pad. n.º 9] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte regular com desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Manuel I.

Anverso – + MANVEL : [R : P : ETAD] GVINE. - Campo limitado por circunferência lisa com castelo com muralha incompleta de três torres sobre mar de ondas contínuas.

Reverso – MANVEL : [...] GVINE - Campo limitado por circunferência lisa com escudo (4º tipo), ladeado por aneletes. Escudo com cinco escudetes cantonados por castelos.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 3 h / Ø 19 mm | **Marca / Peso** – ___/___ / 1,0 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 191 - D. Manuel I, 1495-1521 - Grupo 2 (Castelo com muralha bipartida / 2.2.1. - Mar de ondas contínuas); VAZ 1984-85, 178, n.º 66. Cunhagem 1496-1499 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (8) | [Pad. n.º 12] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular com desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Manuel I.

Anverso – [...] Campo limitado por circunferência lisa com castelo com muralha incompleta com três torres sobre mar de ondas contínuas. Legenda ilegível.

Reverso – [+ MAN]VEL · [...]. Campo limitado por circunferência lisa com escudo (4º tipo), ladeado por aneletes. Escudo com cinco escudetes cantonados por castelos.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 0h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – ___ / 1,1 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 191 - D. Manuel I, 1495-1521 - Grupo 2 (Castelo com muralha bipartida / 2.2.1 - Mar de ondas contínuas). Cunhagem 1496-1499 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (9) | [Pad. n.º 13] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*

Anverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três torres sobre mar de ondas de tipo indeterminado. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com escudo (4º tipo). Escudo com cinco escudetes cantonados por castelos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 9 h / Ø 17 mm | **Marca / Peso** – ___ / 0,7 gr.

Classificação e cronologia – / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (10) | [Pad. n.º 13] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte regular com desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, Manuel I.

Anverso – [...]: OIV [...]. Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três torres sobre mar de ondas soltas.

Reverso – [...]: ET : AD : GIN [...]. Campo limitado por circunferência lisa com escudo (5º tipo), de cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Três pontos a rodear o escudo.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 8 h / Ø 17 mm | **Marca / Peso** – ___ / 1,6 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 190 - D. Manuel I, 1495-1521 - Grupo 2 (Castelo com muralha bipartida / 2.1. 11 – Mar ondas soltas, b). Cunhagem 1496-1499 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (11) | [Pad. n.º 14] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres de tipo indeterminado. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (4º tipo). Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 9h / Ø 22 mm | **Marca / Peso** – ___ / 1,0 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (12) | [Pad. n.º 15] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três torres sobre mar de ondas soltas. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com escudo (4º tipo), de cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 3h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0,8 gr.

Classificação e cronologia – ... / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (13) | [Pad. n.º 15] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V (?)

Anverso – [...]. Castelo de três torres de tipo indeterminado. Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três torres sobre mar de crista central. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com escudo (5º tipo). Escudo com cinco (?) escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 1h / Ø 16 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0,6 gr.

Classificação e cronologia – ... / D. Afonso V, 1438 – 1481 (?) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (14) | [Pad. n.º 16] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três torres sobre mar de ondas soltas. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com escudo (5º tipo), de cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Três pontos a rodear o escudo.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 4h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 2,3 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (15) | [Pad. n.º 16] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três (?) torres sobre mar de ondas (?). Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com escudo (?). Escudo com cinco (?) escudetes.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 6h / Ø 16 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,1 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (16) | [Pad. n.º 18] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Formato quadrangular com perfuração central. Desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil* (?)

Anverso – Ilegível.

Reverso – Ilegível.

Eixo / Módulo – ? h / Ø 16 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0,6 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (17) | [Pad. n.º 25] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte regular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil* (?)

Anverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três (?) torres. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (5º tipo), ladeado por aneletes. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 9h / Ø 16 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0,9 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (18). | [Pad. n.º 28] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*

Anverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três torres sobre mar de ondas soltas. Legenda ilegível.

Reverso – Campo limitado por circunferência lisa com escudo (5º tipo). Escudo com cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 1h / Ø 14 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,0 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (19) | [Pad. n.º 35] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com castelo de três torres sobre mar de ondas soltas de recorte convexo. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Campo limitado por circunferência lisa com escudo (5º tipo), de cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 9h / Ø 15 mm | **Marca / Peso** – ___ / 1,2 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (20) | [Pad. n.º 36] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular. Gravação descentrada e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três (?) torres sobre mar de ondas contínuas. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (4º tipo) com cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 6h / Ø 15 mm | **Marca / Peso** – ___ / 1,3 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (21) | [Pad. n.º 39] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Desgaste acentuado e bordadura revirada.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...] Castelo com três torres colunares, mar de ondas contínuas cortando a legenda. Torres altas. Muralha baixa, sem sinais dentro das torres. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (4º tipo), limitado por circunferência lisa. Escudo com cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Escudo ladeado por quatro elementos cruciformes (tipo D (?)) – cruz pátea. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 4h / Ø 22 mm | **Marca / Peso** – ___ / 2,1 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 91 - D. Afonso V, 1438-1481 - (Grupo 5 – Torres colunares, mar de ondas contínuas cortando a legenda, escudos do 4º tipo ou variantes / 5.5.1; Torres baixas, muralha alta ou média). Cunhagem 1457 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (22) | [Pad. n.º 42] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...] Castelo de três torres sobre mar de ondas soltas. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (5º tipo). Campo limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 4h / Ø 14 mm | **Marca / Peso** – ___ / 1,0 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (23) | [Pad. n.º 43] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...] Castelo de três torres (?) sobre mar de ondas de tipo indeterminado. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (5º tipo) ladeado por três aneletes. Campo limitado por circunferência lisa.

Escudetes com besantes incusos, cantonados por castelos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 11h / Ø 14 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 2,3 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (24) | [Pad. n.º 109] – Moeda. Meio Real Branco

Material – Bolhão. Recorte irregular e desgaste moderado.

Descrição – $\frac{1}{2}$ Real branco, D. João I.

Anverso – [...] ... H: ... / P-O [...]. Coroa com arruelas limitada por circunferência serrilhada.

Reverso – [...]. Cinco escudetes limitados por circunferência serrilhada.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 6h / Ø 17 mm | **Marca / Peso** – P|O / 0,8 gr.

Classificação e cronologia – D. João I, 1385 – 1433; F.V. J1.130 Cunhada no Porto; GOMES 2006, 108-110 (Ref.^a 39.01) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (25) | [Pad. n.º 50] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...] Castelo de três torres (?) sobre mar de ondas de tipo indeterminado. Campo limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (5º tipo). Campo limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 6h / Ø 16 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 2,1 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (26) | [Pad. n.º 52] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...] Castelo de três torres (?) sobre mar de ondas soltas, convexas. Campo limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (5º tipo). Campo limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 0h / Ø 16 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0,8 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (27) | [Pad. n.º 55] – Moeda.

Material – Cobre. Recorte quadrangular e desgaste acentuado.

Descrição – (?)

Anverso – Ilegível.

Reverso – Ilegível.

Eixo / Módulo – ?h / Ø 16 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0,4 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (28) | [Pad. n.º 59] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte circular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...] Castelo de três torres (?) sobre mar de ondas soltas, convexas. Campo limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (5º tipo). Campo limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 2h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,9 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (29) | [Pad. n.º 60] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...] Castelo de três torres (?). Campo limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – Ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 5h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,3 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (30) | [Pad. n.º 62] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Formato quadrangular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...] Castelo de três torres (?) limitado por circunferência lisa, sobre mar de ondas de tipo indeterminado. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (5º tipo) limitado por circunferência lisa. Escudo com cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Escudo ladeado por três pontos.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 11h / Ø 17 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,4 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (31) | [Pad. n.º 65] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Formato irregular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*, D. João II.

Anverso – [...] * IOH(anes) [...]. Castelo de três torres limitado por circunferência lisa, sobre mar de ondas soltas convexas. Legenda parcialmente ilegível.

Reverso – [...] • A(lgarbi) [...]. Escudo (5º tipo) limitado por circunferência lisa. Escudo com cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Escudo ladeado por três pontos. Legenda parcialmente ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 4h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1,3 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 179 - D. João II, 1481-1495 – (Grupo 5 – Castelo com muralha bipartida / 5, 5.1.3. Castelo com muralha incompleta). Cunhagem 1486-1495 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (32) | [Pad. n.º 67] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Formato irregular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (5º tipo) limitado por circunferência lisa. Escudo com cinco escudetes salientes cantonados por castelos. Escudo ladeado por três pontos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 9h / Ø 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1,0 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (33) | [Pad. n.º 70] – Moeda.

Material – Cobre. Formato irregular e desgaste acentuado.

Descrição – ...

Anverso – Ilegível.

Reverso – Escudo (5º tipo), com 5 escudetes com besantes incusos. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – ?h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1,4 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (34) | [Pad. n.º 71] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Formato irregular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*, pós D. Afonso V.

Anverso – [...]. Ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (4º tipo) limitado por circunferência lisa. Escudo com cinco escudetes salientes cantonados por castelos. Escudo ladeado por três aneletes. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – ?h / Ø 12 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0,5 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. João II – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (35) | [Pad. n.º 76] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres limitado por circunferência lisa sobre mar de ondas soltas.

Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Ilegível.

Eixo / Módulo – ?h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,2 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (36) | [Pad. n.º 78] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte regular com desgaste muito acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres (?).

Reverso – [...]. Escudo (4º tipo) limitado por circunferência lisa. Escudo com cinco escudetes salientes. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – ?h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 2,0 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (37) | [Pad. n.º 88] – Moeda. Meio real

Material – Cobre. Recorte irregular, desgaste profundo e fissuramento.

Descrição – *Meio real*.

Anverso – [...]. Coroa.

Reverso – [...] Escudo.

Eixo / Módulo – ?h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0,7 gr.

Classificação e cronologia – ... / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (38) | [Pad. n.º 91] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Manuel I.

Anverso – [...] ... ET D . GINE ... [...]. Castelo de três torres com muralha incompleta limitado por circunferência lisa e mar de ondas descontínuas. Legenda parcialmente ilegível.

Reverso – [...] ... ET ADG ... [...]. Escudo (4º tipo), limitado por circunferência lisa. Escudo com cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Escudo ladeado por três aneletes. Legenda parcialmente ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 2h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 2,1 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 191 – D. Manuel I, 1495-1521 - Grupo 2 Muralha incompleta / 2.2.1. (J) Mar de ondas contínuas, escudo do 4º tipo). Copenhaga 1496-1499 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (39) | [Pad. n.º 100] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte regular com desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...] ALFQ : REIS: PORTUGA [...]. Castelo de três torres com muralha incompleta limitado por circunferência ponteadada e mar de ondas contínuas. Letra P à direita. Legenda íntegra.

Reverso – [...] ADIIUTO : MES : DES [...]. Escudo (4º tipo), limitado por circunferência lisa. Escudo com cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Escudo ladeado por com quatro elementos cruciformes de tipo D. Legenda íntegra.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 5h / Ø 22 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1,7 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1989, 90 - D. Afonso V, 1438-1481 – (Grupo 4 Torres com torreões de seteiras oblongas e 3 ameias em flecha/ 4.2. Torres laterais com um só corpo, escudo do 4º tipo, letra monetária P à direita). Cunhagem Casa da Moeda do Porto, 1449-1457 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (40) | [Pad. n.º 106] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...] Castelo de três torres sobre ondas soltas limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (5º tipo). Escudo com cinco escudetes limitado por circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 4h / Ø 19 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1,5 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (41) | [Pad. n.º 107] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Grande módulo, recorte regular e desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...] ... • EE • DOMI(nus) ... [...]. Castelo de três torres com muralha de sete colunas interiores, 4 ameias em cada uma das torres sobre mar de 4 ondas soltas. Circunferência lisa. Legenda parcialmente conservada.

Reverso – [...] ... (r)EX • POR ... [...]. Escudo (3º tipo) com cinco estandartes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Três cruzeiras pátas a ladear o escudo limitadas por circunferência lisa. Legenda parcialmente conservada.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 3h / Ø 22 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1,9 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 77 - D. Afonso V, 1438-148 – (Grupo 2 Muralha alta com colunas e ameias, escudo rodeado por cruzeiras soltas / 2.2.4. b – Mar de 4 ondas soltas). Cunhagem de 1449-1457 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (42) | [Pad. n.º 110] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Grande módulo, recorte regular e desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...]. Castelo de três torres formadas por elementos quadrados e torreões sem ameias com muralha incompleta com ameias. Mar limitado de ondas com crista central. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (4º tipo) com cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Três cruces de malta a ladear o escudo. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 4h / Ø 21 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,9 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 97-116 - D. Afonso V, 1438-1481 - (Grupo 6 - Castelo com torres formadas por elementos quadrados e torreões sem ameias / 6.1.2. Moeda de grande módulo, mar de ondas com crista central, escudo rodeado por cruces de malta). Cunhagem do Porto - 1457 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (43) | [Pad. n.º 116] – Moeda. Real Preto

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste moderado.

Descrição – *Real Preto*, D. João I.

Anverso – IHNS / [...] ... DIVTO... [...]. Coroa de três hastes com letreiro em letra gótica cursiva, limitada por florão de arcos lobados.

Reverso – [...] ... DIVTORI ... [...]. Circunferência ponteadada com cinco escudetes no interior, cantonados por castelos.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 7h / Ø 24 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,9 gr.

Classificação e cronologia – GOMES 2006, 107, Ref.^a 01.11 (oficina de Lisboa) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (44) | [Pad. n.º 120] – Moeda. Real Preto

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste acentuado.

Descrição – *Real Preto*, D. João I.

Anverso – IHNS / [...] ... [...]. Coroa de três hastes com letreiro em letra gótica cursiva, limitada por florão de arcos lobados.

Reverso – [...] ... [...]. Circunferência ponteadada com cinco escudetes no interior, cantonados por castelos.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 6h / Ø 24 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,9 gr.

Classificação e cronologia – GOMES 2006, 107, Ref.^a 01.11 (oficina de Lisboa), 1385-1433 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (45) | [Pad. n.º 129] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres com ameias e muralha sobre mar de ondas soltas convexas. Circunferência lisa. Legenda ilegível.
Reverso – [...]. Escudo (4º tipo) com cinco escudetes com besantes incusos, cantonados por castelos. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 3h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – ___/___ / 0,8 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (46) | [Pad. n.º 131] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres com ameias e muralha sobre mar de ondas soltas convexas. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (4º tipo) com cinco escudetes cantonados por castelos. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 4h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – ___/___ / 1,9 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (47) | [Pad. n.º 133] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular e desgaste muito acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres com ameias sobre mar. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (4º tipo) com cinco escudetes cantonados por castelos. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 9h / Ø 17 mm | **Marca / Peso** – ___/___ / 0,7 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (48) | [Pad. n.º 136] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste muito acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres com ameias e muralha com porta central sobre mar de ondas soltas convexas. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo de tipo indeterminado com escudetes cantonados por castelos. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 9h / Ø 16 mm | **Marca / Peso** – ___/___ / 1,1 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (49) | [Pad. n.º 137] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste muito acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres com ameias e muralha sobre mar. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo de (4º tipo) com escudetes. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 11h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,2 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (50) | [Pad. n.º 142] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte regular com desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*. D. Manuel I.

Anverso – [...]. Castelo com três torres e muralha bipartida sobre mar de ondas contínuas. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...] ... R•q•E ... [...]. Escudo (4º tipo) com cinco escudetes com besantes incusos, cantonados por castelos. Escudo ladeado aneletes. Circunferência lisa.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 5h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,3 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 191 – D. Manuel I – 1495-1521 – (Grupo 2 - Castelo com muralha bipartida / 2.2.1. d – Castelo com muralha incompleta, mar de ondas contínuas, escudo do 4º, 5º tipo). Cunhagem 1496-1499 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (51) | [Pad. n.º 143] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular. Desgaste muito acentuado

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres com muralha de porta central sobre mar de ondas convexas soltas. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (5º tipo) com cinco escudetes cantonados por castelos. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 11h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,3 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (52) | [Pad. n.º 145] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular com desgaste muito acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (5º tipo). Circunferência lisa. Escudo ladeado por aneletes. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 6h / Ø 17 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,7 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (53) | [Pad. n.º 147] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (5º tipo). Escudetes com besantes incusos, cantonados por castelos.

Circunferência lisa.

Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 11h / Ø 17 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0,9 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (54) | [Pad. n.º 148] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres com ameias e muralha incompleta. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (5º tipo) com escudetes cantonados por castelos. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 6h / Ø 17 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0,6 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (55) | [Pad. n.º 158] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres com ameias e muralha com porta central. Mar com ondas soltas, convexas. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (5º tipo) com escudetes incusos e besantes salientes cantonados por castelos muito marcados. Escudo ladeado por três aneletes. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 0h / Ø 17 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 2,0 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (56) | [Pad. n.º 159] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...] ... : C ... [...]. Castelo com três torres pequenas ameadas. Muralha alta sem ameias, com três portas sobre mar de 2 ondas contínuas. Letra C à esquerda das torres. Circunferência serrilhada. Legenda mal conservada.

Reverso – [...] ... X: ... [...]. Escudo (4º tipo) ladeado por 3 cruzes soltas. Escudetes salientes com besantes incusos, cantonados por castelos. Circunferência serrilhada. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 11h / Ø 21 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 2,0 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 141 - D. Afonso V, 1438-1481 – (Grupo 9 - Castelo com

torres pequenas e muralha alta, com portas; Escudo do 4º tipo / 9.2.5. Letra monetária C à esquerda das torres. Mar de 2 ondas contínuas, circunferência serrilhada em cada face). Cunhagem de Lisboa / Ceuta (?), 1463-1464 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (57) | [Pad. nº 160] – Moeda. Dinheiro

Material – Cobre. Recorte regular com desgaste moderado.

Descrição – *Dinheiro*, D. Sancho II (1223-1248).

Anverso – [...]. Ilegível.

Reverso – PO RT VG AL. Cruz lisa, patada, a dividir a legendas. Ponto no canto inferior direito.

Circunferência lisa.

Eixo / Módulo – (?)h / Ø 16 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0,6 gr.

Classificação e cronologia – GOMES 2006, 71-72 (Ref.^a 08.06) - D. Sancho II, 1211-1223 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (58) | [Pad. nº 161] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte regular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...]. Castelo de três torres ameadas e muralha sobre mar de 3 ondas soltas, convexas.

Circunferência larga, lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo de tipo indeterminado com escudetes (5?) incusos com besantes salientes.

Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 6h / Ø 15 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0,8 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (59) | [Pad. nº 162] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte regular com desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Manuel I.

Anverso – [...]. Castelo de três torres com muralha bipartida, com ameias, sobre mar de 3 ondas contínuas. Circunferência lisa. Legenda Ilegível.

Reverso – [...] ... GVINE ... [...]. Escudo (4º tipo), com escudetes com besantes incusos, com castelos acantonados. Escudo ladeado de aneletes soltos. Circunferência lisa.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 11h / Ø 22 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,9 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 187 - D. Manuel I, 1495-1521 – (Grupo 2 - Castelo com muralha bipartida / 2.1.2. - Mar de ondas contínuas, escudo do tipo 4). Cunhagem do 2º Grupo – 1496-1499 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (60) | [Pad. n.º 163] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...]. ... : C ... [...]. Castelo com três torres pequenas com ameias. Muralha alta sem ameias, com três portas sobre mar de 3 ondas contínuas. Letra C à esquerda das torres. Circunferência serrilhada. Legenda mal conservada.

Reverso – [...]. Escudo (4º tipo) ladeado por 3 cruzes. Escudetes salientes com besantes incusos, cantonados por castelos. Circunferência serrilhada. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 3h / Ø 20 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1,1 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 143 - D. Afonso V, 1438-1481 – (Grupo 9 - Castelo com torres pequenas e muralha alta com três divisões; Escudo do 4º tipo / 9.2.11. Letra monetária C à esquerda das torres. Mar de 3 ondas contínuas, circunferência serrilhada em cada face). Cunhagem de Lisboa / Ceuta (?), 1463-1464 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (61) | [Pad. 05, L31.01, n.º 95] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Grande módulo, recorte regular e desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...]. Castelo de três torres formadas por elementos quadrados e torreões sem ameias com muralha incompleta com ameias. Mar de 4 ondas com crista central. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (4º tipo) com cinco escudetes salientes e besantes incusos, cantonados por castelos. Três cruzes de malta a ladear o escudo. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 9h / Ø 23 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1,3 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 98 - D. Afonso V, 1438 – 1481 - Grupo 6 (Castelo com torres formadas por elementos quadrados e torreões sem ameias / 6.1.5. Moeda de grande módulo, mar de ondas com crista central / cunhagem oficina do Porto - 1457) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (62) | [Pad. 05 (L32.01), n.º 161] – Moeda. Real Preto

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste moderado.

Descrição – *Real Preto*, D. João I.

Anverso – Anverso – IHNS ... [...]. Coroa de três hastes com leiteiro em letra gótica cursiva, limitada por florão de arcos lobados. Circunferência serrilhada.

Reverso – Reverso – [...]. Circunferência serrilhada com cinco escudetes no interior, cantonados por castelos.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 5h / Ø 24 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1,5 gr.

Classificação e cronologia – GOMES 2006, 107, Ref.^a 01.11 (oficina de Lisboa) - D. João I, 1385-1433 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (63) | [Pad. 05, (P31.03), n.º 6] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte regular e desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Manuel I

Anverso – [...] ... A•D•GVI... [...]. Castelo de três torres com ameias e muralha bipartida sobre mar de ondas contínuas. Circunferência lisa. Legenda parcialmente conservada.

Reverso – [...] ... VIN... [...]. Escudo (5º tipo) com cinco escudetes com besantes incusos cantonados por castelos. Escudo ladeado por três aneletes soltos. Circunferência lisa e legenda parcialmente conservada.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 9h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,4 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 191 - D. Manuel I, 1495-1521 – (Grupo 2 - Castelo com muralha bipartida / 2.2.1. Mar com ondas contínuas e escudo do 4º ou 5º tipo). Cunhagem do 2º Grupo – 1496-1499 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (64) | [Pad. 05 (N31.00), n.º 32] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Formato regular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...] ... DO... [...]. Castelo de muralhas altas com ameias e duas ligações. Muralha comprida e baixa, com ameias e extremos que tocam a circunferência. Mar de ondas contínuas. Circunferência lisa.

Reverso – [...] ... PO ... [...]. Escudo (2º tipo). Escudetes com besantes incusos e com castelos cantonados, encimado por cruz de malta. Circunferência lisa. Legenda praticamente ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 0h / Ø 24 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 1,5 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 65-67 – D. Afonso V, 1438-1481 – (Grupo 1 - Muralha comprida e baixa, com extremos que tocam ou cortam a circunferência / 1.3. Sem letra monetária, escudo do 2º tipo ou variante). Cunhagem 1448-1449 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (65) | [Pad. 05 (K31.01), n.º 97] – Moeda. Meio Real

Material – Bolhão. Recorte irregular e desgaste acentuado.

Descrição – ½ *Real*, D. João I.

Anverso – [...] (IHNS) ... / ... PO ... [...]. Coroa sem cruz de Avis. Circunferência serrilhada.

Reverso – [...] ... TOR ... [...]. Arcos lobados simples. Circunferência serrilhada.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 9h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __|__ / 0,6 gr.

Classificação e cronologia – D. João I, 1385 – 1433; F.V. J1.130 Cunhada no Porto; GOMES 2006, 108-110 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (66) | [Pad. 05 (L31.01), n.º 99] – Moeda. Meio Real branco

Material – Bolhão. Recorte irregular e desgaste acentuado.

Descrição – ½ *Real branco*, D. João I

Anverso – [...] ... H: ... / P-O [...]. Coroa com arruelas limitada por circunferência serrilhada.

Reverso – [...]. Cinco escudetes limitados por circunferência serrilhada.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 3h / Ø 17 mm | **Marca / Peso** – P | O / 0,7 gr.

Classificação e cronologia – D. João I, 1385 – 1433; F.V. J1.130 Cunhada no Porto; GOMES 2006, 108-110 (Ref.^a 39.01) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (67) | [Pad. 99, B1, (F30.02), op. 23] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e acentuado desgaste.

Descrição – *Ceitil*, post D. Afonso V.

Anverso – [...]. Castelo com três torres com muralha bipartida sobre mar de ondas soltas.

Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (4º tipo), com cinco escudetes com besantes incusos cantoados por castelos.

Escudo ladeado por três aneletes. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 9h / Ø 19 mm | **Marca / Peso** – __ | __ / 1,4 gr.

Classificação e cronologia – ... / ... (D. João II – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (68) | [Pad. 05A, B1 (N32.00), op. 86] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e acentuado desgaste.

Descrição – *Ceitil*, post D. Afonso V.

Anverso – [...]. Castelo com três torres com muralha bipartida sobre mar de ondas soltas.

Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...] Escudo (4º tipo), com cinco escudetes com besantes incusos cantoados por castelos.

Escudo ladeado por três aneletes. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 6h / Ø 18 mm | **Marca / Peso** – __ | __ / 1,3 gr.

Classificação e cronologia – ... / ... (D. João II – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (69) | [Pad 04, B1 (J26.01), op. 91] – Moeda. Dinheiro

Material – Bolhão. Recorte irregular e desgaste acentuado.

Descrição – *Dinheiro*, D. Sancho II.

Anverso – [...] SANCIREX. [...] Quatro escudetes afrontados com ponto central. Circunferência lisa.

Reverso – [...] PO RT UG AL. ... [...] Cruz patada sobre circunferência lisa a separar a legenda.

Eixo / Módulo – ?h / Ø 14 mm | **Marca / Peso** – __ | __ / 0,6 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 2006, 71 (Ref.^a 08.01); F. Vaz – S2.49 / D. Sancho II, 1223-1248 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (70) | [Pad. 99, B1 (F33.00), op. 1] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular e desgaste moderado.

Descrição – *Ceitil*, D. Afonso V.

Anverso – [...]. Castelo de três torres com duas ligações e ameias. Muralha alta com colunas sobre mar de 5 ondas soltas. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (3º tipo) ladeado por cruces de Avis (?). Escudetes com besantes incusos cantonados por castelos. Circunferência lisa.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 0h / Ø 24 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 1,9 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 80 (2º Grupo – Muralha alta com colunas e sem ameias, escudo rodeado por cruces soltas / 2.5.2 Mar de 5 ondas soltas) - D. Afonso V, 1438 - 1481;

Cunhagem 1449 - 1457 / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 150 (71) | [Pad. 99, B1 (F32.00), op. 21] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte quadrangular com desgaste acentuado.

Descrição – *Ceitil*.

Anverso – [...] ilegível. Castelo de três torres sobre mar

Reverso – [...]. Ilegível. Escudo (? tipo), limitado por circunferência lisa.

Eixo / Módulo – ?h / Ø 19 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 2,0 gr.

Classificação e cronologia – .../... (D. Afonso V – D. Sebastião) / Monte Padrão – Fase IX.



CIMP 154 (72) | [Pad. 04, B1, op. 74] – Moeda. Dinheiro

Material – Bolhão. Recorte irregular e desgaste acentuado.

Descrição – *Dinheiro*, D. Sancho II.

Anverso – [...] (SANCI REX) [...]. Quatro escudetes afrontados com ponto central. Circunferência lisa. Legenda ilegível.

Reverso – [...] (PO RT UG AL) [...]. Cruz patada sobre circunferência lisa a separar o letreiro. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – ?h / Ø 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0,5 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 2006, 71 (Ref.^a 08.01); F. Vaz – S2.49 – D. Sancho II, 1223-1248 / Monte Padrão – Fase IX.



Idade Moderna

FASE X 1515 | 1623-1651

FASE XI 1738/1742 | ...

FASE X

Em 1515, no reinado de D. Manuel, depois de um longo pleito jurídico com a coroa portuguesa é, definitivamente, retirado o priorado do cenóbio de S. Salvador de Monte Córdova ao mosteiro de Celanova, tendo sido nomeado um abade comendatário. A partir de 1542, de acordo com o Censual da Mitra, a igreja de Monte Córdova, assim como o seu padroado ativo, S. Miguel do Couto, que se manteve anexo, surge como igreja de apresentação do bispo do Porto. A extinção definitiva dar-se-ia em 1597, poucos anos antes da sua trasladação para o local onde atualmente se encontra a igreja paroquial de Monte Córdova.

De acordo com Frei Leão de S. Tomás a igreja de S. Salvador de Monte Córdova terá sido trasladada entre 1623 e 1651 – (...) *Poucos anos há, que a dita igreja do Salvador se mudou do alto do monte para outra parte da freguesia, aonde parece que ficuava mais accommodada pera serviço dos Parrochianos, que são mais de quatrocentos.* (...) (TOMÁS 1651, 161).

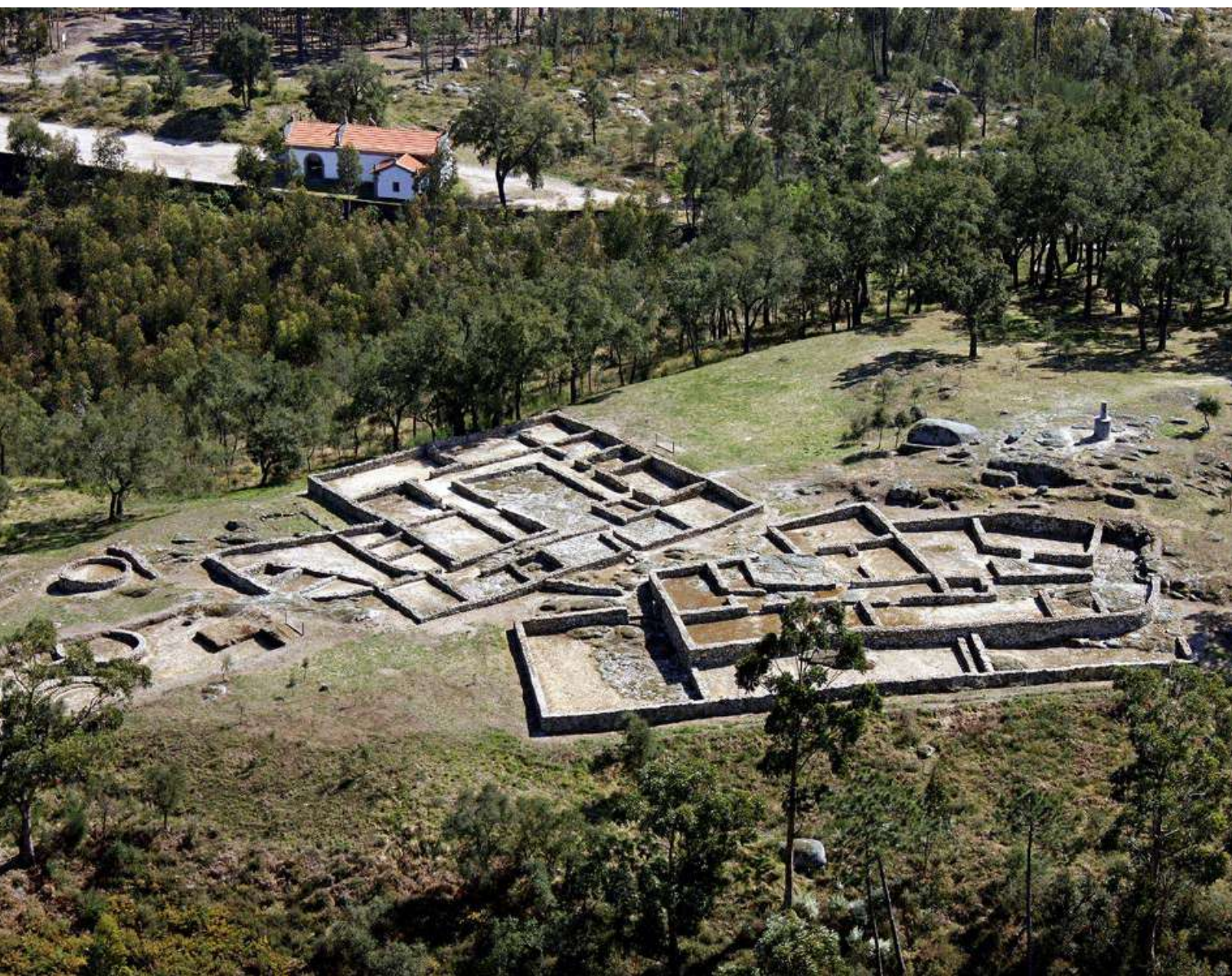
O espólio associado a esta fase revela a realização de pequenas obras de remodelação como se percebe pelo numeroso acervo de azulejos tipo hispano-mourisco, ou ladrilhos enxaquetados. As cerâmicas comuns, de cozinha e de mesa, revelam proveniências diversas – Aveiro, Porto e Braga – e surgem as primeiras peças vidradas de chumbo, assim como, de forma residual, as faianças. O acervo numismático, menos abundante que na fase anterior, revela moedas dos reinados de D. João III e de D. Sebastião.

FASE XI

A construção da capela do Senhor do Padrão (FIGURA 28) corresponde à última intervenção construtiva levada a efeito na área arqueológica cuja implantação se inscreve no perímetro da área de dispersão das ruínas, concretamente no sopé da face leste do povoado. De acordo com o documento que licencia a construção da capela, datado de 9 de julho de 1740, a pretensão da sacralização do espaço relacionou-se com a recuperação da imagem existente na igreja paroquial (FIGURA 29). Da sua construção resultou um extenso processo, sendo ainda hoje possível identificar os prédios agrícolas que garantiam a fábrica da capela (CORREIA 2004, 4; 2004A, n.º 159)¹³⁸.

¹³⁸ Conforme documento de compra de moinho e terrenos anexos para prover os rendimentos da fábrica pelo juiz e oficiais da respetiva capela (Arquivo Episcopal do Porto s/n.º).





28.

Implantação da Capela do Senhor do Padrão.



29.

Remate de cruzeiro com representação de Cristo na cruz nas duas faces.

Licença para a construção da Capela do Senhor do Padrão (9 de julho de 1740)

1740, julho, 09 – O Cabido da Igreja do Porto, sede Vacante dá licença à Confraria do Senhor do Padrão para que possa erigir a Capela em honra do dito Senhor (Arquivo Episcopal do Porto).

(...) O Doutor Manoel Barboza Abbade Rezervatário da Igreja de S. Vicente de Cidadelhe, e Provizor nesta Cidade do Porto, e todo o seu Bispado; pelo Ex.mo e R.mo O Sr. Bispo eleyto de Miranda Vigário Capitular Governador deste bispado, Sede Episcopal Vacante etc. Aos que e prezente Licença virem, saúde em Deos nosso Senhor. Faço saber, que havendo Respeyto ao que por sua petição me Representarão o Juiz, e mordomos do Senhor do Padrão da freguezia de Monte Córdova Comarca da Maya deste Bispado dizendo que queriam Erigir huma Capela no Citio do Mosteyro Velho aonde esta a Imagem do dito Senhor, e visto terem Supplicante o dote corrente por documento que me apresentarão para a fabrica da dita Capella que Será de invocação do mesmo Senhor do padrão lhe concedo Licença, para que a possão erigir, para ser Capella publica para todo o povo Se exercitar no louvor de deos, e do mesmo Senhor, e ao deploys de feyta com toda a dessencia tendo os ornamentos necessários Requererão, para ser vizitada, e benzida, e lhe conceder.

Licença para em ella se poder celebrar. Dada no Porto sob meu Sinal e Sello Capitular aos nove de Julho de mil sette centos e quarenta annos, e eu João Tinoco Vieira Escrivão da Camera Ecclesiastica que o Subbscrevi Barboza.

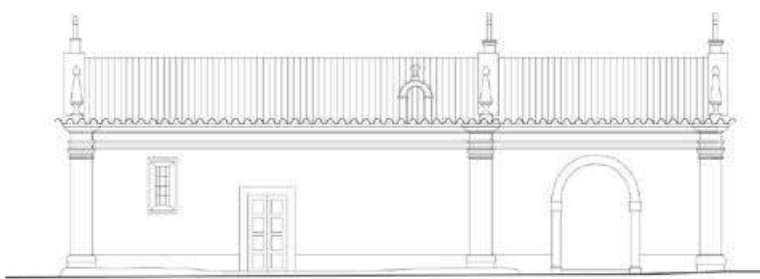
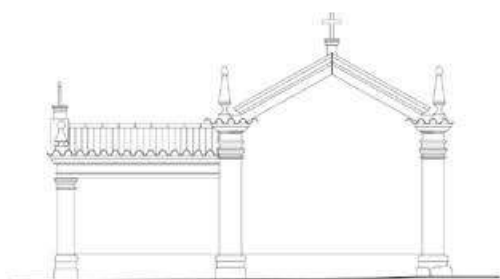
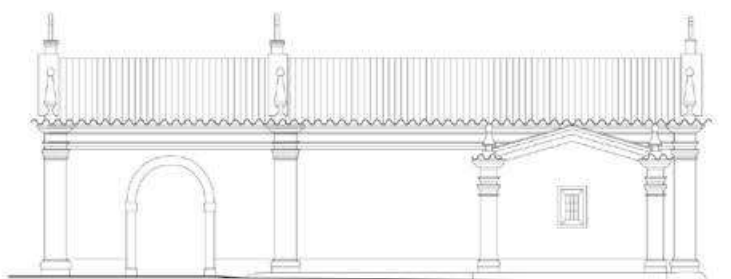
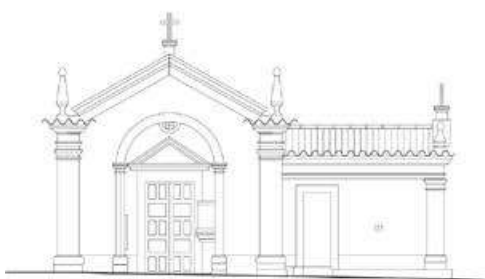
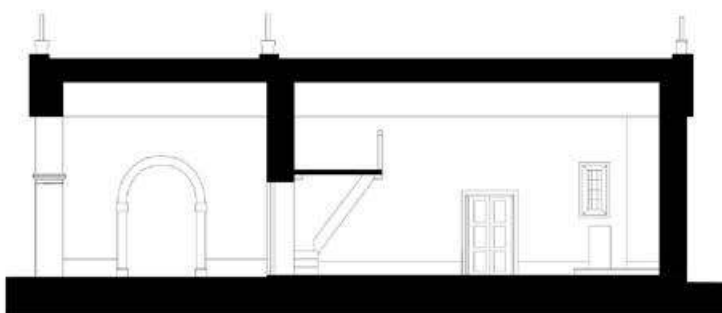
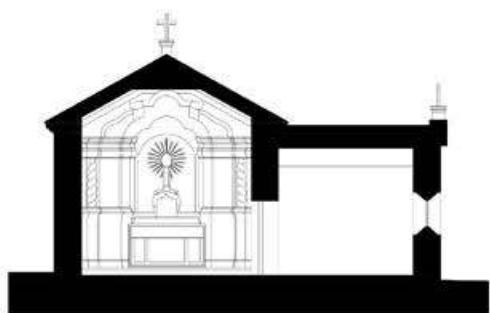
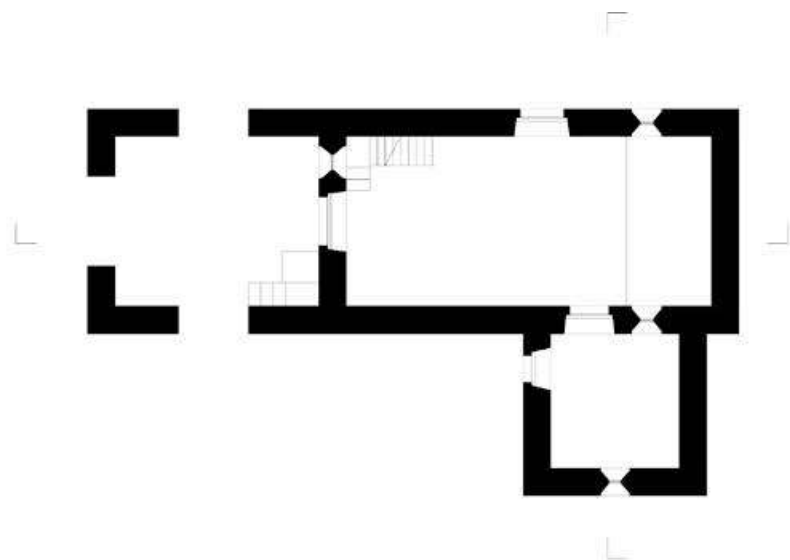
Com a construção da capela documenta-se, pela primeira vez, o aparecimento do topónimo - *Senhor do Padram do Mosteiro Velho* -, uma vez que as referências anteriores mencionavam, de forma mais ou menos genérica, a localização da igreja paroquial em Monte Córdova, sem concretizar o local exato da sua implantação. A origem do topónimo encontra-se registada numa das muitas lendas recolhidas na década de cinquenta do século passado.

(...) Quando duma incursão Moura, a Condensa Dona Ilduara ou Aldara, mãe de S. Rosendo, veio da sua Vila de Salas ao alto do Monte para esconder dos mouros o Cristo de Pedra que hoje se venera na Capela do Monte e que, naquele tempo no alto duma coluna, servia de Padrão. Ninguém mais, através dos séculos, teve notícia deste Cristo, até que, um dia, alguém o encontrou, no monte, quando andava a roçar mato. Espalhada a notícia, logo o Povo de Monte Córdova, em sinal de regozijo e veneração, mandou construir a Capela de sua invocação, que ainda hoje existe, fundou uma confraria e passou a fazer-lhe todos os anos uma festa. A partir desta altura o Monte passou a chamar-se do Senhor do Padrão. (...)

A Capela do Padrão apresenta uma planta retangular com orientação leste/oeste, de um só corpo com galilé e sacristia adossada na face norte (FIGURA 30). A fachada principal apresenta um arco de volta perfeita apoiado sobre pilastras com base e imposta moldurada. A empena é sobrelevada e rematada por uma cornija moldurada coroada por uma cruz latina de secção hexagonal sustentada sobre um plinto. O entablamento apoia-se sobre as pilastras que definem os cunhais da frontaria, sendo estas rematadas por pináculos piramidais. Na fachada lateral sul, na zona da galilé, abre-se um arco de volta perfeita de menores dimensões que o da fachada principal. Neste ponto desenvolve-se uma porta de lintel reto e uma fresta em rampa. Sobre o beiral do telhado encontra-se uma pequena sineira de ventana de volta perfeita moldurada sobre pilastras marcadas por uma imposta e sobrepujada por cruz latina de secção retangular. A fachada oeste da capela é cega e encontra-se rematada por uma cornija moldurada que se apoia sobre o entablamento e este, por sua vez, sobre as pilastras que marcam os cunhais posteriores da construção. A empena é sobrelevada e coroada por uma cruz latina de secção retangular. A sacristia, construída posteriormente,

30.

Capela do Senhor do Padrão.
Levantamento arquitetônico
(Planta, alçados e cortes)



1 3m

encontra-se anexa à fachada na zona do altar, sendo a empena rematada por entablamento com a mesma tipologia do da capela e galilé sobre o qual se apoia o telhado.

No corpo sobressai a pilastra que marca a transição para a galilé. Aqui abre-se um arco de volta perfeita com a mesma tipologia do da fachada oposta. Na galilé, cujo pavimento lajeado se prolonga para o interior da capela, na fachada principal surge uma porta de lintel reto no qual se inscreve a data de 1738¹³⁹. Sobre o lintel existe um pequeno frontão triangular moldurado sobrepujado por óculo circular. No lado direito conserva-se um púlpito construído em data posterior à da capela que cobre um dos postigos que ladeiam a porta da fachada principal.

No interior, pavimento lajeado e paramentos rebocados pintados de branco com rodapé pintado de cor cinza escuro, teto poligonal em dezoito caixotões com pintura policroma sobre madeira com representações de cenas da Via Sacra, coro alto de madeira pintado com guarda do mesmo material assente sobre quatro mísulas simples de granito e acesso por escadas de dois lanços sendo o primeiro de três degraus de granito e o segundo de madeira com uma inclinação bastante acentuada, sob o coro, ladeando a porta dois postigos. Na parede lateral esquerda abre-se uma porta para o exterior tendo do seu lado direito uma pequena pia de água benta de granito ornamentada e uma fresta retangular. Na parede lateral direita encontramos Cristo Crucificado sobre mísula de granito da base do púlpito que foi retirada, uma porta de acesso à sacristia, uma fresta da mesma tipologia da parede oposta e sob esta um pequeno armário. Na parede fundeira da capela o retábulo de talha policroma e dourada, antecedido por um altar também de talha, esta zona é marcada por degrau criando assim uma ligeira elevação. No nicho central do retábulo um simples sacrário antecedendo a representação do Calvário, sendo o Cristo esculpido em granito e posteriormente pintado, é uma imagem de dimensões reduzidas colocada sobre um alto plinto de secção hexagonal, e por trás da imagem há um resplendor dourado, ladeando o Cristo na cruz, pintadas sobre o fundo de madeira do nicho, as imagens de Nossa Senhora do lado esquerdo e São João do lado direito. Existem ainda duas mísulas, uma de cada lado do nicho, mas encontram-se sem qualquer imagem. Na sacristia os paramentos são também rebocados e pintados de branco, pavimento lajeado e teto forrado com aglomerado de madeira (MELO 2004, 95-100; MOREIRA 2005, 57; 2016, 154-155).

139 De facto, 1738, é a data de início das diligências desenvolvidas para a sua construção que apenas se concretizou em 1742, ano a que corresponde a data efetiva da sua sagração.

REFERÊNCIAS CRONOLÓGICAS SIGNIFICATIVAS

1515 (7 de maio) – Celanova perde o priorado de Monte Córdova. É nomeado um abade co-mendatário pelo rei D. Manuel I, Afonso Carneiro.

1515 - 1520 – Era Reitor e Abade Afonso Carneiro. Prior de Monte Córdova (Tesoureiro da Infanta D. Isabel, Duquesa de Bragança

1524 – Apresentação da Igreja de S. Salvador de Monte Córdova pelo Bispo do Porto.

1597 – Abandono definitivo do mosteiro de Monte Córdova.

1623 – 1651 – Trasladação da igreja paroquial de Monte Córdova.

1693 – Carta de comenda da igreja de S. Salvador de Monte Córdova a Lourenço Mendoça e Moura.

1738 – Construção da Capela do Senhor do Padrão.

ESTUDO DE MATERIAIS

FASES X / XI

Azulejos hispano-mouriscos

Os azulejos de aresta ou “cuenca” correspondem a uma técnica decorativa hispano-mourisca (finais do séc. XV / princípios do séc. XVI), em que o desenho a representar era gravado no barro cru, por meio de um molde que deixava salientes as arestas que evitavam a mistura das cores. De estilo renascentista, importado de Itália, foi introduzido em Espanha por Niculoso Pisano. Este modelo foi fabricado por outros ceramistas sevillhanos durante o séc. XVI e exportado para Portugal onde se encontra muito bem representado de norte a sul (POLO 2018, 24), embora tenha também sido produzido por artífices de Toledo como Pedro Vázquez, instalado em Salamanca na primeira metade do sec. XVI (CERRO 2002, 240). O exemplar ilustrado, n.º **151**, corresponde ao tipo “labor” devido ao facto de a imagem total ser composta por quatro azulejos, correspondendo a cada um deles a quarta parte (CORBACHO 1949, 236). A composição forma um octógono rodeado de pequenas flores, no interior do qual existe uma flor dupla, todo ele em branco, negro, verde, azul e castanho melado. Este tipo de azulejos encontra-se muito bem documentado no Monte Padrão, registando-se a presença de diferentes tipos (MOREIRA 2016, 123-123), assim como na igreja de S. Miguel do Couto, nas suas proximidades (MOREIRA 2005, 47).

Também o azulejo n.º **153** integra o tipo hispano-mourisco elaborado a partir da técnica de aresta ou “cuenca”. A decoração é composta por uma composição geométrica com laçarias e motivos naturalistas a emoldurar meia esfera em cada uma das faces laterais.

Azulejos de caixilho: Composições em xadrez

À semelhança dos revestimentos parietais, de acordo com as recolhas efetuadas no Monte Padrão, é também admissível a existência de um pavimento revestido a azulejos de xadrez, com superfícies cobertas por esmaltes de cor branca e castanho morado ou negro. Este tipo de azulejos, amplamente documentados nos contextos medievais do Padrão (MOREIRA 2007, 160-161, n.º 309-313; 2016, n.º 33), são característicos do final do séc. XV, princípios do séc. XVI, sendo contemporâneos dos azulejos designados de “corda seca” e de “aresta” de ampla difusão peninsular. Identificados em edifícios tanto de carácter religioso como civil, geralmente formam superfícies policromas de coberturas, pavimentos, bancos, lambrins etc. Cronologicamente, são contemporâneos dos azulejos de tradição hispano-mourisca de temática figurativa, mais “eruditos”, acompanhando a produção de azulejos cobertos de esmalte uniforme, branco, azul, com vidrado corado de verde com reflexos irisados (reflexo do espectro visual fragmentado) e, em casos invulgares, cor de mel. Estes azulejos pertencem à tipologia azulejar “Hispano-Mourisca”, em concreto os azulejos “Desornamentados” importados do sul de Espanha, designadamente de Triana (GOMES 2011, 47). Em Portugal era também esmaltado de forma uniforme utilizando-se muitas das vezes o azul e o branco, assim como o branco e o negro. Estes géneros, mais simples e de fácil fabrico, destinavam-se a composições geométricas básicas, que se desenvolveram, até se tornarem cada vez mais elaboradas, dando origem a painéis de azulejos enxaquetados. Santos Simões sugere que, desde os princípios do séc. XVI, já se faziam, em Portugal, composições de “xadrez” com peças cerâmicas esmaltadas de forma uniforme, nomeadamente em Évora, Tomar e Coimbra (SIMÕES 1990, 92). Dada a sua acessível tecnologia de fabrico foram empregues e talvez produzidos em

Portugal, desde o início do séc. XVI, mantendo-se a sua produção até aos meados do séc. XVII. O exemplar que ilustramos, n.º **152**, a par de outros já divulgados (MOREIRA 2017, 161, n.º 314; 2016, n.º 33), integra o tipo de solução mais simples e parece corresponder a uma moda de larga distribuição geográfica que se disseminou até pelas comunidades rurais mais modestas. No caso do Padrão, provavelmente, corresponderá à última intervenção de valorização do espaço cultural, enquadrando-se na Fase X.

Taças

As produções cerâmicas enquadráveis no período Moderno encontram-se documentadas de forma expressiva, sobretudo no que respeita à cerâmica comum, aos vidrados de chumbo e, de forma residual, às faianças. Dentro do reportório das cerâmicas comuns de uso doméstico ilustramos uma tigela, n.º **154**, com forma hemisférica marcada por uma carena baixa, produzida em pasta vermelha e acabamento cuidado em que se destaca a superfície revestida de engobe vermelho-acastanhado característico das produções da região Aveiro-Ovar.

As cerâmicas vidradas do Padrão possuem características das produções de olarias portuguesas do final do séc. XV e inícios do séc. XVI, associando-se o seu apogeu à existência de maior diversidade de formas de confeção de alimentos e de armazenagem. Relativamente abundantes, apresentam na sua maioria tonalidades amarelas, verdes e acastanhadas ¹³¹, estando representados alguidares, escudelas, pratos e pratéis, tigelas e púcaros. Evidenciam-se exemplares que registam características formais e decorativas que nos remetem para uma matriz de tradição islâmica (MOREIRA 2007, 164, n.º 326-330; 2016, 121, n.º 30-31). A taça vidrada de cor verde, n.º **155**, com revestimento em vidrado em ambas superfícies, corresponde a uma produção cuidada, cujo fabrico utiliza pasta de tonalidade esbranquiçada, bem depurada e cozedura uniforme. Esta é a forma de serviço de mesa ¹³² mais representativa do conjunto da cerâmica comum vidrada, com abundantes paralelos recolhidos no centro do Porto (ÓSORIO; SILVA 1995, 302).

ACERVO NUMISMÁTICO

O espólio numismático correspondente à Fase X é pouco expressivo em termos numéricos, assim como na diversidade de espécimes, encontrando-se representados apenas os reinados de D. João III e D. Sebastião (TABELA 3), com *reais ceitis*. As ocorrências relativas ao reinado de D. Sebastião permanecem, até ao momento, com as últimas referências da ocupação do cemitério paroquial. Aos dois exemplares presentes neste catálogo acresce um já anteriormente publicado (MOREIRA 2007, 154-159; 2016, 124-128).

Tabela 3.
Acervo numismático do Monte Padrão.
O exemplar previamente publicado encontra-se assinalado a vermelho.

Reinado	Tipologia	Material	Nº de exemplares
D. Joao III (1521-1557)	3 Reais	Cobre	1
	Ceitol	Cobre	1
D. Sebastião (1557-1578)	Ceitol	Cobre	1

CATÁLOGO

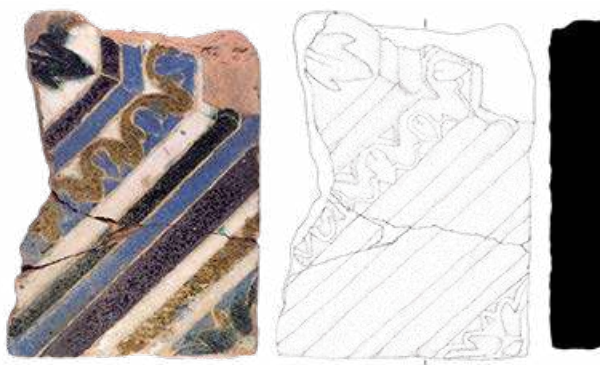
CIMP 151 | [Pad. 87 (Q31.00), Ig. 201] – Azulejo

Descrição – Fragmento de azulejo elaborado a partir da técnica de aresta ou “cuenca”. Temática decorativa enquadrada no designado estilo hispano-mourisco, apresentando uma composição geométrica com laçarias conjugada com elementos estilizados de cariz naturalista. O motivo é formado por duas flores de cores distintas no centro, sobrepostas, rodeadas por “folhas de água” em azul e castanho melado formando um octógono. Pasta bem depurada de estrutura laminar com abundantes vacúolos alongados de cor rosada (M75). Elementos não plásticos escassos, compostos por mica e quartzo de pequeno calibre. Superfície superior coberta por esmalte espesso e bem aderido de cor branca, verde, azul pardo, amarelo melado e castanho morado.

Classificação e cronologia – Tipo hispano-mourisco / Monte Padrão - Fase X.

Dimensões – Comp. 140 mm; Larg. 107 mm; Esp. 28 mm; Peso 368,1 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 2010, 253; 2014, 145, n.º 8.



CIMP 152 | [Pad. 87 (Q31.00), Ig. 187; 08] – Azulejo

Descrição – Fragmentos (2) de azulejo tipo hispano-mourisco elaborado a partir da técnica de aresta ou “cuenca”, com uma temática decorativa geométrica composta por quadrados alternados de diferente coloração. Pasta bem depurada de estrutura laminar com abundantes vacúolos (M90). Elementos não plásticos de diferente calibre compostos por quartzo, mica e nódulos cerâmicos. Superfície superior coberta por esmalte de cor branca e castanho morado/negro. Escorrências pontuais na face lateral.

Classificação e cronologia – Tipo hispano-mourisco / Monte Padrão - Fase X.

Dimensões – Comp. 47 mm; Larg. 52 mm; Esp. 27 mm / Comp. 53 mm; Larg. 33 mm; Esp. 27 mm; Peso 48,7 gr. / 40,9 gr; Desenho à escala 1:3.



CIMP 153 | [Pad. II, X, 425] - Azulejo

Descrição – Fragmento de azulejo de tipo hispano-mourisco elaborado a partir da técnica de aresta ou “cuenca”. A decoração apresenta composição geométrica com laçarias e motivos naturalistas a emoldurar meia esfera armilar em cada uma das faces laterais. Azulejo de padrão. Pasta bem depurada com cozedura homogênea de cor bege (M75). Elementos não plásticos compostos por mica e quartzo. Superfície superior coberta por esmalte de cor branca, verde, azul pardo, amarelo melado e castanho morado/negro. Abundantes escorrências nas faces laterais.

Classificação e cronologia – Tipo hispano-mourisco / Monte Padrão - Fase X.

Dimensões – Comp. 224 mm; Larg. 133 mm; Esp. 35 mm; Peso 1119,8 gr; Desenho à escala 1:4.
Bibli. – MOREIRA 2010; 253, n.º 1; 2013, 110; 2014, 145, n.º 9.



CIMP 154 | [Pad. 05 A (L32.00), op. 17] - Taça

Descrição – Fragmento de bordo e parede de taça em cerâmica comum de produção local ou regional. Parede reta levemente esvasada com bordo vertical rematado por lábio espessado a formar uma carena angulosa para o exterior. Apresenta uma carena na fase intermédia a marcar o arranque do fundo. Pasta compacta de cor rosada (L33), de cozedura irregular, revelando um núcleo de tonalidade mais escura (M31) que a superfície. Elementos não plásticos bem calibrados e com distribuição regular compostos por grãos de quartzo, moscovite, feldspato e nódulos de cerâmica moída. Acabamento uniforme com superfície exterior polida de cor rosada (N33).

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase X.

Dimensões – Alt. 46 mm; Esp. 12 mm; Diâm. 113 mm; Peso 28,2 gr; Desenho à escala 1:4.

Bibli. – MOREIRA 2005d.



CIMP 155 | [Pad. 05 B1 (E37.01), op. 10] – Taça vidrada

Descrição – Fragmento de bordo e arranque de parede de taça de pequenas dimensões. Bordo vertical com espessamento para o exterior a formar um lábio descaído. Parede encurvada a denotar um reservatório semiesférico. Decoração imposta na transição do bordo para a parede composta por uma canelura horizontal larga e profunda. Pasta compacta e bem depurada. Elementos não plásticos pouco abundantes compostos por mica e quartzo. Cozedura uniforme a evidenciar um núcleo esbranquiçado (K31). Superfície interna e externa vidrada de cor verde-escura (5Gy3/6). Vidrado de chumbo transparente espesso e bem aderido

Classificação e cronologia – Tipo ... / Monte Padrão - Fase X.

Dimensões – Alt. 26 mm; Larg. 25 mm; Esp. 7 mm; Diâm. 132 mm; Peso 4,1 gr; Desenho à escala 1:3.

Bibli. – MOREIRA 2005d.



ACERVO NUMISMÁTICO (Fotografias à escala 1:1)

CIMP 156(1) | [Pad. 99, B1, (F30.02), op. ...] – Moeda. Três Reais

Material – Cobre. Recorte regular e desgaste moderado.

Descrição – Três Reais, D. João III.

Anverso – [...] Io III / PORTVGAL ET ALGARB (rex affri)C [...]. Coroa com ponto. Circunferência serrilhada.

Reverso – Escudo duplo. Escudo interno com escudetes com besantes incusos. Escudo exterior com sete castelos.

Eixo / Módulo – Eixo oblíquo 8h / Ø 28 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 3,2 gr.

Classificação e cronologia – D. João III, 1521 – 1557; F.VAC – J3.193 – AR 48 Cunhada em Lisboa; GOMES 2006, 167 (Ref.^a 13.01) / Monte Padrão – Fase X.



CIMP 156(2) | [Pad. 04, B1 (L34.02), op. 156] – Moeda. Ceitil

Material – Cobre. Recorte irregular com desgaste acentuado.

Descrição – Ceitil. D. Sebastião.

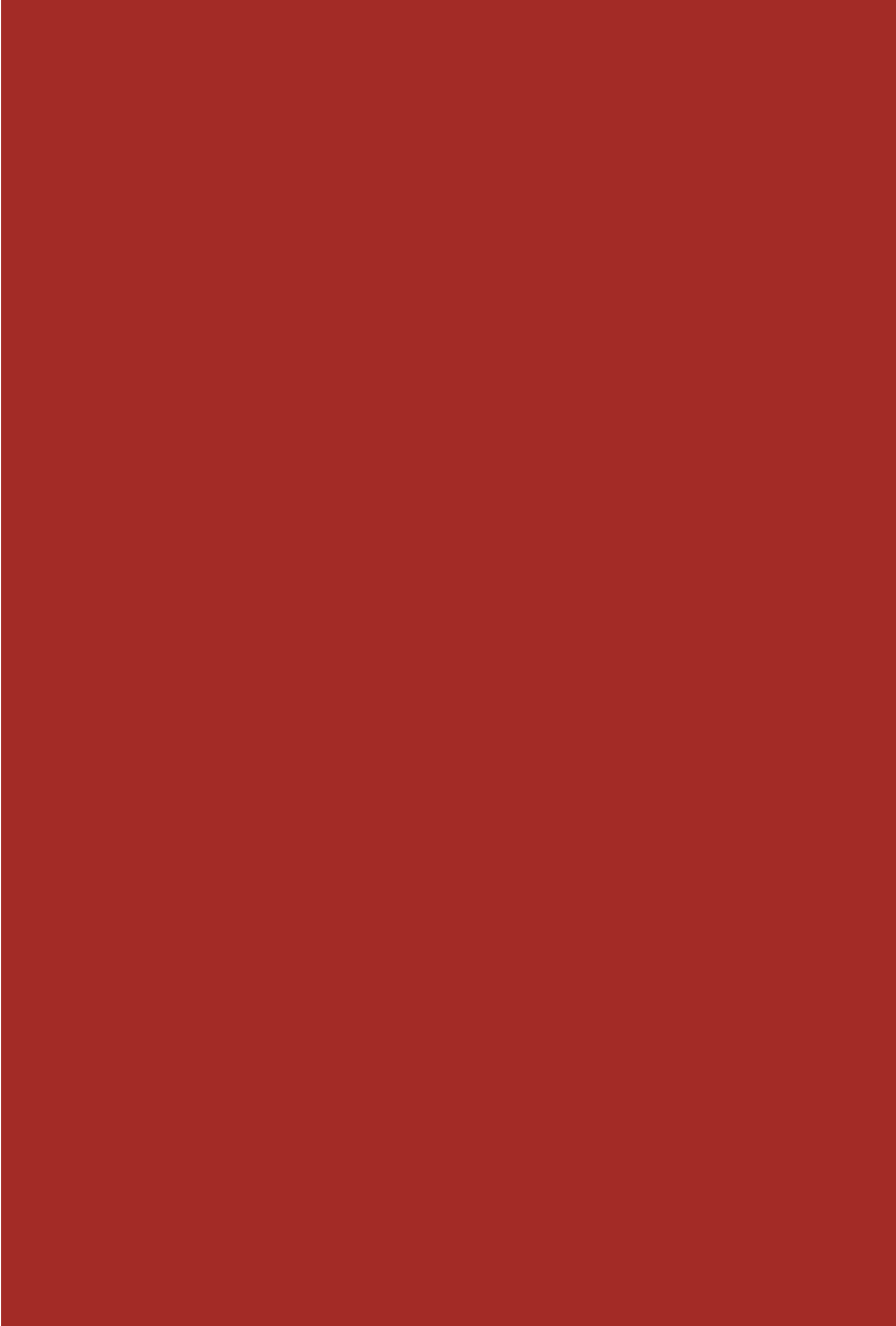
Anverso – [...] ... P•A• ... [...]. Castelo de três torres com ameias e 2 portas na muralha. Ondas soltas. Legenda ilegível.

Reverso – [...]. Escudo (5º tipo) de cinco escudetes com besantes incusos ladeados por três pequenos aneletes. Sem circunferência. Legenda ilegível.

Eixo / Módulo – Eixo vertical 0h / Ø 15 mm | **Marca / Peso** – ___|___ / 0,9 gr.

Classificação e cronologia – MAGRO 1986, 258 – D. Sebastião 1557-1578 – (3º Grupo – Sem circunferência nas faces / 3.3. Mar de ondas soltas). Cunhagem 1560 - 1566 / Monte Padrão – Fase X.





Bibliografia

Bibliografia e Referências Documentais

ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

INSTITUIÇÕES

AFM – Arquivo Municipal de Fotografia, Santo Tirso
CMM – Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos
CMPF – Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Paços Ferreira
CMST – Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso
DRAEDM – Direcção Regional de Agricultura de Entre-Douro e Minho, Porto
FCUP – Faculdade de Ciências Universidade do Porto, Porto
ICS-UM – Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga
FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto
FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra
GEAP – Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto
MMAP – Museu Municipal Abade Pedrosa, Santo Tirso
MPG – Museo do Pobo Galego, Santiago de Compostela
MNA – Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa
SCE – Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa
SGP – Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa
UFP – Universidade Fernando Pessoa, Porto
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Lisboa

PUBLICAÇÕES

BAR – British Archaeological Reports, Londres
CIL – Corpus Inscriptiones Latinarum, Berlim
TAE – Trabalhos de Arqueologia e Etnologia, Porto

ACRÓNIMOS

VV. AA. – Vários Autores

BIBLIOGRAFIA

ABÁSOLO, J. A.; **GARCIA**, R.

(1993) – Excavaciones en Sasamón (Burgos), *Excavaciones Arqueológicas en España*, 164, Madrid.

ACUÑA, M. Villanueva

(1993) – O *Ius Latii* e a transformación do hábitat galaico-romano, *Actas do Encontro Científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey* (1901-1973), Santiago de Compostela 1992, MPG, Noia, pp. 33-39.

AGUAROD, C.

(1992) – Cerámica de cocina importada, *Arcóbriga, II, Las Cerámicas Romanas*, (Dir. Luis Caballero Zoreda), Zaragoza, pp. 237-246.

ALARCÃO, Adília Moutinho

(1965) – Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée à Bracara Augusta (Portugal), *Rei Cretariae Romanae Fautorum Actae*, 8, Paris, pp. 45-50.

(1966) – Bref aperçu sur la céramique romaine trouvée à Bracara Augusta, *Rei Cretariae Fautorum Actae*, 8, pp. 45-50.

(1975) – Céramiques à engobe rouge non grésé, *Conímbriga*, vol. XV, Coimbra, pp. 15-25.

(1976) – Céramiques à engobe rouge non grésé, *Céramiques diverses et verres*, Fouilles de Conímbriga, VI, Paris, pp. 51-59.

(1984) – *Colecções do Museu Monográfico de Conímbriga - Catálogo*, Coimbra.

ALARCÃO, Adília Moutinho; **MARTINS**, Alina N.

(1976) – Uma cerâmica aparentada com as «paredes finas» de Mérida, *Conímbriga*, vol. XV, Coimbra, pp. 91-110.

ALARCÃO, Adília Moutinho; **PONTE**, Salette

(1979) – Trouvailles diverses, *Fouilles de Conímbriga – Trouvailles Diverses*, Conclusions Générales, VII, Paris, pp. 11-200.

ALARCÃO, Jorge

(1970) – Vidros romanos de Balsa, *O Arqueólogo Português*, Série III, vol. IV, Lisboa, pp. 237-261.

(1970a) – Abraded and engraved late-roman glass from Portugal, *Journal of Glass Studies*, 12, New York, pp. 28-34.

(1971) – Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos, *Conímbriga*, vol. X, Coimbra, pp. 25-43.

(1974) – *Cerâmica comum local e regional de Conímbriga*, Suplemento de *Biblos*, 8, Coimbra.

(1975) – La céramique commune locale et régionale, *Fouilles de Conímbriga*, vol. V, Paris.

(1976) – Vidros romanos procedentes da colecção do Rei D. Manuel, *Conímbriga*, vol. XV, Coimbra, pp. 55-61.

(1976a) – *Fouilles de Conímbriga*. Céramiques divers et verres, Paris, pp. 79-91.

(1978) – Vidros romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia, *Conímbriga*, vol. XVIII, Coimbra, pp. 101-112.

(1988) – *O domínio romano em Portugal*, Mem Martins.

(1988a) – *Roman Portugal*, Warminster, England, vol. I, II, Fasc. 1.

(1992) – A evolução da Cultura Castreja, *Conímbriga*, vol. XXXI, Coimbra, pp. 39-71.

ALARCÃO, Jorge; **ALARCÃO**, Adília

(1963) – Quatro pequenas colecções de vidros romanos, *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, (3-4), Guimarães, pp. 367-390.

(1963a) – Quatro pequenas colecções de vidros romanos, *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, (3-4), Guimarães, pp. 367-390.

(1963b) – Vidros romanos do Museu Martins Sarmiento, *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, (1-2), Guimarães, pp. 175-209.

(1965) – *Vidros romanos de Conímbriga*, Coimbra.

ALARCÃO, Jorge; **ETIENNE**, Robert

(1976) – *Fouilles de Conímbriga*. Céramiques diverses et verres (A. Moutinho de Alarcão, M. Delgado, F. Mayet), Paris, pp. 79-91.

ALARCÃO, Jorge; **ETIENNE**, Robert; **ALARCÃO**, Adília; **PONTE**, Salete
(1979) – *Fouilles de Conímbriga. VII - Trouvailles Diverses. Conclusions Générales*, Paris.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira
(1969) – *A romanização das Terras da Maia*, Estudos sobre a Terra da Maia, IV, Maia.
(1973) – Necrópole galaico-romana de Vila do Conde, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Série História*, 4-5, Porto, pp. 209-222.
(1974) – *Escavações no Monte Mozinho (1974)*, Centro Cultural Penafidelis, Penafiel.
(1980) – A propósito de a «Galícia Sueva» de Casemiro Torres, *Gallaecia*, n.º 5, Santiago de Compostela, pp. 312-324.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; **SANTOS**, Joaquim Neves dos
(1974) – Cerâmica romana tardia de Guifões, *Archeologia Opuscula*, 1, Porto, pp. 49-56.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de
(1990) – *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, Estudos Regionais, 7/8, Viana do Castelo.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado; **ABREU**, Alberto Antunes
(1987) – A necrópole de incineração de Gondomil, Valença, “*Seminário Luso-Galaico comemorativo do Foral de Caminha*”, *Lucerna*, 2ª Série, vol. II, Porto, pp. 187-243.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado; **ALMEIDA**, Pedro Brochado
(2007) – Sinais de romanização junto à igreja românica de Meinedo, *Oppidum*, n.º 2, Lousada, pp. 75-94.
(2015) – Alguns apontamentos sobre a cividade de Bagunte – Vila do Conde, *Portugalia*, Nova Série, vol. 36, Porto, pp. 49-62

ALMGREN, O.
(1923) – *Studien über Nordeuropäische Idenformen der ersten nachchristlichen Jahrhunderte mit Berücksichtigung der provinzialrömischen und sudrussischen Formen*, Mannus - Bibliothek, n.º 32, Leipzig.

ALVES, Francisco (coord.)
(1989) – *Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia - Portugal. Das Origens à Época Romana*, Lisboa.

ANDRADE, Miguel Montenegro
(1952) – Carta geológica da região de Santo Tirso, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. I, n.º 3, Porto, pp. 303-315.

BALIL, Alberto
(1982) – Notas de arqueologia Palentiana: una lucerna hallada en Dueñas, *Publicaciones de la Institución “Tello Téllez de Meneses”*, 46, Palencia, pp. 93-107.

BARROCA, Mário
(1993) – «Centros oleiros de Entre Douro-e-Minho», *Arqueologia Medieval*, 2, Porto, pp. 159-170.

BENET I ARQUÉ, C.; **SUBIÁS I PASCUAL**, E.
(1989) – Els vidres, VV. AA., Un abocador del segle V d.C. en el forum provincial de Tàrraco, *Memòries d’Excavació*, 2, Tarragona, pp. 329-349.

BELTRAN LLORIS, Miguel
(1990) – *Guía de la cerámica Romana*, Zaragoza.

BERGER, L.
(1960) – *Römische Gläser aus Vindonissa*, «Veröffentlichungen der Gesellschaft Pro Vindonissa», Band IV, Basileia.

BETTENCOURT, Ana Maria dos Santos
(1991-92) – O povoado da Sola, Braga: Notícia preliminar das escavações 1991-92, *Cadernos de Arqueologia*, IIª Série, 8-9, Braga, pp. 97-118.
(2008) – Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula, *The Materiality of Death-Bodies, Burials, Beliefs*, BAR International Series 1768, Oxford, Ed. Archeopress, London, pp. 88-104.
(2010) – Comunidades Pré-Históricas da Bacia do Leça, *O rio da memória. Arqueologia no território do Leça*, CMM, Porto, pp. 33-87.

- BETTENCOURT**, Ana Maria dos Santos; **FONSECA**, Jorge
(2009) – *O povoado da Idade do Bronze de Lavra, Matosinhos. Contributos para o estudo do Bronze Médio do litoral Norte*, Ed. Camara Municipal de Matosinhos.
- BETTENCOURT**, Ana M. S.; **ALVES**, Lara B.; **RIBEIRO**, André T.; **MENEZES**, Rui T.
(2008) – O lugar da Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia), no contexto da Pré-história Recente da bacia do Leça, *Actas das 1ª Jornadas Arqueológicas da Bacia do Rio Leça*, *MATESINUS*, nº 6, Câmara Municipal de Matosinhos.
- BIDON**, Alexandre
(1993) – *A réveiller les morts: la mort au quotidien dans l'Occident medieval*, Press Universitaires de Lyon, Lyon.
- BOESTERD**, Maria H. P. den
(1956) – *Description of the Collections in the Rijksmuseum G. M. Kam at Nijmegen*, V, *The Bronze Vessels in the Rijksmuseum G. M. Kam at Nijmegen*, Nijmegen.
- BOHME**, A.
(1972) – Die Fibeln der Kastele Saalburg und Zugmantel, *Saalburg Jahrbuch*, vol. XXIX, Saalburg, pp. 5-112.
- BOON**, J. G. C.
(1966) – Roman window glass from Wales, *Journal of Glass Studies*, 8, New York, pp. 41-45.
- BORGES**, F.
(1961) – *Typologie du Paléolithique Ancien et Moyen*, Paris.
(1967) – Considérations sur la typologie et les techniques dans le Paléolithique, *Quartär*, Bd, 18, pp. 25-55.
- BORGES**, F. S.; **NORONHA**, F.; **MARQUES**, M.,
(1985) – Excursão Geológica no Complexo Gnáissico da Foz do Douro, *Livro-guia das excursões geológicas da IX Reunião de Geologia do Oeste Peninsular*, Universidade do Porto, Porto.
(1987) – Metamorphic terrains of Foz do Douro. In: Ribeiro, A., Dias, R., Pereira, E., Merino, H., Borges, F. S., Noronha, F. & Marques, M., Coords, *Guide-book for the Miranda do Douro-Porto Excursion. Conference on Deformation and Plate Tectonics*, Oviedo, pp. 11-19.
- BOÛARD**, M.
(1977) – *Manual de arqueologia medieval*, Barcelona, 1977.
- BRANDÃO**, Domingos Pinho; **LANHAS**, Fernando
(1969) – Inventário de objetos e lugares com interesse arqueológico. Parcela 109.4 (Concelho de Matosinhos e Vila do Conde), *Revista de Etnografia*, 12 (2), Porto, pp. 295-344.
- BRAVO**, M. S.; **ABRUNHOSA**, M. J.
(1978) – Sobre a petrografia, composição e origem dos anfíbolitos da Foz do Douro (Porto-Portugal). *Publ. Mus. Labor. Miner. Geol. Fac. Ciênc. Univ. Porto*, 4ª Série, 95, Porto, pp. 7-26.
- CALDERA DE CASTRO**, M. P.
(1979) – Vidrios del Museu Arqueológico de Badajoz, *VI Congreso de Estudios Extremeños. Arqueología*, Mérida, pp. 81-86.
- CAMPS**, Gabriel
(1979) – *Manuel de Recherche Préhistorique*, Cahiers archéologiques de Picardie, vol. 6, Doin, Paris.
- CANO PAN**, J. A.
(1988) – La industria lítica tallada en la cultura castreña del suroeste de Galicia, *Actas do Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. 2, TAE 28[3-4], Porto 107-112.
- CANO ORTÍZ**, A.I.; **ACERO PÉREZ**, J.,
(2004) – Los usos del plomo en la ingeniería hidráulica romana. El caso de Augusta Emerita, *Memória*, 7, 381-396.
- CARDOSO**, Mário
(1930) – Joias arcaicas encontradas em Portugal, *Seminário de Estudos Galegos*, 75, VII, Santiago de Compostela, pp. 43-63.

(1965) – A fiação e tecelagem na antiguidade peninsular, *Actas do Congresso Internacional de Etnografia*. Santo Tirso, 1963, vol. 2, Porto, pp. 29-36.

(1969) – Machados de bronze ornamentados, *Abrente*, I, La Coruña, pp. 75-79.

CARNICERO, María Victoria Romero

(1985) – *Numancia I. La terra sigillata*, Madrid.

Carta Geológica de Portugal, escala 1: 1 000 000, SGP, 1968.

Carta dos Solos e Carta de Aptidão da Terra de Entre-Douro e Minho. Memórias (Agroconsultores e Geometral). Folhas 9 e 13, escala 1: 100.000. Programa de Estudos para a análise da Agricultura Portuguesa do PEDAP. Direcção Regional de Agricultura de Entre-Douro e Minho, 1995.

CARVALHO, Helena Paula Abreu

(1991-92) – Materiais inéditos das necrópoles romanas de Garfe e Brunhais, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 8-9, Braga, pp. 159-176.

CARVALHO, Teresa Pires de

(1998) – A Terra Sigillata de Monte Mozinho. Contributo para a história económica do povoado, *Cadernos do Museu Penaafiel*, n.º 3, Penaafiel.

CASTRO, Luís Albuquerque

(1962) – Achados romanos na mina do Fojo das Pombas (Valongo), *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, 15, Lisboa, pp. 431-438; = *Archivo Español de Arqueología*, 35, Madrid, pp. 166-176.

CATALÁN, M. A. Mezquíriz

(1961) – *Terra Sigillata Hispánica*, Valência.

(1975) – Nuevos hallazgos sobre fabricación de *sigillata* hispanica en la zona de Trício, *Miscelánea Arqueológica*, Zaragoza, pp. 231-245.

(1976) – Hallazgo de un taller de *sigillata* hispánica en Bezares (Logroño), *Príncipe de Viana*, n.º 144-145, Pamplona, pp. 299-304.

(1982) – Un taller de *sigillata* Hispánica en Bezares (Logroño), *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, XXI/XXII, Tonares et Munich, pp. 25-40.

(1985) – *Terra Sigillata Hispánica, Atlante delle Forme ceramiche, II. Ceramica fine Tardo romana nel bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e primo Império)*, Suplemento de la Enciclopedia Dell'Arte Antica Classica e Orientale, Roma, pp. 97-174.

CERNADES, José Manuel Andrade

(1995) – *O Tombo de Celanova: estudo introdutorio, edición e índices (séculos IX – XIII)*, Santiago de Compostela.

CIL

(1986) – *Corpus Inscriptiones Latinarum*, vol. II, Berlim. *Supplementum ad Volumen II*, Berlim, 1892.

COFFYN, André

(1983) – La fin de L'âge do Bronze dans le centre - Portugal, *O Arqueólogo Português*, IV Série, 1, Lisboa, pp. 169-196.

(1985) – *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*, Paris.

COLLS, Dali; **ETIENNE**, Robert; **LEQUÉMENT**, Robert; **LIOU**, Bernard; **MAYET**, Françoise

(1977) – *L' épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique à l'époque de Claude*, *Archaeonautica*, n.º 1, Paris.

COLMENERO, António Rodriguez

(1996) – Útiles y moda de la vida cotidiana: ocio y entretenimientos, *Galicia Arte*, Santiago de Compostela, pp. 496-497.

COMFORT, Howard

(1940) – *Terra Sigillata, Real – Encyclopädie, Pauly – Wissowa – Kroll / der Klassischer Altertumswissenschaft*, supp. VII, pp. 1295-1352.

CORBACHO, A. Sancho

(1949) – *Los azulejos de la Madre de Dios sen Sevilla*, Archivo Español de Arte, tomo 22, n.º 85, Madrid.

CORREIA, Francisco Carvalho

(1989) – *Areias até ao século XI*, Ave - Cadernos de Cultura, 4, Câmara Municipal de Santo Tirso, Braga.

(1989) – *Areias do século XI ao século XVI*, Ave - Cadernos de Cultura, 5, Câmara Municipal de Santo Tirso, Braga.

(2004) – A capela do Senhor do Padrão, Monte Córdova. Elementos para a sua história, *Jorna de Santo Thyrs*, 5 de março de 2004, Santo Tirso.

(2004^a) – Para a História do património artístico do concelho de Santo Tirso. A capela do Senhor do Padrão (Monte Córdova), Página literária de Cultura Tirsense, n.º 159, *Jornal de Santo Thyrs*.

CUEVA, Fray Benito de la

(1991) – *Historia de los Monasterios y Priorados anejos a Celanova*, edición, notas e índices por María Teresa González Balasch, introducción por José Ignacio Fernández de Viana y Vieites, Granada.

(2007) – *Celanova Ilustrada y Anales de San Rosendo*, Textos, edición y notas de Miguel Ángel González García, José Ramón Hernández Figueiredo e Manuel Ángel Pereira Soto, Cambados.

CUÑARRO, José Manuel Hidalgo

(1980) – La cerámica con decoración bruñida en el Noroeste Peninsular, *Gallaecia*, n.º 6, Santiago de Compostela.

(1987) – El castro de vigo y sus niveles de ocupación, *Lucerna*, 2ª Série, vol. II (Actas do Seminário Lu-so-Galaico, Comemorativo do VII Centenário do Foral de Caminha, Porto, pp. 119-134.

CUREL, Zaida Castro

(1980) – Fusayolas ibéricas antecedentes y empleo, *Cypsela*, III, Girona, pp. 127-146.

DAREMBERG, Charles Victor; **SAGLIO**, Edmond

(1873-1919) – *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*, d'après les textes et les monuments, Paris.

DÉCHELETTE, J.

(1904) – *Les vases céramiques ornés de la Gaule romaine*, Paris.

DELGADO, Manuela; **LEMOS**, Francisco Sande

(1985) – Zona das Carvalheiras - Notícia das Campanhas de Escavação de 1984 e 1985, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, n.º 3, Braga, pp. 151-176.

DELGADO, Manuela

(1993-94) – Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, n.º 10-11, Braga, pp. 113-149.

DELGADO, Manuela; **MAYET**, Françoise; **ALARCÃO**, Adília.

(1975) – *Fouilles de Conimbriga*, vol. IV, Les Sigillées. Paris: Diffusion E. de Boccard.

DIAS, Lino Augusto Tavares

(1997) – *Tongobriga*, Lisboa.

DIAS, António José Guerner; **RODRIGUES**, Benedito Gonçalves; **PRAIA**, João Félix

(1995) – *Geologia do Concelho de Matosinhos. Aspectos mais significativos*, *Matosinhos*, Monografias do Concelho, 1, Matosinhos.

DRAGENDORFF, H.

(1895) – Terra Sigillata. Ein Beitrag zur Geschichte der griechischen und römischen Keramik, *Bonner Jahrbucher*, vol. XCVI, Bona, 18-155.

DUNN, G.

(1986) – *Identifying Roman Glass*, Londres.

DUSENBERRY, E. B.

(1967) – Ancient glass from the cemeteries of Samotraces, *Journal of Glass Studies*, 9, Corning, New York, pp. 34-49.

EGGERS, Hans Jurgen

(1951) – *Der Römische Import im freien Germanien*, Hamburgo.

EIROA, Jorge Juan; **GIL**, José Alberto Bachiller; **PÉREZ**, Ladislao Castro; **MAURANDI**; Joaquín Lomba (1999) – *Nociones de tecnología y tipología en Prehistoria*, Barcelona.

FABIÃO, Carlos

(1989) – *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*, Cadernos da UNIARQ, n.º 1, Lisboa.

FAURE, Francisco; **FERNANDES**, Isabel; **CASTRO**, Fernandes

(2010) – Núcleo Arqueológico da Associação Comercial e Industrial de Guimarães - Catálogo, Associação Comercial e Industrial de Guimarães, Guimarães.

FABRE, George

(1979) – Instruments pour le tissage - 3. Pesons, *Trouvailles Diverses* (coord. Adília Alarcão e Salette Ponte), Fouilles de Conimbriga, Paris, pp. 54-79.

FERNÁNDEZ, Enrique González

(2006) – Otras cerámicas de prestigio: bracarense, “cinzenta”, paredes finas, *Excavaciones Arqueológicas en Aquis Querquennis. Actuaciones en el campamento romano (1975)*, (Coord. António Rodríguez Colmenero), Lugo, pp. 409-500.

FORBES, R. J.

(1956-1964) – *Studies in Ancient Technology*, (7 vol.(s)), Leiden.

(1966) – *Studies in Ancient Technology*, vol. IV, Leiden.

FORTES, José

(1905) – As fíbulas do Noroeste da Península, *Portugália*, 2 (1), Porto, pp. 15-33.

FREITAS, Eugénio de Ândrea da Cunha e

(1949) – Santa Marinha de Retorta, *Douro Litoral*, 3ª Série (5), Porto, pp. 20-27.

FREIJEIRO, António Blanco; **ARA**, Miguel Fuste; **ALEN**, Alfredo Garcia

(1961) – La necropolis galaico-romana de la Lanzada (Noalla, Pontevedra). II, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, XVI, Santiago de Compostela, pp. 141-158.

FUENTES, Angel

(1990) – Los vidrios de las necrópolis de la Meseta. Ensayo preliminar de clasificación, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Universidad Autónoma de Madrid*, 17, Madrid, pp. 169-202.

FOWLER, E.

(1960) – The origins and the developments of the penannular brooch in Europe, *Proceedings of the Prehistoric Society*, London, 149-177.

GALAN, J.F. Doval

(1997) – Los morteros del campamento de Cidadela, *Gallaecia*, 15, A Coruña, pp. 285-300.

GARABITO, Tomás Gómez; **SOLOVERA**, María Ester

(1975) – Nuevos moldes del alfar de Trício, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, vol. XL-XLI, Valladolid, pp. 545-592.

(1976) – *Terra Sigillata Hispânica de Trício I - Moldes*, Studia Archaeologica, Valladolid, n.º 38.

(1976a) – *Terra Sigillata Hispânica de Trício II – Marcas de Alfarero*, Studia Archaeologica, Valladolid, n.º 40.

(1976b) – *Terra Sigillata Hispânica de Trício III – Formas decoradas*, Studia Archaeologica, Valladolid, n.º 43.

GARCÍA, Genaro Chic

(1982) – Consideraciones en torno a un ánfora encontrada en la Punta de la Nao (Cádiz), *Homenaje al Prof. Dr. Hernández Díaz*, n.º 1, Sevilha, pp. 51-56.

GARCIA, Casal R.; **GARCÍA**, Rodríguez P.

(1996) – “Aequipondia”, *Gallaecia*, n.º 14/15, Santiago de Compostela, pp. 463-468.

GASCÓN, Maria Covadonga Carreño

(1991) – Una pequeña muestra de la terra sigillata procedente de un control urbano en Lucus Augusti, *Larouco*, 4, Lugo, pp. 141-177.

(2006) – C  ramica sigillata, *Excavaciones arqueológicas en Aquis Querquennis. Actuaciones n el acampamento romano (1975-2005)*, (ed. António Rodríguez Colmenero; Santiago Ferrer Sierra), *Nejos de Larouco*, 4, Lugo, pp. 327-408.

GASPAR, Alexandra

(1985) – Escava  es arqueológicas na rua N   S   do Leite, *Cadernos de Arqueologia*, 2   Série, Vol. 2, Braga, pp. 51-125.

GOMES, José Manuel Flores; **CARNEIRO**, Deolinda – *Subtus Montis Terroso. Património Arqueológico no Concelho da P  voa de Varzim*, P  voa de Varzim, 2005.

GONZÁLEZ, Xulio Rodríguez; **RODRÍGUEZ**, Manuel Xusto

(1994) – Aproximación al conocimiento del vidrio romano en el conjunto arqueológico de Santomé (Santomé. Tibi  s. Ourense, *Boletín Auriense*, XXIV, Ourense, pp. 45-93.

GORBENA, F. J. Costas; **PINTOS**, J. Fernández

(1985/1986) – Dise  os cuadrangulares a modo de tableros de juegos en los petroglifos del NW de la Península Ibérica, *Pontevedra Arqueológica*, vol. II, Pontevedra, pp. 127-144.

HAWKES, C.F.C.; **HULL**, M.R.

(1947) – *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester, 1930-1939*, Reports of the Society of Antiquaries of London, XIV, Oxford.

HAYES, J. W.

(1975) – *Roman and Pre-Roman Glass in the Royal Ontario Museum*, Toronto.

HARDAKER, Ron

(1976) – Las hachas de cubo en la Península Ibérica, *Cuardenos de Pre-historia y Arqueologia Castellonense*, n.   3, Castellon de la Plana, pp. 151-171.

HARDEN, D. B.

(1936) – *Roman Glass from Karandis. Found by the University of Michigan Archaeological Expedition in Egypt 1924-29*, Oxford.

HARTLEY, K. F.

(1973) – La diffusion des mortiers, tuiles et autres produits en provenance des fabriques italiennes, *Chaiers d'Arch  ologie Subaquatique*, n.   2, pp. 49-60.

HAVERNICK, T. E.

(1981) – Irilobitenperlen, Beitrage zur Glasforschung, Die wichtigsten Aufsatzte von 180 bis 1981, Mainz am Rhein, pp. 265-276.

HERMET, Frédéric

(1934) – *La graufesenque* (Condatomago). I Les vases si-gill  es, Paris.

HILGERS, Werner Josef

(1969) – *Lateinische Gef  ssnamen. Bezeichngen, Funktion und Form römischer Gefässe nach den antiken Schriftquellen*, Bonner Jahrbücher: Beihefte, Bd. 31, Dusseldorf.

HOCHULI, Gysel

(1990) – Verres romains trouvés en Gironde, *Aquitania*, n. 8, Bordeaux, pp. 121-134.

HOFFMAN, Marta

(1964) – *The warp-weighted loom: Studies in the history and technology of an ancient implement*, Studia Norvegica, 14, Universitetsforlaget, Oslo.

IGLESIAS, Miguel Anxo Araújo

(1999) – *San Rosendo, Bispo e Fundador, Parroquia de San Rosendo e Concello de Celanova. Ilustraci  o Portuguesa*, Lisboa, 7 de dezembro 1908, n   146, pp. 13-16.

ISIDORO, A. Farinha

(1976) – Uma sítula da freguesia de Flor da Rosa (concelho do Crato), Trabalhos do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, n.º 31, Porto.

ISINGS, Clasina

(1957) – *Roman Glass from Dated Finds*, Archaeologica Traiectina, 2, Groningen.

(1971) – *Roman Glass in Limburg*, Archaeologica Traiectina, 9, Groningen.

JONQUERAY, J. P.

(1972) – Contribution à l'étude de l'épave Dramont D, à Saint - Raphaël, d'après les travaux du GESMSR, *Cahiers d'Archéologie Subaquatique*, 2, pp. 11-34.

JORGE, Susana Oliveira

(1980) – A necrópole do Tapado da Caldeira, *Arqueologia*, 2, Porto, pp. 36-44.

(1980a) – A estação do Tapado da Caldeira, Baião, *Portugália*, Nova Série, I, Porto, pp. 29-50.

(1988) – *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, Monografias Arqueológicas, 2, GEAP, Porto.

JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos Santos

(1940) – Arte rupestre, Congresso do Mundo Português – *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso)*, Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários. Secção dos Congressos, vol. I, Lisboa, pp. 327-376.

(1963) – As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilaríça), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, n.º 19 (2), Porto, pp. 111-144.

LAMBOGLIA, N.

(1950) – Gli scavi de Albintimilium e la cronologia della cerâmica romana. Parte prima. Campagne di scavo 1938-1940, Bordighera: *Istituto Internazionale di Studi Liguri*.

LANHAS, Fernando

(1969) – O valioso espólio do Beiral, *Revista de Etnografia*, Junta Distrital do Porto, n.º 23, Porto, pp. 249-260.

LANHAS, Fernando; **BRANDÃO**, D. Pinho

(1969) – Inventário de objetos e lugares com interesse arqueológico, *Revista de Etnologia*, 12 (2) Porto, pp. 295-344.

LEQUÉMENT, Robert; **LIQU**, Bernard

(1978) – Un nouveau document sur le vin de Bétique, *Archaeonautica*, 2, Paris, pp. 183-184.

LETERRIER, J.; **NORONHA**, F.

(1998) – Evidências de um plutonismo calcoalcalino cadomiano e de um magmatismo tipo MORB no Complexo Metamórfico da Foz do Douro (Porto), *Actas do V Congresso Nacional de Geologia* (Resumos alargados), Coord. Azerêdo, A., Lisboa, 1998. Comun. Inst. Geol. Min./Soc. Geol. Portugal, 84, 1, Lisboa, pp. 146-149.

LIMA, Augusto César Pires

(1940) – A correspondência Martins Sarmiento - P. Joaquim Pedrosa, *Revista de Guimarães*, vol. L, n.º 1-2, Guimarães, pp. 77-105.

(1940a) – A correspondência Martins Sarmiento - P. Joaquim Pedrosa, *Revista de Guimarães*, vol. L, n.º 3-4, Guimarães, pp. 181-214.

(1955-56) – O Lugar da Torre, *O concelho de Santo Tirso. Boletim Cultural*, vol. IV, Porto, sep. (s/d) -Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos, Vol. VI, sep.

(1956) – O lugar da Torre, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, 4, (3), Santo Tirso, pp. 222-223.

LIMA, Joaquim Alberto Pires

(1948) – *Estudos Etnográficos, Filológicos e Históricos*; vol. III, Junta Provincial do Douro Litoral, Porto.

LOPES, António Baptista; **SILVA**, Armando Coelho F.; **MOTA**, Magna Araújo; **CENTENO**, Rui M.S.

(1994) – A ponte de São Lázaro (Alfena, Valongo). Notas sobre o acompanhamento dos trabalhos de conservação e restauro, *Portugália*, Nova Série, vol. XV, Porto, pp. 161-166.

LÓPEZ, Juan Naveiro

(1991) – *El comércio antigo en el NO peninsular*, Monografías do Museo Arqueolóxico, 5, A Coruña.

LÓPEZ, Manuel Vidal

(1952) – Tipología de las fusaiolas del Poblado Ibérico del “Cerro de San Miguel” de Liria, *Archivo de Prehistoria Levantina*, vol. III, pp. 147-154.

LÓPEZ MULLOR, A.

(2013) – Las Cerámicas de Paredes Finas del final de la república Romana y el período Augusteo-Tiberiano. In *Manual de cerâmica romana del mundo Helenístico al Imperio Romano*, Coord. Albert Ribera I Lacomba, Museu Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid, Madrid, pp. 149-190.

LÓPEZ, Juan Naveiro

(1993-94) – Las ánforas de las Carvalheiras (Braga), *Cadernos de Arqueologia*, Série II, n.º 10-11, Braga, pp. 203-204.

LÓPEZ, Gisella R.

(1985) – *La Necropolis Visigoda de el Carpio de Tajo (Toledo)*, Excavaciones Arqueológicas en España, 142, Madrid.

LOSADA, Fermín Pérez

(1992) – Contribución ó estudo da cerâmica de construción na Galicia Romana, Actas do encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Brey (1901-1973) – Galicia: da romanidade á xermanización. Problemas históricos e culturas, Santiago de Compostela, 1992, pp. 241-261.

LUTZ, M.

(1974) – *La ceramique sigillée en Gaule*, Les Dossiers de l'Archeologie, n.º 6, Dijon.

MAC WHITE, E.:

(1951) – Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Ibérica en la Edad del Bronce, en *Disertaciones Matritenses*, vol. 11. Seminario de Historia Primitiva del Hombre.

MAYET, Françoise

(1975) – Céramiques à parois fines, *Conímbriga*, vol. XIV, Coimbra, pp. 93-96.

(1975a) – Céramiques à parois fines, *Conímbriga*, vol. XIV, Coimbra, pp. 93-96.

(1984) – *Les Céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*, Paris.

MARQUES, Gustavo

(1969) – O Poço da estação romana da Torre dos Namorados (Fundão), *Conímbriga*, vol. VIII, Coimbra, pp. 65-84.

MARTÍN HERNANDEZ, E.

(2008) – *Ceramica romana de paredes finas época julioclaudia en el campamento de la “Legio VI Victrix” en León: los materiales del Polígono de la Palomera*, Universidad de León, Secretariado de Publicaciones, León.

MARTINS, Carla Maria Braz

(2011) – A mineração do chumbo em época romana. O exemplo das Minas de Braçal e Malhada (Aveiro), *O Arqueólogo Português*, Série V, 1, Lisboa, pp. 489-504

MARTINS, Manuela

(1981) – *O Povoado Fortificado de S. Ovídio*, Cadernos de Arqueologia - Monografias, 1, Braga.

(1985) – Sondagens arqueológicas no Castro de Monte Padrão, em Santo Tirso, *Cadernos de Arqueologia*, Série II (2), Braga, pp. 217-230.

(1988) – *A Citânia S. Julião, Vila Verde*, Cadernos de Arqueologia - Monografias, 2, Braga.

(1990) – *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia - Monografias, n.º 5, Braga.

MASIA; A.M. Romero; **MESURA**, J. M. Pose

(1988) – *Galicia nos textos clásicos*, A Coruña.

MELO, Ana Ávila; **ARAÚJO**, Maria de Fátima

(2000) – Machado de bronze de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, II Série, n.º 2-3, Porto, pp. 53-66.

MELO, Maria do Rosário Figueiredo

(2004) – A capela do Senhor Jesus do Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 4, 2ª Série, Porto, pp. 95-100.

MENAUT, Gerardo Pereira

(1983) – Las comunidades Galaico-Romanas. Habitat y Sociedad en transformación, *Estudos de Cultura castrexa e de hisória Antiga de Galicia*, Santiago de Compostela, pp. 199-212.

MONTEAGUDO, L.

(1977) – *Die Beile Auf der Iberischen Halbinsel*, Prahistorische Bronzefunde, XI, n.º 6, Munich.

MORAIS, Rui

(2005) – Autarcia e comércio em Bracara Augusta, *Bracara Augusta – Escavações Arqueológicas*, 2, Braga.

MOREIRA, Álvaro Brito

(1991) – O pontão do Arquinho, Água Longa, *Santo Tirso Arqueológico*, 1, Santo Tirso, pp. 7-24.

(1991a) – Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. A estação arqueológica de Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 1, Santo Tirso, pp. 28-34.

(1991b) – Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa. Um bronze romano, *Revista de Ciências Históricas, Universidade Portucalense*, vol. VI, Porto, pp. 69-76 = Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa. Um bronze romano do Castro de Alvarelos, *Da cidade e do seu Termo*, (Coord. Francisco Carvalho Correia), Braga, 2000, pp. 323-328.

(1992) – Epigrafia romana do concelho de Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 2, Santo Tirso, pp. 15-33.

(1992a) – Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. A estação arqueológica de Alvarelos, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 2, Santo Tirso, pp. 34-47.

(1997) – Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa (Santo Tirso). Uma placa esmaltada proveniente da estação arqueológica de Monte Padrão, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 1, 2ª Série, Porto, pp. 83-87.

(1997a) – Vidros romanos no Noroeste Português. Estudos monográficos de Tongobriga e Alvarelos, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 1, 2ª Série, Porto, pp. 14-82.

(1997b) – Documentos de Santo Tirso – *Portugaliae Monumenta Histórica. Diplomata et Chartae*, doc. 413 (1059), vol. I, 1867. Comentário, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 1, 2ª Série, Santo Tirso, pp. 141-142.

(1998) – *A Área Arqueológica de Alvarelos. Memória e Identidade*, CMST, 1998, Santa Maria da Feira.

(2000) – Materiais arqueológicos do Museu Municipal Abade Pedrosa. Um bronze romano do castro de Alvarelos, *Da cidade e do seu Termo*, Coord. Francisco Carvalho Correia, Braga, 2000, pp. 323-328 = Materiais arqueológicos do Museu Abade Pedrosa. Um bronze romano, *Revista de Ciências Históricas, Universidade Portucalense*, vol. VI, Porto 1991, pp. 69-76.

(2004) – A necrópole romana da Quinta da Devesa, Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, n.º 3/4, 2ª Série, Barcelos, pp. 7-54.

(2004a) – Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. O castro de Santa Margarida, S. Tomé de Negrelos, *Santo Tirso Arqueológico*, 3/4, 2ª Série, Barcelos, pp. 55-68.

(2005) – A origem romana da cidade de Santo Tirso, *Escola Secundária de Tomaz Pelayo - 50 anos da sua história*, Santo Tirso, pp. 9-25.

(2005a) – O Castro do Monte do Padrão. Património e Identidade, *Actas do colóquio “O castro: um lugar para habitar”*, Penafiel, 5 e 6 de novembro de 2004, *Cadernos do Museu*, 11, Penafiel, pp. 255-276.

(2005b) – *O Castro do Monte do Padrão. Do Bronze final ao fim da Idade Média*, Vila da Feira.

(2005c) – O lugar da escola. A origem romana da cidade de Santo Tirso, *Catálogo da exposição – Escola Secundária de Tomaz Pelayo - 50 anos da sua história*, Santo Tirso, p. 8.

(2006) – *O Castro do Monte do Padrão. Do Bronze Final ao fim da Idade Média*, Santo Tirso, Santa Maria da Feira.

(2007) – *Museu Municipal Abade Pedrosa. Coleção Arqueológica*, Santa Maria da Feira.

(2008) – Castro do Monte do Padrão. Projecto de estudo, valorização e dinamização, *Actas do Seminário Final “CASTRENOR: cultura castrexa no noroeste peninsular”*, Mondariz 22 e 23 de Xuño de 2006, Santiago de Compostela, pp. 129-145.

- (2009) – A ocupação medieval do Castro do Padrão. A igreja e o Mosteiro de Monte Córdova, *Monte Córdova, Santo Tirso. Elementos para uma Monografia*, Braga, pp. 9-93.
- (2009a) – La ocupación medieval del castro de Padrão. La iglesia y el monastério de Monte Córdova, *Actas del Congreso Internacional, “Rudesindus. S. Rosendo. Su tiempo y su legado”*, Mondoñedo, Santo Tirso (Portugal) y Celanova, 27-30 de Junio, 2007, Santiago de Compostela, 2009, pp. 160-175.
- (2010a) – O Monte Padrão no quadro do povoamento medieval entre Douro e Ave, *Rudesindus. Pastor egregio, monge piedoso, defensor do solo pátrio*, Porto, pp. 215-317.
- (2011) – *Santo Thyrsos de Riba D’Ave*. Notas e Comentários, Santo Tirso.
- (2013) – O balneário do Castro do Monte Padrão, Santo Tirso, *Boletim Cultural – Vila Nova de Famalicão*, nº 6/7, 3ª Série, Vila Nova de Famalicão, pp. 101-127.
- (2013a) – Provas públicas de defesa da tese de doutoramento – *Castellum Madaie*. Formação e desenvolvimento de um aglomerado urbano secundário no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave, *Santo Tirso Arqueológico*, nº 5, 2ª Série, Santo Tirso, pp. 79-113.
- (2013b) – Edições municipais dedicadas ao estudo e divulgação da história de Santo Tirso. Apontamento historiográfico, *Santo Tirso Arqueológico*, nº 5, 2ª Série, Santo Tirso, pp. 155-189.
- (2013c) – O balneário castrejo do Monte Padrão, Santo Tirso, *Santo Tirso Arqueológico*, nº 5, 2ª Série, Santo Tirso, pp. 7-35.
- (2013d) – Santo Tirso. As Origens do Povoamento, *Santo Tirso. Das origens do povoamento à atualidade*, Santo Tirso, pp. 9-130.
- (2014) – *Carta arqueológica do concelho de Santo Tirso*, Santo Tirso.
- (2014a) – *Termas Romanas do Largo do Arrabalde, Chaves. Estudo do espólio vítreo*, (no prelo).
- (2016) – *Museu Municipal Abade Pedrosa. Espólio Arqueológico*, Santo Tirso.
- (2017) – Estudo do espólio vítreo, *Castelo de Santa Maria da Feira. Estudos arqueológicos*, Santa Maria da Feira, pp. 101-108.
- (2020) – Castro do Padrão. Génese e desenvolvimento no quadro da ocupação proto-histórica entre os rios Leça e Ave, *Citânias e Cidades. As primeiras cidades do Noroeste Peninsular, Atas do I Ciclo de Conferências do Monte Padrão* (Santo Tirso 20 abril 2018), Vila da Feira, pp. 82-124.

MOREIRA, Álvaro de Brito; **FRANCISCO**, Carvalho Correia; **BORGES**, Nestor

- (2007) – *Rudesindus. Pastor egregio, monge piedoso, defensor do solo pátrio*. MC aniversário do nascimento de São Rosendo. Catálogo da exposição comemorativa (Museu Municipal Abade Pedrosa), Santa Maria da Feira, pp. 264-276.

MOREIRA, Álvaro de Brito; **CORREIA**, Francisco Carvalho

- (2011) – *Santo Thyrsos de Riba D’Ave. Notas e Comentários*, Santo Tirso.

MOREIRA, Álvaro de Brito; **BORGES**, Nestor

- (2012) – *Génese e evolução do concelho de Santo Tirso. Estrutura administrativa e órgãos autárquicos (1834-2012)*, Santo Tirso.

MOREIRA, Álvaro de Brito; **SILVA**, Armando Coelho Ferreira

- (2010) – O rio da Memória. A romanização do vale do Leça, *O rio da memória. Arqueologia no território do Leça*, CMM, Porto, pp. 125-198.

MUNCHARAZ, Luis J. B.

- (2006) – La orfebrería de época visigoda en la Comunidad de Madrid, *Zona arqueológica*, nº 8, 3 - Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, Madrid, pp. 753-765.

MURALHA, Joao Cardoso

- (2008) – Escavação Arqueológica no sítio pré-histórico do Lugar da Forca (Maia), *Actas das 1ª Jornadas Arqueológicas da Bacia do Rio Leça*, MATESINUS, no 6, Camara Municipal de Matosinhos, pp. 30-69.

NOLEN, Jeannette U. Smit;

- (1988) – Vidros de S. Cucufate, *Conímbriga*, vol. XXVII, Coimbra, pp. 5-59.
- (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares - Balsa*, Instituto Português de Museus, Instituto Português Património Arquitetónico e Arqueológico, Lisboa.

NOLEN, Jeannette U. Smit; **DIAS**, Maria Luísa Ferrer; **VIEGAS**, João Rosa

- (1981) – A necrópole de Santo André, *Conímbriga*, vol. XX, Coimbra, pp. 5-180.

NORONHA, F.

(1994) – Geologia e Tectónica, *Carta Geotécnica do Porto*, vol. I, Tomo 1 – *Memória, FCUP*, Porto, pp. 36-46

NORONHA, F.; LETERRIER, J.,

(1995) – Complexo Metamórfico da Foz do Douro. Geoquímica e geocronologia. *Resultados preliminares, IV Congresso Nacional de Geologia, Porto, 1998, Resumos Alargados*, Mem. Mus. Labor. Miner. Geol. Fac. Ciênc. Univ. Porto, 4, Porto, pp. 769-774.

OLALLA, J. Martínez Santa

(1948) – Nueva fábrica española de «terra sigillata», *Cuadernos de Historia Primitiva*, III, Madrid, pp. 143-145.

ORTIZ, Ana Isabel Cano

(2018) – La minería del plomo en Extremadura y sus usos en época romana. Piezas plúmbeas en Augusta Emerita, *Cuadernos Emeritenses*, 44, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida.

OSWALD, Felix; PRICE, T. Davies

(1966) – *An Introduction to the study of terra sigillata treated from a chronological standpoint*. Gregg Press LTD. London.

OSÓRIO, M; SILVA, A.

(1995) – Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto. In *Atas das 2ª Jornadas de cerâmicas medievais*. Tondela, pp. 283-314.

PABLOS, J. M.; CABRERA, R. B.; LÓPEZ, F. J. F.; LÓPEZ, M. R.; HIDALGO, F. S.

(2006) – Repertorio de yacimientos de época visigoda en la Comunidad de Madrid (ss. V al VIII d.C)". *Zona Arqueológica*, nº 8, 1, Museo Arqueológico Regional, Alcalá de Henares, Madrid, 55-91.

PARGA, L. Vázquez de

(1943) – Estado actual del estudio de la terra sigillata, *Arquivo Español de Arqueologia*, XVI, Madrid, pp. 127-144.

PASSELAC, Michele; VERNHET, Alain

(1993) – Céramique sigillée sud-gauloise, *Lattara*, 6, Lattes, pp. 569-580.

PALOMAR, María Esperanza Ortiz

(2001) – *Vidrios procedentes de la provincia de Zaragoza: El Bajo Imperio Romano*, Catálogo: Fondos del Museo de Zaragoza, Zaragoza.

PARKER, A. J.; PRICE, J.

(1981) – Spanish exports of the Claudian period: the significance of the Port Vendres II wreck reconsidered, *International Journal of Nautical Archaeology and Underwater Exploration*, 10 (3), London, pp. 221-228.

PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D.F.

(1986) – *Amphorae and the Roman Economy. An Introductory Guide*, London.

PÉREZ, M. Catalina López

(2004) – *El comercio de terra sigillata en la provincia de A Coruña*, Brigantium, vol. 16, A Coruña.

PIMENTEL, Alberto

(1902) – *Santo Thyrsos de Riba D'Ave*, Club Thyrsense, Santo Tirso.

PINHEIRO, Luís Gonzaga Martins

(1957) – *A roda de Negrelos*, sep., O concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural, Porto.

PINHO, José de

(1931) – *A necrópole calaico-romana do Mósinho*, Penha Fidelis, vol. II, Penafiel.

POLO, Nuria Maria Franco

(2018) – La colección de azulejos del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz, Mérida.

PONTE, Salette

(1973) – Fíbulas pré-romanas e romanas de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. XII, Coimbra, pp. 159-197.

(1978) – Instrumentos de fiação, tecelagem e costura de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. XVIII, Coimbra, pp. 133-146.
 (1986) – Jogos romanos de Conímbriga, *Conímbriga*, vol. XXVI, Coimbra, pp. 131-141.
 (1995) – A fíbula do noroeste Peninsular - Expressão residual da vida comunitária nos castros, *Actas do 1º Congresso Internacional sobre o rio Douro*, Vila Nova de Gaia 1986, Gaya, vol. VI, Vila Nova de Gaia, pp. 83-87.
 (1999) – Jogos e passatempos romanos, *Castrelos*, 12, Vigo, pp. 141-168.
 (2006) – *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*, Ed. Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, S. A. Casal de Cambra (Portugal).

PRICE, Jenifer

(1981) – *Roman Glass in Spain: a catalogue of glass found at the Roman owns of Tarragona, Mérida, Italica, and Carmona, with a discussion of the vessel forms from these towns and other Roman sites in Spain*, Boston Spa, Wetherby.

QUEIROGA, Francisco Reimão; **DINIS**, António Pereira

(2008-2009) – O Balneário Castrejo do Castro das Eiras, *Portugália*, Nova Série, Vol. XXIX-XXX, Porto, pp. 139-152.

REAL, Manuel Luís; **TAVORA**, Maria José; **OSÓRIO**, Maria José Pinto; **TEIXEIRA**, Filipe Fernando

(1985-86) – Escavações arqueológicas no morro da Sé, *Boletim Cultural, Câmara Municipal do Porto*, 2ª Série, vol. 3-4, Porto, pp. 7- 63.

REAL, Manuel Luís; **DORDIO**, Paulo; **TEIXEIRA**, Ricardo; **MELO**, Rosário

(1998) – Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica da Casa do Infante, Porto: elementos para uma sequência longa (séc. IV-XIX), *Actas das Jornadas de Cerâmica Medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*, Tondela 1995, 1, Vila da Feira, pp.171-186.

RIBEIRO, André Tomé Tato

(2008) – Cabeça de ídolo antropomorfo proveniente do lugar da Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Águas Santas, maia, Porto), *Aparentamentos de Arqueologia e Património*, 1, pp. 23-28, <http://www.nia-era.org>

RIBEIRO, André Tomé Tato; **ALVES**, Lara Bacelar; **BETTENCOURT**, Ana Maria dos Santos; **MENEZES**, Rui Teles

(2010) – Space of memory and representation: Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Northwest-of-Portugal) – a case study, *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paeleolithic to the Iron Age in Europe, Proceedings of the 15th Congresso f the International Union for Prehistoric and Proto-historic Sciences, Lisbon, September 2006* (Ana Maria Santos Bettencourt, Maria Jesus Sanches, Lara Bacelar Alves; Ramón Fabregas Valcarce, eds.), BAR International Series – 52058, Oxford, Ed. Archeopress, London, pp. 89-98.

RITTERLING, E.

(1933) – Das Fruhromische Lager bei Hofheim im Taunus, *Annalen des Vereins fur nassauisch Altertumskunde und Geschichte Forschung*, XL, Wiesbaden.

REY, Beatriz Comendador

(1998) – Los inícios de la metalurgia en el Noroeste de la Peninsula Iberica, *Brigantium*, vol. 11, A Coruña.

REY, Beatriz Comendador; **BETTENCOURT**, Ana Maria. Santos.

(2011) – Nuevos datos sobre la primera metalurgia del bronce en el noroeste peninsular: la contribución de Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia), *Estudos do Quaternário*, n.º 7, APEQ, Braga, pp. 19-31

RÜTTI, Beat

(1991) – *Die römischen Gläser aus August und Kaiseraugst*, *Forschungen in August*, n.º 13/11-2, August.

RUÍZ, E. Ruano

(1996) – *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera*. Eivissa.

SALVADO, Pedro

(1981) – *Fusaiolas do povoado de S. Martinho (Castelo Branco) do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco.

SANCHES, Maria de Jesus

(1988) – O povoado da Lavra (Marco de Canaveses), *Arqueologia*, 17, Porto, pp. 125-134.

SÁNCHEZ, M. A.

(1992) – Cerâmica común, Arcóbriga, II, *Las Cerámicas Romanas*, (dir. Luis Caballero Zoreda), Zaragoza, pp. 247-281.

SÁNCHEZ-LAFUENTE, J.

(1983) – La Graufesenque, *Revista de Arqueologia*, 31, Madrid.

SANTARÉM, Carlos Faya

(1951) – O Castro de Monte Padrão, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. III, (1), Santo Tirso, pp. 49-66.

(1955) – O Castro de Monte do Padrão. Campanhas de 1952-53-54, *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural*, vol. III, (4), Santo Tirso, pp. 397-429.

(1956) – *Santo Tirso. Ligeiros apontamentos para uma monografia*, Santo Tirso.

(1980) – Museu Abade Pedrosa. Uma espera muito longa, *Jornal de Santo Thyrsó*, Ano 99.^o; Número 25; Páginas 1 e 6; *Santo Tirso*, 24-10-1980.

SANTOS, Cândido Augusto Dias

(1973) – *O censual da mitra do Porto*, Publicações da Câmara Municipal do Porto.

SANTOS, Joaquim Neves

(1995/6) – Sobre uma sítila do Castro de Guifões (publicação póstuma coordenada por Joel Cleto), *Matesinius - Revista de Arqueologia*, História e Património de Matosinhos, n.º 1/2, Matosinhos, pp. 20-22.

SARMENTO, Francisco Martins

(1883-84) – Inscrições inéditas, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portugueses*, vol. IV, 2ª Série, Lisboa.

(1933) – *Dispersos*, vol. I – II, Coimbra.

SEVERO, Ricardo; **CARDOSO**, A. Fonseca

(1886) – Notícia arqueológica sobre o Monte da Cividade". *Revista de Guimarães*, vol. 3, fasc. 3, Guimarães, pp. 137-141.

SEALEY, P. R.

(1985) – *Amphoras from the 1970 excavations at Colchester Sheepen*, BAR (British Series, 142), Oxford.

SERRÃO, J.

(1971) – *Dicionário de História de Portugal*, Porto.

SILVA, António

(2011) – *Pichel braguês (sécs. XIII-XIV)*. In *Peça do mês*, Casa do Infante, 2011, Porto Cultura, Porto [folha de divulgação].

SILVA, Armando Coelho Ferreira

(1980) – Organizações gentílicas de entre Leça e Ave, *Portugália*, Nova Série, 1, Porto, pp. 79-90 =

(1982) *Actas do Colóquio de História Local e Regional*, (Santo Tirso - 1979), Santo Tirso, pp. 381-399.

(1986) – *A Cultura castreja no Noroeste de Portugal*, CMPF, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

(1986a) – Paços de Ferreira. As origens do povoamento: do megalitismo à romanização, *Paços de Ferreira - Estudos monográficos*, Paços de Ferreira, pp. 95-196.

(1999) – *Citânia de Sanfins*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

(2007) – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da; **GOMES**, Mário Varela Gomes

(1992) – *Proto-história de Portugal*, Universidade Aberta, Lisboa.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da; **MOREIRA**, Álvaro de Brito;

(2010) – O rio da Memória. Proto-História no vale do Leça, *O rio da memória*, CMM, Porto, pp. 89-124.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da; **RAPOSO**, Luís; **SILVA**, Carlos Tavares da

(1993) – *Pré-história de Portugal*, Universidade Aberta, Lisboa.

SILVA, Armando Coelho da; **CENTENO**, Rui Manuel Sobral
(1980) – Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), 1977-1978, *Portugália*, Nova Série, vol. I, Porto, pp. 57-78.

SILVA, Maria Antónia Dias
(1997) – *A cerâmica castreja da citânia de Briteiros*, Guimarães.

SILVA, Maria de Fátima Matos
(1989) – Estudo tipológico de cossoiros. I – Citânia de Sanfins, Castro de Moldes e de Santo António, *Revista de Ciências Históricas – Universidade Portucalense*, vol. IV, Porto, pp. 91-130.

SIMÕES, J. M. Santos
(1990) – *Azulejaria em Portugal nos Séculos XV e XVI*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
(1997) – *Azulejaria em Portugal nos Séculos XVII*, Lisboa.

SIMON, Hans - Gunther
(1968) – Das klein Kastell Degerfeld in Butzbach, Kr. Friedberg (Hessen) Datierung und Funde, *Saalburg – Jahrbuch*, 25, Berlim, pp. 5-64.

SOARES, Laura; **ARAÚJO**, M. Assunção; **GOMES**, Alberto
(2010) – Contexto Geográfico. Território do Leça, *O rio da Memória. Arqueologia no território do Leça*, CMM, Matosinhos, pp. 11-29

SOEIRO, Teresa
(1981-82) – Monte Mozinho: Cerâmica cinzenta fina, *Portugália - Nova Série*, n.º 2, Porto, pp. 97-120.
(1984) – *Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana*, Penafiel – Boletim Municipal de Cultura, 3ª Série, n.º 1, Penafiel.

SOUSA, José João Rigaud
(1966) – Subsídios para a Arqueologia Bracarense, *Lucerna*, 5, Porto, pp. 589-599.
(1971) – Cerâmica fina típica de Braga, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, II, Coimbra, pp. 451-455.

TOMÁS, Fr. Leão de São
(1974) – *Beneditina Lusitana*. Introdução e notas de José Mattoso, Coimbra: Imprensa Nacional Casa da Moeda, Reedição fac-simile, 2 tomos.

TWOHIG, E. Shee
(1981) – A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia), *Arqueologia*, n.º 3, GEAP, Porto, pp. 49-55.

TRANOY, Alain
(1981) – *La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l'antiquité*, Paris.

VEGAS, M.
(1973) – *Cerámica común romana del Mediterráneo occidental*, Publicaciones Eventuales, 22, Barcelona.

VERNHET, Alain
(1975) – *Notes sur la terre sigillée de La Graufesenque*, Millau.

VIANA, Abel
(1960-61) – Vidros romanos em Portugal. Breves Notas, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do porto), vol. XVIII, Porto, pp. 5-42.

VIANA, Abel; **DEUS**, A. Dias
(1950) – Necrópolis céltico-romana del concejo de Elvas (Portugal), *Archivo Español de Arqueologia*, n.º 80, Madrid, pp. 229-253.

VIANA, A.; **OLIVEIRA**, M. S.
(1954) – «Cidade Velha» de Santa Luzia (Viana do Castelo), *Revista de Guimarães*, vol. LXIV, Guimarães, pp. 40-72.

VIEIRA, José Augusto
(1887) – *O Minho Pittoresco*, vol. II, Lisboa.

VIDAL, J. Molina
(1993) – Las ánforas “Lomba do Canho 67”. Aportaciones al estudio de un nuevo tipo: difusión y valorización económica, *Actas do XXII Congresso Nacional de Arqueologia - Zamora*, II, Vigo, pp. 419-424.

TESES, DISSERTAÇÕES / REFERÊNCIAS ONLINE

MOREIRA, Álvaro de Brito
(2010) – *Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um “aglomerado urbano secundário” no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*, Tese de Doutoramento em História e Geografia – Especialidade de Arqueologia e História Antiga, Universidade de Santiago de Compostela, <http://hdl.handle.net/10347/2816>, Santiago de Compostela.

RAFAEL, Lígia; **PALMA**, Maria de Fátima; **FORTUNA**, Rute; **RODRIGUES**, Clara
(2015) – Os elementos de adorno na necrópole medieval e moderna da alcáçova do castelo de Mértola, Arqueologia de transição: O mundo funerário, Atas do II Congresso Internacional. Sobre Arqueologia de Transição (29 de Abril a 1 de Maio 2013), Lisboa 2013, <http://hdl.handle.net/10400.26/11868>, pp. 258-270.

RIBEIRO, Andre T.; **LOUREIRO**, Luís; **MENEZES**, Rui T.
(2009) – *Nota explicativa dos trabalhos arqueológicos realizados na Mamoa 5 do Leandro, Silva Escura*, disponível on-line, em <http://cultura.maiadigital.pt/em-linha-com/arqueologia/noticias-arqueologia/j>

RIBEIRO, Andre T.
(2008) – Cabeça de ídolo antropomorfo proveniente do Lugar da Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Aguas Santas, Maia, Porto), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 1, pp.23-28, <http://www.nia-era.org/>

VALERA, António C.; **ANTUNES**, Sérgio
(2008) – A Mamoa 2 do Leandro (Maia, Porto): intervenções de minimização no âmbito do alargamento da A3, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, pp. 7-18, <http://www.nia-era.org/>

VALERA, António C.; **REBUGE**, Joao
(2008) - Datação de B-OS L para o fosso 1 do sítio Calcolítico do Lugar da Forca (Maia), *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 1, pp. 11-12, <http://www.nia-era.org/>

TRABALHOS ACADÉMICOS E CIENTÍFICOS POLICÓPIADOS

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira
(1978a) - *Casteologia Medieval Entre-Douro-e-Minho (desde as origens até 1220)*, Tese complementar de doutoramento, FLUP, policopiado, Porto.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado
(1992) – *Plano Director de Vila do Conde – Relatório de Arqueologia*, Vila do Conde (policopiado).
(1996) – *Povoamento romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*, VII volumes, Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, FLUP, Policopiado, Porto.

AREZES, Andreia Catarina Magalhães
(2010) – Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V a VIII), Dissertação de Mestrado em Arqueologia, FLUP, (policopiado), Porto.

BARROCA, Mário Jorge
(1987) – *Necrópoles e sepulturas medievais entre Douro e Minho* (séc. V a XV), Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, FLUP, (policopiado), Porto.

BAPTISTA, José Luiz Meireles
(1984) – *A Tecnologia Lítica Pré-Histórica*, Plano de uma aula teórico-prática da cadeira de “Sociedades

e Economias Pré-Históricas” do Curso de História e Ciências Sociais da Universidade do Minho, polycopiado, Braga.

BETTENCOURT, Ana Maria dos Santos

(1999) – *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e I milénios a.C.*, 5 vols, Braga, Universidade do Minho, Tese de doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, polycopiado, Braga.

CASAS, J. A. Pérez

(1987) – *Contribución a la carta arqueológica del valle del Jalón. Trabajos de prospección en su cuenca baja*, Memória de Licenciatura, Universidad de Zaragoza, (policopiada), Zaragoza.

CERRO, M. Malo

(2002) – *Azulejería en Castilla y León. De la Edad Media al Modernismo*, Universidad de Valladolid, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Edición Digital a partir del texto original de la tesis doctoral inédita (policopiada).

CRUZ, Mário

(2001) – *Os vidros romanos de Bracara Augusta*, Tese de mestrado, ICS-UM, (policopiado), Braga.

(2009) – O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de *Bracara Augusta*, Tese de Doutoramento, ICS-UM, (policopiado), Braga.

DIAS, Lino Augusto Tavares

(1995) – *Cerâmica comum romana em Tongobriga*, Trabalho complementar à dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, FLUP, (policopiado), Porto.

DINIS, António Pereira

(1993) – *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio a.C.*, Tese de mestrado, FLUP (policopiado), Porto.

LEITE, Felisbela Maria Santos de Oliveira

(1997) – *Contribuição para o estudo da cerâmica fina de Braga. A cerâmica “Dita Bracarense”*, (Tese de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais (policopiado).

DIAS, Lino Augusto Tavares

(1995) – *Cerâmica comum romana em Tongobriga*, Trabalho complementar à dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiado), Porto.

GOMES, A. M. M.

(2000) – *Cerâmicas pintadas de época romana: tecnologia, morfologia e cronologia*, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais, Tese de mestrado (policopiada), Braga.

GOMES, Jim Robert Puga

(2011) – *Exemplos da Azulejaria dos Séculos XVI e XVII, em Coimbra*, Tese de Mestrado, FLUC, (policopiado), Coimbra.

GOMES, Hugo Fernando Parracho

(2012) – O vidro pré-romano no Norte de Portugal, Tese de Mestrado, UFP - Porto, (policopiado), Porto.

GOMES, Susana Alves de Sousa e Silva

(2018) – O chumbo no Ocidente Peninsular em Época Romana: proveniência e técnicas metalúrgicas, Doutoramento em Conservação e Restauro do Património, UNL, Lisboa (policopiado).

JORGE, Victor Oliveira

(1982) – *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto – Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Tese de doutoramento, FLUP, (policopiado), Porto.

MARTÍNEZ, María de los Ángeles Vázquez

(2005) – El vidrio de época romana en la provincia de A Coruña, Tese de Doutoramento, Santiago de Compostela (policopiado).

MOREIRA, Álvaro de Brito

- (1991c) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1991)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (1992b) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1992)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (1993) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1993)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (1994) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1994)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (1995) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1995)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (1996) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1996)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (1997c) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1997)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (1998a) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1998)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (1999) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1999)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (1999a) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 1999B)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2000a) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2000)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2001) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2001)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2002) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2002)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2003) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2003)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2004b) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2004)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2005d) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2005)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2006a) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2006)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2007a) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2007)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2008a) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2008)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2009b) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2009)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2010b) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2010)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.
- (2013e) – *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 2013a/2014)*, Santo Tirso (policopiado), Santo Tirso.

QUEIROGA, Francisco Reimão

- (1992) – *War and Castros. New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age*, Dissertação de Doutoramento, (policopiado), Oxford.

RODRÍGUEZ, M. Xusto

- (1995) – *El vidrio romano en la Galicia Antigua: la colección de Vidrio Antiguo del Museo Arqueológico de Ourense*, Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela, (policopiada), Santiago de Compostela.

SILVA, T.; PIEDADE, M.

- (2011) – *Intervenção Arqueológica. Requalificação da Orla Costeira de Matosinhos - Relatório Final*.

Matosinhos, Arqueologia e Património.

SILVA, José Carlos Vieira da; **FLORES**, Deolinda

(2002) – *Viagem ao património geológico da faixa litoral da cidade do Porto*, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Policopiado.

TEIXEIRA, Ricardo

(1999) – *Plano de bacia hidrográfica do rio Ave. Caracterização de valores Patrimoniais, Arquitectónicos e Arqueológicos*, tomo 8 B, Direcção Regional de Ambiente (policopiado), Porto.

VAQUERO, Santiago Carretero

(1998) – *El Campamento Romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales (Zamora) - La cerâmica*, Tesis Doctoral (policopiado), Valladolid.

Ficha Técnica

ENTIDADE DE TUTELA

Câmara Municipal de Santo Tirso

Presidente
Alberto Costa

CENTRO INTERPRETATIVO DO MONTE PADRÃO

Direção
Álvaro de Brito Moreira

Projeto museográfico
Álvaro de Brito Moreira

Design gráfico
Interações do Futuro – Horácio Tomé Marques

Conservação e produção
Lídia Azevedo
Paulo Carvalho
Rogério Alves
Rosário Melo

Serviço Educativo
Sofia Carneiro
Tânia Pereira
Helena Gomes
Rogério Alves

Serviços Técnicos
Rogério Alves
Rosário Melo

CATÁLOGO

Título
Centro Interpretativo do Monte Padrão.
Da Proto-História à Idade Moderna.

Autor
Álvaro de Brito Moreira

Revisão
Tânia Pereira / Sofia Carneiro

Desenhos
Álvaro Moreira / Lídia Azevedo / Rosário Melo /
Sofia Carneiro / Tânia Rios / Nuno Pinto

Fotografia
Sofia Carneiro – Museu Municipal Abade Pedrosa
Álvaro Moreira – Museu Municipal Abade Pedrosa /
Centro Interpretativo do Monte Padrão
Arquivo Municipal de Fotografia – Manuel Sousa
Fotografia aérea – Francisco Piqueiro / Foto Engenho

Design gráfico
Gabinete de Comunicação
da Câmara Municipal de Santo Tirso

Edição, local e data
1ª Edição, Santo Tirso, Março 2022

Coordenação editorial
Álvaro Brito Moreira

Impressão e acabamento
MHM Artes Gráficas, Lda.

Tiragem
500 exemplares

Depósito legal
496282/22

ISBN
978-972-8180-78-2





SANTO TIRSO
CÂMARA MUNICIPAL